



CAROLINE OPOLSKI MEDEIROS

INTENÇÃO DE CONSUMO DE SALADA CRUA EM RESTAURANTE TIPO *FAST FOOD* POR ESTUDANTES: UMA APLICAÇÃO DA TEORIA DO COMPORTAMENTO PLANEJADO

**Campinas
2014**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE ENGENHARIA DE ALIMENTOS**

CAROLINE OPOLSKI MEDEIROS

INTENÇÃO DE CONSUMO DE SALADA CRUA EM RESTAURANTE TIPO *FAST FOOD* POR ESTUDANTES: UMA APLICAÇÃO DA TEORIA DO COMPORTAMENTO PLANEJADO

Tese apresentada à Faculdade de Engenharia de Alimentos da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Alimentos e Nutrição, na Área de Concentração Consumo e Qualidade de Alimentos.

Orientadora: Profa. Dra. Elisabete Salay

Este exemplar corresponde à versão final da tese defendida pela aluna Caroline Opolski Medeiros e orientada pela Profa. Dra. Elisabete Salay.

Profa. Dra. Elisabete Salay

**Campinas
2014**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Engenharia de Alimentos
Helena Joana Flipsen - CRB 8/5283

M467i Medeiros, Caroline Opolski, 1986-
Intenção de consumo de salada crua em restaurante tipo fast food por
estudantes : uma aplicação da teoria do comportamento planejado / Caroline
Opolski Medeiros. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Elisabete Salay.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Engenharia de Alimentos.

1. Comportamento alimentar. 2. Estudantes. 3. Serviço de alimentação. 4.
Hortaliças. I. Salay, Elisabete, 1960-. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Engenharia de Alimentos. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Raw salad consumption intention by students in fast food restaurants :
application of the theory of planned behavior

Palavras-chave em inglês:

Feeding behavior

Students

Food service

Vegetables

Área de concentração: Consumo e Qualidade de Alimentos

Titulação: Doutora em Alimentos e Nutrição

Banca examinadora:

Elisabete Salay [Orientador]

Carla Cristina Enes

Julicristie Machado de Oliveira

Kátia Regina Martini Rodrigues

Mário Roberto Marostica Junior

Data de defesa: 19-08-2014

Programa de Pós-Graduação: Alimentos e Nutrição

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elisabete Salay - Orientadora
FEA-UNICAMP

Profa. Dra. Carla Cristina Enes – Membro Titular
PUC-Campinas

Profa. Dra. Julicristie Machado de Oliveira – Membro Titular
FCA-UNICAMP

Profa. Dra. Kátia Regina Martini Rodrigues – Membro Titular
PUC-Campinas

Profa. Dr. Mário Roberto Marostica Junior – Membro Titular
FEA-UNICAMP

Profa. Dra. Karina de Lemos Sampaio – Membro Suplente
FEA-UNICAMP

Prof. Dra. Maria Inês Monteiro – Membro Suplente
FENF-UNICAMP

Profa. Dra. Suzi Barletto Cavalli – Membro Suplente
UFSC

RESUMO

INTENÇÃO DE CONSUMO DE SALADA CRUA EM RESTAURANTE TIPO *FAST FOOD* POR ESTUDANTES: UMA APLICAÇÃO DA TEORIA DO COMPORTAMENTO PLANEJADO

Os restaurantes tipo *fast food* se destacam entre as opções de *food service* para a realização das refeições fora de casa. Contudo, a alimentação nestes estabelecimentos pode estar associada a uma baixa qualidade nutricional e alto valor energético, resultando na preocupação com a saúde dos consumidores, em sua maioria jovens. Em resposta a uma tendência mundial, muitos estabelecimentos tipo *fast food* têm incluído em seus cardápios opções mais saudáveis. Contudo, são escassas as investigações que analisam os fatores que influenciam a decisão de compra de alimentos saudáveis nestes estabelecimentos. Diante do exposto, a presente pesquisa teve como objetivo analisar e determinar os preditores psicossociais da intenção comportamental de consumir salada crua em restaurante tipo *fast food* no almoço a partir de uma extensão da Teoria do Comportamento Planejado (TCP), por meio de um questionário de pesquisa, com indicadores satisfatórios de validade e confiabilidade. Inicialmente uma pesquisa qualitativa foi realizada para a determinação das crenças salientes, por estudantes do ensino médio, na cidade de Campinas, SP, Brasil, utilizando um questionário autorrespondido. As respostas foram transcritas para proceder à análise de conteúdo. Consideraram-se crenças modais salientes aquelas mencionadas com maior frequência, até atingir, pelo menos, 75% do número total de citações. As crenças foram identificadas por 25 estudantes, de ambos os sexos, com idade entre 14 e 16 anos. Um questionário foi elaborado com base nas crenças modais salientes, revisão de literatura, reunião com cinco especialistas no uso da TCP, validação de conteúdo e pré-teste. Os constructos que compuseram o instrumento de pesquisa foram: crenças comportamentais, crenças normativas, crenças de controle, atitude, norma subjetiva, controle comportamental percebido, intenção, norma descritiva e hábito. A pesquisa foi realizada nas cidades de Campinas e Limeira, SP, com 323 estudantes do ensino médio que frequentavam restaurante tipo *fast food*. Foram construídos bancos de dados usando o *software Predictive Analytics Software 18.0* e os dados foram analisados no *software LISREL 8.80* e *XLSTAT 2013*. Foram realizadas análises descritivas, e testes paramétricos e não paramétricos foram utilizados para a comparação de médias e correlações. Para a avaliação dos itens relativos aos constructos, foram estimados os coeficientes α de Cronbach, correlações item-total e correlações inter-item. Foi realizada análise fatorial exploratória e confirmatória considerando a técnica de modelagem de equações estruturais para avaliar a unidimensionalidade de cada constructo. A modelagem de equações estruturais também foi utilizada para avaliar cinco modelos estruturais integrados distintos. A confiabilidade do instrumento foi avaliada pela consistência interna por meio do α de Cronbach e pela estabilidade temporal pela técnica teste-reteste. A idade média dos participantes foi de 15,6 anos, 51,4% foram do sexo feminino e 70% cursavam o primeiro ano do ensino médio. A maioria dos estudantes realizava refeições fora de casa três vezes ou mais por semana (83,9%). Já o consumo em *fast food* foi realizado menos frequentemente, de uma a três vezes por mês (42,4%). A refeição mais frequente consumida em restaurantes tipo *fast food* foi o jantar (53,3%), seguida do almoço (39,0%). Não foram observadas associações entre o consumo em restaurante tipo *fast food* com o sexo (χ^2 ; $p=0,135$), idade (χ^2 ; $p=0,807$), renda (χ^2 ; $p=0,773$) e estado nutricional (χ^2 ; $p=0,792$) dos participantes. Os indicadores de validade e confiabilidade dos itens relativos aos constructos foram satisfatórios. O coeficiente de correlação

intraclasse (ICC) observado entre todos os constructos foi adequado ($ICC \geq 0,742$), indicando estabilidade temporal. Os modelos integrados que apresentaram melhores resultados de validade foram os que não consideraram as crenças modais salientes. O modelo IV foi o que apresentou melhores resultados para a determinação dos preditores psicossociais da intenção do consumo de salada crua quando se vai a um restaurante tipo *fast food* no almoço. Este modelo foi composto pelas medidas diretas da TCP e pelos preditores adicionais. A atitude e a norma subjetiva foram levemente desfavoráveis à realização do comportamento (média < 3,0, considerando escala que poderia variar entre 1 e 5). Contudo, verificou-se uma percepção favorável dos estudantes sobre sua capacidade de realizar o comportamento (controle comportamental percebido, média=3,59). Ainda, para os estudantes seus referentes sociais não realizavam o comportamento estudado (norma descritiva, média=1,92). Adicionalmente, observou-se baixo hábito entre os participantes em consumir salada crua em *fast food* no almoço (média=1,87) e baixa intenção em realizar este comportamento (média = 2,01). O hábito foi o constructo que mais influenciou a intenção, seguido da atitude e da norma descritiva. Programas de intervenção que visam a incentivar o consumo de salada em *fast food* poderiam enfatizar ações para a modificação das variáveis hábito, atitude e norma descritiva, favorecendo uma intenção positiva à realização do comportamento.

Palavras-chave: Estudantes. Adolescentes. Hortaliças. Intenção. Serviço de alimentação. Validação. Confiabilidade.

ABSTRACT

RAW SALAD CONSUMPTION INTENTION BY STUDENTS IN FAST FOOD RESTAURANTS: APPLICATION OF THE THEORY OF PLANNED BEHAVIOR

Fast food restaurants stand out amongst the food service options for eating meals away from home. However, the food served in these establishments could be associated with a low nutritional quality and high caloric value, resulting in a concern for the health of the consumers, mostly young people. As a response to world tendency, many fast food establishments are now including healthier options in their menus. However, investigations analyzing the factors influencing the buying decision of these healthy foods in such establishments are scarce. Thus the objective of the present survey was to analyze and determine the psychosocial predictors of the behavioral intention to consume raw salads for lunch in fast food restaurants using an extension of the Theory of Planned Behavior (TPB), applying a questionnaire with satisfactory validity and reliability indicators. Initially a qualitative survey was carried out using a self-responding questionnaire to determine salient beliefs amongst high-school students in the city of Campinas, SP, Brazil. The replies were then transcribed in order to analyze their content. Prominent modal salient beliefs are considered as being those mentioned with greater frequency, reaching at least 75% of the total number of citations. The beliefs were identified for 25 students of both genders aged between 14 and 16. A questionnaire was elaborated based on modal salient beliefs, a review of the literature, a meeting with 5 specialists in the use of TPB, validation of the content and a pre-test. The constructs making up the survey instrument were: behavioral beliefs, normative beliefs, control beliefs, attitude, subjective norms, perceived behavioral control, intention, descriptive norms and habits. The survey was carried out in the cities of Campinas and Limeira, both in the State of São Paulo, Brazil, and included 323 high school students who frequented fast food restaurants. A data bank was constructed using the Predictive Analytics Software 18.0, and the data analyzed using the LISREL 8.80 and XLSTAT 2013 software. Descriptive analyses were carried out, and parametric and non-parametric tests used to compare the means and correlations. The α -Cronbach coefficients, item-total correlations and inter-item correlations were estimated to evaluate the items related to the constructs. An exploratory and confirmatory factorial analysis was carried out considering the structural equation modeling technique to evaluate the unidimensionality of each construct. Structural equation modeling was also used to evaluate five distinct integrated structural models. The reliability of the instrument was evaluated from its internal consistency by way of the α -Cronbach coefficient and by the temporal stability determined by the test-retest technique. The average age of the participants was 15.6 years old, 51.4% were female and 70% were in their first year of high school. The majority of the students ate meals away from home three or more times a week (83.9%), although eating in fast food restaurants was less frequent, from 1 to 3 times a month (42.4%). The meal most frequently consumed in fast food restaurants was dinner (53.3%), followed by lunch (39.0%). No associations were observed between eating in fast food restaurants and the gender (χ^2 ; $p=0.135$), age (χ^2 ; $p=0.807$), income (χ^2 ; $p=0.773$) and nutritional status (χ^2 ; $p=0.792$) of the participants. The validity and reliability of the indicators for the items related to the constructs were satisfactory, and the intra-class correlation coefficient (ICC) observed between all the constructs was adequate ($ICC \geq 0.742$), indicating temporal stability. The integrated models that presented the best results for validity were those that did not consider the modal salient beliefs. Model IV was the one presenting the best results in the determination of the psychosocial predictors of the consumption intention for raw salads when eating in a fast food restaurant at lunchtime. This

model was composed of the direct TPB measurements and additional predictors. Attitude and subjective norms were slightly unfavorable towards the behavior (mean < 3.0, considering a scale varying from 1 to 5). However, a favorable perception was verified for the students with respect to their ability to determine their behavior (perceived behavioral control, mean=3.59). In addition, the social references of the students did not determined the behavior studied (descriptive norm, mean=1.92). In addition there was a limited habit amongst the participants to consume raw salads in fast food restaurants at lunchtime (mean=1.87), and a low intention to follow this behavior (mean=2.01). Habit was the construct that most influenced the intention, followed by attitude and descriptive norms. Intervention programs aimed at encouraging the consumption of salads in fast food restaurants should emphasize actions aimed at modifying the variables of habit, attitude and descriptive norms, thus favoring a positive intention for the carrying out of this behavior.

Keywords: Students. Adolescents. Vegetables. Intention. Food service. Validation. Reliability.

SUMÁRIO

RESUMO GERAL.....	vii
ABSTRACT.....	ix
LISTA DE FIGURAS.....	xxi
LISTA DE QUADROS.....	xxiii
LISTA DE TABELAS	xxv
LISTA DE ABRAVIATURAS E SIGLAS	xxxii
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 OBJETIVOS	5
2.1 Objetivo geral	5
2.2 Objetivos específicos	5
3. REVISÃO GERAL DA LITERATURA	7
3.1 O setor de <i>food service</i> no Brasil	7
3.2 A alimentação fora do domicílio	8
3.2.1 Perfil dos consumidores em restaurante tipo <i>fast food</i>	11
3.3 Alimentação saudável.....	14
3.3.1 Verduras e legumes: importância e consumo no Brasil.....	17
3.4 Os restaurantes tipo <i>fast food</i> e a saúde pública	25
3.5 Teorias comportamentais.....	29
3.5.1 Teoria do Comportamento Planejado	30
3.5.1.1 Comportamento	32
3.5.1.2 Intenção.....	33
3.5.1.3 Crenças comportamentais e atitude relativa ao comportamento	34
3.5.1.4 Crenças normativas e norma subjetiva	36
3.5.1.5 Crenças de controle e controle comportamental percebido	37
3.5.1.6 Preditores adicionais.....	38
3.5.1.6.1 Hábito	38

3.5.1.6.2 Norma descritiva	40
4 MATERIAL E MÉTODOS.....	41
4.1 Local da pesquisa	41
4.2 População e amostra do estudo	42
4.3 Desenvolvimento do questionário.....	42
4.3.1 Determinação das crenças salientes – <i>Elicitation study</i>	43
4.3.1.1 Análise das crenças salientes.....	45
4.4 Validação de conteúdo	48
4.5 Pré-Teste.....	50
4.6 Instrumento de pesquisa.....	51
4.6.1 Parte I: Intenção de consumo de salada crua em restaurante tipo <i>fast food</i>	51
4.6.1.1 Medidas indiretas	52
4.6.1.2 Medidas diretas	53
4.6.1.3 Intenção comportamental	54
4.6.1.4 Preditores adicionais da TCP	54
4.6.2 Parte II: Consumo fora de casa	55
4.6.3 Parte III: Caracterização do entrevistado	55
4.7 Coleta de dados	55
4.8 Diagnóstico nutricional	57
4.9 Análise da confiabilidade.....	58
4.9.1 Estabilidade temporal.....	58
4.9.2 Consistência interna	59
4.10 Análise estatística.....	59
4.11 Aspectos éticos da pesquisa	61
5 RESULTADOS.....	63
5.1 Caracterização da amostra.....	63
5.2 Consumo fora do domicílio.....	65
5.3 Estado nutricional dos participantes.....	68
5.4 Análise dos constructos da Teoria do Comportamento Planejado.....	70

5.4.1	Análise prévia dos dados e identificação de <i>outliers</i>	70
5.4.2	Crenças comportamentais (atitude indireta)	72
5.4.2.1	Crenças comportamentais (<i>b x e</i>).....	72
5.4.2.2	Crenças comportamentais (<i>b</i>)	74
5.4.3	Atitude	77
5.4.4	Crenças normativas (norma subjetiva indireta)	80
5.4.4.1	Crenças normativas (<i>n x m</i>)	81
5.4.4.2	Crenças normativas (<i>n</i>)	83
5.4.5	Norma subjetiva.....	84
5.4.6	Crenças de controle (controle comportamental percebido indireto).....	86
5.4.6.1	Crenças de controle (<i>c x p</i>)	86
5.4.6.2	Crenças de controle (<i>p</i>).....	89
5.4.7	Controle comportamental percebido.....	92
5.4.8	Intenção comportamental.....	95
5.4.9	Preditores adicionais da Teoria do Comportamento Planejado	97
5.4.9.1	Norma descritiva.....	97
5.4.9.2	Hábito	98
5.5	Estabilidade dos constructos do modelo da Teoria do Comportamento Planejado e preditores adicionais	103
5.6	Análise descritiva dos constructos do modelo da Teoria do Comportamento Planejado e preditores adicionais.....	104
5.6.1	Crenças comportamentais	104
5.6.1.1	Crenças comportamentais (<i>b x e</i>).....	104
5.6.1.2	Crenças comportamentais (<i>b</i>)	105
5.6.2	Atitude	106
5.6.3	Crenças normativas.....	107
5.6.3.1	Crenças normativas (<i>n x m</i>)	107
5.6.3.2	Crenças normativas (<i>n</i>)	109
5.6.4	Norma subjetiva.....	109
5.6.5	Crenças de controle.....	110
5.6.5.1	Crenças de controle (<i>c x p</i>)	110

5.6.5.2 Crenças de controle (<i>p</i>)	112
5.6.6 Controle comportamental percebido	112
5.6.7 Intenção	113
5.6.8 Norma descritiva	114
5.6.9 Hábito	115
5.7 Análise dos modelos da Teoria do Comportamento Planejado.....	115
5.7.1 Modelo estrutural integrado I.....	116
5.7.2 Modelo estrutural integrado II.....	119
5.7.3 Modelo estrutural integrado III	121
5.7.4 Modelo estrutural integrado IV	123
5.7.5 Modelo estrutural integrado V	125
5.8 Análise da intenção comportamental	126
5.8.1 Descrição das variáveis psicossociais relacionadas à intenção	126
6 DISCUSSÃO	131
6.1 Consumo em restaurante tipo <i>fast food</i>	131
6.2 Estado nutricional.....	133
6.3 Validação e confiabilidade do questionário	134
6.4 Análise descritiva dos constructos	136
6.5 Comparação dos modelos e os determinantes psicossociais da intenção comportamental.....	141
CONCLUSÕES GERAIS E RECOMENDAÇÕES.....	145
REFERÊNCIAS	149
APÊNDICES.....	179
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido – Determinação das crenças salientes – <i>Elicitation study</i>	181
APÊNDICE B – Questionário de determinação das crenças salientes	185
APÊNDICE C – Roteiro para a realização da “Validação de Conteúdo”	191

APÊNDICE D – Questionário de pesquisa	197
APÊNDICE E – Termo de consentimento livre e esclarecido – Etapa final.....	209
APÊNDICE F – Descrição dos itens do questionário de pesquisa conforme os constructos	213
ANEXO	219
ANEXO A – Parecer do comitê de ética em pesquisa.....	221

DEDICATÓRIA

*Dedico esta tese aos meus pais, **Eraldo e Terezinha**, e aos meus irmãos, **Juliana e Evandro**, por toda força, amor, carinho e união em todos os momentos da minha vida e por todos os esforços e dedicação em favor da minha formação.*

AGRADECIMENTOS

A Deus por todas as graças concedidas, por iluminar sempre meu caminho com alegrias e oportunidades, dando-me força para sempre seguir em frente e enfrentar os desafios. Agradeço a todas as pessoas especiais que Ele colocou em meu caminho.

Aos meus pais, irmãos e sobrinhas, por me motivarem e me apoiarem sempre nos meus sonhos, e pela compreensão por não lhes ter dedicado, durante este período, a atenção merecida.

Ao meu namorado Murilo Santhiago por me incentivar e me apoiar nos meus sonhos. Pelos momentos diários de descontração e alegria que me fizeram sorrir, mesmo nas horas mais difíceis.

À professora Elisabete Salay pela orientação, pela paciência, pela dedicação e por todos os conhecimentos e ensinamento transmitidos.

Aos professores membros da banca examinadora de doutorado, e às professoras da banca de qualificação, pelas valiosas contribuições ao trabalho.

À professora Maria Cecília Gallani, pelo acolhimento, pela paciência e pelas importantes contribuições na execução deste trabalho.

As amigas do Laboratório de Planejamento Alimentar, Paula Lazzarin Uggioni, Mariana Schievano Danelon, Elaine A. M. T. Watanabe, Geina Faria dos Santos e Izabella Tesoto, pela convivência durante o doutorado e por contribuírem com meu crescimento profissional e pessoal. Agradeço em especial a Elaine A. M. T. Watanabe pela paciência e disponibilidade em me ajudar sempre que necessário e a Geina Faria dos Santos por todos os momentos de descontração e pela amizade.

Aos amigos do DEPAN pela convivência e troca de conhecimentos. Agradeço em especial a Erick Almeida, Juliana Burger Rodrigues, Fernanda Drummond, Flávia Noeli de Souza Infante e

Diomar Augusto de Quadros pelo apoio, carinho e troca de conhecimentos, pelas experiências compartilhadas e pelos ótimos momentos de convivência.

Aos meus amigos eternos, Bruno Eiji Guibu, Nalígia Grando Carra, Daniele Gonçalves Vieira, Talita Cestonaro, Gabriela Datsch Bennemann e Suellen Secchi Martinelli por todo o apoio, atenção e carinho, mesmo à distância.

Aos coordenadores dos colégios participantes, por permitirem a realização da pesquisa nos locais. Aos professores dos colégios por possibilitarem a realização da coleta de dados durante o período letivo. Aos alunos participantes do estudo, sem os quais a pesquisa não poderia ter sido realizada.

À coordenação, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Alimentos e Nutrição da Faculdade de Engenharia de Alimentos da UNICAMP, pela oportunidade de crescimento e aprendizado. Em especial a Cidinha, por todo o apoio e auxílio durante o doutorado.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo suporte financeiro.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram e permitiram que este sonho se concretizasse.

MUITO OBRIGADA!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Figura esquemática para representação da Teoria do Comportamento Planejado	32
Figura 2 – Amostra final da pesquisa. Campinas e Limeira, 2013	57
Figura 3 – Frequência com que os estudantes costumam realizar refeições fora do domicílio e em restaurantes tipo <i>fast food</i> . Campinas e Limeira, 2013	65
Figura 4 – Distribuição dos estudantes segundo estado nutricional. Campinas e Limeira, 2013	69
Figura 5 – Representação ilustrativa do modelo estrutural integrado IV. Campinas e Limeira, 2013	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Teorias de predição e mudança comumente utilizadas em comportamentos relacionados à saúde.....	30
Quadro 2 – Parâmetros para diagnóstico nutricional de indivíduos de 10 a 19 anos, conforme a <i>World Health Organization</i>	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Estudos referente ao perfil dos consumidores de restaurante tipo <i>fast food</i> .	12
Tabela 2	– Recomendações de macronutrientes para o consumo alimentar da população brasileira	15
Tabela 3	– Recomendações por grupos alimentares para o consumo alimentar da população brasileira enfocando a promoção da saúde	16
Tabela 4	– Percentual do consumo alimentar de verduras e legumes fora do domicílio, pela população brasileira.....	19
Tabela 5	– Estudos referente ao consumo de hortaliças por adolescentes brasileiros	20
Tabela 6	– Categorias das crenças salientes de estudantes sobre o consumo de salada crua em restaurante tipo <i>fast food</i> no almoço. Campinas e Limeira, 2013 ...	45
Tabela 7	– Crenças modais salientes de estudantes sobre o consumo de salada crua em restaurante tipo <i>fast food</i> no almoço utilizada na pesquisa. Campinas e Limeira, 2013	47
Tabela 8	– Características sociodemográficas da amostra de estudantes de Campinas e Limeira, Brasil, 2013.....	63
Tabela 9	– Frequência de consumo em restaurante tipo <i>fast food</i> , em função do sexo dos estudantes. Campinas e Limeira, 2013	66
Tabela 10	– Frequência de consumo em restaurante tipo <i>fast food</i> , em função da idade dos estudantes. Campinas e Limeira, 2013	67
Tabela 11	– Frequência de consumo em restaurante tipo <i>fast food</i> , em função da renda familiar dos estudantes. Campinas e Limeira, 2013	68
Tabela 12	– Frequência de consumo em restaurante tipo <i>fast food</i> , em função do estado nutricional dos estudantes. Campinas e Limeira, 2013.....	70
Tabela 13	– Número de <i>outliers</i> por questão referente aos constructos da Teoria do Comportamento Planejado e os preditores adicionais da teoria. Campinas e Limeira, 2013	71
Tabela 14	– Estatísticas item-total referente ao constructo crenças comportamentais (<i>b x e</i>). Campinas e Limeira, 2013	72

Tabela 15 – Matriz de correlação inter-item referente ao constructo crenças comportamentais (<i>b x e</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	73
Tabela 16 – Resultado da análise fatorial exploratória do constructo crenças comportamentais (<i>b x e</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	73
Tabela 17 – Resultados da análise fatorial confirmatória do constructo crenças comportamentais (<i>b x e</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	74
Tabela 18 – Estatísticas item-total do constructo crenças comportamentais (<i>b</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	75
Tabela 19 – Matriz de correlação inter-item do constructo crenças comportamentais (<i>b</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	75
Tabela 20 – Resultado da análise fatorial exploratória do constructo crenças comportamentais (<i>b</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	76
Tabela 21 – Resultado da análise fatorial confirmatória do constructo crenças comportamentais (<i>b</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	76
Tabela 22 – Estatísticas item-total do constructo atitude. Campinas e Limeira, 2013.....	77
Tabela 23 – Matriz de correlação inter-item do constructo atitude. Campinas e Limeira, 2013	78
Tabela 24 – Resultado da análise fatorial exploratória para o constructo atitude. Campinas e Limeira, 2013.....	78
Tabela 25 – Resultado da análise fatorial confirmatória do constructo atitude, com a exclusão dos itens ATD2 e ATD3, e inserção de correlações entre os itens ATD1 e ATD4, e ATD1 e ATD6. Campinas e Limeira, 2013.....	80
Tabela 26 – Estatísticas item-total referente ao constructo crenças normativas (<i>n x m</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	81
Tabela 27 – Matriz de correlação inter-item referente ao constructo crenças normativas (<i>n x m</i>). Campinas e Limeira, 2013	81
Tabela 28 – Resultado da análise fatorial confirmatória do constructo crenças normativas (<i>n x m</i>). Campinas e Limeira, 2013	82
Tabela 29 – Estatísticas item-total do constructo de crenças normativas (<i>n</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	83

Tabela 30 – Matriz de correlação inter-item constructo de crenças normativas (<i>n</i>). Campinas e Limeira, 2013	83
Tabela 31 – Resultado da análise fatorial confirmatória do constructo crenças normativas (<i>n</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	84
Tabela 32 – Correlação item-total, carga fatorial e consistência interna do constructo norma subjetiva. Campinas e Limeira, 2013.....	85
Tabela 33 – Matriz de correlação inter-item para o constructo norma subjetiva. Campinas e Limeira, 2013	85
Tabela 34 – Resultado da análise fatorial confirmatória para o constructo norma subjetiva. Campinas e Limeira, 2013.....	86
Tabela 35 – Estatísticas item-total referente ao constructo crenças de controle (<i>c x p</i>). Campinas e Limeira, 2013	87
Tabela 36 – Matriz de correlação inter-item referente ao constructo crenças de controle (<i>c x p</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	87
Tabela 37 – Resultado da análise fatorial exploratória referente ao constructo crenças de controle (<i>c x p</i>), após a exclusão dos itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6. Campinas e Limeira, 2013.....	88
Tabela 38 – Resultado da análise fatorial confirmatória referente ao constructo crenças de controle (<i>c x p</i>), após a exclusão dos itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6. Campinas e Limeira, 2013.....	89
Tabela 39 – Estatísticas item-total do constructo crenças de controle (<i>p</i>). Campinas e Limeira, 2013	90
Tabela 40 – Matriz de correlação inter-item do constructo crenças de controle (<i>p</i>). Campinas e Limeira, 2013	90
Tabela 41 – Resultado da análise fatorial exploratória do constructo crenças de controle (<i>p</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	91
Tabela 42 – Resultado da análise fatorial confirmatória do constructo crenças de controle (<i>p</i>). Campinas e Limeira, 2013	92
Tabela 43 – Estatísticas item-total referente ao constructo controle comportamental percebido. Campinas e Limeira, 2013.....	93

Tabela 44 – Matriz de correlação inter-item referente ao constructo controle comportamental percebido. Campinas e Limeira, 2013	93
Tabela 45 – Resultado da análise fatorial exploratória referente ao constructo controle comportamental percebido, com a exclusão do item CCP2. Campinas e Limeira, 2013.....	94
Tabela 46 – Resultado da análise fatorial confirmatória referente ao constructo controle comportamental percebido, excluindo o item CCP1 e CCP2. Campinas e Limeira, 2013.....	95
Tabela 47 – Correlação item-total, carga fatorial e consistência interna do constructo intenção comportamental. Campinas e Limeira, 2013	95
Tabela 48 – Matriz de correlação inter-item referente ao constructo intenção comportamental. Campinas e Limeira, 2013.....	96
Tabela 49 – Resultado da análise fatorial confirmatória referente ao constructo intenção comportamental. Campinas e Limeira, 2013.....	96
Tabela 50 – Correlação item-total, carga fatorial e consistência interna do constructo norma descritiva. Campinas e Limeira, 2013	97
Tabela 51 – Matriz de correlação inter-item referente ao constructo norma descritiva. Campinas e Limeira, 2013.....	97
Tabela 52 – Resultado da análise fatorial confirmatória referente ao constructo norma descritiva. Campinas e Limeira, 2013	98
Tabela 53 – Estatísticas item-total referente ao constructo hábito. Campinas e Limeira, 2013	99
Tabela 54 – Matriz de correlação inter-item referente ao constructo hábito. Campinas e Limeira, 2013.....	100
Tabela 55 – Resultado da análise fatorial exploratória do constructo hábito. Campinas e Limeira, 2013.....	101
Tabela 56 – Resultado da análise fatorial confirmatória do constructo hábito, com a exclusão dos itens HAB4 e HAB6 e realização da inserção de correlações de erros entre os itens. Campinas e Limeira, 2013	102
Tabela 57 – Médias no teste e reteste e análise da estabilidade temporal dos constructos. Campinas e Limeira, 2013.....	103

Tabela 58 – Análise descritiva das crenças comportamentais (<i>b x e</i>). Campinas e Limeira, 2013	105
Tabela 59 – Análise descritiva das crenças comportamentais (<i>b</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	106
Tabela 60 – Análise descritiva da atitude. Campinas e Limeira, 2013.....	106
Tabela 61 – Análise descritiva das crenças normativas (<i>n x m</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	108
Tabela 62 – Análise descritiva das crenças normativas (<i>n</i>). Campinas e Limeira, 2013..	109
Tabela 63 – Análise descritiva da norma subjetiva. Campinas e Limeira, 2013	110
Tabela 64 – Análise descritiva das crenças de controle (<i>c x p</i>). Campinas e Limeira, 2013.....	111
Tabela 65 – Análise descritiva das crenças de controle (<i>p</i>). Campinas e Limeira, 2013..	112
Tabela 66 – Análise descritiva do controle comportamental percebido (<i>p</i>). Campinas e Limeira, 2013	113
Tabela 67 – Análise descritiva da intenção. Campinas e Limeira, 2013	114
Tabela 68 – Análise descritiva da norma descritiva. Campinas e Limeira, 2013	114
Tabela 69 – Análise descritiva do hábito. Campinas e Limeira, 2013.....	115
Tabela 70 – Matriz de correlações entre os constructos de acordo com o modelo estrutural integrado I. Campinas e Limeira, 2013.....	117
Tabela 71 – Índices de ajustamento do modelo estrutural integrado I. Campinas e Limeira, 2013	118
Tabela 72 – Resultados do modelo estrutural integrado I. Campinas e Limeira, 2013	118
Tabela 73 – Quadrado da estimativa de correlação entre os fatores (<i>Shared Variance</i>) e variância extraída do modelo estrutural integrado I. Campinas e Limeira, 2013.....	119
Tabela 74 – Índices de ajustamento do modelo estrutural integrado II. Campinas e Limeira, 2013	120
Tabela 75 – Resultados do modelo estrutural integrado II. Campinas e Limeira, 2013...	120
Tabela 76 – Quadrado da estimativa de correlação entre os fatores (<i>Shared Variance</i>) e variância extraída do modelo estrutural integrado II. Campinas e Limeira, 2013.....	121

Tabela 77 – Índices de ajustamento do modelo estrutural integrado III. Campinas e Limeira, 2013.....	122
Tabela 78 – Resultados do modelo estrutural integrado III. Campinas e Limeira, 2013 ..	122
Tabela 79 – Quadrado da estimativa de correlação entre os fatores (<i>Shared Variance</i>) e variância extraída do modelo estrutural integrado III. Campinas e Limeira, 2013	123
Tabela 80 – Índices de ajustamento do modelo estrutural integrado IV. Campinas e Limeira, 2013.....	123
Tabela 81 – Resultados do modelo estrutural integrado IV. Campinas e Limeira, 2013 ..	124
Tabela 82 – Quadrado da estimativa de correlação entre os fatores (<i>Shared Variance</i>) e variância extraída modelo estrutural integrado IV. Campinas e Limeira, 2013	125
Tabela 83 – Índices de ajustamento do modelo estrutural integrado V. Campinas e Limeira, 2013.....	125
Tabela 84 – Resultados do modelo estrutural integrado V. Campinas e Limeira, 2013 ..	126
Tabela 85 – Quadrado da estimativa de correlação entre os fatores (<i>Shared Variance</i>) e variância extraída modelo estrutural integrado V. Campinas e Limeira, 2013	126
Tabela 86 – Correlações entre os escores das variáveis psicossociais relacionadas ao consumo de salada crua em <i>fast food</i> por estudantes. Campinas e Limeira, 2013	130

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A	<i>Attitude</i>
ABIA	Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação
ABRASEL	Associação Brasileira de Bares e Restaurantes
ABS	<i>Australian Bureau of Statistics</i>
AGFI	<i>Adjusted goodness of fit index</i>
<i>b</i>	<i>Behavioral belief</i>
BI	<i>Behavioral intention</i>
<i>c</i>	<i>Control beliefs</i>
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CFI	<i>Comparative fit index</i>
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COTIL	Colégio Técnico de Limeira
COTUCA	Colégio Técnico de Campinas
<i>e</i>	<i>Subjective evaluation</i>
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EM	<i>Expectation-maximization</i>
ERS	<i>Economic Research Service</i>
EUA	Estados Unidos da América
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
GFI	<i>Goodness of fit index</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICC	Coeficiente de Correlação Intraclasse
IMC	Índice de Massa Corporal
IPC	Índice de Potencial de Consumo
IQD	Índice de Qualidade da Dieta
ITAL	Instituto de Tecnologia de Alimentos
IVC	Índice de Validação de Conteúdo
KMO	<i>Kaiser-Meyer-Olkin</i>

<i>m</i>	<i>Motivation to comply</i>
ML	Máxima verossimilhança
MS	Ministério da Saúde
MSA	<i>Measure Sampling Adequacy</i>
<i>n</i>	<i>Normative belief</i>
NFI	<i>Normed-fit index</i>
NNFI/LTI	<i>Non-normed fit index / Tucker Lewis index</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
<i>p</i>	<i>Perceived power of the control factor</i>
PAE	Programa de Alimentação Escolar
PASW	<i>Predictive Analytics Software</i>
<i>PBC</i>	<i>Perceived Behavioral Control</i>
PNAN	Programa Nacional de Alimentação e Nutrição
POF	Pesquisa de Orçamento Familiar
QFA	Questionário de frequência alimentar
QFAA	Questionário de frequência alimentar para adolescentes
R24h	Recordatório alimentar de 24 horas
RMSEA	<i>Root mean square error of approximation</i>
SEADE	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SEM	<i>Structural Equation Modeling</i>
SM	Salário mínimo
<i>SN</i>	<i>Subjective Norm</i>
SRHI	<i>Self-Report Habit Index</i>
TACT	<i>Target, Action, Context, Time</i>
TAR	Teoria da Ação Racional
TCP	Teoria do Comportamento Planejado
TPB	<i>Theory of Planned Behavior</i>
TRA	<i>Theory of Reasoned Action</i>
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USDA	<i>United States Department of Agriculture</i>
VET	Valor Energético Total

χ^2	Qui-quadrado
χ^2/gf	Qui-quadrado normalizado
WHO	<i>World Health Organization</i>

1 INTRODUÇÃO GERAL

A alimentação saudável contribui para o bem-estar e a prevenção de diferentes doenças. Entre a população jovem, como as crianças e adolescentes¹, a adoção de hábitos alimentares saudáveis é fundamental para o seu crescimento e desenvolvimento. Além disso, é importante considerar que os hábitos alimentares estabelecidos na adolescência podem ser mantidos até a fase adulta, refletindo diretamente na saúde dos indivíduos (SHEPHERD et al., 2006).

Para uma alimentação adequada, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde recomendam: limitar o consumo de alimentos com alta concentração de gorduras, açúcares simples e sal; substituir as gorduras saturadas por gorduras insaturadas; eliminar o consumo de gordura trans; optar pelo consumo de sal iodado; e aumentar o consumo de cereais integrais, frutas secas, frutas, legumes e verduras (BRASIL, 2008; WHO, 2004).

A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) e a OMS recomendam um consumo de 400g por dia de frutas, verduras e legumes (WHO; FAO, 2004). Contudo, em pesquisa realizada no Brasil nos anos de 2008 e 2009, observou-se que mais de 90% da população consumia uma quantidade inferior à recomendada (IBGE, 2011a). Ao considerar a idade da população, verificou-se que indivíduos mais jovens tendiam a consumir uma quantidade menor de frutas, verduras e legumes, quando comparados aos adultos e idosos (IBGE, 2011b).

Observa-se que a população está passando por um processo de transição nutricional (BATISTA FILHO; RISSIN, 2003; IBGE, 2010a; WHO, 2010). A transição nutricional pode ser descrita como um “fenômeno no qual ocorre uma inversão nos padrões de distribuição dos problemas nutricionais de uma dada população no tempo” (KAC; VELÁSQUEZ-MELÉNDEZ, 2003). Ela é frequentemente caracterizada pelo declínio da ocorrência de desnutrição, e aumento da prevalência de sobrepeso e obesidade entre a população (BATISTA FILHO; RISSIN, 2003). Esta tendência do declínio da desnutrição no país está relacionada ao aumento de renda da população e da escolaridade das mães, assim como a melhoria dos serviços de saúde e saneamento básico. Já o aumento do sobrepeso e da obesidade, além de outros fatores, está associado à mudança no estilo de vida e ao hábito alimentar da população (IBGE, 2010a).

¹ De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é considerado criança, o indivíduo com até 12 anos incompletos, e adolescentes os indivíduos entre 12 anos completos e 18 anos incompletos (BRASIL, 1990).

Dentre as mudanças no estilo de vida da população, pode-se citar o deslocamento das refeições realizadas em casa para estabelecimentos comerciais, principalmente nos grandes centros urbanos (IBGE, 2010b). Nos anos de 2002 e 2003 as refeições realizadas fora do domicílio representaram 24% das despesas das famílias brasileiras (IBGE, 2004). Já em 2008 e 2009 estas despesas representaram 31% (IBGE, 2010b). Ao considerar os tipos de estabelecimentos disponíveis para a alimentação fora do domicílio, destacam-se os restaurantes tipo *fast food*. Estes restaurantes estão em grande expansão em diferentes países, inclusive no Brasil, onde, entre os anos de 2002 e 2011, ocorreu um aumento de aproximadamente 14% no número de redes e lojas de *fast food* (ABIA, 2012). O consumo nestes locais é observado principalmente entre os jovens, havendo, aparentemente, uma diminuição do consumo em restaurantes tipo *fast food*, com o aumento da idade (PAERATAKUL et al., 2003; SCHRÖDER; FITO; COVAS, 2007).

O aumento da frequência das refeições realizadas fora do domicílio resulta na preocupação crescente com a qualidade da dieta da população. Neste sentido, ofertar opções mais saudáveis nos serviços de alimentação, como verduras e legumes, é uma das estratégias disponíveis, atualmente para melhorar a saúde da população (CHAND; EYLES; MHURCHU, 2012; GLANZ; HOELSCHER, 2004). Contudo, nos restaurantes tipo *fast food* muitas preparações oferecidas apresentam alta densidade energética, altos teores de gorduras saturadas e de sódio, assim como baixa quantidade de vitaminas e minerais (DUNFORD et al., 2010; MOORE et al., 2009; SCHRÖDER; FITO; COVAS, 2007). Desse modo, estudos associam estes estabelecimentos ao consumo de alimentos com baixa qualidade nutricional e com o aumento da incidência de sobrepeso e obesidade entre crianças, adolescentes e adultos (CHENG, 2003; FRASER et al., 2012; JAWOROWSKA et al. 2013; JEFFERY et al., 2006; MOORE et al., 2009; POWELL; NGUYEN, 2013; SCHRÖDER; FITO; COVAS, 2007). Porém, há estudos que não encontraram associação entre o consumo frequente em restaurante tipo *fast food* e o estado nutricional dos consumidores. Por exemplo, nos Estados Unidos da América (EUA) French et al. (2001) não observaram relação entre o consumo em *fast food* e o Índice de Massa Corporal (IMC) em mulheres. Neste mesmo país, Hickson et al. (2011) também não encontraram associações evidentes entre a disponibilidade de restaurante tipo *fast food* próximo as residências dos consumidores e seus valores de IMC e circunferência da cintura.

Em resposta ao interesse com a saúde do consumidor (WELLARD; GLASSON; CHAPMAN, 2012) e considerando a tendência mundial de ofertar alimentos mais saudáveis

(ABIA, 2012; FIESP; ITAL, 2010; GLANZ et al., 2007), o setor de *food service* tem introduzido opções mais saudáveis em seus cardápios (ATWATER; SUZUKI, 2006; GLANZ et al., 2007; WELLARD; GLASSON; CHAPMAN, 2012). Atualmente, em alguns restaurantes tipo *fast food*, como por exemplo nos EUA e no Brasil, é possível ter acesso às informações nutricionais das preparações ofertadas (CHAND; EYLES; MHURCHU, 2012; MAESTRO; SALAY, 2008), assim como escolher refeições menos calóricas e encontrar mais opções no cardápio com legumes, verduras e menor teor de gordura (CHAND; EYLES; MHURCHU, 2012; DRISKELL; MECKNA; SCALES, 2006; FRANCHISE DIRECT, 2011a). Dentre as opções mais saudáveis disponíveis em restaurantes tipo *fast food*, destacam-se as saladas, por serem fontes importante de vitaminas, minerais, fibras dietéticas e por apresentarem teores reduzidos de gorduras totais e saturadas (CHAND; EYLES; MHURCHU, 2012; DUNFORD et al., 2010).

Por outro lado, a inclusão de saladas no cardápio como forma de introduzir opções mais saudáveis não garante que o consumidor opte por esta preparação durante a refeição. Wellard, Glasson e Chapman (2012) observaram a compra de 1.449 refeições em 20 lojas de uma rede de *fast food* na Austrália. Dentre o total de refeições completas adquiridas pelos consumidores, somente 11 foram consideradas saudáveis. Em outros estudos observou-se que gerentes de estabelecimentos tipo *fast food* também acreditavam que mesmo com a oferta de alimentos saudáveis a procura e a venda destes alimentos seriam bem inferiores quando comparado aos alimentos não saudáveis (GLANZ et al., 2007; LEE-KWAN et al., 2013). Já em estudo nos EUA verificou-se que consumidoras que frequentavam restaurantes tipo *fast food* não optavam por alimentos saudáveis por considerarem menos saborosos (LARSON et al., 2008).

Embora haja estudos relacionados ao consumo de adolescentes em restaurantes tipo *fast food*, ainda são escassas as investigações que objetivam analisar os fatores que influenciam a decisão de compra do consumidor em relação aos alimentos saudáveis nestes estabelecimentos, principalmente referente à aquisição de saladas. As teorias comportamentais são modelos teóricos que podem ser utilizados para estas investigações. Uma teoria social do comportamento humano geralmente permite prever e explicar vários tipos de comportamentos, em diferentes domínios (FISHBEIN; AJZEN, 2010).

Dentre as teorias sociais para explicar o comportamento humano, tem-se a Teoria do Comportamento Planejado (TCP) (*Theory of Planned Behavior* - TPB) (AJZEN, 1991). A TCP tem sido muito utilizada para investigar comportamentos relacionados à saúde, como o consumo

alimentar (ASTROSM; RISE, 2001; BERG; JONSSON; CONNER, 2000; DUNN et al., 2011; FILA; SMITH, 2006; LAUTENSCHLAGER; SMITH, 2007; POVEY et al., 2000). Este modelo teórico considera que um determinante de um comportamento específico é a intenção de realizar este comportamento, ou seja, a intenção é considerada um antecedente principal do comportamento. Esta intenção comportamental é formada a partir da atitude, da norma subjetiva e do controle comportamental percebido relacionado ao comportamento (AJZEN, 1991). A partir da teoria proposta é possível considerar que quanto mais favorável a atitude, a norma subjetiva e o controle comportamental percebido, maior é a probabilidade de intenção da pessoa na realização do comportamento estudado (AJZEN, 1991; 2006). Além disso, a TCP permite a adição de outros preditores psicossociais. Constructos adicionais podem contribuir para o entendimento do comportamento estudado (AJZEN, 1991).

Desse modo, esta pesquisa investigou por meio da TCP os fatores associados à intenção de consumo de salada crua por estudantes em restaurantes tipo *fast food*. Os resultados desta pesquisa poderão contribuir para o planejamento de intervenções junto aos estudantes visando uma dieta mais saudável quando consomem fora de casa, inclusive quando escolhem restaurantes tipo *fast food* para fazerem suas refeições.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar os preditores psicossociais da intenção comportamental de consumir salada crua em restaurante tipo *fast food* no almoço, em uma amostra de estudantes do ensino médio dos municípios de Campinas e Limeira, estado de São Paulo, Brasil.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar as características sociodemográficas dos frequentadores de restaurantes tipo *fast food*;
- Identificar a frequência de consumo fora de casa e em restaurantes *fast food*;
- Desenvolver um instrumento de pesquisa, com indicadores de confiabilidade e validade adequados, para a identificação dos fatores psicossociais que influem a intenção comportamental: crenças comportamentais, crenças normativas, crenças de controle, atitude, norma subjetiva, controle comportamental percebido, hábito e norma descritiva;
- Identificar as crenças de atitudes, normativas e de controle relativas à intenção comportamental;
- Verificar como os constructos crenças comportamentais, crenças normativas, crenças de controle, atitude, norma subjetiva, controle comportamental percebido, norma descritiva e hábito explicam a variabilidade da intenção comportamental de consumir salada crua em restaurante tipo *fast food* no almoço.

3 REVISÃO GERAL DA LITERATURA

3.1 O setor de *food service* no Brasil

Para a Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (ABIA) *food service* é um termo que designa um canal de distribuição de alimentos representado por estabelecimentos que distribuem os produtos ou que preparam refeições fora do domicílio. Desse modo, o termo *food service* representa todas as refeições realizadas fora do domicílio, incluindo alimentos congelados, preparados, pré-prontos, de entrega, entre outros (ABIA, 1999, 2010). Para a Comissão Nacional de Classificação os serviços de alimentação englobam os serviços que preparam refeições para consumo imediato, com ou sem serviço completo², e que preparam os alimentos por encomenda (IBGE, 2010c).

No Brasil, o mercado de alimentação fora do domicílio vem crescendo consideravelmente (ABIA, 2010, 2012; ABRASEL, 2008). O número de restaurantes duplicou nos últimos dez anos, e em 2012 este número foi estimado em 1.327.881 (ABIA, 2012). De 1999 a 2009, o crescimento do setor de *food service* correspondeu a 198% (ABIA, 2010). Considerando o número absoluto da distribuição de restaurantes comerciais no país, a Região sudeste concentra 56,6% do total desses estabelecimentos, e o estado de São Paulo 36,9% (ABIA, 2012).

No ano de 2009, os restaurantes comerciais foram os estabelecimentos que mais venderam dentre os outros canais do *food service* (R\$ 15 bilhões) (ABIA, 2010). Entre os serviços prestados às famílias³, os serviços de alimentação (restaurantes, bares, lanchonetes, ambulantes e os fornecedores de comidas prontas) foram os maiores geradores de receitas, representando 66,1% da receita total (R\$ 67,1 bilhões) (IBGE, 2011c). Nos Estados Unidos da América (EUA), para o ano de 2014 há uma projeção de que a indústria de restaurantes venderá US\$ 683,4 bilhões (NATIONAL RESTAURANT ASSOCIATION, 2014).

Em conjunto com a expansão dos restaurantes comerciais, observa-se um crescimento no segmento de restaurantes tipo *fast food*. Nos EUA, o crescimento destes estabelecimentos tem sido

² Compreende-se como serviço completo os estabelecimentos que tem serviço de mesa, independente dos funcionários responsáveis por servir refeições tenham ou não outras funções dentro da unidade (IBGE, 2010c).

³ Os serviços prestados principalmente as família, considerados pela Pesquisa Anual de Serviços de 2011 são: serviços de alojamento; serviços de alimentação; atividades culturais, recreativas e esportivas; serviços pessoais e atividades de ensino continuado (IBGE, 2011c).

observado desde os anos 70 do século XX (FRENCH; HARNACK; JEFFERY, 2000). Neste país, o número de restaurantes tipo *fast food* duplicou ao longo da última década (POWEL; CHALOUPKA; BAO, 2007). No Brasil as redes de *fast food* faturaram R\$ 17,49 bilhões em 2011, havendo 481 redes e 13.866 lojas em operação. A taxa média de crescimento destes estabelecimentos nos últimos cinco anos foi de 22,3% (ABIA, 2012).

No Brasil, categorizam-se os restaurantes tipo *fast food* como parte do mercado de comida rápida, o qual pode ser subdividido em redes de *fast food*, lanchonetes tradicionais e mercado informal de “dogueiros” (ABIA, 2010). Estes estabelecimentos, frequentemente, são formados por redes de lojas e caracterizam-se por ofertarem uma alimentação rápida para o consumo, de conveniência, com serviço padronizado (FONSECA, 2006; QUEIROZ et al., 2000; STEWART et al., 2004). Além disso, os restaurantes tipo *fast food* tendem a oferecer o cardápio com somente algumas opções de alimentos, ou seja, com opções limitadas de preparações (STEWART et al., 2004). Por fim, no serviço *fast food* há uma divisão das atividades, planejamento operacional das ações e produção em grande escala, assim considera-se que este serviço é fundamentado no *taylorismo*⁴ (ARAÚJO et al., 2005).

3.2 A alimentação fora do domicílio

A tendência do aumento das refeições realizadas fora do domicílio é verificada em muitos países (ABIA, 2010; ABS, 2000; IBGE, 2010b; MINISTER OF INDUSTRY, 2003; USDA-ERS, 2013). Os fatores que contribuíram para esse novo hábito da população foram estudados por diversos pesquisadores, podendo ser citados: a falta de tempo para a preparação da comida em casa; urbanização e industrialização; busca por lazer, praticidade e diversidade na alimentação; inserção da mulher no mercado de trabalho; falta de tempo para o consumo dos alimentos; distância entre a residência e o local de trabalho; aumento de renda da população; aumento de pessoas que habitam sozinhas e diminuição do número médio de habitantes por residência (ABIA, 2010; BLEIL, 1998; BRANCO; SALAY, 2001; COLLAÇO, 2003; DIEZ GARCIA, 2003; LAMBERT et al., 2005; OMS, 2002; PROENÇA, 2002; ROSEMAN, 2006; STEWART et al., 2004). Adicionalmente, Narine e Badrie (2007) observaram que a celebração de ocasiões especiais,

⁴ Refere-se a um sistema de organização de trabalho derivado das ideias de Frederick W. Taylor, que recomendava a adoção de métodos e normas visando à maximização do rendimento da mão-de-obra (FERREIRA, 2004).

reuniões com os amigos e os momentos de descontração das pessoas também são fatores promotores do consumo fora do domicílio.

No Brasil, dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) mostraram que as refeições realizadas fora do domicílio representaram 31% das despesas das famílias brasileiras, nos anos de 2008 e 2009. Esta proporção é sete pontos percentuais maior que aquela observada nos anos de 2002 e 2003 (IBGE, 2004, 2010b). A despesa média mensal familiar com alimentação fora do domicílio na área urbana foi de 33,1%, quase o dobro das despesas na área rural (17,5%) (IBGE, 2010b).

Em relação às regiões brasileiras, observou-se que no Sudeste ocorreu o maior percentual de despesa com alimentação fora do domicílio (37,2%). Após seguem a região Centro-Oeste, com 30,1% dos gastos, e a região Sul, com 27,7%. Já os menores percentuais de gastos com alimentação fora de casa ocorrem nas regiões Norte (21,4%) e Nordeste (23,5%) (IBGE, 2010b). Ressalta-se que quando estes dados são comparados com os dados da POF realizada em 2002 e 2003, observa-se o aumento de despesas com alimentação fora de casa em todas as regiões do país (IBGE, 2004, 2010b). Já a média de gastos com alimentação fora de casa no Brasil, nos anos de 2008 e 2009, foi de R\$ 131,33. Considerando as regiões, a despesa no Sudeste foi a maior registrada no país (R\$ 172,78), enquanto que no Nordeste foi a menor (R\$ 81,23) (IBGE, 2010b). No que se refere à frequência da realização de refeições fora de casa, Bezerra et al. (2013) analisaram dados do Inquérito Nacional de Alimentação no Brasil, de 2008-2009⁵. Participaram da pesquisa 34.003 indivíduos de ambos os sexos e o consumo fora de casa foi reportado por 40% dos indivíduos.

De acordo com os dados da *Economic Research Service*, nos EUA os gastos com a alimentação fora de casa em 1970 corresponderam a 25,9% do total das despesas com alimentação. Já em 2012, essa participação subiu para 43,1% (USDA-ERS, 2013). No mesmo país, em pesquisa realizada em Nova Jersey, verificou-se que 73% da população realizavam refeições fora de casa no mínimo uma vez por semana, 59% frequentavam *fast food* e 63% restaurantes de serviço completo (STEWART; BLISARD; JOLLIFFE, 2006).

No Canadá, entre os anos de 1982 a 2001, as despesas semanais da população em restaurantes aumentaram de 25% para 30% do total gasto com alimentação (MINISTER OF INDUSTRY, 2003). Já na Austrália, em 1998-1999, os gastos semanais com alimentação fora do

⁵ Os dados apresentados na pesquisa consideraram o preenchimento de um registro alimentar de um dia (BEZERRA et al., 2013).

domicílio representaram 26% das despesas totais com alimentação e bebidas não alcoólicas. Em relação aos gastos semanais com alimentação fora de casa, 56% foram dispendidos em estabelecimentos tipo *fast food*, 43% em restaurantes, hotéis, clubes e 1% em escolas (ABS, 2000). Smith et al. (2009), observaram neste país, que 31,7% dos homens e 17,7% das mulheres realizavam suas refeições fora de casa pelo menos duas vezes por semana. Já na Ásia estima-se que 90% dos consumidores realizavam no mínimo uma vez por semana uma refeição fora do domicílio (CAIRNS, 2006).

Para uma maior compreensão do comportamento do consumidor em relação ao consumo fora de casa, é importante identificar os tipos de refeições realizadas fora do domicílio, assim como os restaurantes escolhidos. Em estudo realizado na cidade de Campinas-SP, observou-se que o almoço foi a refeição mais frequentemente realizada fora de casa, seguida do jantar, lanche da tarde, lanche da manhã, café da manhã e por fim o lanche noturno (SANCHES; SALAY, 2011). Resultados semelhantes encontraram Branco e Salay (2001) e a ABIA (2010), ao observarem que na cidade do Rio de Janeiro-RJ e no Brasil, respectivamente, o almoço é a refeição mais consumida em serviços de alimentação. Bezerra et al. (2013), ao analisarem dados da última POF, também observaram resultados semelhantes.

Em relação ao tipo de restaurante frequentado para a refeição do almoço, em estudo realizado por Sanches e Salay (2011), constatou-se que na cidade de Campinas-SP o restaurante tipo *self-service* é o mais frequentado por consumidores adultos, seguido pelos restaurantes à *la carte*, bares, lanchonetes e por restaurantes tipo *fast food*.

É importante considerar os diferentes fatores relacionados à escolha por restaurantes. Estudos demonstram, por exemplo, que a frequência do consumo fora do domicílio e a seleção de restaurantes estão diretamente relacionadas com fatores sociodemográficos da população, como: sexo, idade, estado civil, grau de escolaridade, renda familiar, zona de habitação, entre outros (AKBAY; TIRYAKI; GUL, 2007; AUTY, 1992; AZANZA, 2001; BEZERRA et al., 2013; BRANCO; SALAY, 2001; OYEWOLE, 2007; RUMORE et al., 1999; RYDELL et al., 2008; SANCHES; SALAY, 2011). Desse modo, estas características são frequentemente consideradas em estudos sobre consumo fora do domicílio.

Ressalta-se que apesar do crescimento do setor de alimentação comercial ser evidente, são limitados os dados na literatura sobre a realização de refeições realizadas fora de casa no Brasil,

incluindo o consumo em estabelecimentos comerciais e o comportamento do consumidor nestes locais.

3.2.1 Perfil dos consumidores em restaurante tipo *fast food*

Analisando a realização de refeições fora de casa, observa-se que a escolha por restaurantes tipo *fast food* é frequente. Em estudo realizado por Ayala et al. (2005) 43,1% das mulheres latinas participantes do estudo (aproximadamente 154 indivíduos) preferiam consumir nestes estabelecimentos. Em Minnesota, nos EUA, um aumento no consumo em *fast food* por adolescentes foi observado entre os anos de 1999 a 2004 (BAUER et al., 2009).

A conveniência, o estilo de vida das pessoas e o tempo para a realização das atividades, são fatores que contribuem para o aumento da importância de restaurantes tipo *fast food* na dieta da população (PAERATAKUL et al., 2003). Além desses motivos, ainda pode-se citar: a apreciação do sabor (AYALA et al., 2005; BRYANT; DUNDES, 2008; DENNEY-WILSON et al., 2009; DRISKELL; MECKNA; SCALES, 2006; ELBEL; GYAMFI; KERSH, 2011); a preferência da família, amigos ou filhos (AYALA et al., 2005; DRISKELL; MECKNA; SCALES, 2006); a proximidade entre o restaurante e a casa do consumidor (BOONE-HEINONEN et al., 2011); a variedade do cardápio (AYALA et al., 2005); a localização do estabelecimento (DENNEY-WILSON et al., 2009; DRISKELL; MECKNA; SCALES, 2006); a falta de habilidades culinárias das pessoas; as propagandas (DRISKELL; MECKNA; SCALES, 2006) e o baixo preço dos alimentos e bebidas comercializados nestes locais (BRYANT; DUNDES, 2008; DENNEY-WILSON et al., 2009; DRISKELL; MECKNA; SCALES, 2006; GEREND, 2009). Medeiros e Salay (2013), a partir de uma revisão da literatura científica, observaram que os aspectos mais relevantes levantados pelos consumidores para selecionar um restaurante tipo *fast food* foram: preço, rapidez no serviço, qualidade do serviço e do alimento, higiene, sabor do alimento, simpatia ou conduta dos funcionários e a conveniência.

Estudos anteriores reportaram o perfil dos consumidores de restaurantes tipo *fast food* (Tabela 1). Por exemplo, em alguns grupos populacionais observa-se que os consumidores do sexo masculino consumiam mais em *fast food* (DRISKELL; MECKNA; SCALES, 2006; LARSON et al., 2008; LARSON et al., 2011; MONGE-ROJAS et al., 2013; MOORE et al., 2009; SCHRÖDER; FITO; COVAS, 2007). No entanto, no município de Campinas-SP, Sanches e Salay (2011)

observaram que as mulheres almoçavam mais frequentemente em restaurantes tipo *fast food* do que os homens. Em estudo realizado por Driskell, Meckna e Scales (2006) e por Rydell et al. (2008), observou-se que as mulheres foram mais propensas que os homens a frequentarem restaurantes tipo *fast food* por causa da família e dos amigos.

Tabela 1 - Estudos referente ao perfil dos consumidores de restaurante tipo *fast food*.

(continua)

Autor/Ano/ País do estudo	Participantes	Sexo dos participantes	Idade dos participantes (anos)	Principais resultados relacionados ao perfil dos consumidores
French et al. 2001, EUA	4.746 adolescentes	50,2% masculino 49,8% feminino	Idade média 14,9	Na semana anterior ao estudo observou-se maior frequência em <i>fast food</i> por homens e por adolescentes homens com maior escolaridade. No caso do sexo feminino, adolescentes com menor renda consumiram mais frequentemente em <i>fast food</i> .
Paeratakul et al. 2003 EUA	17.370 adultos e crianças	49,8% masculino 50,2% feminino	Idade ≥ 2	37% dos adultos e 42% das crianças consumiam em <i>fast food</i> . O consumo neste estabelecimento entre indivíduos com idade de 10 a 39 anos foi alto. Famílias maiores e indivíduos com maior renda frequentavam mais estabelecimentos <i>fast food</i> .
Driskell, Meckna e Scales 2006, EUA	226 universitários	50% masculino 50% feminino	Idade ≥ 19	Consumidores do sexo masculino consumiam mais frequentemente em <i>fast food</i> . O almoço foi a refeição mais realizada pelos homens, seguida do jantar. Já as mulheres realizavam mais frequentemente a refeição do jantar, seguida do almoço.
Larson et al. 2008, EUA	1.686 adolescentes	45% masculino 55% feminino	Idade média 15,9 (1998- 1999) Idade média 20,5 (2003- 2004)	Na adolescência a ingestão ≥ 3 vezes por semana em <i>fast food</i> foi relatada por 24 % dos homens e 21% das mulheres. Na fase adulta o consumo entre os homens aumentou (33%). A população de renda média-baixa consumia mais em <i>fast food</i> , assim como as mulheres que trabalhavam em tempo integral ou 40 horas semanais.
Schröder, Fito e Covas 2007, Espanha	3.054 adultos	48,8% masculino 51,2% feminino	Idade entre 25 a 74	O consumo em <i>fast food</i> diminuiu conforme o aumento da idade. Indivíduos com maior escolaridade e fumantes eram mais propensos a consumir em <i>fast food</i> .
Moore et al. 2009, EUA	5.633 adultos	47,4% masculino 52,6% feminino	Idade entre 45 a 84	Indivíduos do sexo masculino reportaram consumir mais frequentemente em <i>fast food</i> do que do sexo feminino. Indivíduos com menor escolaridade, mais velhos e com menor renda relataram um consumo menos frequente em <i>fast food</i> .

Tabela 1 - Estudos referente ao perfil dos consumidores de restaurante tipo *fast food*.

(conclusão)

Autor/Ano/ País do estudo	População	Sexo dos participantes	Idade dos participantes	Principais resultados relacionados ao perfil dos consumidores
Elbel, Gyamfi e Kersh 2011, EUA	349 crianças e adolescentes	47% masculino 53% feminino	Idade entre 1 a 17	31% dos participantes visitaram restaurante tipo <i>fast food</i> sem os pais. Entre os adolescentes, observou-se que 35% consumiam <i>fast food</i> seis vezes ou mais por semana.
Sanches e Salay 2011, Brasil	250 adultos	50% masculino 50% feminino	Idade \geq 18	As mulheres almoçavam mais frequentemente em <i>fast food</i> do que os homens. Indivíduos com idade \geq 60 anos almoçavam menos frequentemente em <i>fast food</i> que consumidores mais jovens.
El-Sayed, El-Hussani e El-Gilany 2013, Arábia Saudita e Egito	1.016 adolescentes	100% feminino	Idade entre 10 a 19	As adolescentes sauditas consumiam mais frequentemente em restaurantes tipos <i>fast food</i> do que as estudantes egípcias.
Berge et al. 2014, EUA	2.682 adolescentes	46,8% masculino 53,2% feminino	Idade média 14,4	A frequência da família em realizar refeições fora de casa associou-se ao consumo frequente em <i>fast food</i> . Assim como, a localização próxima destes estabelecimentos.

A idade também pode interferir no consumo em restaurantes tipo *fast food*. Aparentemente, ocorre uma diminuição na escolha destes locais com o aumento da idade (BOWMAN; VINYARD, 2004; DUNN et al., 2008; MEDEIROS; SALAY, 2013; SCHRÖDER; FITO; COVAS, 2007). Nos EUA, adolescentes visitavam estes estabelecimentos aproximadamente de duas a três vezes por semana (LIN; GUTHRIE; FRAZAO, 1999). Já indivíduos mais velhos (>60 anos) consumiam em restaurantes tipo *fast food* menos frequentemente (MOORE et al., 2009; PAERATAKUL et al., 2003). Em outro estudo realizado em duas cidades dos EUA, verificou-se que 35% dos adolescentes consumiam *fast food* seis vezes ou mais por semana (ELBEL; GYAMFI; KERSH, 2011). Já na região de Minnesota, observou-se que 75% de estudantes adolescentes consumiam em lojas de *fast food* pelo menos uma vez por semana (FRENCH et al., 2001). Resultados semelhantes também foram encontrados em outros países. Em pesquisa realizada na Austrália com 2.719 adolescentes com idade entre 11 e 16 anos, observou-se um alto consumo de alimentos em restaurantes tipo *fast food*, pelo menos uma vez por semana (DENNEY-WILSON et al., 2009). Já El-Sayed, El-Hussani e El-Gilany (2013), estudaram 1016 mulheres com idade entre 10 a 19 anos, na Arábia Saudita e no Egito. Os autores observaram que na semana anterior ao estudo 45,7% das

adolescentes sauditas e 22,8% das estudantes egípcias tinham frequentado três vezes ou mais restaurantes tipos *fast food*.

O grau de escolaridade da população também parece estar associado com a frequência nestes locais. Estudos constataram que consumidores com maior grau de escolaridade consumiam mais em restaurante tipo *fast food* (SANCHES; SALAY, 2011; SCHRÖDER; FITO; COVAS, 2007). Em estudo de Paeratakul et al. (2003), o tamanho da família também pareceu influenciar o consumo. Os autores observaram que quanto maior a família, maior a frequência de consumo nestes estabelecimentos.

Na pesquisa de Larson et al. (2008), os tipos de refeições mais realizadas por jovens adultos nestes locais foram os lanches e o almoço. Já em estudo realizado por Driskell, Meckna e Scales (2006), observou-se que o almoço foi a refeição mais realizada pelos homens, seguida do jantar. Enquanto que para as mulheres a refeição mais realizada foi o jantar, seguida do almoço. Destaca-se que em ambos os estudos o café da manhã foi a refeição menos realizada em restaurantes tipo *fast food* (DRISKELL; MECKNA; SCALES, 2006; LARSON et al., 2008).

Larson et al. (2008) também observaram que jovens adultos que preparavam alimentos em casa foram menos a restaurantes tipo *fast food* do que indivíduos que não cozinhavam. Ainda, Berge et al. (2014), verificaram que a maior frequência da família em realizar refeições fora de casa associou-se ao alto consumo em *fast food* por adolescentes. Além disso, a presença desses restaurantes próximos às residências das pessoas também pode resultar em maior consumo nestes locais (INAGAMI et al., 2009; MOORE et al., 2009).

A partir do exposto foi possível observar características sociodemográficas predominantes entre consumidores de restaurantes tipo *fast food*. Destaca-se a alta frequência dos adolescentes nestes estabelecimentos. Fato que gera certa preocupação para com a saúde deste grupo, devido à qualidade da dieta oferecida em alguns estabelecimentos.

3.3 Alimentação saudável

A promoção de práticas alimentares saudáveis é um dos objetivos e uma das estratégias centrais do Programa Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN), do Ministério da Saúde (BARRETO et al., 2005; BRASIL, 2003). De acordo com o Guia Alimentar para a População Brasileira uma alimentação saudável deve fornecer ao indivíduo água, carboidratos, proteínas,

lipídios, vitaminas, fibras e minerais, elementos insubstituíveis e indispensáveis ao bom funcionamento do organismo (BRASIL, 2008). Diariamente devem estar presentes em uma dieta todos os grupos alimentares (cereais, legumes e verduras, frutas, leite e derivados, e alimentos proteicos – carnes, ovos, leguminosas) (BRASIL, 2008; USDA, 2009; WHO, 1998). Nenhum alimento específico ou grupo de alimentos isolado é suficiente para fornecer todos os nutrientes necessários para uma boa nutrição e manutenção da saúde (BRASIL, 2008). As tabelas 2 e 3 mostram alguns parâmetros de recomendações para uma alimentação balanceada para a população brasileira.

Tabela 2 – Recomendações de macronutrientes para o consumo alimentar da população brasileira.

Micronutrientes	Recomendação de ingestão diária (% VET^a)	Exemplos de fontes alimentares
Carboidratos*	55 a 75	
Carboidratos complexos e fibras*	45 a 65	Massas, pão, arroz, cereais integrais, mandioca.
Carboidratos simples*	10	Açúcar de mesa, refrigerantes e sucos artificiais, doces.
Gorduras*	15 a 30	Óleos vegetais, margarinas, manteigas.
Gordura saturada*	10	Torresmo, pele de frango.
Gordura trans**	0	Ingrediente utilizado em chocolates, bolachas recheadas, entre outros.
Proteínas*	10 a 15	Carnes, ovos, feijão, grão-de-bico.

^aVET: Valor Energético Total; *Recomendação Brasil, 2008;**Recomendação WHO, 2004.

Fonte: tabela elaborada a partir dos dados do Guia Alimentar para a População Brasileira (2008) e da Estratégia Global em Alimentação Saudável, Atividade Física e Saúde (2004).

Tabela 3 – Recomendações por grupos alimentares para o consumo alimentar da população brasileira enfocando a promoção da saúde.

Grupos alimentares	Recomendação de ingestão diária (% do valor energético total)*	Porções diárias por grupos de alimentos	Exemplos de porções alimentares
Cereais, tubérculos e raízes	45 (mínimo)	6	4 colheres de sopa de arroz branco cozido; 6 colheres de sopa de arroz integral cozido; 1½ unidade de batata cozida; 6 unidades de biscoito tipo cookies com gotas de chocolate/coco; 1 unidade média de pão de batata; 2 fatias de pão de centeio.
Frutas	9 a 12	3	1 fatia de abacaxi; 1 unidade de maçã; ¾ de copo de requeijão de suco de laranja puro.
Legumes e verduras		3	2 colheres de sopa de abobrinha cozida; 15 folhas de alface; 4 fatias de tomate comum.
Feijão e outros alimentos vegetais ricos em proteínas	5	1	1 concha média rasa de feijão preto cozido.
Leite e derivados	NI ^a	3	2 ½ colheres de sopa de coalhada; 1 fatia grande de queijo tipo minas frescal; ½ copo de requeijão de iogurte integral de frutas.
Carnes e ovos	NI	1	1 unidade de bife grelhado.
Óleos e gorduras	15 a 30	1	1 colher de sopa de azeite de oliva.
Açúcares e doces	10	1	1 colher de sopa de geleia de frutas.

^aNI: Não Informado.

*Recomenda-se a restrição de consumo de sódio (sal) no máximo de 5g/dia (1 colher rasa de chá por pessoa), e a ingestão de 1ml de água/kcal de energia gasta para adultos e de 1,5 mL de água/kcal de energia gasta para crianças.

Fonte: tabela elaborada a partir dos dados do Guia Alimentar para a População Brasileira (2008).

A preocupação com a alimentação da população tem sido estendida às refeições realizadas fora de casa. Como citado anteriormente, muitas pessoas realizam suas refeições em restaurantes comerciais, desse modo, a atenção para com a qualidade nutricional⁶ dos alimentos oferecidos nestes estabelecimentos tem aumentado nos últimos anos (PROENÇA et al., 2008). Dentre as opções de alimentos mais saudáveis oferecidos nestes estabelecimentos, destacam-se os legumes e

⁶ A qualidade nutricional refere-se à capacidade de um alimento em satisfazer as necessidades fisiológicas do homem. É medida pelo teor de nutrientes presentes no alimento, e esta qualidade apresenta um aspecto quantitativo (quilocalorias) e qualitativo (composição do alimento) (PROENÇA et al., 2008).

verduras. Frequentemente estes alimentos são ofertados nestes locais na forma de salada crua ou cozida, assim como de acompanhamento (por exemplo, legume refogado). Ao considerarmos os restaurantes tipo *fast food* é comum a oferta de saladas cruas como uma das opções saudáveis disponíveis ao consumidor (CHAND; EYLES; MHURCHU, 2012; DUNFORD et al., 2010).

3.3.1 Verduras e legumes: importância e consumo no Brasil

O Guia Alimentar para a População Brasileira descreve sete diretrizes⁷, incluindo duas diretrizes especiais⁸, que visam à alimentação saudável e à promoção da saúde. Dentre as diretrizes tem-se a diretriz nº 3 que aborda a importância do consumo de frutas, verduras e legumes na promoção de alimentação saudável. Ressalta-se que outros alimentos de origem vegetal como os tubérculos e as raízes, por serem alimentos ricos em carboidratos, e os feijões e outros grãos de leguminosas por serem vegetais ricos em proteínas não foram incluídos na diretriz nº 3 do Guia Alimentar para População Brasileira (BRASIL, 2008).

Para fim de entendimento verduras e legumes podem ser definidos a partir do conceito de Philippi (2006, p. 69) “[...] plantas ou partes de plantas que servem para o consumo humano, como folhas, flores, frutos, caules, sementes, tubérculos e raízes. Hortaliça é a denominação genérica para legumes e verduras.”. A autora sugere que se utilize o termo “verduras” quando a parte que é consumida dos vegetais são as folhas, as flores, os botões ou as hastes, como por exemplo, alface e brócolis. Já o termo “legumes” refere-se quando as partes comestíveis são os frutos, as sementes ou as partes que se desenvolvem na terra, como por exemplo, cenoura e tomate.

As verduras e legumes são alimentos com alto valor nutritivo e fontes de vitaminas, minerais e fibras solúveis e insolúveis. A recomendação do consumo destes alimentos é de no mínimo três porções por dia (Tabela 3). No Brasil, o consumo de verduras e legumes, de acordo com estudo recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁹, é inferior à

⁷ Diretrizes do Guia Alimentar para População Brasileira: (1) Os alimentos saudáveis e as refeições; (2) Cereais, tubérculos e raízes; (3) Frutas, legumes e verduras; (4) Feijões e outros alimentos vegetais ricos em proteínas; (5) Leite e derivados, carnes e ovos; (6) Gorduras, açúcares e sal; (7) Água (BRASIL, 2008).

⁸ Diretrizes especiais do Guia Alimentar para População Brasileira: (1) Atividade física; (2) Qualidade sanitária dos alimentos (BRASIL, 2008).

⁹ A Pesquisa de Orçamento Familiar, realizada pelo IBGE, estudou a análise do consumo alimentar pessoal dos brasileiros e foi realizada em parceria entre o IBGE e o Ministério da Saúde. A amostra selecionada registrou e relatou, por dois dias, os nomes dos alimentos consumidos, os tipos de preparações, a medida utilizada (ex. colher), a

quantidade recomendada (400g/dia) pela OMS (WHO, 2003) e pelo Guia Alimentar da População Brasileira (três porções por dia) (BRASIL, 2008). Menos de 10% das refeições da população estava de acordo com estas recomendações (IBGE, 2011b).

O consumo médio *per capita* (g/dia) de verduras e legumes no Brasil é de aproximadamente 40,3 g/dia. Nas grandes regiões do país a maior ingestão *per capita* aproximada de verduras e legumes foi na região Centro-Oeste (64,8 g/dia), seguida da região Sul (54,0 g/dia), Sudeste (48,9 g/dia), Norte (19,4 g/dia) e Nordeste (19,3 g/dia) (IBGE, 2011b). Considerando o sexo dos indivíduos, os homens referiram consumir menor quantidade *per capita* de verduras e saladas do que as mulheres (IBGE, 2011b). Analisando os resultados a partir da classificação divulgada pela POF, verificou-se maior consumo pela população de: salada crua (14,8 g/dia), tomate (6,5 g/dia), outros legumes (4,6 g/dia), couve (3,8 g/dia) e alface (3,6 g/dia)¹⁰ (IBGE, 2011b).

A POF também analisou a ingestão de verduras e legumes fora do domicílio. Na tabela 4 é possível verificar o consumo alimentar médio *per capita* de verduras e legumes de adolescentes, adultos e idosos no Brasil e seu percentual de consumo fora do domicílio. Entre a população de adolescentes o percentual de consumo fora do domicílio de verduras e legumes, em relação ao consumo total, foi maior para cenoura (12%), tomate (10%) e repolho (9,4%). Já entre os adultos verificou-se maior percentual da ingestão de cenoura (27,3%), alface (25,9%) e couve (22,2%).

Nos EUA, no período de 2003-2004, 36,6% da média diária da ingestão de verduras e legumes foi consumida fora do domicílio, principalmente em restaurantes do tipo *fast food*. Todavia, o consumo médio total diário desses alimentos foi inferior a uma xícara (ERS-USDA, 2012).

quantidade consumida, o horário do consumo e se o mesmo foi realizado no domicílio ou fora do domicílio (IBGE, 2011b).

¹⁰ Na Análise do Consumo Alimentar Pessoal no Brasil divulgado a partir da Pesquisa de Orçamento Familiar, consta em anexo a classificação dos grupos de alimentos segundo o cadastro de alimentos e preparações feito na pesquisa. O grupo das “Verduras” foi dividido em “alface”, “couve”, “repolho”, “salada crua” e “outras”. O grupo dos “Legumes” foi dividido em “abóbora”, “cenoura”, “chuchu”, “pepino”, “tomate” e “outros” (IBGE, 2011b).

Tabela 4 – Percentual do consumo alimentar de verduras e legumes fora do domicílio, pela população brasileira.

Alimentos	Consumo alimentar médio <i>per capita</i> (g/dia)			Percentual de consumo fora do domicílio em relação ao total consumido (%)		
	Adolescentes	Adultos	Idosos	Adolescentes	Adultos	Idosos
Verduras						
<i>Alface</i>	2,1	4,0	3,9	6,9	25,9	4,4
<i>Couve</i>	2,2	4,1	5,1	7,4	22,2	9,7
<i>Repolho</i>	0,6	1,0	1,4	9,4	21,6	5,9
<i>Salada Crua</i>	8,8	16,4	15,4	8,4	22,1	9,9
<i>Outras verduras</i>	0,6	1,4	2,7	7,2	18,9	12,8
Legumes						
<i>Abóbora</i>	1,0	2,3	3,8	4,1	9,9	3,9
<i>Cenoura</i>	0,6	0,9	1,5	12,0	27,3	1,9
<i>Chuchu</i>	0,1	0,8	1,7	5,3	11,9	0,5
<i>Pepino</i>	0,4	0,7	0,6	3,8	15,9	12,1
<i>Tomate</i>	4,4	7,2	6,2	10,0	18,5	4,2
<i>Outros legumes</i>	2,0	4,8	7,0	8,8	16,8	2,6

Fonte: tabela adaptada de IBGE, 2011b.

Em relação à idade dos brasileiros, os valores médios *per capita* indicaram menor consumo de saladas e verduras, para adolescentes (22,8 g/dia, aproximadamente) quando comparados aos adultos (43,6 g/dia, aproximadamente) e idosos (49,3 g/dia, aproximadamente) (IBGE, 2011b). Resultados semelhantes foram observados nos EUA, visto que a população adulta com idade igual ou maior que 20 anos consumia mais verduras e legumes¹¹ do que indivíduos entre dois a 19 anos de idade (ERS-USDA, 2012).

Além da POF, o consumo de verduras e legumes por adolescentes brasileiros já foi estudado por outros pesquisadores (Tabela 5). Porém, é importante citar que há uma escassez de pesquisas sobre o consumo de hortaliças fora do domicílio, visto que somente a POF discute e apresenta o consumo de hortaliças fora do domicílio. Além disso, não foram encontrados estudos no Brasil, que abordem os fatores psicossociais associados à intenção de consumo de verduras e legumes.

¹¹ Nos dados publicados pelo *Economic Research Service - United States Department of Agriculture*, o consumo de batata (*potatoes*) está incluído entre as verduras e legumes (*vegetables*). Sendo assim, nesta análise do consumo apresentada optou-se por excluir o valor referente ao consumo de batatas.

Na tabela 5 observa-se pelos estudos analisados que, a população adolescente no Brasil, em diferentes localidades, consome quantidade inferior a recomendada para este grupo de alimentos. O consumo de verduras e legumes por adolescentes esteve associado com a renda familiar (ASSUMPÇÃO et al., 2012; IBGE, 2011b; NEUTZLING et al., 2010a) e a escolaridade do chefe da família (GODOY et al., 2006; ASSUMPÇÃO et al., 2012). Araújo et al. (2010), Nahas et al. (2009), Neutzling et al. (2010b), Levy et al. (2010), Toral et al. (2006) e Toral, Slater e Silva (2007), não observaram relação entre a variável sexo e o consumo de verduras e legumes por adolescentes. Contudo, nos estudos de Mendes e Catão (2010) e Muniz et al. (2013), observou-se consumo mais frequente entre as meninas. Além disso, no estudo de Dayrell et al. (2009), o estado nutricional dos adolescentes não esteve associado ao consumo deste grupo de alimento.

Tabela 5 – Estudos referente ao consumo de hortaliças por adolescentes brasileiros.

(continua)

Autor/Ano	Local da pesquisa	Número de indivíduos/sexo/idade	Método de avaliação do consumo	Consumo de vegetais por adolescentes
Gambardella, Frutuoso e Franch 1999	Santo André-SP	n=153; masculino, feminino*; 11 a 18 anos	Perguntas sobre consumo alimentar	Observou-se um consumo de hortaliças no almoço por 71% dos indivíduos, e no jantar por 52%.
Carvalho et al. 2001	Teresina-PI	n=334; 46 % masculino, 54% feminino; 10 a 19 anos	QFA	56,55% das meninas e 52,04% dos meninos consumiam hortaliças folhosas semanalmente (ao menos uma vez na semana).
Andrade, Pereira e Sichieri 2003	Rio de Janeiro-RJ	n=387; 55% masculino, 45% feminino; 12 a 17,9 anos	QFA	Houve uma prevalência de consumo de hortaliças inferior às porções recomendadas.
Brasil, MS 2004	15 capitais brasileiras e DF	n=23.457; 43% masculino, 57% feminino; > 15 anos	Perguntas sobre consumo alimentar ^A	A população de 15 a 24 anos que consumiam frutas, legumes e verduras \geq 5 vezes/semana, consumia menos que as pessoas com idade \geq 25 anos, exceto em Manaus e Belém.
Santos et al. 2005	Teixeira de Freitas-BA	n=354; 62% masculino, 38% feminino; 17 a 19 anos	Frequência de consumo	34,2% consumiam tomate <4 vezes/semana e 36,4% alface. 49,2% consumiam tomate \geq 4 vezes/semana, e 31,9% alface.
Godoy et al. 2006	Butantã-SP	n=437; 51% masculino, 49% feminino; 12 a 19 anos	R24h e IQD	Houve um baixo consumo de hortaliças, e as médias da pontuação dos componentes do IQD foram baixas (<5) para hortaliças.

Tabela 5 – Estudos referente ao consumo de hortaliças por adolescentes brasileiros.

(continuação)

Autor/Ano	Local da pesquisa	Número de indivíduos/sexo/idade	Método de avaliação do consumo	Consumo de vegetais por adolescentes
Ribeiro et al. 2006	Belo Horizonte-MG	n=1450; 47% masculino, 53% feminino; até 18 anos	Questões sobre frequência de consumo alimentar ^B	Observou-se que quase metade (48%) dos indivíduos consumiam frutas e vegetais diariamente; 23%, 2-3 dias/semana; e 11%, 4-6 dias/semana.
Toral et al. 2006	São Paulo-SP	n=234; 78 % masculino, 22% feminino; 10 a 19 anos	1 questão: frequência de consumo alimentar	A mediana para consumo de verduras foi de 1,2 porções/dia. Somente 10,3% dos indivíduos tinham um consumo adequado às recomendações da pirâmide alimentar e 12% um consumo superior.
Dalla Costa, Cordoni Júnior e Matsuo 2007	Toledo-PR	n=2.562; 44% masculino, 56% feminino; 14 a 19 anos	QFA	As hortaliças mais consumidas foram alface, tomate, repolho, cenoura e pepino. Não eram consumidos: chicória (78,6%), quiabo (72,7%), abóbora (72,2%), vagem (66,7%) e abobrinha (62,5%).
Toral, Slater e Silva 2007	Piracicaba-SP	n=390; 46% masculino, 54% feminino; 12.4 anos (média)	QFAA	Os indivíduos consumiam aproximadamente 2,4 (2,2 - 2,6) porções/dia de hortaliças, e 70.5% tinham um consumo inadequado de hortaliça, quando comparado às recomendações do Guia.
Farias Júnior, Mendes e Barbosa 2007	João Pessoa – PB	n=2.768; 44% masculino, 56% feminino; 14 a 18 anos	Perguntas sobre Frequência de consumo alimentar	Observou-se uma baixa frequência de consumo de verduras (55,7%), havendo um consumo menor entre o sexo masculino.
Castro et al. 2008	Rio de Janeiro-RJ	n=1.684; 47% masculino, 53% feminino; ≥ 13 anos	Frequência de consumo e adesão ao PAE	Havia um baixo consumo de frutas e hortaliças. Somente 20% e 16,5% dos adolescentes consumiam salada crua e legume cozido (respectivamente) frequentemente.
Romanzini et al. 2008	Londrina-PR	n=644; 38% masculino, 62% feminino; 16 anos (média)	Perguntas sobre consumo alimentar ^C	Consumo inadequado (< 4 dias/semana) de verduras (43,9%).
Belarmino et al. 2009	Fortaleza-CE	n=40; 100% feminino; 12 a 19 anos	Técnica de alimentação diária habitual	O consumo de frutas e hortaliças foi baixo. O consumo de vegetais e frutas foi realizado no café da manhã (10%), almoço (20%), lanche (25%) e no jantar (5%).
Dayrell et al. 2009	São Paulo-SP	n=23; 100% masculino; 15 a 18 anos	R24h	Baixo consumo de hortaliças. Indivíduos obesos consumiram em média 0,3 porção, já os eutróficos consumiram em média 0,4 porção.

Tabela 5 – Estudos referente ao consumo de hortaliças por adolescentes brasileiros.

(continuação)

Autor/Ano	Local da pesquisa	Número de indivíduos/sexo/idade	Método de avaliação do consumo	Consumo de vegetais por adolescentes
Nahas et al. 2009	Recife-PE Florianópolis-SC	n=2,147; 44,3% masculino, 44,3% feminino; 15 a 24 anos	Perguntas sobre frequência de consumo	Em Florianópolis, o consumo de vegetais foi de 3,7 dias/semana, enquanto que em Recife foi de 3,6 dias/semana.
Silva et al. 2009	Fortaleza-CE	n=720; 41% masculino, 59% feminino; 14 a 19 anos	Perguntas sobre consumo alimentar ^D	O consumo de hortaliças/folhosos não foi habitual (consumo \geq 4 vezes/semana), somente 34,3% os consumiam. Aproximadamente 66% consumiam $<$ 4 vezes/semana.
Andrade et al. 2010^E	4 áreas geográficas do estado de SP	n=1584; 49,1% masculino, 50,9% feminino; 12 a 20 anos	R24h e IQD	Baixo IQD ($<$ 5) para o consumo de vegetais foram encontrados.
Araújo et al. 2010	Fortaleza-CE	n=794; 43% masculino, 57% feminino; 12 a 17 anos	QFA	O consumo de alface foi habitual para 45,6% dos adolescentes e foi habitual para 45,5% das moças e 45,7% dos rapazes.
Cimadon, Geremia e Pellanda 2010	Bento Gonçalves-RS	n=590; 41,5% masculino, 58,5% feminino; 9 a 18 anos	QFA	O consumo de hortaliça menos que 4 vezes/semana foi observada por 49,5% dos participantes.
Leal et al. 2010	Ilhabela-SP	n=228; 51% masculino, 49% feminino; 10 a 18 anos	R24h	Baixo consumo de verduras e legumes foram observados, representando aproximadamente a ingestão de somente 1 porção destes alimentos.
Levy et al. 2010	26 capitais brasileiras e DF	n=60.973; masculino, feminino*; \leq 13 a \geq 16	Frequência de consumo de 7 dias	31,2% dos indivíduos consumiam hortaliças regularmente, não havendo diferença estatística entre o sexo. Mais de 20% dos alunos não consumiram hortaliças na semana anterior ao estudo.
Mendes e Catão 2010	Formiga-MG	n=139; 48,2% masculino, 51,8% feminino; 10 a 16 anos	Perguntas sobre frequência de consumo	51,8% relataram o consumo diário de verduras e legumes (média de 2,06 porções/dia), e 37,4% o consumo semanal. O consumo adequado foi observado somente por 13,4% dos entrevistados.
Moraes et al. 2010	Maringá-PR Presidente Prudente-SP	n=1.759; 46% masculino, 54% feminino; 14 a 18 anos	QFA	O consumo de vegetais \leq 4 dias/semana em Maringá foi observado entre 60 a 70% dos indivíduos, já em Presidente Prudente entre 70 a 80%.
Neutzling et al. 2010b	Pelotas-RS	n=2,209; 44,4% masculino, 55,6% feminino; 13 a 14 anos	Questionário sobre hábitos alimentares ^F	Somente 5,3% dos adolescentes consumiam vegetais ou frutas \geq 5 vezes/dia.

Tabela 5 – Estudos referente ao consumo de hortaliças por adolescentes brasileiros.

(conclusão)

Autor/Ano	Local da pesquisa	Número de indivíduos/sexo/idade	Método de avaliação do consumo	Consumo de vegetais por adolescentes
Neutzling et al. 2010a	Pelotas-RS	n=4,452; 50,8% masculino, 49,2% feminino; 11 anos	Questionário Block	O consumo diário de saladas verdes e de outros vegetais foi realizado por 11,8% dos indivíduos. Já o consumo semanal foi realizado por 38,2% e 49,8%, respectivamente. O consumo destes alimentos também esteve associado diretamente com o nível socioeconômico.
Slater et al. 2010	Piracicaba-SP	n=80; 28% masculino, 72% feminino; 13.0 anos	QFAA e R24h	Conforme o QFA os indivíduos consumiam 104.3 g/dia de vegetais e conforme o 24hR houve um consumo de 62,9 g/dia.
Bigio et al. 2011	São Paulo-SP	n=812; masculino, feminino*; 12 a 19 anos	R24h	Aproximadamente 20% dos adolescentes não consumiram frutas, legumes e verduras no dia relatado e 6,5% apresentaram ingestão adequada (≥ 400 g/dia).
Fernandes et al. 2011	Presidente Prudente-SP	n=1.630; 46% masculino, 54% feminino; 11 a 17 anos	4 perguntas: frequência do consumo	Os indivíduos que praticavam esportes apresentaram chance 2,20 maior de ter um consumo mais elevado de vegetais.
IBGE 2011b (POF 2008-2009)	Região norte, nordeste, sul, sudeste e centro-oeste do Brasil	n=13.569; masculino, feminino*; ≥ 10 anos	Registro alimentar de 2 dias	22,8 g/dia, aproximadamente.
Assumpção et al. 2012	Campinas-SP	n=409; 49,4% masculino, 50,5% feminino; 12 a 19 anos	R24h e IQD	Observou-se um baixo IQD (< 5) para o consumo de verduras e legumes. Os escores médios dos meninos, para estes alimentos, foram superiores às das meninas. O consumo destes alimentos foi maior quanto mais elevada a renda familiar, e a escolaridade do chefe da família.
Muniz et al. 2013	Caruaru-PE	n=600; 37,7% masculino, 62,3% feminino; 15 a 20 anos	1 pergunta sobre frequência do consumo	Prevalência de consumo diário de legumes/verduras de 29% e 30,7% não consumiam estes alimentos. O consumo foi maior entre as meninas.

QFA (Questionário de frequência alimentar), R24h (Recordatório alimentar de 24 horas), PAE (Programa de Alimentação Escolar), IQD (Índice de Qualidade da Dieta), QFAA (Questionário de frequência alimentar para adolescentes), MS (Ministério da Saúde), SP (Estado de São Paulo), PI (Estado do Piauí), RJ (Estado do Rio de Janeiro), BA (Estado da Bahia), DF (Distrito Federal), MG (Estado de Minas Gerais), PR (Estado do Paraná), PB (Estado da Paraíba), CE (Estado do Ceará), PE (Estado do Pernambuco).

^A Questionário resumido baseado no *Food Screener* desenvolvido por Block et al. (1990).

^B Utilizado instrumento desenvolvido por Gladys Block e cols. e organizado por Thompson e Byers.

^C Foi utilizado o instrumento sugerido por *Global School-based Student Health Survey*.

^D Adaptado de Maestro (2002).

^E Sudoeste da Grande São Paulo (Taboão da Serra, Embu, Itapeperica), distrito de Butantã na cidade de São Paulo, Botucatu e Campinas.

^F Questionário sobre hábitos alimentares proposto pelo Instituto Nacional do Câncer e adaptado para escolares adolescentes.

*Não informou o percentual de indivíduos do sexo masculino e feminino.

Pesquisas demonstram que o consumo de verduras e legumes tem influência direta na saúde dos indivíduos. Oyebode et al. (2014) investigaram os benefícios do consumo de frutas e hortaliças à saúde, entre a população da Inglaterra. Dados de 65.226 indivíduos com idade igual ou maior que 35 anos, referente ao período de 2001 à 2008, foram analisados. Os autores observaram que o consumo de hortaliças esteve associado a diminuição de mortalidade por todas as causas, câncer e por doenças cardiovasculares. A relação entre o consumo regular de hortaliças e a diminuição da incidência de doenças cardiovasculares também foi observada em outros estudos (NESS; POWLES, 1997; JOSHIPURA et al., 2001; WHO, 2002; HARDIN; CHENG; WITTE, 2011). He, Nowson e MacGregor (2006) notaram, por meio de uma meta-análise de oito estudos de coorte, que a alta ingestão de frutas e hortaliças, como por exemplo cinco porções diárias, esteve associada a uma redução de risco de acidente vascular cerebral.

Ao analisar a média populacional brasileira o consumo de legumes e verduras foi associado, entre outros alimentos, com as menores médias percentuais de contribuição de gordura saturada e de açúcar para o consumo energético total (IBGE, 2011b). O consumo destes alimentos entre a população brasileira também foi associado à maior ingestão de fibras alimentares, ferro, folato, vitamina A e vitamina C (IBGE, 2011b), resultados que corroboram com outras evidências científicas de que o consumo de vitaminas, minerais e fibras alimentares associa-se ao consumo de legumes e verduras (AUGUSTO; COBAYASHI; CARDOSO, 2014; BRASIL, 2008; IBGE, 2011b).

Dados referentes ao consumo de frutas, verduras e legumes, em 14 sub-regiões¹² do mundo, foram apresentados no relatório mundial da saúde da OMS. Os níveis estimados de consumo desses alimentos pelo mundo variaram entre 189g/dia na Região das Américas com baixa mortalidade entre crianças e adultos (AMR-B) à 455g/dia na Região Europeia com muito baixa mortalidade entre crianças e adultos (EUR-A). O consumo baixo de frutas, verduras e legumes foi identificado como uma das causas em 19% dos cânceres gastrointestinais, 31% das doenças cardiovasculares isquêmicas e 11% de acidente vascular cerebral no mundo (WHO, 2002). Além disso, conforme

¹² As quatorze sub-regiões do mundo são derivadas de seis regiões citadas pela OMS em estratos de mortalidade. As seis regiões são: Região Africana (AFR); Região das Américas (AMR); Região Leste do Mediterrâneo (EMR); Região Europeia (EUR); Região Sudeste da Ásia (SEAR); Região do Pacífico Ocidental (WPR). Os estratos de mortalidade são divididos em: A (muito baixo para crianças e adultos); B (baixo para crianças e adultos); C (baixo para crianças e alto para adultos); D (alto para crianças e adultos); E (alto para crianças e muito alto para adultos). Sendo assim, as quatorze sub-regiões são: AFR-D, AFR-E, AMR-A, AMR-B, AMR-D, EMR-B, EMR-D, EUR-A, EUR-B, EUR-C, SEAR-B, SEAR-D, WPR-A, WPR-B (WHO, 2002).

dados do relatório mundial da saúde, de modo geral, 2,7 milhões de mortes (4,9%) são atribuídas ao baixo consumo de frutas, verduras e legumes. Dessas mortes, 85% ocorreram por doenças cardiovasculares e 15% por câncer; 43% das doenças ocorreram em mulheres; e 15% ocorreram na Região Europeia com baixa mortalidade entre crianças e alta mortalidade entre adultos (EUR-C), 29% na Região Sudeste da Ásia com alta mortalidade entre crianças e adultos (SEAR-D) e 18% na Região do Pacífico Ocidental com baixa mortalidade entre crianças e adultos (WPR-B) (WHO, 2002).

Outras evidências científicas também mostram que o consumo regular de legumes e verduras protege contra doenças crônicas não transmissíveis, doenças pulmonares crônicas e obstrutivas, acidente vascular cerebral, hipertensão arterial (BRASIL, 2008), alguns tipos de câncer (ex. cólon e reto, pulmão, estômago, esôfago e boca) (BRASIL, 2008; WORLD CANCER RESEARCH FUND AND AMERICAN INSTITUTE FOR CANCER RESEARCH, 1997), hiperlipidemias (NESS; POWLES, 1997; JOSHIPURA et al., 2001; WHO, 2002; HARDIN; CHENG; WITTE, 2011), deficiências de vitaminas e minerais (AUGUSTO; COBAYASHI; CARDOSO, 2014; BRASIL, 2008), e contribui para o controle do peso, auxiliando na prevenção da obesidade (BRASIL, 2008; SVENDSEN et al., 2007). Além disso, o consumo de vegetais folhosos também auxilia significativamente na redução do risco de diabetes tipo 2 (CARTER et al., 2010).

Considerando a importância do consumo de verduras e legumes e que muitos hábitos dos jovens refletem na sua saúde quando adultos torna-se importante à realização de estudos com a população de adolescentes. Nesse sentido, destacam-se as pesquisas que identificam os fatores psicossociais relacionados à intenção de consumo de verduras e legumes.

3.4 Os restaurantes tipo *fast food* e a saúde pública

O consumo nos estabelecimentos do tipo *fast food* tem sido associado com dieta de baixa qualidade nutricional e aumento do ganho de peso (CHENG, 2003; JAWOROWSKA et al., 2013; MOORE et al., 2009; SCHRÖDER; FITO; COVAS, 2007).

A qualidade nutricional de muitas preparações oferecidas em restaurantes tipo *fast food* é uma preocupação para a saúde dos consumidores (DUNFORD et al., 2010; MOORE et al., 2009; USDA, 1998). As preparações podem apresentar alta densidade energética, baixo quantidade de

micronutrientes, alta quantidade de gorduras totais, gorduras saturadas, gorduras trans e sódio (DUNFORD et al., 2010; JAWOROWSKA et al. 2013; MOORE et al., 2009; SCHRÖDER; FITO; COVAS, 2007). Dunford et al. (2010), por exemplo, observaram em redes de *fast food*, na Austrália, que os itens disponíveis para o café da manhã eram ricos em açúcares e gorduras saturadas e os itens que continham frango possuíam alta quantidade de gorduras totais e sódio.

A dieta de consumidores adultos, crianças e adolescentes que frequentam estabelecimentos tipo *fast food*, tende a ser rica em calorias, gorduras, sódio, refrigerantes e batatas fritas e pobres em leite, frutas, vegetais, legumes, fibras dietéticas e algumas vitaminas e minerais (BOWMAN; VINYARD, 2004; FRENCH et al., 2001; JEFFERY et al., 2006; PAERATAKUL et al., 2003; ROUHANI et al., 2012; SCHRÖDER; FITO; COVAS, 2007; SEBASTIAN; WILKINSON ENNS; GOLDMAN, 2009). Entre os consumidores espanhóis, verificou-se que quanto maior a frequência do consumo em restaurantes tipo *fast food* maior a ingestão energética total e a densidade energética consumida, assim como menor o consumo de frutas e de óleo de oliva (SCHRÖDER; FITO; COVAS, 2007). Resultados semelhantes encontraram French et al. (2001), Paeratakul et al. (2003) e Bowman e Vinyard (2004) nos EUA.

Estudos também mostram que a conveniência da localização dos estabelecimentos tipo *fast food* pode influenciar diretamente na qualidade da dieta de adolescentes e jovens, que moram, trabalham ou estudam nas redondezas destes estabelecimentos (BERGE et al., 2014; BOONE-HEINONEN et al., 2011; FORSYTH et al., 2012; SVASTISALEE, HOLSTEIN, DUE, 2012). Davis e Carpenter (2009) observaram que jovens que estudavam em escolas próximas a estes restaurantes ingeriam porções menores de frutas e hortaliças, e maiores de refrigerantes, além de apresentarem maior propensão ao sobrepeso.

Pesquisa de Schröder, Fito e Covas (2007), na Espanha, constatou que o consumo de *fast food* maior que uma vez por semana aumentaria o risco de obesidade em 129%. Já em um estudo de coorte, Pereira et al. (2005) observaram que o consumo em *fast food* foi associado com o ganho de peso corporal e resistência à insulina, sugerindo que frequentar estes estabelecimentos poderia aumentar o risco de obesidade, assim como de diabetes tipo 2. Rosenheck (2008), ao avaliar 16 artigos por meio de uma revisão sistemática, observou evidências científicas sobre o consumo de *fast food* e o ganho de peso corporal dos consumidores. Para o autor, embora haja a necessidade de mais estudos com a população de crianças e adolescentes, as evidências científicas são suficientes para limitar o consumo em *fast food*.

Visando a saúde do consumidor e considerando as evidências apresentadas anteriormente, observa-se aumento considerável na preocupação com a qualidade da alimentação da população nos últimos anos. Esta preocupação deve ser estendida e considerada em todo o setor de alimentação fora de casa, visto a importância destes alimentos na dieta dos indivíduos.

A *National Restaurant Association* (2013) avaliou as tendências de alimentos para o setor de alimentação, em 2014, a partir das considerações de 1.300 chefes de cozinhas. Destaca-se que “nutrição e saúde” foi a 13ª tendência apresentada pelos profissionais de um total de 209 tendências.

Seguindo esta tendência as cadeias de *fast food* estão adicionando preparações mais saudáveis no cardápio (CHAND; EYLES; MHURCHU, 2012; CREEL et al., 2008; DUNFORD et al., 2010; LEWIS et al., 2005), havendo expansão na oferta de opções de preparações com mais frutas, verduras e legumes (PAERATAKUL et al., 2003). Desse modo, ao realizar uma refeição em um restaurante tipo *fast food* é possível optar por refeições com menor teor de gordura e calorias (DRISKELL; MECKNA; SCALES, 2006; CHAND; EYLES; MHURCHU, 2012). Neste sentido, deve-se considerar que o consumo energético difere entre os produtos disponíveis em estabelecimentos tipo *fast food* (SCHRÖDER; FITO; COVAS, 2007). Em estudo de Dunford et al. (2010), os autores observaram que os alimentos com menor quantidade de gorduras totais, gorduras saturadas e sódio ofertados em estabelecimentos tipo *fast food* foram: saladas, sanduíches e acompanhamentos. Achados semelhantes encontraram Chand, Eyles e Mhurchu (2012), ao analisarem 12 redes de *fast food* na Nova Zelândia. Dentre as opções saudáveis disponíveis nas redes analisadas, podem-se citar as saladas, opções saudáveis de sanduíches, *wraps*¹³, *smoothies*¹⁴ com baixos teores de gorduras, entre outros. Em pesquisa realizada nos EUA com 102 restaurantes tipo *fast food*, os autores também observaram a disponibilidade de opções saudáveis nestes estabelecimentos, mesmo que em menor proporção quando comparado com opções não saudáveis (SAELENS et al., 2007).

Contudo, é importante destacar que para alguns consumidores as preparações saudáveis podem ser percebidas como menos saborosas (PAERATAKUL et al., 2003). A percepção dos

¹³ Sanduíches enrolados em uma massa fina que podem ser recheados com diferentes ingredientes (ABRASEL, 2012; 2013).

¹⁴ *Shake*, preparado com frutas ou vegetais frescos e gelo. Ainda, pode conter suco de frutas, suco de vegetais, leite ou iogurte (PERFECT SMOOTHIE, 2014).

indivíduos que frequentam restaurante tipo *fast food* em relação ao sabor de uma alimentação saudável ainda é muito evidente entre os adolescentes. Para muitos, uma alimentação saudável está associada ao sabor ruim, ou a uma refeição menos saborosa (FRENCH et al., 2001). Em pesquisa realizada por French et al. (2001), os autores observaram que os adolescentes que consumiam com maior frequência em restaurantes tipo *fast food* percebiam o sabor do alimento como barreira para consumirem uma alimentação saudável. Além disso, a falta de tempo e de interesse sobre alimentação saudável também foram citadas entre os adolescentes (FRENCH et al., 2001). A percepção do sabor como uma barreira para consumir alimentos saudáveis também foi observada por Larson et al. (2008). Já em estudo realizado por Driskell, Meckna e Scales (2006), observou-se que consumidores do sexo feminino se preocupavam e realizavam escolhas que consideravam mais saudáveis em restaurantes tipo *fast food* do que consumidores do sexo masculino. Complementando, Loannou (2009) observou que, para adolescentes de 15 a 17 anos, o consumo em *fast food* foi considerado algo legal, divertido e que fazia parte de suas vidas como pessoas jovens. Em contrapartida, a escolha por alimentos saudáveis foi associada a algo que não estava relacionado à imagem de uma pessoa jovem.

Além da oferta de alimentos mais saudáveis a disponibilidade das informações nutricionais e de calorias também pode ser utilizada para a promoção da saúde em restaurantes tipo *fast food* (GEREND, 2009). Quando as informações calóricas estão disponíveis as mulheres são mais propensas a escolherem refeições menos calóricas. Para os homens a disponibilidade dessas informações parece não afetar muito suas escolhas (DRISKELL; MECKNA; SCALES, 2006; GEREND, 2009). A diminuição das porções oferecidas nestes estabelecimentos também é vista por especialistas como meio de contribuir para uma alimentação mais saudável (SAELENIS et al., 2007; YALE RUDD CENTER FOR FOOD POLICY AND OBESITY, 2013).

A partir do exposto, observa-se que embora as opções não saudáveis ainda sejam predominantes em estabelecimentos tipo *fast food*, preparações mais saudáveis já estão disponíveis para o consumidor. O consumidor pode optar por fazer uma refeição completa a partir de opções mais saudáveis ou incluir somente alguns itens saudáveis em seus pedidos (WELLARD; GLASSON; CHAPMAN, 2012).

3.5 Teorias comportamentais

A identificação de fatores subjacentes à adoção de comportamentos relacionados à saúde é uma área de estudo antiga e relevante. Uma das motivações para o desenvolvimento destas pesquisas foi à possibilidade de realizar o delineamento de intervenções para mudanças comportamentais, contribuindo para a melhoria da saúde da população. Assim como, também havia interesse em compreender as razões de porque os indivíduos realizam diferentes comportamentos (CONNER; NORMAN, 2005). Ressalta-se a relevância da realização de investigações dado o número elevado de mortes que poderiam ser evitadas modificando-se comportamentos nocivos à saúde (CONNER; NORMAN, 2005; DANAEI et al., 2009; U.S. DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES, 2000).

A adoção ou não de determinado comportamento varia de acordo com as pessoas. Os fatores que influenciam o comportamento podem estar relacionados a fatores intrínsecos ao sujeito (ex.: fatores socioeconômicos, personalidade, cultura e cognições) ou a fatores extrínsecos ao indivíduo (ex.: fatores ambientais). Destes, os fatores intrínsecos recebem maior atenção na psicologia social, havendo uma consideração dos mesmos em estudos com teorias comportamentais (CONNER; NORMAN, 2005).

As teorias comportamentais têm sido utilizadas amplamente na área da saúde e podem ser caracterizadas como de predição ou de mudança comportamental. As teorias de predição, como a TCP, são assim denominadas, pois são projetadas para prever se um comportamento será adotado ou não. Desse modo, a partir destas teorias é possível obter informações quanto às razões para a adoção de um comportamento, pois permite identificar os fatores subjacentes ao comportamento e entendê-los melhor. Já as teorias de mudanças sugerem técnicas e estratégias que podem levar a uma mudança planejada do comportamento (GODIN, 2012). No quadro 1 é possível observar algumas das teorias mais utilizadas para estas finalidades na área da saúde.

Quadro 1 – Teorias de predição e mudança comumente utilizadas em comportamentos relacionados à saúde.

Teorias	Tipo de teoria
Modelo Crença em Saúde (<i>Health Belief Model</i>)	Predição
Teoria da Ação Racional (<i>Theory of Reasoned Action</i>)	Predição
Teoria do Comportamento Planejado (<i>Theory of Planned Behavior</i>)	Predição
Teoria do Comportamento Interpessoal (<i>Theory of Interpersonal Behavior–TIB</i>)	Predição
Modelo Transteórico (<i>Transtheoretical Model</i>)	Mudança
Teoria da Autodeterminação (<i>Self-determined Theory</i>)	Mudança
Teoria Cognitiva Social (<i>Social Cognitive Theory</i>)	Predição e mudança

Fonte: Adaptado de Godin, 2013.

A TCP foi desenvolvida por psicólogos sociais e tem sido aplicada amplamente para a compreensão de diferentes comportamentos (AJZEN, 1991). Uma abordagem resumida desta teoria será descrita a seguir.

3.5.1 Teoria do Comportamento Planejado

Dentre as teorias mais utilizadas na literatura científica para analisar o comportamento alimentar destaca-se a Teoria do Comportamento Planejado (TCP), ou *Theory of Planned Behavior* (TPB). A TCP é uma extensão da Teoria da Ação Racional (TAR), ou *Theory of Reasoned Action* (TRA), a qual considera que os indivíduos realizam suas decisões racionalmente (conscientes ou não), utilizando as informações disponíveis (AJZEN, 1991). Desta maneira, a TAR considera somente os comportamentos volitivos¹⁵. A extensão da TAR fez-se necessária devido às limitações apresentadas por esta teoria em lidar com comportamentos sobre os quais as pessoas têm um controle volitivo incompleto (GODIN, 2013).

¹⁵ Um comportamento sobre o controle volitivo refere-se a um comportamento em que a pessoa é capaz de decidir se quer ou não realizá-lo, ou seja, a realização do comportamento depende da vontade da pessoa (AJZEN, 1991; BLACKWHEEL; MINIARD; ENGEL, 2005).

A TCP considera que os comportamentos realizados não estão todos sob um controle volitivo, desse modo, esta teoria propõe a inclusão da variável controle comportamental percebido, em adição as variáveis já incorporadas pela TRA (atitude e norma subjetiva) (AJZEN, 1991; GODIN, 2012).

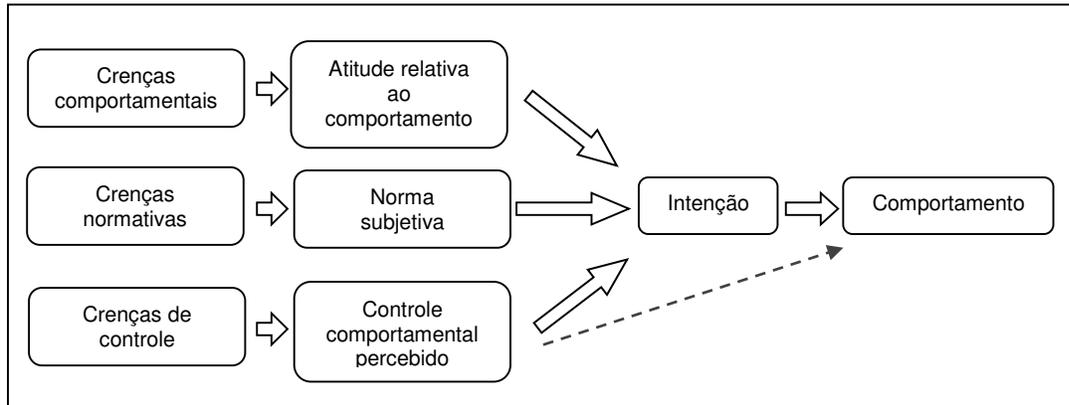
A TCP incorpora alguns conceitos das ciências sociais e comportamentais, e define estes conceitos para prever e compreender um comportamento específico em um contexto pré-determinado. Este modelo sugere que o comportamento humano é guiado por três conjuntos de crenças (AJZEN, 1991):

- a) Crenças comportamentais: crenças sobre as consequências prováveis de que o comportamento produzirá um determinado resultado. As crenças comportamentais originam uma atitude relativa ao comportamento que pode ser positiva ou negativa.
- b) Crenças normativas: crenças sobre as expectativas normativas de outras pessoas. As crenças normativas indicam a pressão social percebida ou a norma subjetiva.
- c) Crenças de controle: crenças sobre a presença de fatores que facilitam ou impedem o comportamento. As crenças de controle produzem o controle comportamental percebido.

A intenção é considerada um antecedente principal do comportamento (Figura 1) e é formada pela atitude relacionada ao comportamento, pelas normas subjetivas e pelo controle comportamental percebido (AJZEN, 1991; 2006).

Os constructos da TCP podem ser classificados em duas categorias, dependendo se os itens utilizados para medi-los são fixos ou variáveis, conforme a amostra estudada (FISHBEIN et al., 1992 apud GAGNÉ; GODIN, 1999). A primeira categoria é representada pela intenção, comportamento e pelos constructos diretos da TCP (atitude, norma subjetiva e controle comportamental percebido), já a segunda categoria representa os constructos indiretos das TCP (crenças comportamentais, crenças normativas e crenças de controle) (GAGNÉ; GODIN, 1999).

Figura 1 – Figura esquemática para representação da Teoria do Comportamento Planejado.



Fonte: Adaptado de Ajzen, 1991.

Nos últimos anos, o uso desta teoria nas investigações científicas tem aumentado consideravelmente para medir diferentes comportamentos, tais como: consumo alimentar (BEAULIEU; GODIN, 2012; BLANCHARD et al., 2009a; CORNÉLIO et al., 2012; DUNN et al., 2011), prática de atividade física (AJZEN; DRIVER, 1991; PLOTNIKOFF et al., 2013), doação de sangue (GILES et al., 2004; MASSER et al., 2009; POLONSKY et al., 2013), uso de preservativo (LIU et al., 2013; SCHAALMA et al., 2009), refeições fora de casa (BHUYAN, 2011), prática de fumar (SPIJKERMAN et al., 2004), ingestão de bebidas alcoólicas (CONNER et al., 1999; KUTHER, 2002; SPIJKERMAN et al., 2004), entre outros.

Para Francis et al. (2004), a TCP pode ser utilizada para desenhar estratégias que auxiliem as pessoas a adotarem comportamentos mais saudáveis. Além disso, esta teoria tem sido utilizada e aceita por muitos pesquisadores para explicar as escolhas de alimentos saudáveis (FILA; SMITH, 2006; LAUTENSCHLAGER; SMITH, 2007). Porém, não foram encontrados estudos que utilizam a TCP para analisar o consumo de alimentos mais saudáveis em restaurantes tipo *fast food*.

3.5.1.1 Comportamento

Ao utilizar a TCP, uma das atividades iniciais é definir o comportamento de interesse. A definição específica do comportamento irá auxiliar para a medição deste constructo, além de conduzir a avaliação dos outros constructos do modelo: intenção e as medidas diretas e indiretas da atitude, norma subjetiva e controle comportamental percebido (FISHBEIN; AJZEN, 2010).

Conforme os autores da TCP o comportamento é categorizado por quatro elementos: ação, alvo, contexto e tempo (ou *TACT* – *Target, Action, Context, Time*). Isto representa a ação (*action*) executada, o alvo (*target*) em que a ação é direcionada, o contexto (*context*) na qual é realizada e o tempo (*time*) em que é executada. Ao especificar os elementos TACT o comportamento é definido. Considera-se que ao mudar um destes elementos, ocorre mudança no comportamento a ser considerado. Estes elementos do comportamento também podem ser definidos em vários níveis de especificidade (FISHBEIN; AJZEN, 2010; CONNER; SPARKS, 2005).

Neste sentido, ao analisar a intenção comportamental e o comportamento de um indivíduo deve-se considerar o princípio da compatibilidade. Considera-se que o pré-requisito mais importante para a validade preditiva é a medida de intenção ser compatível com os quatro elementos do comportamento, o TACT. Conforme esse princípio da compatibilidade, uma intenção é compatível com um comportamento se ambos forem medidos com o mesmo nível de generalidade ou especificidade, isto é, se a medida da intenção envolver exatamente a mesma ação, alvo, contexto e tempo que a medida do comportamento (FISHBEIN; AJZEN, 2010). Este princípio deve ser considerado para todos os constructos da TCP (CONNER; SPARKS, 2005).

3.5.1.2 Intenção

Intenção comportamental refere-se à prontidão de uma pessoa em realizar um comportamento (FISHBEIN; AJZEN, 2010). A intenção é considerada um antecedente direto do comportamento. Quanto mais forte a intenção de engajar um comportamento mais provável deve ser o desempenho em relação ao comportamento. Na TCP a intenção é baseada na atitude relacionada ao comportamento, nas normas subjetivas e no controle comportamental percebido (AJZEN, 1991; 2006). Dessa forma, pode-se afirmar que a intenção comportamental é uma função de regressão linear destes três constructos, como demonstrado na seguinte equação:

$$BI = w_3A + w_4SN + w_5PBC \quad (1)$$

Na qual *BI* é a intenção comportamental, *A* representa a atitude em relação ao comportamento, *SN* a norma subjetiva, *PBC* o controle comportamental percebido, e *w3*, *w4* e *w5*

representa a força empírica indicando a importância relativa dos determinantes da intenção (CONNER; SPARKS, 2005).

3.5.1.3 Crenças comportamentais e atitude relativa ao comportamento

Atitude pode ser definida como uma disposição latente ou tendência psicológica que é expressa para avaliar um comportamento com algum grau favorável ou desfavorável (FISHBEIN; AJZEN, 2010; FRANCIS et al., 2004). A atitude pode ser avaliada a partir de dois componentes: componente de natureza instrumental (cognitivo) e de natureza experimental (afetiva) (AJZEN, 2006; FISHBEIN; AJZEN, 2010). A atitude de aspecto cognitivo refere-se ao conjunto de pensamentos e julgamentos em relação ao objeto como, por exemplo, a realização de um comportamento (BRECKLER; WIGGINS, 1989). Esta atitude envolve dimensões como “prejudicial-benéfico” (FISHBEIN; AJZEN, 2010). Já a atitude de aspecto afetivo refere-se ao julgamento das emoções e dos sentimentos em relação ao objeto como, por exemplo, relacionadas às perspectivas de realizar o comportamento (BRECKLER; WIGGINS, 1989). Dentre suas dimensões, pode-se citar “desagradável-gradável” (FISHBEIN; AJZEN, 2010). A utilização destes dois componentes da atitude tem sido considerada em muitas pesquisas que utilizam a TCP (AJZEN; DRIVER, 1991; ARVOLA et al., 2008; BLANCHARD et al., 2009a; BRUIJN, 2010; CONNER; NORMAN, 2005; DUNN et al., 2008; FRENCH et al., 2005; KRAFT et al., 2005; LINDSTROM-FORNERI; TUOKKO; RHODES, 2007; RHODES; COURNEYA, 2005).

As crenças comportamentais são crenças salientes relacionadas à atitude ou também denominadas como medidas indiretas da atitude (FRANCIS et al., 2004). Estas crenças podem ser vistas como expressão verbal da atitude em relação ao comportamento. Neste caso, é indicado que sejam utilizadas as opiniões dos indivíduos para avaliar as atitudes (FISHBEIN; AJZEN, 2010).

É importante citar que no decorrer da vida as pessoas formam diferentes crenças em relação à objetos, ações e eventos. Estas crenças podem ser formadas devido às observações diretas, assim como podem ser adquiridas indiretamente, devido às informações aceitas por amigos, da mídia ou de outras fontes. Além disso, com o decorrer do tempo algumas crenças podem ser esquecidas e outras novas podem ser formadas (FISHBEIN; AJZEN, 2010). Contudo, embora as pessoas formem diferentes crenças sobre determinado objeto, como citado anteriormente, somente um pequeno número dessas estão disponíveis em um determinado momento. No caso das crenças

comportamentais, em um dado momento, somente um pequeno número de crenças determinará a atitude. Estas crenças são denominadas de crenças salientes¹⁶ (FISHBEIN; AJZEN, 2010). Para Ajzen (1991), as crenças salientes precisam ser citadas pelo público alvo. Conforme o autor, quando se utiliza as crenças salientes na investigação do comportamento, os resultados de correlação das medidas investigadas tendem a ser maior do que quando se considera crenças baseadas na instintividade.

Consistente com o modelo de Expectativa-Valor de Fishbein¹⁷ os autores da TCP assumem que as atitudes em relação a um objeto são formadas automaticamente por crenças sobre um objeto (FISHBEIN; AJZEN, 2010). As pessoas têm uma avaliação prévia sobre um comportamento, formando desta forma suas crenças. No caso da atitude, cada crença considera que a realização do comportamento terá certo resultado. Os resultados referentes à realização do comportamento podem ser avaliados positivamente ou negativamente, formando a atitude em relação ao comportamento. De modo geral, os indivíduos são favoráveis a comportamentos que acreditam ter uma consequência positiva, enquanto forma-se uma atitude desfavorável quando acreditam que a realização do comportamento terá consequência negativa (AJZEN, 1991). A influência das crenças na atitude pode ser expressa conforme a equação a seguir:

$$A \propto \sum b_i e_i \quad (2)$$

A força de cada crença saliente (b) é multiplicada pela avaliação subjetiva (e) do atributo da crença (i) (Equação 2). Os produtos dos resultados são somados considerando o n de crenças salientes. A atitude do indivíduo (A) é então proporcional (α) ao índice de soma das crenças (AJZEN, 1991).

¹⁶ Crenças salientes são crenças facilmente disponíveis na memória, ativadas espontaneamente, sem a necessidade de esforço cognitivo significativo, na presença atual ou simbólica do objeto em estudo, como o comportamento estudado (FISHBEIN; AJZEN, 2010; GODIN, 2012).

¹⁷ O Modelo de Expectativa-Valor de Fishbein é um dos modelos mais populares de formação da atitude. Este modelo considera a influência das crenças sobre a atitude (FISHBEIN; AJZEN, 2010).

3.5.1.4 Crenças normativas e norma subjetiva

O ambiente social pode influenciar diretamente a intenção das pessoas e suas ações. Esta influência é capturada no conceito “norma social”. Na TCP esta norma é representada pelo constructo norma subjetiva, a qual se refere à percepção de uma pessoa, sobre o que os indivíduos, considerados importantes para ela, pensam sobre a realização ou não de um determinado comportamento. Neste caso, o termo subjetivo é utilizado uma vez que a percepção pode ou não refletir o que as outras pessoas mais importantes realmente pensam (FISHBEIN; AJZEN, 2010). Francis et al. (2004), ainda definem norma subjetiva como a pressão social percebida para se formar um comportamento.

As normas subjetivas derivam de crenças normativas. As crenças normativas são as crenças que um indivíduo tem em relação ao que um referente social específico ou grupo específico de pessoas, acha que ele deveria, ou não, fazer em relação a um dado comportamento. Embora as normas subjetivas e as crenças normativas sejam similares, a primeira considera referentes sociais generalizados (ex.: pessoas importantes para mim), enquanto que a crença normativa envolve referentes sociais específicos (ex.: pai) ou grupos específicos (ex.: familiares) (FISHBEIN; AJZEN, 2010).

É importante identificar as crenças normativas salientes (AJZEN, 1991; FISHBEIN; AJZEN, 2010; FRANCIS et al., 2004). Para isto, os indivíduos são questionados por meio de perguntas abertas sobre as pessoas ou grupos de pessoas que aprovariam ou não a realização do comportamento estudado (AJZEN, 1999; FISHBEIN; AJZEN, 2010; FRANCIS et al., 2004; GAGNÉ; GODIN, 1999).

Os autores da TCP acreditam que o conhecimento das crenças das pessoas sobre as prescrições dos seus referentes salientes não é suficiente para compreender a norma subjetiva. Embora as pessoas possam acreditar que um indivíduo ou um grupo particular acham que eles devem executar, ou não, um comportamento específico, as pessoas podem não se importar com o que seus referentes sociais pensam. Para os autores, conhecer o que os referentes sociais pensam sobre a realização ou não do comportamento, pode resultar em pouca ou nenhuma pressão na pessoa sobre a execução do comportamento. Contudo, se o indivíduo estiver motivado a cumprir com o que o seu referente social espera, a realização do comportamento será melhor prevista. Nesse sentido, para cada crença normativa, deve-se avaliar a motivação do indivíduo para tornar efetivo

o que o seu referente social espera sobre a realização do comportamento. Desse modo, a norma subjetiva baseada no total de crenças normativas, pode ser representada (FISHBEIN; AJZEN, 2010) pela equação (3):

$$SN \propto \sum n_i m_i \quad (3)$$

A força da crença normativa (n) é multiplicada pela motivação das pessoas em cumprir (m) com o seu referente social (i), e a norma subjetiva (SN) é diretamente proporcional (α) ao índice de soma das crenças (AJZEN, 1991).

3.5.1.5 Crenças de controle e controle comportamental percebido

Ter uma atitude favorável sobre um comportamento e uma pressão social percebida pode não ser suficiente para a formação de uma intenção comportamental. Em adição a atitude e as normas percebidas a intenção também é influenciada pelo controle percebido sobre a realização do comportamento. Considera-se que se a atitude e a norma subjetiva forem favoráveis a realização do comportamento, quanto melhor for o controle comportamental percebido, mais forte será a intenção de realizar o comportamento (FISHBEIN; AJZEN, 2010).

Fishbein e Ajzen (2010) definem controle comportamental percebido como sendo o grau em que as pessoas acreditam que são capazes de realizarem um dado comportamento. O controle comportamental percebido considera que o indivíduo tem a sua disposição informações, habilidades, oportunidades e outros recursos requeridos para realizar um comportamento, assim como, também pode haver barreiras e obstáculos que precisam ser superados.

A análise do controle comportamental percebido pode ser feita avaliando a autoeficácia (*self-efficacy*) da pessoa e sua controlabilidade (*controllability*) sobre o comportamento (FRANCIS et al., 2004). A autoeficácia pode ser definida como a confiança da pessoa sobre sua capacidade de exercer controle sobre seu próprio nível de funcionamento e sobre outros eventos que afetam suas vidas (BANDURA, 1991). Ou seja, é a confiança que a pessoa tem em realizar um comportamento específico, mesmo diante de obstáculos (BANDURA, 1977; FISHBEIN; AJZEN, 2010). Já a controlabilidade reflete a autonomia do sujeito, ou seja, reflete a crença individual de que a pessoa

tem controle sobre a realização ou não do comportamento. Dessa forma, considera-se que o desempenho em relação a um comportamento, depende da própria pessoa (AJZEN, 2006).

As crenças de controle fornecem a base para o controle comportamental percebido. Estas crenças refletem os fatores individuais que poderiam facilitar ou dificultar a realização de um comportamento (AJZEN, 1991; FRANCIS et al., 2004). Assim como as demais medidas indiretas, as crenças de controle são obtidas por questões abertas. Após a análise das crenças, para cada fator identificado (fator que facilitaria ou dificultaria a realização de um comportamento) são elaboradas duas questões: uma para avaliar a intensidade da crença de controle e outra para medir o quanto este fator facilita ou dificulta a realização do comportamento (AJZEN, 1991). A composição da crença de controle é obtida então pela multiplicação destas questões, e todos os produtos obtidos são somados. A equação abaixo expressa a relação entre a crença de controle e o controle comportamental percebido.

$$PBC \propto \sum c_i p_i \quad (4)$$

Na equação (4), *PBC* refere-se ao controle comportamental percebido; c_i a crença do fator controle i ; p_i é o poder do fator i para facilitar ou impedir a realização do comportamento; e a soma é sobre o número de crenças de controle salientes (FISHBEIN; AJZEN, 2010).

3.5.1.6 Preditores adicionais

Na TCP é possível incluir preditores adicionais. Isto é possível caso estes preditores capturem uma proporção significativa na variação da intenção e do comportamento após as variáveis correntes da teoria já terem sido incluídas (AJZEN, 1991). Dentre os preditores adicionais mais comuns em comportamentos alimentares, pode-se citar o hábito e a norma descritiva.

3.5.1.6.1 Hábito

A inclusão do hábito como um preditor do comportamento tem sido utilizada em pesquisas que analisam o comportamento de consumo de indivíduos. Dentre as pesquisas já realizadas, pode-

se citar o consumo de doces (VERPLANKEN; ORBELL, 2003), sal (CORNÉLIO, 2008), carne bovina (BARCELLOS, 2007), frutas (BRUG et al., 2006; BRUIJN, 2010), gordura saturada (BRUIJN et al., 2008), frutos do mar (HONKANEN; OLSEN; VERPLANKEN, 2005; KREMERS; VAN DER HORST; BRUG, 2007), peixes (VERBEKE; VACKIER, 2005) e bebidas açucaradas (BRUIJN; VAN DEN PUTTE, 2009; VAN DER HORST et al., 2007; TAK et al., 2011).

Hábito pode ser definido como sequências de ações aprendidas que se tornam respostas automáticas a estímulos específicos e são funcionais na obtenção de determinados objetivos ou estados finais (VERPLANKEN; AARTS, 1999). Desse modo, uma das características do hábito é o histórico de repetição, ou seja, quanto mais frequente um comportamento é realizado maior a probabilidade dele se tornar habitual. A inclusão do hábito como preditor do comportamento tem efeito significativo na TCP (VERBEKE; VACKIER, 2005), resultando, algumas vezes, no aumento do poder preditivo da intenção comportamental (MAHON; COWAN; MCCARTHY, 2006).

Verplanken e Orbell (2003) propuseram um instrumento autorreportado validado para medir a força do hábito com 12 itens (*Self-Report Habit Index – SRHI*). O instrumento baseia-se no histórico de repetição do comportamento; na dificuldade de controlar o comportamento; na falta de consciência do indivíduo ao realizar o comportamento, ou seja, não é exigido raciocínio por parte dos indivíduos quando se realiza a ação; na eficiência mental de se realizar outras coisas ao mesmo tempo; e considera que o hábito pode expressar uma identidade pessoal.

Os autores, Verplanken e Orbell (2003), testaram a confiabilidade e a validade do SRHI para comportamentos distintos, inclusive consumo alimentar. Outras pesquisas também utilizaram o SRHI para analisarem o hábito de consumo alimentar (CORNÉLIO, 2008; BARCELLOS, 2007; BRUG et al., 2006; BRUIJN; VAN DEN PUTTE, 2009; BRUIJN, 2010; BRUIJN et al., 2008; HONKANEN; OLSEN; VERPLANKEN, 2005; KREMERS; VAN DER HORST; VAN DER HORST et al., 2007; TAK et al., 2011). No Brasil, a tradução desta escala foi validada por Dias (2009).

3.5.1.6.2 Norma descritiva

Além da norma subjetiva, outra norma social pode ser utilizada para investigar a realização ou não de um comportamento, esta é a norma descritiva (CIALDINI; KALLGREN; RENO, 1990). Enquanto a norma subjetiva refere-se à percepção sobre o que uma pessoa ou grupo de pessoas acham que deveria ser feito em relação a um dado comportamento, a norma descritiva refere-se à percepção do que os outros, de fato, fazem em relação ao comportamento (FRANCIS et al., 2004; FISHBEIN; AJZEN, 2010).

Os autores que têm incluído as normas sociais, subjetiva e descritiva em investigações sobre comportamento encontraram associações relevantes em relação à intenção comportamental. Assim, pesquisadores têm indicado que esta variável seja incorporada em estudos sobre comportamento (ARMITAGE; CONNER, 2001; RIVIS; SHEERAN, 2003).

Rivis e Sheeran (2003) realizaram meta-análise sobre a inclusão das normas descritivas como preditor da TCP. Os autores observaram que houve aumento significativo na variância da intenção, o qual contribuiu com 5% a mais, para além dos preditores da TCP. Assim como, as análises indicaram que quando a amostra foi composta por uma população jovem houve correlação forte entre as normas descritivas e a intenção. Quando o comportamento foi relacionado à saúde também foram observadas evidências sobre a importância da inclusão das normas descritivas na teoria estudada.

No conceito original da TAR e da TCP os autores utilizam o termo “norma subjetiva” para determinar o constructo que mede a pressão social percebida dos indivíduos. Contudo, recentemente, os autores da TCP sugeriram o uso do termo “norma social percebida”, que seria formado pela norma subjetiva e a norma descritiva (FISHBEIN; AJZEN, 2010). Contudo, esta recomendação é recente. Ressalta-se a importância de se realizar mais estudos utilizando esta nova recomendação, visto que há poucas evidências científicas que citem a utilização conjunta de ambas as normas (CONNER; SPARKS, 2005). Além disso, muitos autores ainda utilizam a norma descritiva como um constructo adicional da TCP (RIVIS; SHEERAN, 2003), assim como outras normas sociais, como, por exemplo, a norma moral (AJZEN, 1991; CONNER; SPARKS, 2005)

4 MATERIAL E MÉTODOS

4.1 Local da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada nos municípios de Campinas e Limeira, no estado de São Paulo. De acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística o município de Campinas contava com 1.080.113 habitantes no ano de 2010, 520.865 do sexo masculino e 559.248 do sexo feminino (IBGE, 2013a). A taxa de urbanização da cidade em 2010 foi de 98,3% (SEADE, 2013). A área territorial do município corresponde a 794,433 km², com uma densidade demográfica de 1.359,60 habitantes/km² (IBGE, 2013a).

Em Campinas, a renda *per capita* média da população no ano de 2010, foi de R\$ 1.135,29 (SEADE, 2013). Considerando o Índice de Potencial de Consumo (IPC) que indica a participação percentual de cada município no total de consumo do país, o IPC deste município em 2011 aumentou para R\$ 23,2 bilhões, que representa o 10º índice do país (SINDIVAREJISTA, 2011). Além disso, atualmente a cidade se destaca pelo seu polo tecnológico e é citada pelas Nações Unidas como um dos dois mais importantes polos do Hemisfério Sul, disponibilizando diversas redes de comércio, serviços e assistência técnica (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2011).

Já o município de Limeira, localizado na região leste do Estado de São Paulo, é pertencente à Região Administrativa de Campinas¹⁸ (PREFEITURA MUNICIPAL DE LIMEIRA, 2013a). A área territorial do município corresponde a 580,711 km². Conforme o Censo realizado no ano de 2010, a população residente no município foi de 276.022, 135.628 do sexo masculino e 140.394 do sexo feminino (IBGE, 2013b). No ano de 2010, a taxa de urbanização da cidade correspondia a 97%, e a renda *per capita* média da população foi de R\$ 767,62 (SEADE, 2013).

A economia de Limeira é baseada no setor primário, com destaque para a citricultura e a cana-de-açúcar; setor secundário, com foco na indústria de transformação e de tecnologia; e no setor terciário, com mais de 3.500 estabelecimentos comerciais e 3.000 prestadoras de serviço (PREFEITURA MUNICIPAL DE LIMEIRA, 2013b).

¹⁸ A Região Administrativa de Campinas é uma das quinze regiões administrativas do estado de São Paulo, sendo formada por 90 municípios. O agrupamento dos municípios em regiões administrativas é realizado para um melhor planejamento da administração pública (INSTITUTO GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO, 2009).

4.2 População e amostra do estudo

A população entrevistada foi composta por estudantes, com idade maior ou igual a 12 anos e com idade menor que 18 anos, de ambos os sexos, que estudavam no Colégio Técnico de Campinas (COTUCA) ou no Colégio Técnico de Limeira (COTIL), e que frequentavam restaurantes tipo *fast food*. Os locais das entrevistas foram os colégios técnicos que os participantes estudavam. A amostra da presente pesquisa foi não probabilística.

Para a realização da pesquisa nos colégios técnicos mencionados, foi solicitada a permissão aos coordenadores do estabelecimento. O COTUCA e o COTIL são instituições mantidas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e ofertam aos seus alunos o Ensino Médio e Cursos Técnicos (COTUCA, 2011a; COTIL, 2012). O COTUCA oferece cursos técnicos em alimentos, eletroeletrônica, enfermagem, informática, informática para internet, mecatrônica, plásticos, meio ambiente, segurança do trabalho, telecomunicações, e de equipamentos biomédicos (COTUCA, 2011b). Já o COTIL oferece cursos técnicos de edificações, enfermagem, geodésia e cartografia, informática, mecânica e qualidade e produtividade (COTIL, 2012). Todos os participantes da pesquisa cursavam o ensino médio, e a maioria cursava também um curso técnico.

4.3 Desenvolvimento do questionário

O instrumento de coleta de dados foi construído tendo como base as recomendações de Fishbein e Ajzen (2010), Ajzen (2006), Francis et al. (2004) e Gagné e Godin (1999), para elaboração de questionários de medida de variáveis psicossociais oriundas da TCP. Além disso, foi realizada extensa revisão de literatura sobre estudos que utilizaram a TCP para investigação de comportamentos alimentares, o que auxiliou na formulação e formatação dos itens para medida direta dos seus constructos. Foram adicionadas, ainda, outras variáveis ao questionário (norma descritiva e hábito) que, em alguns dos estudos revisados, demonstraram contribuir para a predição de comportamentos alimentares. Uma etapa qualitativa foi realizada com uma amostra da população alvo, para a elaboração dos itens correspondentes às medidas indiretas dos constructos da TCP (crenças comportamentais, crenças normativas e crenças de controle). Esta etapa é descrita em detalhes no item subsequente.

4.3.1 Determinação das crenças salientes – *Elicitation study*

As medidas indiretas dos constructos da TCP consistem na medida das crenças comportamentais, normativas e de controle.

Inicialmente, foi realizada na cidade de Limeira-SP, Brasil, no ano de 2012 a etapa de pré-teste do questionário que seria utilizado na etapa de *elicitation study*. Participaram do pré-teste 27 alunos. A amostra selecionada para esta etapa da pesquisa apresentava características semelhantes a da população alvo: adolescentes e estudantes do ensino médio. A etapa de pré-teste teve por objetivo verificar a clareza das questões. Após a realização desta etapa, verificou-se a necessidade de fazer algumas modificações no questionário de pesquisa visando melhor compreensão entre os participantes na etapa de determinação das crenças salientes ou *elicitation study*.

A etapa de *elicitation study* foi realizada para a identificação das crenças salientes. Esta pesquisa de natureza exploratória, qualitativa, foi realizada com estudantes do ensino médio, na cidade de Campinas, no ano de 2012.

Os alunos foram abordados no pátio da escola e foi explicado sobre a pesquisa, individualmente e, após os estudantes foram convidados a participar do estudo. Os alunos que concordaram em participar receberam o termo de consentimento livre e esclarecido, no qual era solicitada a autorização dos responsáveis para participação do adolescente na pesquisa (Apêndice A). No mesmo momento, os alunos receberam o questionário de pesquisa para ser autorrespondido e devolvido à pesquisadora dentro do período de duas semanas. Inicialmente 50 alunos aceitaram participar do estudo, destes 50% retornaram com o termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelo responsável e com o questionário preenchido. O número final da amostra para esta etapa do estudo (n=25) está de acordo com as recomendações de Francis et al. (2004).

A elaboração do questionário de levantamento de crenças seguiu cuidadosamente as recomendações de Fishbein e Ajzen (2010) e Francis et al. (2004). O instrumento trazia inicialmente a definição do comportamento alimentar pesquisado: “Consumo de salada crua quando você frequenta restaurante *fast food* no almoço”. A seguir, foram definidos os seguintes termos:

- Salada crua: são preparadas com verduras e legumes crus. As saladas cruas ainda podem ser classificadas em salada crua simples, quando tem apenas uma verdura ou legume, ou

salada crua mista quando tem mais do que uma verdura ou legume. Exemplos: salada de alface, repolho, rúcula, tomate, cenoura crua ralada, etc. (PHILIPPI, 2006).

- Verduras e legumes: “[...] plantas ou partes de plantas que servem para o consumo humano, como flores, frutos, caules, sementes, tubérculos e raízes” (PHILIPPI, 2006, p. 69).
- Verduras: “[...] quando a parte comestível do vegetal são as folhas, as flores, os botões ou as hastes” (PHILIPPI, 2006, p. 69). Exemplo: alface, acelga, agrião e brócolis (PHILIPPI, 2006).
- Legumes: quando as partes comestíveis são os frutos (ex.: tomate, pepino, pimentão, etc.), as sementes (ex.: ervilha, vagem, etc.) ou as partes que se desenvolvem na terra (ex.: beterraba, cenoura, etc.) (PHILIPPI, 2006).
- *Fast food*: serviços de alimentação que ofertam um cardápio com um número limitado de opções de alimentos (U.S. CENSUS BUREAU, 2011), e onde os consumidores geralmente formam uma fila e pagam antes de consumir (STEWART et al., 2004). A comida e a bebida podem ser consumidas no local, retiradas para consumo fora das instalações do restaurante ou entregue ao cliente em local solicitado (U.S. CENSUS BUREAU, 2011; FRANCHISE DIRECT, 2011b). Estes restaurantes geralmente são formados por redes de estabelecimentos, tendo como principal aspecto a rapidez e a padronização no serviço (FRANCHISE DIRECT, 2011b).
- Porção de salada: 1 xícara de chá de vegetais folhosos crus ou 1/2 xícara de chá de vegetais cru picado (AGUDO, 2005).

Os respondentes foram orientados a considerar somente o consumo específico de uma ou mais porções de salada. As verduras e legumes contidos no interior dos lanches não deveriam ser considerados. Em seguida, os participantes foram questionados sobre: as vantagens e desvantagens de consumir salada crua quando frequentavam restaurantes *fast food* no almoço (crenças comportamentais); as pessoas que aprovariam ou desaprovavam o consumo de salada crua em restaurantes *fast food* no almoço (crenças normativas); as pessoas prováveis que consumiriam salada crua em restaurantes *fast food* no almoço (crenças descritivas); e os fatores que poderiam contribuir ou dificultar o consumo de salada crua em restaurantes tipo *fast food* no almoço (crenças de controle). Informações como sexo, idade, escolaridade, frequência de consumo em restaurante

tipo *fast food*, renda familiar mensal e escolaridade dos pais foram incluídas para a caracterização dos participantes do estudo (Apêndice B).

Os participantes tinham idade entre 14 e 16 anos e 64% dos indivíduos eram do sexo feminino. A maioria dos participantes cursava o 1º ano do ensino médio (96%) e almoçava pouco frequentemente em restaurante tipo *fast food* (72%).

4.3.1.1 Análise das crenças salientes

As respostas dos alunos foram transcritas para proceder à análise de conteúdo, por dois avaliadores independentes, seguindo as recomendações de Gagné e Godin (1999). Inicialmente os avaliadores agruparam as crenças semelhantes nos grupos de crenças comportamentais, normativas, descritivas ou de controle. A seguir, foram atribuídas frequências a cada uma das crenças, no interior dos grupos. Uma terceira pessoa revisou a distribuição das crenças e conduziu à avaliação dos dois avaliadores a um consenso. Em seguida, realizou-se a computação final das frequências e a ordenação das crenças em ordem decrescente de frequência. Como resultado da análise de conteúdo, foram identificadas 5 categorias de crenças comportamentais, 12 categorias de crenças normativas, 6 categorias de crenças descritivas e 19 categorias de crenças de controle (Tabela 6).

Tabela 6 – Categorias das crenças salientes de estudantes sobre o consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food* no almoço. Campinas e Limeira, 2013.

(continua)

Crenças	Categorias	Número de citações
Crenças comportamentais	Alimentação saudável	22
	Sabor	16
	Preço	6
	Comida leve e menos calórica	5
	Saciedade	3
Crenças normativas	Pais	21
	Familiares	19
	Amigos	12
	Profissionais da saúde (médicos e nutricionistas)	11

Tabela 6 – Categorias das crenças salientes de estudantes sobre o consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food* no almoço. Campinas e Limeira, 2013.

(conclusão)

Crenças	Categorias	Número de citações
Crenças normativas	Pessoas preocupadas com a saúde	16
	Vegetarianos	5
	Pessoas mais novas (crianças e jovens)	3
	Fornecedores de salada	1
	Funcionários de restaurantes	1
	Pessoas mais velhas	1
	Professor	1
	Sociedade	1
Crenças descritivas	Familiares	11
	Pais	6
	Amigos	5
	Vegetarianos	1
	Pessoas em geral	1
	Pessoas mais velhas	1
Crenças de controle	Contaminação de alimento	24
	Variedade das opções de temperos	11
	Variedade das opções de salada	11
	Preço	11
	Aspectos sensoriais da salada	9
	Rapidez no preparo	9
	Salada inclusa no combo	7
	Aspectos sensoriais relacionados ao sabor	6
	Existência de talheres	3
	Tempo de exposição da salada	3
	Ver outras pessoas consumindo	2
	Propaganda	2
	Mesas disponíveis	2
	Problemas de saúde	2
	Local de exposição da salada	1
	Perda de peso	1
	Fila	1
	Companhia	1
Fome	1	

A partir das categorias citadas na tabela 6, determinaram-se as crenças modais salientes. Foram consideradas crenças modais salientes as que foram mencionadas com maior frequência, até

atingir, pelo menos, 75% do número total de citações. Isso foi feito para cada grupo de crenças (GAGNÉ; GODIN, 1999).

Referente às crenças modais salientes sobre o consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food*, identificou-se as seguintes vantagens: “faz bem a minha saúde” e “é menos calórica”; e as seguintes desvantagens: “torna a refeição menos saborosa” e “é mais cara” (crenças comportamentais). As pessoas que aprovariam o consumo pelos adolescentes seriam os pais, familiares, amigos e profissionais da saúde (crenças normativas), já as pessoas que provavelmente consumiam este tipo de alimento em restaurante tipo *fast food* eram familiares, pais e amigos (crenças descritivas). Os fatores que poderiam dificultar o consumo seriam: presença de contaminantes, preço alto, pouca variedade de salada e de temperos. Já os fatores que facilitariam seriam: preparação rápida e boa aparência da salada, e se a mesma estivesse inclusa nos combos (crenças de controle). Na tabela 7 é possível observar as crenças modais salientes identificadas, ou seja, aquelas que foram mencionadas com maior frequência pelos participantes da pesquisa.

Tabela 7 – Crenças modais salientes de estudantes sobre o consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food* no almoço utilizada na pesquisa. Campinas e Limeira, 2013.

Crenças	Categorias das Crenças Modais Salientes
Crenças comportamentais	Alimentação saudável Sabor Preço Comida leve e menos calórica
Crenças normativas	Pais Familiares Amigos Profissionais da saúde (médicos e nutricionistas)
Crenças descritivas	Familiares Pais Amigos
Crenças de controle	Contaminação de alimento Variedade das opções de temperos Variedade das opções de salada Preço Aspectos sensoriais da salada Rapidez no preparo Salada inclusa no combo

Estes resultados foram utilizados para a elaboração das questões referentes aos constructos de crenças comportamentais, crenças normativas, crenças descritivas e crenças de controle, como mencionado anteriormente.

4.4 Validação de conteúdo

A construção do instrumento de pesquisa constituiu, inicialmente, na elaboração de questões que foram analisadas e modificadas conforme necessário, para que se mantivessem apenas as mais adequadas para medir os constructos do estudo, conforme recomendação de Gagné e Godin (1999). Para isso, após a elaboração do questionário, com as medidas diretas e indiretas da TCP, medidas de intenção e os preditores adicionais, foram feitas reuniões sequenciais com cinco experts no uso da TCP, da Universidade de Laval (*Univeristé Laval*) na cidade de Quebec, Canadá.

Durante as reuniões com os experts, na Universidade de Laval, houve sugestão de excluir os itens referentes às crenças descritivas visto que embora Fishbein e Ajzen (2010) recomendem a inclusão deste item, a adição deste constructo nas medidas indiretas da TCP ainda não está muito clara na literatura científica. Ressalta-se que no modelo inicial da TCP este constructo não está incluído. Dessa forma, os itens relacionados às crenças descritivas não foram incluídos no questionário de pesquisa.

Outra sugestão do grupo de experts foi à utilização de somente um item para medir cada atributo de crença das medidas indiretas da TCP. Embora os autores da TCP sugiram que a crenças sejam formadas considerando a multiplicação de dois itens, para cada atributo analisado (veja os tópicos 3.5.1.3, 3.5.1.4 e 3.5.1.5), os pesquisadores citaram que a utilização de somente um item já seria suficiente para a medição destes constructos. De acordo com o modelo da TCP, cada medida direta é composta a partir de um par de itens da sua medida indireta, formando um modelo multiplicativo. Assim, a atitude é formada pela $\sum (b \times e)$, a norma subjetiva pela $\sum (n \times m)$, e a $\sum (c \times p)$ são associados ao controle comportamental percebido (GODIN, 2012). Contudo, em estudo realizado por Gagné e Godin (2000), os autores observaram que o uso somente das crenças comportamentais (b), das crenças normativas (n) e do poder das crenças de controle (p) resultariam em resultados semelhantes ou melhores com sua medida direta correspondente (atitude, norma subjetiva, controle comportamental percebido, respectivamente). Desse modo, Godin (2012) sugere que sejam utilizados somente estes itens ao analisar as medidas indiretas da TCP, considerando

cada atributo a ser analisado. Ressalta-se que, mesmo com a sugestão dos experts, referente a este tema, inicialmente optou-se por incluir os dois itens para cada atributo de crença, conforme sugestão dos autores da TCP, Martin Fishbein e Icek Ajzen. Posteriormente, nas análises finais dos dados, os autores optaram por testar estas duas abordagens: a inclusão da multiplicação de dois itens por atributo de crença e a inclusão de somente um item.

Depois das reuniões com os experts, o instrumento foi revisto e chegou-se à proposição final do questionário a ser submetido à validação de conteúdo por um grupo de juízes. Após, o questionário foi submetido a uma especialista em língua portuguesa para verificar a adequação das sentenças em relação à ortografia, assim como em relação à linguagem dos termos utilizados, visto que o público alvo seria adolescentes. Posteriormente o questionário foi submetido à validação de conteúdo.

Participaram da validação de conteúdo sete profissionais com conhecimento no uso de teorias sociais da área da saúde e de ciências de alimentos. Estes profissionais foram convidados a analisar as questões em relação à clareza e pertinência ao constructo mensurado. Os juízes foram convidados a emitir sugestões de modificações quando o item foi considerado como não claro, não relevante ou não adequado para adolescentes. Os participantes também foram convidados a sugerirem a exclusão de itens não pertinentes aos constructos e ao comportamento alvo, assim como a inclusão de itens que não tinham sido abordados.

Para a validação de conteúdo foi encaminhado aos experts um roteiro (Apêndice C), e a ficha de avaliação com 53 itens, distribuídos em oito constructos distintos (crenças comportamentais, crenças normativas, crenças de controle, atitude, norma subjetiva e descritiva, controle comportamental percebido e intenção comportamental). Os experts foram instruídos a avaliarem cada item das escalas elaboradas de acordo com o seu grau de relevância por meio de uma escala de quatro pontos: (1) Não relevante, (2) Pouco relevante, (3) Moderadamente relevante e (4) Muito relevante (DI IORIO, 2005).

O Índice de Validação de Conteúdo (IVC) foi calculado para cada item e para cada constructo. Os itens foram considerados adequados quando o IVC foi igual ou superior a 0,78. Já os constructos foram considerados apropriados quando o IVC foi igual ou superior 0,90 (POLIT; BECK, 2006).

No constructo “crenças comportamentais” três itens que apresentaram IVC de 0,71 foram modificados e reavaliados pela equipe de experts. No constructo “atitude” um item que possuía um

IVC de 0,71 foi excluído: “*Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço seria: (1) Muito chato - (5) Muito legal*”. Devido à exclusão deste item um novo item foi incluído no questionário o qual foi avaliado pelos experts: “*Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço seria: (1) Muito desestimulante - (5) Muito estimulante*”. Em relação aos itens referentes à norma descritiva um item com um IVC de 0,57 foi excluído: “*Muitas pessoas que eu conheço consomem salada crua quando vão a um restaurante fast food no almoço: (1) Discordo totalmente - (5) Concordo totalmente*”. Considerando a exclusão do item, foram incluídos três novos itens para medir a “norma descritiva”, os quais foram encaminhados aos avaliadores. Dentre estes itens somente um permaneceu no questionário, o qual obteve um IVC de 1: “*A maioria dos meus amigos, quando vão a um restaurante fast food no almoço, consomem salada crua: (1) Discordo totalmente - (5) Concordo totalmente*”. Os outros dois itens foram excluídos por não serem considerados relevantes e pertinentes para a medida de “norma descritiva”: “*Muitas pessoas que eu admiro, quando vão a um restaurante fast food no almoço, consomem salada crua: (1) Discordo totalmente - (5) Concordo totalmente*” e “*Muitas pessoas que gostam de mim, quando vão a um restaurante fast food no almoço, consomem salada crua: (1) Discordo totalmente - (5) Concordo totalmente*”.

Após a segunda avaliação dos experts todos os IVC dos itens foram iguais ou superiores a 0,86, e dos constructos foram iguais ou superiores a 0,90.

4.5 Pré-Teste

Após a reformulação das questões a partir das avaliações dos juízes, o instrumento foi aplicado a uma amostra de 25 estudantes, com as mesmas características da população alvo: estudantes de ambos os sexos, com idade entre 12 a 17 anos. Os participantes desta etapa não foram incluídos na amostra final.

Em sala de aula a pesquisadora explicou aos alunos o objetivo desta etapa da pesquisa. Os alunos foram convidados a participar do estudo e receberam o termo de consentimento livre e esclarecido. Participaram do pré-teste os alunos que trouxeram o termo preenchido e assinado pelo responsável.

O pré-teste foi realizado em sala de aula e o questionário foi autorrespondido. Esta etapa teve por objetivo analisar a clareza e compreensão das questões pela população alvo e verificar a necessidade de alterações no questionário de pesquisa.

Inicialmente, o pesquisador agradeceu a participação dos indivíduos na pesquisa. Posteriormente, foi informado que todo o conteúdo da pesquisa seria utilizado somente para fins científicos, sendo preservada a identidade de cada participante. O objetivo da pesquisa foi então mencionado de forma sucinta, assim como o objetivo desta etapa da pesquisa, o pré-teste. Houve então uma explicação do modo que o questionário seria respondido, assim como se estimou o tempo para o preenchimento do mesmo. Em seguida, o questionário foi entregue aos participantes. Após o preenchimento de todos os questionários foi realizada uma discussão com o grupo, conforme sugestão de Francis et al. (2004). Neste momento os participantes foram questionados, em relação a cada questão: se houve alguma dificuldade para responder a questão, se a resposta foi positiva questionava-se qual foi à dificuldade; se o item era ambíguo e qual sugestões eles dariam para que a questão fosse melhorada. Além disso, os participantes foram questionados em relação ao tamanho do questionário, se estava muito longo e tedioso para ser respondido, e verificou-se se eles tinham sugestões referente as características do texto e da formatação do questionário. Por fim, foi questionado se eles tinham sugestões adicionais para fazer.

Após o pré-teste, verificou-se a necessidade de dar maior destaque aos exemplos incluídos no questionário de pesquisa, assim como de definir os termos “refeição fora de casa” e “ceia”, pois inicialmente não haviam sido definidos.

4.6 Instrumento de pesquisa

Após as etapas de validação de conteúdo e do pré-teste, o instrumento foi composto por três partes (Apêndice D). A parte um refere-se às questões relacionadas a TCP; a segunda parte está relacionada ao consumo fora de casa; e a terceira parte refere-se a caracterização dos entrevistados.

4.6.1 Parte I: Intenção de consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food*

Esta seção referiu-se aos constructos de medidas diretas e indiretas da TCP, intenção comportamental e medidas adicionais da TCP.

4.6.1.1 Medidas indiretas

Para a elaboração das questões referentes às medidas indiretas, consideraram-se as crenças modais salientes (Tabela 7), com exceção das crenças descritivas que não foram incluídas no questionário de pesquisa. Abaixo estão descritas as medidas indiretas incluídas no instrumento:

- *Crenças comportamentais (medida indireta da atitude)* – As crenças comportamentais foram medidas por meio de quatro itens utilizando uma escala de resposta tipo *likert* de cinco pontos. Por exemplo, “*Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço fará bem a minha saúde: Extremamente improvável (1) – Extremamente provável (5)*”. Para cada questão referente à crença comportamental, foi incluída uma questão para estimar as avaliações do resultado desta crença. Por exemplo, “*Ser saudável seria: Muito ruim (1) – Muito bom (5)*” (FISHBEIN; AJZEN, 2010; FRANCIS et al., 2004; GAGNÉ; GODIN, 1999).
- *Crenças normativas (medida indireta da norma subjetiva)* – As crenças normativas foram avaliadas utilizando quatro itens por uma escala de resposta tipo *likert* de cinco pontos. Por exemplo, “*Meus pais pensam que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço: Discordo totalmente (1) - Concordo totalmente (5)*”. Para cada questão de crença normativa, uma questão para avaliar a motivação para cumprir com o referente social foi elaborada. Por exemplo, “*Quando se refere ao consumo de salada crua, seguir a opinião dos meus pais é importante para mim: Discordo totalmente (1) - Concordo totalmente (5)*” (FISHBEIN; AJZEN, 2010; FRANCIS et al., 2004; GAGNÉ; GODIN, 1999).
- *Crenças de controle (medida indireta do controle comportamental percebido)* – Foram utilizados sete itens para medir as crenças de controle, através de uma escala de resposta tipo *likert* de cinco pontos. Por exemplo, “*Consumir salada crua em restaurante fast food no almoço é caro: Extremamente improvável (1) – Extremamente provável (5)*”. Para cada questão de crença de controle uma questão para avaliar o poder desta crença foi elaborada. Por exemplo, “*O preço elevado da salada é um fator dificultador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço: Discordo totalmente (1)*

– *Concordo totalmente (5)*” (FISHBEIN; AJZEN, 2010; FRANCIS et al., 2004; GAGNÉ; GODIN, 1999).

4.6.1.2 Medidas diretas

As medidas diretas da TCP foram avaliadas por um total de 15 questões. Abaixo estão descritos os constructos referentes a estas medidas:

- *Atitude* – A atitude cognitiva foi medida por meio de quatro itens, utilizando uma escala bipolar de cinco pontos – “*Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço seria: Muito inconveniente (1) - Muito conveniente (5); Muito prejudicial (1) - Muito benéfico (5); Muito insensato (1) - Muito sábio (5); Muito desnecessário (1) - Muito necessário (5)*”. A atitude afetiva foi medida utilizando três itens por meio de uma escala bipolar de cinco pontos – “*Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço seria: Muito desagradável (1) - Muito agradável (5); Muito ruim (1) - Muito bom (5); Muito desestimulante (1) – Muito estimulante (5)*” (ARVOLA et al., 2008; ARMITAGE; ARDEN, 2002; BRASIL, 2008; BLANCHARD et al., 2009a; BRUG et al., 2006; BRUIJN, 2010; CONNER; SPARKS, 2005; DUNN, 2008; DRISKELL; MECKNA; SCALES, 2006).
- *Norma subjetiva* – A norma subjetiva foi medida por meio de três itens, utilizando uma escala de resposta tipo *likert* de cinco pontos. Por exemplo, “*Muitas pessoas que são importantes para mim aprovam que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço: Discordo totalmente (1) - Concordo totalmente (5)*”. (AJZEN, 2006; CHENG; LAM; HSU, 2005; CONNER; SPARKS, 2005; CORNELIO, 2008; FRANCIS et al., 2004; HAN; KIM, 2010; MENDEZ et al., 2010).
- *Controle comportamental percebido* – Este constructo foi avaliado utilizando cinco itens por uma escala de resposta tipo *likert* de cinco pontos. Por exemplo, “*Eu tenho total controle sobre a decisão de consumir salada crua em restaurante fast food no almoço: Discordo totalmente (1) - Concordo totalmente (5)*” (ARMITAGE; CONNER, 1999; ARVOLA et al., 2008; BRUG et al., 2006; CORNÉLIO, 2008; DUNN, 2008; GAGNÉ; GODIN, 1999; FISHBEIN; AJZEN, 2010; FRANCIS et al., 2004).

4.6.1.3 Intenção comportamental

Abaixo é possível observar o constructo da intenção comportamental:

- *Intenção* – A intenção comportamental foi avaliada por meio de quatro itens, utilizando uma escala de resposta tipo *likert* de cinco pontos. Por exemplo, “*Eu tenho intenção de consumir salada crua quando eu vou a um restaurante fast food, no almoço: Discordo totalmente (1) - Concordo totalmente (5)*” (AJZEN, 2006; ARMITAGE; ARDEN, 2002; BLUE; WILBUR; MARSTON-SCOTT, 2001; BOGERS et al., 2004; BRUG et al., 2006; BRUIJN, 2010; CONNER; NORMAN; BELL, 2002; CORNÉLIO, 2008; FISHBEIN; AJZEN, 2010; FRANCIS et al., 2004; HAN; KIM, 2010; JALALIAN et al., 2010; KRAFT et al., 2005; LAUTENSCHLAGER; SMITH, 2007; MENDEZ et al., 2010; SEO; LEE; NAM, 2011; VERBEKE; VACKIER, 2005).

4.6.1.4 Preditores adicionais da TCP

No instrumento de pesquisa foram incluídos dois preditores adicionais da TCP. A seguir estão descritos cada um deles:

- *Hábito* – O hábito do consumo de salada crua em restaurante *fast food* foi avaliado por meio de 12 itens utilizando uma escala de resposta tipo *likert* de cinco pontos, conforme a escala proposta por Verplanken e Orbell (2003). A tradução desta escala foi validada no Brasil por Dias (2009).
- *Norma descritiva* – A norma descritiva foi avaliada através de três itens, utilizando uma escala de resposta tipo *likert* de cinco pontos. Por exemplo, “*Muitas pessoas que são importantes para mim, quando vão a um restaurante fast food no almoço, consomem salada crua: Discordo totalmente (1) – Concordo totalmente (5)*” (ARVOLA et al., 2008; FISHBEIN; AJZEN, 2010; DUNN, 2008).

4.6.2 Parte II: Consumo fora de casa

A segunda parte do questionário de pesquisa aborda o consumo de refeições fora de casa. Nesta seção, foram investigadas: frequência do consumo fora de casa (nunca, diariamente, 1 a 2 vezes por semana, 3 vezes ou mais por semana, 1 a 3 vezes por mês, menos de 1 vez por mês); frequência de consumo em restaurantes tipo *fast food* (nunca, diariamente, 1 a 2 vezes por semana, 3 vezes ou mais por semana, 1 a 3 vezes por mês, menos de 1 vez por mês); refeições mais frequentes realizadas em restaurantes tipo *fast food* (café da manhã, lanche da manhã, almoço, lanche da tarde, jantar e ceia); e frequência da realização da refeição almoço em restaurante tipo *fast food* (nunca, diariamente, 1 a 2 vezes por semana, 3 vezes ou mais por semana, 1 a 3 vezes por mês, menos de 1 vez por mês).

4.6.3 Parte III: Caracterização do entrevistado

Por fim, a terceira seção do questionário caracterizou os participantes do estudo. Nesta parte foi identificado o sexo, a idade, a escolaridade e a percepção corporal dos indivíduos em relação ao seu peso e a sua estatura.

Para a obtenção dos dados referente à renda familiar e a escolaridade dos pais dos participantes, três questões foram enviadas junto com o termo de consentimento livre e esclarecido para que os responsáveis auxiliassem na resposta. Quando o responsável permitiu a participação do adolescente na pesquisa, ele era convidado a auxiliar o adolescente no preenchimento destas três questões (Apêndice E). Optou-se por utilizar esta metodologia visto que alguns adolescentes poderiam não saber informar a renda familiar e a escolaridade dos seus pais.

4.7 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada no mês de outubro de 2013 nas cidades de Campinas - SP e Limeira - SP, com os alunos do COTUCA e do COTIL, respectivamente.

Inicialmente, em setembro de 2013, foi realizada uma reunião com os coordenadores acadêmicos de ambos os colégios com a finalidade de selecionar as turmas que seriam convidadas a participar da pesquisa e agendar a entrega dos termos de consentimento aos alunos. No COTUCA,

foram convidados a participar da pesquisa sete turmas de primeiros anos, totalizando 354 alunos. No COTIL, foram convidadas 14 turmas, totalizando 467 alunos dos primeiros, segundos e terceiros anos.

Em uma visita em sala de aula o pesquisador e/ou o coordenador acadêmico convidou os alunos a participarem da pesquisa. Os alunos que aceitaram participar receberam um termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice E) o qual deveria ser assinado pelo seu responsável e entregue ao representante da sua turma em data pré-determinada. Após o recolhimento dos termos de consentimentos os representantes de turmas entregaram os mesmos ao coordenador acadêmico.

Durante aproximadamente três semanas, após o convite para a participação, os alunos foram lembrados da pesquisa, pelo pesquisador e/ou pelos coordenadores acadêmicos por meio de novas visitas em sala de aula e de redes sociais. Ressalta-se que o lembrete por meio de redes sociais foi uma sugestão dos próprios alunos. Isto foi pré-determinado antecipadamente com os coordenadores acadêmicos, alunos e representantes de turmas de ambos os colégios.

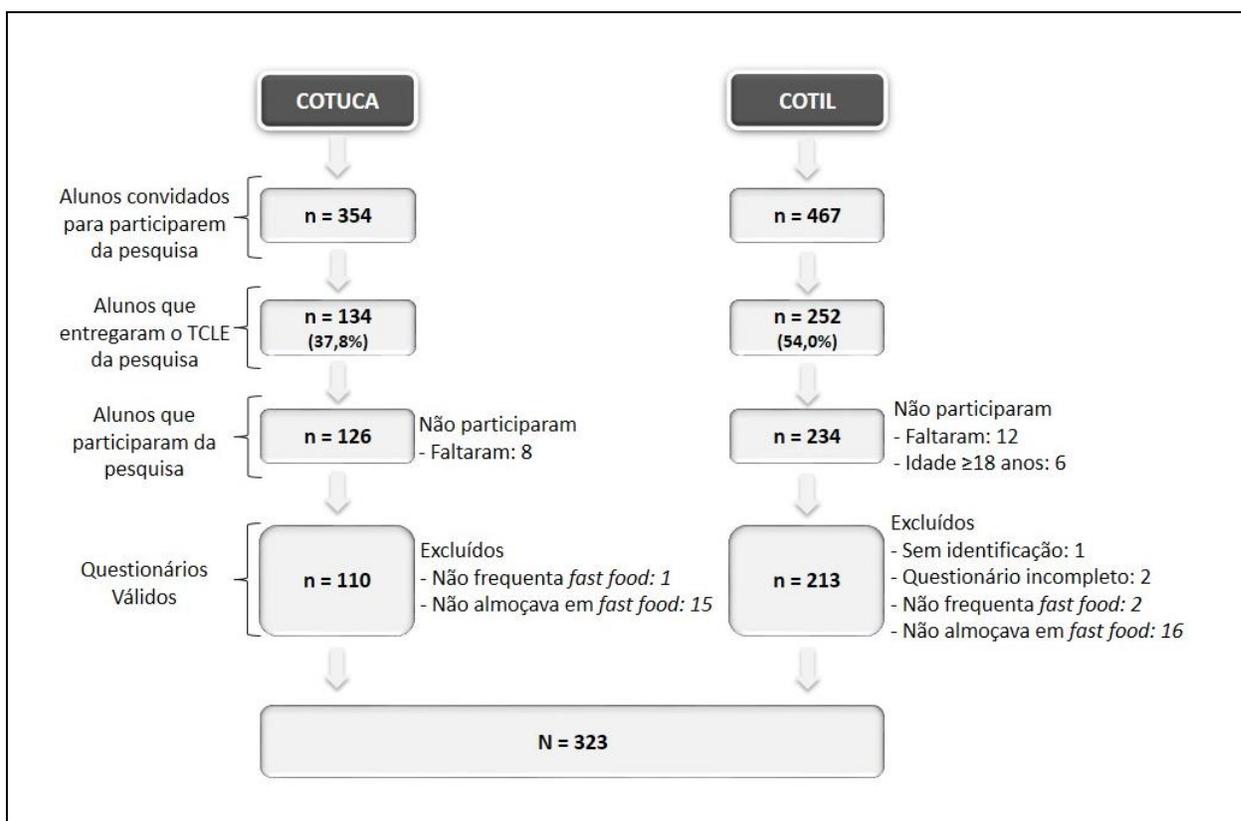
No COTUCA, 37,8% dos alunos retornaram com o termo de consentimento livre e esclarecido preenchido. Já no COTIL este percentual foi de 54% (Figura 2).

A data da coleta de dados foi marcada antecipadamente com os coordenadores acadêmicos de ambos os colégios, professores e alunos. A coleta de dados foi realizada em sala de aula ou no auditório dos colégios. Após a acomodação de todos os alunos, o pesquisador iniciou o procedimento de coleta seguindo um roteiro: 1) o pesquisador agradeceu pela participação da pesquisa; 2) foi lembrado que o conteúdo da pesquisa seria utilizado somente para fins científicos, sendo preservada a identidade de cada participante; 3) explicou-se sucintamente o objetivo da pesquisa; 4) explicou-se como seria o preenchimento do questionário e citou-se o tempo estimado; 5) os questionários foram entregues; 6) o pesquisador leu, juntamente com os participantes, as duas primeiras páginas do questionário e explicou o procedimento de preenchimento do instrumento usando os exemplos presentes no próprio instrumento; 7) iniciou-se o preenchimento do questionário de pesquisa. Após finalizar o preenchimento, os participantes foram orientados a aguardar, enquanto os questionários eram revisados, com o intuito de identificar questões não respondidas. O pesquisador seguiu este procedimento em todas as aplicações do questionário de pesquisa, sendo que o mesmo esteve presente durante todo o período de preenchimento, auxiliando quando surgiam dúvidas. Todo o processo de coleta de dados

(explicação do pesquisador, preenchimento do questionário e revisão do questionário) teve duração de aproximadamente 30 a 40 minutos.

Preencheram o questionário de pesquisa 360 estudantes. Contudo, 37 questionários foram excluídos. Deste modo, a amostra final foi composta por 323 estudantes (Figura 2). O tamanho final da amostra foi adequado de acordo com recomendação de Hair Jr. et al. (2009) para análise fatorial, que é de 5 a 10 indivíduos por cada item da escala.

Figura 2 – Amostra final da pesquisa. Campinas e Limeira, 2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

4.8 Diagnóstico nutricional

A partir dos dados referentes ao peso e a estatura autorrelatados, foi realizado o diagnóstico nutricional dos participantes por meio do Índice de Massa Corporal (IMC) para a idade, conforme recomendação da Organização Mundial da Saúde. O diagnóstico nutricional foi feito utilizando o

programa WHO *Anthro Plus* v.1.0.4, e considerando as recomendações de WHO (2007) e Onis et al. (2007) (Quadro 2).

Para o cálculo do IMC para a idade, foi obtida a data de nascimento dos participantes na coordenação acadêmica de cada colégio.

Quadro 2 – Parâmetros para diagnóstico nutricional de indivíduos de 10 a 19 anos, conforme a *World Health Organization*.

Valores	Diagnóstico nutricional
< Escore-z -3	Magreza acentuada
\geq Escore-z -3 e < Escore-z -2	Magreza
\geq Escore-z -2 e \leq Escore-z +1	Eutrofia
\geq Escore-z +1 e \leq Escore-z +2	Sobrepeso
\geq Escore-z +2 e \leq Escore-z +3	Obesidade
> Escore-z +3	Obesidade Grave

Fonte: adaptado de BRASIL, 2011.

4.9 Análise da confiabilidade

A confiabilidade dos constructos da TCP e preditores adicionais medidos pelo questionário foi avaliada segundo os critérios da estabilidade temporal (teste-reteste) e da consistência interna (coeficiente alfa de Cronbach).

4.9.1 Estabilidade temporal

O procedimento de teste-reteste foi realizado para avaliar a estabilidade temporal dos constructos medidos pelo questionário de pesquisa. O questionário foi aplicado a 29 estudantes e reaplicado no intervalo de 2 semanas, assegurando-se as mesmas condições de aplicação, como sugerido por Godin (2012). Os participantes do procedimento teste-reteste não participaram das outras etapas da pesquisa. A concordância das respostas foi avaliada para cada um dos constructos da TCP e seus preditores adicionais.

O coeficiente de correlação intraclasse (ICC) foi utilizado para estimar a concordância das respostas entre o teste e reteste. Valores de coeficientes de correlação superiores a 0,70 foram considerados aceitáveis (DI IORIO, 2005).

Ressalta-se que Godin (2012) recomenda o uso do ICC para estimar a estabilidade temporal, por meio do teste-reteste, em estudos que utilizam teorias comportamentais, como a TCP.

4.9.2 Consistência interna

A consistência interna do instrumento foi avaliada por meio do coeficiente α de Cronbach (DI IORIO, 2005) para cada constructo. Geralmente, o limite inferior para um alfa aceitável é de 0,70, contudo em pesquisas exploratórias um alfa de 0,60 é considerado aceitável (HAIR Jr. et al., 2009).

4.10 Análise estatística

Os dados coletados foram agrupados em banco de dados no *software Predictive Analytics Software - PASW Statistics v.18.0* (2010) e analisados no *software LISREL 8.80* e *XLSTAT 2013*.

Análises descritivas foram realizadas para a caracterização dos participantes da pesquisa. Além disso, as análises entre as variáveis categóricas foram realizadas através do teste qui-quadrado. A normalidade foi verificada através do teste de *Shapiro Wilks*. O nível de confiança utilizado nas análises foi de 95%.

O coeficiente α de Cronbach e coeficiente de correlação intraclasse foram calculados para a avaliação da confiabilidade de instrumento de pesquisa, como mencionado anteriormente.

Para a validade de constructo, utilizou-se a técnica de modelagem de equações estruturais (SEM – *Structural Equation Modeling*). Para isso, utilizou-se o método de estimação de máxima verossimilhança (ML), considerando a matriz de covariância.

Para o tratamento inicial dos dados referentes aos constructos da TCP e os constructos adicionais, foi verificada a ocorrência de *missing values* e *outliers*, assim como a normalidade destes dados, como sugerido por Hair Jr. et al. (2009). Os *outliers* foram identificados pela metodologia do *Z score*. Após a exclusão dos *outliers*, utilizou-se a metodologia da maximização da expectativa (EM–*expectation-maximization*) para a estimação destes dados faltantes.

Para estimar a homogeneidade dos itens representativos de cada um dos componentes constitutivos dos constructos, foram estimados os coeficientes α de Cronbach, as correlações item-total e correlações inter-item. Foram considerados ideais valores de correlações entre 0,20 a 0,80, visto que valores menores que 0,20 indicam que o item tem pouco em comum com os outros itens, e correlações maiores que 0,80 indicam redundância (DI IORIO, 2005). Além da correlação, considerou-se ainda a consistência interna da escala, por meio do coeficiente alfa de Cronbach, para a decisão se o item seria excluído ou não.

Para a validação dos constructos individualmente, inicialmente utilizou-se a análise fatorial exploratória pelo método de componentes principais. A análise fatorial exploratória foi realizada para cada constructo da TCP, onde verificou-se, preliminarmente, o número de fatores e o padrão de cargas de cada constructo. Na análise fatorial exploratória, para determinar a adequação da amostra, foi realizado o teste de Bartlett de esfericidade e medida de adequação de KMO (*Kaiser-Meyer-Olkin*). Para identificar a adequação do modelo foi utilizado o índice MSA (*Measure Sampling Adequacy*), o qual varia de 0 a 1, alcançando 1 quando cada variável é perfeitamente prevista sem erro pelas outras variáveis. Para a análise fatorial exploratória, foi utilizado o método de componentes principais. Conforme Hair Jr. et al. (2009) cargas fatoriais de $\pm 0,30$ a $\pm 0,40$ são consideradas aceitáveis, cargas de $\pm 0,50$ ou mais são consideradas praticamente significativas, e cargas $\pm 0,70$ são consideradas indicativas de estruturas bem definidas.

A qualidade de ajuste dos constructos e do modelo da TCP foi verificada por índices de ajuste absolutos (Estatística do qui-quadrado, Índice de qualidade de ajuste – GFI, Índice ajustado de qualidade de ajuste – AGFI, Raiz de erro quadrático médio de aproximação – RMSEA, χ^2 normalizado – χ^2/df) e por índices de ajuste incremental (Índice de ajuste normado – NFI, Índice de ajuste comparativo – CFI). Ainda foi utilizado o NNFI/LTI (Índice de ajuste não normalizado/Índice de Tucker Lewis). Conforme Hair Jr. et al. (2009) os valores aceitáveis para estes índices de ajustes são: GFI > 0,90; RMSEA < 0,08; NFI > 0,90; NNFI/LTI > 0,90; CFI > 0,90.

A Análise Fatorial Confirmatória foi realizada para verificar a validade convergente dos constructos, sendo considerada aceitável uma carga fatorial superior a 0,5, para caracterizar a validade convergente dos itens de um constructo (HAIR Jr. et al., 2009).

A avaliação do modelo estrutural também foi realizada pela modelagem de equações estruturais. Os índices de ajustes para a análise do modelo estrutural integrado foram os mesmos utilizados para a análise dos constructos, já citados anteriormente. A validade convergente do

modelo foi demonstrada por meio das cargas fatoriais do modelo e por meia variância extraída. Considera-se ideal, para a indicação de validade convergente do modelo, valores de cargas fatoriais e de variância extraída $\geq 0,5$ (HAIR Jr. et al., 2009). Já a validade discriminante pode ser comprovada comparando os percentuais de variância extraída de dois constructos, com o quadrado da estimativa de correlação entre estes constructos. As estimativas de variância devem ser maiores do que a estimativa quadrática da correlação (HAIR Jr. et al., 2009).

4.11 Aspectos éticos da pesquisa

Considerando a relevância social da pesquisa e o cumprimento da resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, todos os procedimentos para a realização da pesquisa foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade Estadual de Campinas (Parecer CEP 776/2011) (Anexo A). Ressalta-se que participaram da pesquisa somente os alunos cujos responsáveis assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A e E).

5. RESULTADOS

5.1 Caracterização da amostra

Participaram da pesquisa 323 adolescentes. As características detalhadas dos estudantes que participaram da pesquisa podem ser observadas na tabela 8. A amostra de estudantes foi composta na maioria por mulheres (51,4%) e por adolescentes que cursavam o primeiro ano do ensino médio. A idade média foi de 15,6 anos (mínimo = 13 e máximo = 17). Ao considerar a renda familiar dos estudantes observou-se que a maioria apresentava renda superior a cinco salários mínimos (SM) (56,3%). As mães dos estudantes tinham escolaridade pouco superior que a dos pais, 36,6% delas cursaram ensino superior (incompleto e completo) e 18,6% pós-graduação (incompleto e completo). Já entre os pais dos alunos estes percentuais corresponderam a 34% e 14%, respectivamente.

Em relação à escolaridade dos alunos a maioria cursava o primeiro ano do ensino médio (70%). Os cursos técnicos mais realizados entre os estudantes foram de enfermagem (13,6%), qualidade (13%), edificações (12,7%), informática (12,4%) e mecatrônica (11,8%).

Tabela 8 – Características sociodemográficas da amostra de estudantes de Campinas e Limeira, Brasil, 2013.

		(continua)
Características da amostra	n	%
Sexo		
Feminino	166	51,4
Masculino	157	48,6
Idade (anos)		
13 a 15	169	52,3
16 a 17	154	47,7
Renda familiar (em salários mínimos)^a		
Até 2	22	6,8
Mais de 2 a 5	116	36
Mais de 5 a 10	115	35,6
Mais de 10	67	20,7
Não informado	3	0,9

Tabela 8 – Características sociodemográficas da amostra de estudantes de Campinas e Limeira, Brasil, 2013.

Características da amostra	(conclusão)	
	n	%
Escolaridade do pai		
Ensino fundamental incompleto	16	5,0
Ensino fundamental completo	17	5,3
Ensino médio incompleto	13	4,0
Ensino médio completo	117	36,2
Ensino superior incompleto	32	9,9
Ensino superior completo	78	24,1
Pós-graduação incompleto	6	1,9
Pós-graduação completo	39	12,1
Não sabe ou sem resposta	5	1,5
Escolaridade da mãe		
Ensino fundamental incompleto	21	6,5
Ensino fundamental completo	13	4,0
Ensino médio incompleto	13	4,0
Ensino médio completo	96	29,7
Ensino superior incompleto	27	8,4
Ensino superior completo	91	28,2
Pós-graduação incompleto	8	2,5
Pós-graduação completo	52	16,1
Não sabe ou sem resposta	2	0,6
Curso técnico		
Edificações	41	12,7
Eletroeletrônica	21	6,5
Enfermagem	44	13,6
Informática	40	12,4
Mecânica	27	8,4
Mecatrônica	38	11,8
Geodésia e cartografia	34	10,5
Alimentos	29	9,0
Qualidade	42	13,0
Não faz curso técnico	7	2,2
Período no ensino médio (ano)		
1º	226	70,0
2º e 3º	97	30,0

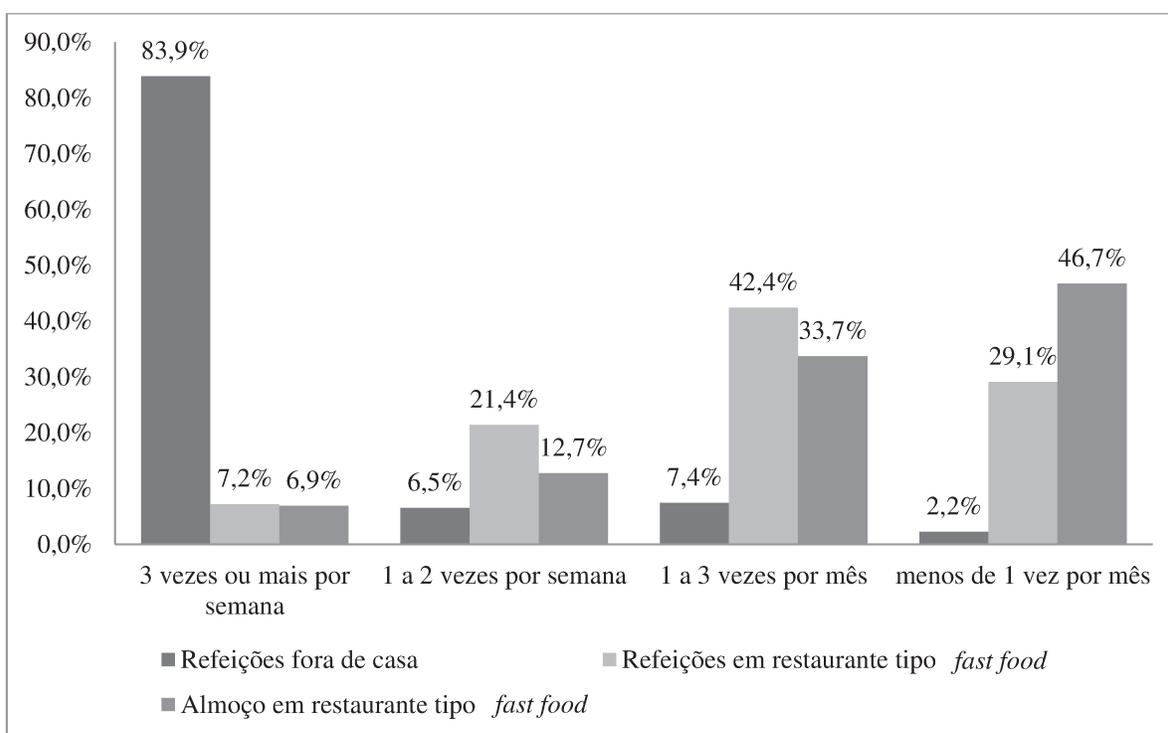
^aO salário mínimo, na época de realização da pesquisa, equivalia a 678 reais.

5.2 Consumo fora do domicílio

Uma proporção de 83,9% dos estudantes faziam refeições fora do domicílio três vezes ou mais por semana. Em relação à frequência de consumo em restaurante tipo *fast food*, 42,4% dos entrevistados afirmaram que consumiam nestes estabelecimentos de uma a três vezes por mês, seguida da frequência de consumo de menos de uma vez por mês (Figura 3).

Em relação à refeição mais frequente consumida em restaurantes tipo *fast food*, predominou o jantar (53,3%), seguida do almoço (39,0%). A refeição do almoço nestes estabelecimentos foi realizada pela maioria dos estudantes até três vezes por mês (80,4%).

Figura 3 – Frequência com que os estudantes costumam realizar refeições fora do domicílio e em restaurantes tipo *fast food*. Campinas e Limeira, 2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Não foram observadas associações entre o sexo e consumo em restaurante tipo *fast food* (χ^2 ; $p=0,135$) e frequência da realização do almoço em restaurante tipo *fast food* (χ^2 ; $p=0,164$). Contudo, observou-se uma associação significativa entre o sexo e tipo de refeição realizada em *fast*

food (χ^2 ; $p=0,033$). O jantar foi mais frequentemente realizado por mulheres, enquanto que no lanche da tarde estes estabelecimentos foram mais frequentemente visitados por sujeitos do sexo masculino (Tabela 9).

Ao analisar as relações entre a idade e os dados de consumo em restaurante tipo *fast food* não foram observadas associações (Tabela 10).

Tabela 9 – Frequência de consumo em restaurante tipo *fast food*, em função do sexo dos estudantes. Campinas e Limeira, 2013.

Consumo em restaurante tipo <i>fast food</i>	Sexo				<i>p</i> -valor
	Feminino		Masculino		
	n	%	n	%	
Frequência em restaurante tipo <i>fast food</i>					0,135
3 vezes ou mais por semana	9	5,4	14	8,9	
1 a 2 vezes por semana	43	25,9	26	16,6	
1 a 3 vezes por mês	65	39,2	72	45,9	
menos de 1 vez por mês	49	29,5	45	28,7	
Frequência em almoçar em restaurante tipo <i>fast food</i>					0,164
3 vezes ou mais por semana	8	4,8	14	8,9	
1 a 2 vezes por semana	26	15,7	15	9,6	
1 a 3 vezes por mês	52	31,3	57	36,3	
menos de 1 vez por mês	80	48,2	71	45,2	
Refeições realizadas em restaurante tipo <i>fast food</i>^a					0,033*
Almoço	62	37,3	64	41,0	
Jantar	97	58,4	75	48,1	
Lanche da tarde	7	4,2	17	10,9	

^aUma das suposições estatística do teste qui-quadrado é que as frequências “esperadas” sejam superiores à 5, portanto para a análise deste item optou-se em não incluir o dado referente a frequência da ceia (n=1; 0,3%). *significativo ao nível de 5%.

Tabela 10 – Frequência de consumo em restaurante tipo *fast food*, em função da idade dos estudantes. Campinas e Limeira, 2013.

Consumo em restaurante tipo <i>fast food</i>	Idade				p-valor
	13 a 15 anos		16 a 17 anos		
	n	%	n	%	
Frequência em restaurante tipo <i>fast food</i>					0,807
3 vezes ou mais por semana	11	6,6	12	7,6	
1 a 2 vezes por semana	39	23,5	30	19,1	
1 a 3 vezes por mês	69	41,6	68	43,3	
menos de 1 vez por mês	47	28,3	47	29,9	
Frequência em almoçar em restaurante tipo <i>fast food</i>					0,932
3 vezes ou mais por semana	10	6,0	12	7,6	
1 a 2 vezes por semana	22	13,3	19	12,1	
1 a 3 vezes por mês	57	34,3	52	33,1	
menos de 1 vez por mês	77	46,4	74	47,1	
Refeições realizadas em restaurante tipo <i>fast food</i>^a					0,109
Almoço	62	37,6	64	40,8	
Jantar	95	57,6	77	49,0	
Lanche da tarde	8	4,8	16	10,2	

^aUma das suposições estatística do teste qui-quadrado é que as frequências “esperadas” sejam superiores à 5, portanto para a análise deste item optou-se em não incluir o dado referente a frequência da ceia (n=1; 0,3%).

Ao observar a relação entre a renda e os dados de consumo fora do domicílio foi encontrada associação significativa entre a renda e a refeição mais frequente realizada em restaurante tipo *fast food* (χ^2 ; $p=0,003$) (Tabela 11). Os estudantes com renda mais alta (mais de 5 a 10 SM e mais de 10 SM) tendiam a frequentar restaurante tipo *fast food* no jantar quando comparados aqueles com renda menor (até 2 SM ou de 2 a 5 SM). Já estudantes com renda de até 2 SM frequentavam estes estabelecimentos com maior frequência no período do lanche da tarde.

Tabela 11 – Frequência de consumo em restaurante tipo *fast food*, em função da renda familiar dos estudantes. Campinas e Limeira, 2013.

Consumo em restaurante tipo <i>fast food</i>	Renda familiar (em salários mínimos) ^a								p- valor
	Até 2		De 2 a 5		Mais de 5 a 10		Mais de 10		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
Frequência em restaurante tipo <i>fast food</i>									0,773
3 vezes ou mais por semana	2	9,1	8	6,9	7	6,1	6	9,0	
1 a 2 vezes por semana	4	18,2	20	17,2	27	23,5	16	23,9	
1 a 3 vezes por mês	8	36,4	48	41,4	49	42,6	31	46,3	
menos de 1 vez por mês	8	36,4	40	34,5	32	27,8	14	20,9	
Frequência em almoçar em restaurante tipo <i>fast food</i>									0,615
3 vezes ou mais por semana	2	9,1	11	9,4	5	4,3	4	6,0	
1 a 2 vezes por semana	3	13,6	12	10,3	14	12,2	10	14,9	
1 a 3 vezes por mês	5	22,7	34	29,3	46	40,0	24	35,8	
menos de 1 vez por mês	12	54,5	59	50,9	50	43,5	29	43,3	
Refeições realizadas em restaurante tipo <i>fast food</i>^b									0,003*
Almoço	8	36,4	54	46,6	41	36,0	22	32,8	
Jantar	8	36,4	52	44,8	70	61,4	41	61,2	
Lanche da tarde	6	27,3	10	8,6	3	2,6	4	6,0	

^aO salário mínimo, na época de realização da pesquisa, equivalia a 678 reais. ^bUma das suposições estatística do teste qui-quadrado é que as frequências “esperadas” sejam superiores à 5, portanto para a análise deste item optou-se em não incluir o dado referente a frequência da ceia (n=1; 0,3%).* significativo ao nível de 1%.

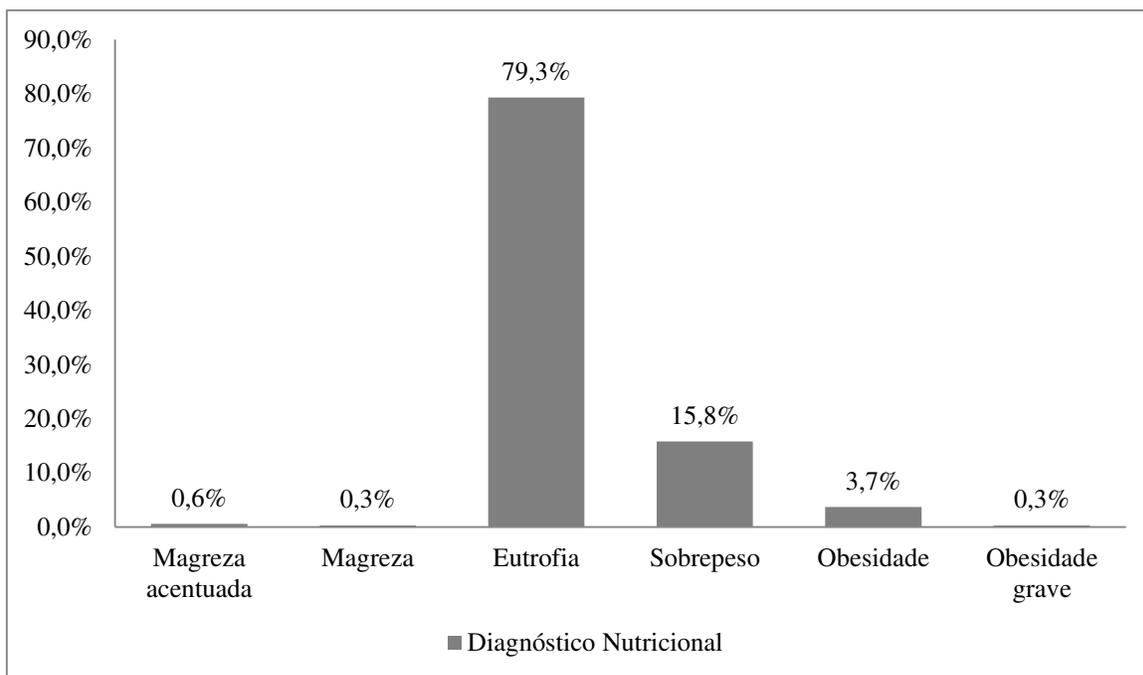
5.3 Estado nutricional dos participantes

Para a classificação do estado nutricional dos estudantes considerou-se o peso e a estatura autorrelatados. A partir destes dados o IMC para idade foi calculado. Observou-se que 79,3% dos alunos eram eutróficos e 19,8% apresentavam sobrepeso ou obesidade (Figura 4).

Não foram observadas associações entre o estado nutricional¹⁹ e a renda familiar dos estudantes (χ^2 ; $p=0,677$), a frequência de consumo fora do domicílio (χ^2 ; $p=0,354$), frequência do consumo em restaurantes tipo *fast food* (χ^2 ; $p=0,792$) (Tabela 12) e almoço em restaurante tipo *fast food* (χ^2 ; $p=0,530$) (Tabela 12).

¹⁹ Devido às baixas frequências observadas para alguns diagnósticos nutricionais (magreza, magreza acentuada, obesidade e obesidade grave), para esta análise os dados foram categorizados entre eutrofia e sobrepeso e obesidade.

Figura 4 – Distribuição dos estudantes segundo estado nutricional. Campinas e Limeira, 2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Tabela 12 – Frequência de consumo em restaurante tipo *fast food*, em função do estado nutricional dos estudantes. Campinas e Limeira, 2013.

Consumo em restaurante tipo <i>fast food</i>	Diagnóstico nutricional ^a				p-valor
	Eutrofia		Sobrepeso/Obesidade		
	n	%	n	%	
Frequência em restaurante tipo <i>fast food</i>					0,792
3 vezes ou mais por semana	17	6,7	5	7,9	
1 a 2 vezes por semana	60	23,4	9	14,1	
1 a 3 vezes por mês	101	39,5	34	53,1	
menos de 1 vez por mês	78	30,5	16	25,0	
Frequência em almoçar em restaurante tipo <i>fast food</i>					0,530
3 vezes ou mais por semana	15	5,9	5	7,9	
1 a 2 vezes por semana	36	14,1	5	7,8	
1 a 3 vezes por mês	84	32,8	24	37,5	
menos de 1 vez por mês	121	47,3	30	46,9	
Refeições realizadas em restaurante tipo <i>fast food</i>^b					0,854
Almoço	98	38,3	26	41,3	
Jantar	140	54,7	32	50,8	
Lanche da tarde	18	7,0	5	7,9	

^aPara que o teste estatístico fosse válido devido às baixas frequências observadas para obesidade, os diagnósticos de obesidade, obesidade grave e sobrepeso foram categorizados conjuntamente. Já os diagnósticos de magreza e magreza acentuada não foram considerados. ^bUma das suposições estatística do teste qui-quadrado é que as frequências “esperadas” sejam superiores à 5, portanto para a análise deste item optou-se em não incluir o dado referente a frequência da ceia (n=1; 0,3%).

5.4 Análise dos constructos da Teoria do Comportamento Planejado

O instrumento de pesquisa foi testado por meio da análise dos itens e análises fatoriais exploratórias e confirmatórias por constructo.

Diferentes modelos teóricos foram analisados a fim de identificar o melhor modelo para predizer a intenção comportamental do consumo de salada crua por adolescentes, quando fazem a refeição do almoço em restaurante tipo *fast food*.

5.4.1 Análise prévia dos dados e identificação de outliers

Para a análise dos dados, inicialmente os itens Q13, Q20, Q25, Q27, Q30, Q38, Q43, Q44, Q50 foram invertidos por se tratarem de questões negativas (Apêndice F).

Não foram identificados *missing values* entre os constructos da TCP e seus preditores adicionais.

Para a identificação dos *outliers*²⁰ das 65 questões referentes aos constructos da TCP e os preditores adicionais (norma descritiva e hábito), considerou-se que cada questão foi avaliada por 323 sujeitos. O total de *outliers* identificados foi de 81, correspondendo à apenas 0,4% do total de 20.995 observações. Na tabela 13 é possível observar o número de *outliers* por questão.

Tabela 13 – Número de *outliers* por questão referente aos constructos da Teoria do Comportamento Planejado e os preditores adicionais da teoria. Campinas e Limeira, 2013.

Número da questão ^a	Número de <i>Outliers</i>
Q2	1
Q12	10
Q14	7
Q16	3
Q21	2
Q23	8
Q26	1
Q31	5
Q34	1
Q37	4
Q40	7
Q41	6
Q49	2
Q56	8
Q58	7
Q61	9

^a As questões podem ser observadas no apêndice F.

Decidiu-se excluir os *outliers*, visto que possivelmente ocorreram erros de execução dos respondentes, como por exemplo, pelo uso de itens reversos. Foi realizada a metodologia da maximização da expectativa (*Expectation-Maximization* - EM)²¹ para a estimação destes dados faltantes.

²⁰ Foi considerado *outliers* valores com resultados acima de três desvios-padrão.

²¹ “A EM provém de uma técnica que procura identificar a estrutura de relações entre as variáveis subjacentes e tenta substituir os valores faltantes pela estimação por máxima verossimilhança [...]”(BARCELLOS, 2007).

5.4.2 Crenças comportamentais (atitude indireta)

A análise do constructo crenças comportamentais foi realizada de duas formas. Inicialmente considerou-se que cada questão de crença comportamental foi o resultado da multiplicação de duas questões, a crença (*b*) e a avaliação subjetiva da crença (*e*), conforme recomendação de Ajzen (1991). A segunda abordagem foi realizada considerando apenas a questão da crença (*b*), de acordo com recomendação de Godin (2012).

As duas formas de abordagens deste constructo foram testadas em diferentes modelos estruturais integrados, apresentados em tópico subsequente.

5.4.2.1 Crenças comportamentais (*b x e*)

Análise de itens

Para a análise inicial, considerou-se quatro itens do constructo crenças comportamentais, resultados da multiplicação de duas questões: CCOMP1 = Q12 x Q26, CCOMP2 = Q19 x Q16, CCOMP3 = Q35 x Q23, CCOMP4 = Q36 x Q41 (Apêndice F).

O coeficiente alfa de Cronbach (α de Cronbach) para o constructo crenças comportamentais foi baixo (0,494). O item CCOMP2 foi o que apresentou as mais baixas correlações item-total e inter-item (Tabelas 14 e 15, respectivamente), e que mais influenciou o α de Cronbach. Com a exclusão deste item, observou-se aumento da consistência interna (0,541). Contudo, ainda assim a consistência final foi apenas razoável.

Tabela 14 – Estatísticas item-total referente ao constructo crenças comportamentais (*b x e*). Campinas e Limeira, 2013.

Crenças comportamentais ^a	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído
CCOMP1	0,360	0,364	0,362	0,433
CCOMP2	0,147	0,541	--	--
CCOMP3	0,336	0,378	0,317	0,497
CCOMP4	0,327	0,385	0,388	0,382
Alfa de Cronbach		0,494		0,541

^aOs itens referentes as crenças comportamentais (*b x e*) são descritos no apêndice F.

Tabela 15 – Matriz de correlação inter-item referente ao constructo crenças comportamentais (*b x e*). Campinas e Limeira, 2013.

Crenças comportamentais^a	CCOMP1	CCOMP2	CCOMP3	CCOMP4
CCOMP1	--	0,130	0,237	0,337
CCOMP2	0,130	--	0,152	0,046
CCOMP3	0,237	0,152	--	0,278
CCOMP4	0,337	0,046	0,278	--

^aOs itens referentes as crenças comportamentais (*b x e*) são descritos no apêndice F.

Análise fatorial exploratória

O índice de adequação do modelo foi aceitável para os quatro itens (CCOMP1 = 0,617, CCOMP2 = 0,607, CCOMP3 = 0,649 e CCOMP4 = 0,592). A análise fatorial exploratória considerando os quatro itens resultou em apenas um fator com porcentagem de explicação igual a 40,6%. No entanto, a carga fatorial do item CCOMP2 foi muito baixa (0,367). Desse modo, optou-se por excluir este item. Com esta exclusão os resultados apresentados foram melhores (Tabela 16).

O teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ($p < 0,001$) e a medida de adequação de KMO foi igual a 0,612. Os resultados da análise fatorial exploratória considerando os itens CCOMP1, CCOMP3 e CCOMP4, foi composto por apenas um fator, demonstrando a unidimensionalidade do mesmo. O percentual de explicação do fator foi 52,3%.

Tabela 16 – Resultado da análise fatorial exploratória do constructo crenças comportamentais (*b x e*). Campinas e Limeira, 2013.

Constructo crenças comportamentais	
Itens^a	Carga fatorial
CCOMP1	0,731
CCOMP3	0,675
CCOMP4	0,761

^aOs itens referentes as crenças comportamentais (*b x e*) são descritos no apêndice F.

Modelagem de equações estruturais – SEM

Ao levar em conta os quatro itens (CCOMP1, CCOMP2, CCOMP3 e CCOMP4) a validade convergente do constructo não foi atingida, pois a carga fatorial padronizada do item CCOMP2 foi

inaceitável (0,19), assim como o valor da correlação múltipla quadrada (R^2) (0,04). Com a exclusão deste item a validade convergente do constructo foi atingida, pois os valores t dos itens estimados foram significativos (superiores a 1,96). Apenas a carga fatorial do item CCOMP3 foi ligeiramente inferior ao recomendado de 0,5 (Tabela 17).

O valor de RMSEA foi igual a 0,000, demonstrando que os itens explicaram toda a variabilidade dos dados. A razão χ^2/gl foi igual a 0, estando adequada conforme Hair Jr. et al. (2009). O índice de qualidade de ajuste (GFI), o índice de bondade de ajuste (AGFI) e o índice de ajuste comparativo (CFI) foram superiores ao mínimo desejado de 0,9 (GFI = 1,00; AGFI = 0,98; CFI = 0,96). O índice de ajuste normalizado (NFI) foi igual a 0,83, sendo um pouco inferior ao desejado de 0,9. O índice NNFI/LTI foi igual a 0,88.

Tabela 17 – Resultados da análise fatorial confirmatória do constructo crenças comportamentais (*b x e*). Campinas e Limeira, 2013.

Itens ^a	Carga fatorial padronizada	Valor t	Erro	R^2
CCOMP1	0,54	(0,000) ^b	0,71	0,29
CCOMP3	0,44	4,39	0,80	0,20
CCOMP4	0,63	3,96	0,61	0,39

^aOs itens referentes as crenças comportamentais (*b x e*) são descritos no apêndice F. ^bOs valores de t não são calculados para itens com carga fatorial arbitrada em 1.

Considerando os dados apresentados, para atender aos critérios da modelagem de equações estruturais e melhorar o α de Cronbach o item CCOMP2 do constructo crenças comportamentais (*b x e*) foi excluído.

5.4.2.2 Crenças comportamentais (*b*)

Análise de itens

Inicialmente, o constructo foi composto por 4 itens. O resultado do coeficiente α de Cronbach para este constructo foi regular (0,474). Como descrito nas tabelas 18 e 19 o item CCOMP2, apresentou correlações item-total e inter-item mais baixas, e influenciou muito o α de

Cronbach. Ao excluir este item a consistência aumentou 0,8 pontos (0,554). Ainda assim, a consistência final foi apenas razoável.

Tabela 18 – Estatísticas item-total do constructo crenças comportamentais (b). Campinas e Limeira, 2013.

Crenças comportamentais^a	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído
CCOMP1	0,316	0,364	0,332	0,505
CCOMP2	0,099	0,550	--	--
CCOMP3	0,373	0,276	0,353	0,465
CCOMP4	0,310	0,344	0,420	0,350
Alfa de Cronbach		0,474		0,554

^aOs itens referentes as crenças comportamentais (b) são descritos no apêndice F.

Tabela 19 – Matriz de correlação inter-item do constructo crenças comportamentais (b). Campinas e Limeira, 2013.

Crenças comportamentais^a	CCOMP1	CCOMP2	CCOMP3	CCOMP4
CCOMP1	1,000	0,082	0,221	0,320
CCOMP2	0,082	1,000	0,154	-0,013
CCOMP3	0,221	0,154	1,000	0,338
CCOMP4	0,320	-0,013	0,338	1,000

^aOs itens referentes as crenças comportamentais (b) são descritos no apêndice F.

Análise fatorial exploratória

O índice de adequação do modelo foi moderado considerando os quatro itens (CCOMP1=0,633, CCOMP2=0,449, CCOMP3=0,596 e CCOMP4=0,560). A análise fatorial exploratória resultou em dois fatores com porcentagem de explicação de 65,7%. O item CCOMP2 apresentou carga fatorial alta no segundo fator (0,932) e os itens CCOMP1, CCOMP3 e CCOMP4 apresentaram cargas fatoriais altas no primeiro fator (0,684, 0,722 e 0,748, respectivamente).

Para a unidimensionalidade dos resultados, o item CCOMP2 foi excluído. O teste de Bartlett de esfericidade foi significativo ($p < 0,001$) e a medida de adequação de KMO foi igual a 0,608. Os resultados da análise fatorial exploratória levando em conta somente os três itens (CCOMP1, CCOMP3 e CCOMP4) apontou apenas um fator, demonstrando a unidimensionalidade do mesmo (Tabela 20). A porcentagem de explicação do fator foi 52,9%.

Tabela 20 – Resultado da análise fatorial exploratória do constructo crenças comportamentais (b). Campinas e Limeira, 2013.

Constructo crenças comportamentais (b)^a	
Itens	Carga Fatorial
CCOMP1	0,691
CCOMP3	0,708
CCOMP4	0,781

^aOs itens referentes as crenças comportamentais (b) são descritos no apêndice F.

Modelagem de equações estruturais – SEM

Ao analisar os quatro itens, a validade convergente do constructo não foi atingida, pois a carga fatorial padronizada do item CCOMP2 foi muito baixa (0,10), assim como o valor de R^2 (0,01). Desse modo este item foi excluído. Com esta exclusão a validade convergente do constructo foi atingida, pois os valores t dos itens estimados foram significativos (superiores a 1,96). Entretanto, as cargas fatoriais dos itens CCOMP1 e CCOMP3 foram ligeiramente inferiores à recomendação de 0,5 (Tabela 21). O valor de RMSEA foi igual a 0,000, indicando que os itens explicaram toda a variabilidade dos dados. O modelo foi saturado, ou seja, o ajuste foi perfeito ($\chi^2/g1 = 0,00$; GFI = 1,00; AGFI = 1,00; NFI = 1,00; NNFI/LTI = 1,00; CFI = 1,00; RMSEA = 0,000).

Tabela 21 – Resultado da análise fatorial confirmatória do constructo crenças comportamentais (b). Campinas e Limeira, 2013.

Itens^a	Carga Fatorial padronizada	Valor t	Erro	R^2
CCOMP1	0,46	(0,000) ^b	0,79	0,21
CCOMP3	0,48	4,75	0,77	0,23
CCOMP4	0,70	3,95	0,51	0,49

^aOs itens referentes as crenças comportamentais (b) são descritos no apêndice F.^bOs valores de t não são calculados para itens com carga fatorial arbitrada em 1.

Levando em conta os dados apresentados para o constructo crenças comportamentais (b) o item CCOMP2 foi excluído, obtendo-se melhores resultados de confiabilidade e validade.

5.4.3 Atitude

Análise de itens

A tabela 22 mostra os resultados da correlação item-total e os valores do α de Cronbach do constructo atitude. Já na tabela 23 é possível observar a matriz de correlação inter-item para o constructo atitude. Observou-se que o resultado do α de Cronbach foi muito bom (0,815). A menor correlação observada item-total e inter-item ocorreu para o item ATD2 - *Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço seria: (1) Muito Prejudicial: (5) Muito Benéfico*. Com a exclusão deste item, observou-se aumento no α de Cronbach (0,829). Ainda, o item ATD3 - *Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço seria: (1) Muito Insensato: (5) Muito Sensato* - apresentou correlação item-total um pouco inferior aos demais itens, contudo como sua exclusão interferiria pouco na consistência interna do constructo optou-se por deixar o item.

Tabela 22 – Estatísticas item-total do constructo atitude. Campinas e Limeira, 2013.

Atitude^a	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído
ATD1	0,606	0,781	0,610	0,799
ATD2	0,273	0,829	--	--
ATD3	0,457	0,807	0,429	0,834
ATD4	0,626	0,777	0,600	0,802
ATD5	0,645	0,774	0,672	0,786
ATD6	0,638	0,775	0,656	0,789
ATD7	0,612	0,780	0,635	0,794
Alfa de Cronbach		0,815		0,829

^aOs itens referentes a atitude são descritos no apêndice F.

Tabela 23 – Matriz de correlação inter-item do constructo atitude. Campinas e Limeira, 2013.

Atitude^a	ATD1	ATD2	ATD3	ATD4	ATD5	ATD6	ATD7
ATD1	--	0,195	0,375	0,490	0,512	0,444	0,447
ATD2	0,195	--	0,292	0,331	0,108	0,146	0,117
ATD3	0,375	0,292	--	0,487	0,247	0,259	0,283
ATD4	0,490	0,331	0,487	--	0,418	0,435	0,409
ATD5	0,512	0,108	0,247	0,418	--	0,683	0,613
ATD6	0,444	0,146	0,259	0,435	0,683	--	0,604
ATD7	0,447	0,117	0,283	0,409	0,613	0,604	--

^aOs itens referentes a atitude são descritos no apêndice F.

Análise Fatorial Exploratória

O teste de Bartlett de esfericidade foi significativo ($p < 0,001$) e a medida de adequação de KMO foi igual a 0,834. Ambos os resultados foram positivos para a construção do modelo. Considerando o índice MSA, verificou-se que o mesmo foi alto para os sete itens do constructo (ATD1 = 0,884, ATD2 = 0,795, ATD3 = 0,817, ATD4 = 0,838, ATD5 = 0,800, ATD6 = 0,817 e ATD7 = 0,869).

A análise fatorial exploratória indicou uma separação dos itens da atitude em dois fatores. Com a exclusão do item ATD2 o resultado foi mais apropriado sendo composto por apenas um fator (Tabela 24). A porcentagem de explicação do fator foi 54,5%.

Tabela 24 – Resultado da análise fatorial exploratória para o constructo atitude. Campinas e Limeira, 2013.

Constructo atitude	
Itens^a	Carga fatorial
ATD1	0,740
ATD3	0,553
ATD4	0,721
ATD5	0,810
ATD6	0,797
ATD7	0,776

^aOs itens referentes a atitude são descritos no apêndice F.

Modelagem de equações estruturais – SEM

Ao analisar os sete itens a validade convergente do constructo foi atingida, pois os valores t dos itens estimados foram significativos (superiores a 1,96). No entanto, é recomendado que as cargas fatoriais padronizadas fossem superiores a 0,5 para caracterizar a validade convergente dos itens. O item ATD2, teve carga padronizada muito baixa (0,23), indicando que a correlação deste item com o constructo foi menor. O valor de R^2 para este item foi extremamente baixo (0,05). Além disso, ao considerar os índices de ajustes para este constructo verificou-se que o valor de RMSEA foi igual a 0,163, indicando que 16,3% da variância dos dados não foi explicada. A razão χ^2/gl foi igual a 9,57, ficando fora da razão aceitável de até 5. O AGFI também foi inferior ao mínimo desejado de 0,9. Já o NFI foi igual a 0,90, valor recomendado. Contudo, o índice NNFI/LTI foi menor que 0,90.

Considerando os resultados obtidos, optou-se por excluir o item ATD2. Observou-se que os índices de ajustes melhoraram, quando comparados com o modelo que considerava todos os itens da atitude. Contudo, ainda não atenderam a todos os critérios. O item ATD3 apresentou carga padronizada de 0,40, inferior a recomendada, e valor de R^2 baixo (0,16). Além disso, ao levar em conta os índices de ajustes para este constructo verificou-se que o valor de RMSEA foi igual a 0,163, indicando que 16,3% da variância dos dados não foi explicada. A razão χ^2/gl foi igual a 9,53, ou seja, fora da razão aceitável. O AGFI também foi inferior ao mínimo desejado, assim como o NNFI/LTI. Já o NFI foi igual a 0,93.

Considerando que o item ATD3 possuía menor carga fatorial padronizada, quando comparada aos outros itens do constructo atitude. Optou-se por também excluir este item. Os resultados da análise do constructo com a exclusão dos itens ATD2 e ATD3, e inserção de correlações entre os itens ATD1 e ATD4, e ATD1 e ATD6 são apresentados na tabelas 25.

Tabela 25 – Resultado da análise fatorial confirmatória do constructo atitude, com a exclusão dos itens ATD2 e ATD3, e inserção de correlações entre os itens ATD1 e ATD4, e ATD1 e ATD6. Campinas e Limeira, 2013.

Itens^a	Carga fatorial padronizada	Valor <i>t</i>	Erro	<i>R</i>²
ATD1	0,61	(0,000) ^b	0,62	0,38
ATD4	0,52	8,94	0,72	0,28
ATD5	0,83	10,34	0,31	0,69
ATD6	0,82	10,24	0,32	0,68
ATD7	0,74	9,84	0,46	0,54

^aOs itens referentes a atitude são descritos no apêndice F.^bOs valores de *t* não são calculados para itens com carga fatorial arbitrada em 1.

Conforme é possível observar na tabela 25, a validade convergente do constructo atitude foi atingida, pois os valores *t* dos itens estimados foram significativos (superiores a 1,96) e todas as cargas fatoriais padronizadas foram superiores a 0,5.

O valor de RMSEA foi igual a zero, indicando que os itens explicaram toda a variabilidade dos dados. A razão χ^2/gl foi igual a 0,39, também ficando dentro da razão aceitável. O GFI, o AGFI, o NFI, o NNFI/LTI e o CFI foram superiores ao mínimo desejado de 0,9 (GFI = 1,00; AGFI = 0,99; NFI = 1,00; NNFI/LTI = 1,00; CFI = 1,00).

Por fim, a unidimensionalidade do constructo foi confirmada, pois não foram encontrados resíduos padronizados de covariância superiores ao módulo de 2,58. O maior resíduo foi igual a 0,91 e observado entre os itens ATD4 e ATD5. Desse modo, para atender a todos os critérios da modelagem de equações estruturais optou-se por excluir os itens ATD2 e ATD3 do constructo atitude. Ressalta-se que a exclusão destes itens também resultou na melhora do α de Cronbach.

5.4.4 Crenças normativas (norma subjetiva indireta)

A análise do constructo crenças normativas foi realizada de duas maneiras. Inicialmente considerou-se que cada item do constructo foi resultado da multiplicação do item crença (*n*) com a motivação para cumprir com o referencial social (*m*) (AJZEN, 1991). Após, foi realizada a análise conforme recomendação de Godin (2012), considerando que cada item do constructo era composto pelo item crença (*n*). Ambas as abordagens foram testadas em diferentes modelos estruturais integrados.

5.4.4.1 Crenças normativas ($n \times m$)

Análise de itens

O constructo foi composto por quatro itens. Cada item foi o resultado da multiplicação de duas questões (CNORM1 = Q42 x Q15, CNORM2 = Q21 x Q37, CNORM3 = Q48 x Q29, CNORM4= Q52 x Q47).

Os resultados do α de Cronbach para o constructo de crenças normativas foi muito bom considerando os quatro itens (0,796). Conforme pode ser observado nas tabelas 26 e 27, nenhum dos itens apresentou baixa correlação item-total e inter-item.

Tabela 26 – Estatísticas item-total referente ao constructo crenças normativas ($n \times m$). Campinas e Limeira, 2013.

Crenças normativas^a	Correlação item-total	Alfa se o item for excluído
CNORM1	0,761	0,658
CNORM2	0,459	0,823
CNORM3	0,534	0,792
CNORM4	0,783	0,647

^aOs itens referentes as crenças normativas ($n \times m$) são descritos no apêndice F.

Tabela 27 – Matriz de correlação inter-item referente ao constructo crenças normativas ($n \times m$). Campinas e Limeira, 2013.

Crenças normativas^a	CNORM1	CNORM2	CNORM3	CNORM4
CNORM1	--	0,431	0,493	0,831
CNORM2	0,431	--	0,318	0,440
CNORM3	0,493	0,318	--	0,515
CNORM4	0,831	0,440	0,515	--

^aOs itens referentes as crenças normativas ($n \times m$) são descritos no apêndice F.

Análise Fatorial Exploratória

O teste de Bartlett de esfericidade foi significativo ($p < 0,001$) e a adequação de KMO foi igual a 0,720, estando adequados. Além disso, o índice MSA foi aceitável para os quatro itens do constructo (CN1 = 0,657, CN2 = 0,917, CN3 = 0,903 e CN4 = 0,652).

A análise fatorial exploratória considerando os quatro itens resultou em apenas um fator. A porcentagem de explicação do fator foi igual a 63,7% e as cargas fatoriais foram todas elevadas (CNORM1 = 0,893, CNORM2 = 0,651, CNORM3 = 0,718, CNORM4 = 0,902).

Modelagem de equações estruturais – SEM

A validade convergente do constructo foi atingida, pois os valores *t* dos itens estimados foram significativos (superiores a 1,96). As cargas fatoriais padronizadas foram superiores a 0,5 para os itens CNORM1, CNORM3 e CNORM4 caracterizando a validade convergente dos itens. A carga fatorial para o item 2 ficou muito próxima de 0,5 (Tabela 28).

Tabela 28 – Resultado da análise fatorial confirmatória do constructo crenças normativas (*n x m*). Campinas e Limeira, 2013.

Itens^a	Carga fatorial padronizada	Valor <i>t</i>	Erro	<i>R</i>²
CNORM1	0,90	(0,000) ^b	0,20	0,80
CNORM2	0,48	8,96	0,77	0,23
CNORM3	0,56	10,70	0,69	0,31
CNORM4	0,93	18,36	0,93	0,86

^aOs itens referentes as crenças normativas (*n x m*) são descritos no apêndice F. ^bOs valores de *t* não são calculados para itens com carga fatorial arbitrada em 1.

A unidimensionalidade dos dados foi confirmada, pois todos os resíduos padronizados de covariância foram inferiores ao módulo de 2,58. O maior resíduo foi observado entre os itens CNORM2 e CNORM3, sendo igual a 0,98. O valor de RMSEA foi muito bom (0,000), indicando que não houve perda da variância dos dados explicada. Além disso, a razão χ^2 /gl foi igual a 0,87, também ficando dentro da razão aceitável. Todos os índices de bondade de ajuste foram adequados (GFI = 1,00; AGFI = 0,99; NFI = 1,00; NNFI/LTI = 1,00; CFI = 1,00). Desse modo, e considerando todas as análises realizadas, nenhum item do constructo crença normativa (*n x m*) foi excluído.

5.4.4.2 Crenças normativas (*n*)

Análise de itens

O constructo foi composto por quatro itens (Q42, Q21, Q48, Q52). Ao avaliar os resultados do α Cronbach para o constructo de crenças normativas (*n*), observou-se bons resultados (0,763) (Tabela 29). Nenhum item apresentou baixas correlações item-total e inter-item (Tabela 29 e 30, respectivamente).

Tabela 29 – Estatísticas item-total do constructo de crenças normativas (*n*). Campinas e Limeira, 2013.

Crenças normativas ^a	Correlação item-total	Alfa se o item for excluído
CNORM1	0,766	0,605
CNORM2	0,388	0,803
CNORM3	0,427	0,794
CNORM4	0,775	0,601

^aOs itens referentes as crenças normativas (*n*) são descritos no apêndice F.

Tabela 30 – Matriz de correlação inter-item constructo de crenças normativas (*n*). Campinas e Limeira, 2013.

Crenças normativas ^a	CNORM1	CNORM2	CNORM3	CNORM4
CNORM1	--	0,382	0,410	0,868
CNORM2	0,382	--	0,214	0,379
CNORM3	0,214	0,410	--	0,421
CNORM4	0,379	0,868	0,421	--

^aOs itens referentes as crenças normativas (*n*) são descritos no apêndice F.

Análise fatorial exploratória

O teste de Bartlett de esfericidade foi significativo ($p < 0,001$) e a medida de adequação de KMO foi adequada (0,664). Além disso, o índice MSA também indicou adequação. O índice de adequação do modelo foi aceitável para os quatro itens do constructo (CNORM1 = 0,605, CNORM2 = 0,933, CNORM3 = 0,928 e CNORM4 = 0,605). A análise fatorial exploratória resultou em apenas um fator. A porcentagem de explicação do fator foi igual a 60,1% e as cargas

fatoriais foram todas elevadas (CNORM1 = 0,909, CNORM2 = 0,590, CNORM3 = 0,630, CNORM4 = 0,911).

Modelagem de equações estruturais – SEM

Foi utilizado o método de estimação de máxima verossimilhança (ML) e a matriz de covariância entre as questões. A validade convergente do constructo foi atingida, pois os valores *t* dos itens estimados foram significativos (superiores a 1,96). As cargas fatoriais padronizadas foram superiores a 0,5 para os itens CNORM1 e CNORM4, e próximas a 0,5 para os itens CNORM2 e CNORM3 (Tabela 31). A unidimensionalidade foi confirmada, pois todos os resíduos padronizados de covariância foram inferiores ao módulo de 2,58. O maior resíduo foi observado entre os itens CNORM2 e CNORM3, sendo igual a 0,70. O valor de RMSEA foi excelente, indicando que não houve perda da variância dos dados explicada pelos fatores de risco (RMSEA=0,000). A razão $\chi^2/g1$ foi igual a 0,315, dentro da razão aceitável que é de, no máximo, 5. Os índices de bondade de ajuste foram todos adequados (GFI = 1,00; AGFI = 1,00; NFI = 1,00; NNFI/LTI = 1,00; CFI = 1,00). Nenhum item foi excluído do constructo.

Tabela 31 – Resultado da análise fatorial confirmatória do constructo crenças normativas (*n*). Campinas e Limeira, 2013.

Itens ^a	Carga Fatorial padronizada	Valor <i>t</i>	Erro	<i>R</i> ²
CNORM1	0,93	(0,000) ⁽¹⁾	0,14	0,86
CNORM2	0,41	7,54	0,83	0,17
CNORM3	0,45	8,35	0,80	0,20
CNORM4	0,94	18,15	0,12	0,88

^aOs itens referentes as crenças normativas (*n*) são descritos no apêndice F.^bOs valores de *t* não são calculados para itens com carga fatorial arbitrada em 1.

5.4.5 Norma subjetiva

O constructo norma subjetiva foi composto por três itens (NS1 = Q8, NS2 = Q17 e NS3 = Q24) (Apêndice F). O resultado do α de Cronbach para o constructo foi alto (0,794). Além disso, nenhum item apresentou baixa correlação item-total e inter-item (Tabela 32 e 33, respectivamente).

Tabela 32 – Correlação item-total, carga fatorial e consistência interna do constructo norma subjetiva. Campinas e Limeira, 2013.

Norma subjetiva ^a	Análise de itens		Carga fatorial
	Correlação item-total	Alfa se o item for excluído	Fator 1
NS1	0,510	0,843	0,746
NS2	0,717	0,630	0,891
NS3	0,698	0,652	0,881

^aOs itens referentes a norma subjetiva são descritos no apêndice F.

Tabela 33 – Matriz de correlação inter-item para o constructo norma subjetiva. Campinas e Limeira, 2013.

Norma subjetiva ^a	NS1	NS2	NS3
NS1	--	0,486	0,463
NS2	0,486	--	0,728
NS3	0,463	0,728	--

^aOs itens referentes a norma subjetiva são descritos no apêndice F.

Análise Fatorial Exploratória

O teste de Bartlett de esfericidade ($p < 0,001$) e a medida de adequação de KMO (0,656) indicaram adequação da amostra visto que ambos os resultados foram positivos para a construção do modelo. Além disso, os índices MSA foram aceitáveis para os três itens (NS1 = 0,828, NS2 = 0,614 e NS3 = 0,621).

Os resultados da análise fatorial exploratória apontaram apenas um fator, que apresentou percentual de explicação de 70,9%. Além disso, as cargas fatoriais dos três itens foram elevadas (Tabela 32).

Modelagem de equações estruturais – SEM

A validade convergente do constructo foi atingida, pois os valores t dos itens estimados foram significativos (superiores a 1,96). Além disso, as cargas fatoriais padronizadas foram superiores a 0,5 caracterizando a validade convergente dos itens (Tabela 34). Em relação ao ajuste do modelo, o modelo foi saturado, ou seja, o ajuste foi perfeito. Diante dos resultados apresentados, nenhum item do constructo norma subjetiva foi excluído.

Tabela 34 – Resultado da análise fatorial confirmatória para o constructo norma subjetiva. Campinas e Limeira, 2013.

Itens^a	Carga fatorial padronizada	Valor <i>t</i>	Erro	<i>R</i>²
NS1	0,56	(0,000) ^b	0,69	0,31
NS2	0,87	9,36	0,23	0,77
NS3	0,83	9,59	0,31	0,69

^aOs itens referentes a norma subjetiva são descritos no apêndice F. ^bOs valores de *t* não são calculados para itens com carga fatorial arbitrada em 1.

5.4.6 Crenças de controle (controle comportamental percebido indireto)

Este constructo foi analisado considerando duas abordagens distintas. Primeiramente o constructo crenças de controle (*c x p*) foi avaliado considerando a multiplicação da crença de controle pelo poder do fator controle em facilitar ou impedir a realização do comportamento, conforme recomendação de Ajzen (1991). A segunda abordagem considerou a recomendação de Godin (2012), que recomenda que cada item seja formado apenas pelo item do poder do fator controle (*p*). As duas abordagens foram avaliadas considerando modelos estruturais integrados diferenciados.

5.4.6.1 Crenças de controle (*c x p*)

Análise de itens

O constructo foi composto inicialmente por sete itens. Cada item foi o resultado da multiplicação de duas questões (CCONT1 = Q13 x Q27, CCONT2 = Q20 x Q30, CCONT3 = Q25 x Q43, CCONT4 = Q31 x Q45, CCONT5 = Q38 x Q51, CCONT6 = Q39 x Q32, CCONT7 = Q44 x Q50).

Ao analisar os sete itens observou-se que os resultados do α de Cronbach para o constructo de crenças de controle foi ruim. Desse modo, optou-se por excluir o item CCONT4, visto que este item apresentou correlação item-total muito baixa e resultou em um maior impacto no α de Cronbach. No entanto, a consistência continuou baixa. Ao observar os dados verificou-se que os

itens CCONT5 e CCONT6 se destacaram negativamente. Com a exclusão destes dois itens, a consistência interna aumentou para 0,531 (Tabela 35).

Tabela 35 – Estatísticas item-total referente ao constructo crenças de controle (*c x p*). Campinas e Limeira, 2013.

Crenças de controle ^a	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído
CCONT1	0,172	0,334	0,246	0,337	0,345	0,450
CCONT2	0,218	0,306	0,247	0,327	0,253	0,512
CCONT3	0,242	0,284	0,288	0,290	0,346	0,436
CCONT4	0,027	0,404	--	--	--	--
CCONT5	0,173	0,331	0,103	0,411	--	--
CCONT6	0,146	0,346	0,049	0,447	--	--
CCONT7	0,161	0,339	0,238	0,328	0,350	0,430
Alfa de Cronbach		0,372		0,404		0,531

^aOs itens referentes as crenças de controle (*c x p*) são descritos no apêndice F.

A tabela 36 mostra a correlação inter-item para o constructo crenças de controle, sendo possível observar que os itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6 também apresentaram baixas correlações inter-item.

Tabela 36 – Matriz de correlação inter-item referente ao constructo crenças de controle (*c x p*). Campinas e Limeira, 2013.

Crenças de controle ^a	CCONT1	CCONT2	CCONT3	CCONT4	CCONT5	CCONT6	CCONT7
CCONT1	1,000	0,184	0,240	-0,178	0,020	-0,119	0,285
CCONT2	0,184	1,000	0,196	-0,040	-0,026	0,115	0,166
CCONT3	0,240	0,196	1,000	-0,066	0,043	-0,016	0,275
CCONT4	-0,178	-0,040	-0,066	1,000	0,236	0,310	-0,174
CCONT5	0,020	-0,026	0,043	0,236	1,000	0,254	-0,012
CCONT6	-0,119	0,115	-0,016	0,310	0,254	1,000	-0,084
CCONT7	0,285	0,166	0,275	-0,174	-0,012	-0,084	1,000

^aOs itens referentes as crenças de controle (*c x p*) são descritos no apêndice F.

Análise Fatorial Exploratória

O índice de adequação do modelo para os sete itens foi moderado (CCONT1 = 0,672, CCONT2 = 0,599 CCONT3 = 0,674, CCONT4 = 0,649, CCONT5 = 0,581, CCONT6 = 0,583, CCONT7 = 0,683). Ao considerar os sete itens, a análise fatorial exploratória do constructo crenças de controle (*c x p*) resultou em dois fatores, com porcentagem de explicação de 46,9%. Além disso, foram observadas cargas fatoriais cruzadas. Desse modo, optou-se em excluir os itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6. Com estas exclusões o modelo fatorial resultante foi composto por apenas um fator, demonstrando a unidimensionalidade do mesmo. A porcentagem de explicação do modelo fatorial foi de 42,0%, apresentando cargas fatoriais elevadas (Tabela 37). O teste de Bartlett de esfericidade ($p < 0,001$) e a medida de adequação de KMO (0,667) foram positivos para a construção do modelo fatorial.

Tabela 37 – Resultado da análise fatorial exploratória referente ao constructo crenças de controle (*c x p*), após a exclusão dos itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6. Campinas e Limeira, 2013.

Constructo crenças de controle ^a	
Itens	Carga fatorial
CCONT1	0,674
CCONT2	0,545
CCONT3	0,674
CCONT7	0,689

^aOs itens referentes as crenças de controle (*c x p*) são descritos no apêndice F.

Modelagem de equações estruturais – SEM

Levando em conta sete itens, o modelo inicial foi ruim, com os itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6 apresentando cargas fatoriais padronizadas negativas (-0,34, -0,09 e -0,21, respectivamente). Nesse sentido, realizou-se um segundo modelo com os itens CCONT1, CCONT2, CCONT3 e CCONT7.

No segundo modelo a validade convergente do constructo foi atingida, pois os valores *t* dos itens estimados foram significativos (superiores a 1,96). No entanto, as cargas fatoriais padronizadas para o item CCONT2 foram baixas, indicando leve divergência para a validade convergente do modelo (Tabela 38). A unidimensionalidade foi confirmada, pois não foram

encontrados resíduos padronizados de covariância superiores ao módulo de 2,58. O maior resíduo, em módulo, foi igual a 0,87 e observado entre os itens CCONT2 e CCONT7. Os valores de qui-quadrado foram aceitáveis ($\chi^2/gl < 5$). O valor de RMSEA foi excelente (0,000), assim como todos os índices de bondade de ajuste foram adequados (GFI = 1,00; AGFI = 0,99; NFI = 0,99; NNFI/LTI = 1,04; CFI = 1,00).

Tabela 38 – Resultado da análise fatorial confirmatória referente ao constructo crenças de controle (*c x p*), após a exclusão dos itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6. Campinas e Limeira, 2013.

Itens	Carga fatorial padronizada	Valor <i>t</i>	Erro	<i>R</i> ²
CCONT1	0,51	(0,000) ^b	0,74	0,26
CCONT2	0,35	3,77	0,88	0,12
CCONT3	0,50	4,43	0,75	0,25
CCONT7	0,54	4,44	0,71	0,19

^aOs itens referentes as crenças de controle (*c x p*) são descritos no apêndice F. ^bOs valores de *t* não são calculados para itens com carga fatorial arbitrada em 1.

Conforme os dados apresentados os itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6 foram excluídos, visto que os resultados foram melhores para a consistência interna do constructo, para a análise fatorial exploratória e para a análise fatorial confirmatória.

5.4.6.2 Crenças de controle (*p*)

Análise de itens

O constructo foi composto inicialmente por sete itens (CCONT1 = Q27, CCONT2 = Q30, CCONT3 = Q43, CCONT4 = Q45, CCONT5 = Q51, CCONT6 = Q32, CCONT7 = Q50). Os resultados do α de Cronbach para o constructo de crenças de controle considerando todos os itens foi muito fraco (Tabela 39). Desse modo, inicialmente foram excluídos os itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6 que apresentaram correlações inter-item negativas com os demais (Tabela 40). O α foi de 0,567, entretanto, foi observada maior consistência interna apenas considerando os itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6 ($\alpha = 0,620$) (Tabela 39).

Tabela 39 – Estatísticas item-total do constructo crenças de controle (*p*). Campinas e Limeira, 2013.

Crenças de controle ^a	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído
CCONT1	0,005	0,069	0,397	0,456	--	--
CCONT2	0,152	-0,075	0,279	0,552	--	--
CCONT3	0,153	-0,071	0,343	0,501	--	--
CCONT4	0,004	0,068	--	--	0,412	0,542
CCONT5	-0,050	0,121	--	--	0,456	0,479
CCONT6	-0,094	0,148	--	--	0,419	0,531
CCONT7	0,002	0,072	0,385	0,467	--	--
Alfa de Cronbach		0,372		0,567		0,620

^aOs itens referentes as crenças de controle (*p*) são descritos no apêndice F.

Tabela 40 – Matriz de correlação inter-item do constructo crenças de controle (*p*). Campinas e Limeira, 2013.

Crenças de controle ^a	1	2	3	4	5	6	7
CCONT1	1,000	0,166	0,300	-0,236	-0,293	-0,315	0,358
CCONT2	0,166	1,000	0,213	-0,021	-0,125	-0,115	0,229
CCONT3	0,300	0,213	1,000	-0,128	-0,128	-0,142	0,212
CCONT4	-0,236	-0,021	-0,128	1,000	0,366	0,315	-0,272
CCONT5	-0,293	-0,125	-0,128	0,366	1,000	0,374	-0,243
CCONT6	-0,315	-0,115	-0,142	0,315	0,374	1,000	-0,332
CCONT7	0,358	0,229	0,212	-0,272	-0,243	-0,332	1,000

^aOs itens referentes as crenças de controle (*p*) são descritos no apêndice F.

Análise fatorial exploratória

O índice de adequação do modelo para os sete itens foi bom (CCONT1 = 0,782, CCONT2 = 0,700, CCONT3 = 0,747, CCONT4 = 0,759, CCONT5 = 0,758, CCONT6 = 0,787 e CCONT7 = 0,782). No entanto, a análise fatorial exploratória de crenças de controle com todos os itens resultou em dois fatores, com porcentagem de explicação de 51,1%. Foram observadas cargas fatoriais cruzadas e inversas.

Os itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6 apresentaram carga fatorial alta para o primeiro fator enquanto que os itens CCONT1, CCONT2, CCONT3 e CCONT7 apresentaram cargas maiores para o segundo fator. No entanto, os itens CCONT1 e CCONT7 apresentaram cargas cruzadas. Note que os itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6 são compostos pelos fatores facilitadores relacionados ao comportamento, enquanto que os itens CCONT1, CCONT2, CCONT3 e CCONT7 representam os fatores dificultadores. Um segundo modelo fatorial foi proposto composto pelos itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6. Este modelo resultou em apenas um fator com porcentagem de explicação de 56,8% e com cargas fatoriais elevadas, conforme descrito na tabela 41.

Tabela 41 – Resultado da análise fatorial exploratória do constructo crenças de controle (*p*). Campinas e Limeira, 2013.

Constructo crenças de controle (<i>p</i>)	
Itens^a	Carga Fatorial
CCONT4	0,554
CCONT5	0,544
CCONT6	0,606

^aOs itens referentes as crenças de controle (*p*) são descritos no apêndice F.

O resultado da análise fatorial exploratória com os itens CCONT1, CCONT2, CCONT3 e CCONT7 apresentou menor porcentagem de explicação (43,7%), portanto, optou-se pelos itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6 na representação do constructo crenças de controle (*p*). O teste de Bartlett de esfericidade ($p < 0,001$) e a medida de adequação de KMO (0,642) foram positivos para a construção do modelo.

Modelagem de equações estruturais – SEM

O modelo inicial com os sete itens foi muito ruim, com os itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6 apresentando cargas fatoriais padronizadas negativas (-0,59, -0,49 e -0,55, respectivamente). Dessa maneira, dois outros modelos foram realizados. O segundo modelo foi realizado com os itens CCONT1, CCONT2, CCONT3 e CCONT7. Neste modo, embora as cargas fatoriais foram boas, as cargas dos itens CCONT2 e CCONT3 foram inferiores a 0,5. Já os

resultados do terceiro modelo, composto pelos itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6 foram melhores, conforme apresentado na tabela 42. As cargas fatoriais padronizadas foram todas superiores a 0,5, assim como todos os índices de ajuste estavam adequados ($\chi^2/g1 = 0$; GFI = 1,00; AGFI = 1,00; NFI = 1,00; NNFI/LTI = 1,00; CFI = 1,00; RMSEA = 0,00).

Tabela 42 – Resultado da análise fatorial confirmatória do constructo crenças de controle (*p*). Campinas e Limeira, 2013.

Itens	Carga Fatorial padronizada	Valor <i>t</i>	Erro	<i>R</i>²
CCONT4	0,56	(0,000) ^b	0,68	0,32
CCONT5	0,57	5,67	0,69	0,31
CCONT6	0,66	5,41	0,57	0,43

^aOs itens referentes as crenças de controle (*p*) são descritos no apêndice F.^bOs valores de *t* não são calculados para itens com carga fatorial arbitrada em 1.

Considerando os resultados apresentados os itens CCONT1, CCONT2, CCONT3 e CCONT7 foram excluídos, pois os resultados do modelo com os itens CCONT4, CCONT5 e CCONT6 foram melhores, tanto na análise fatorial exploratória, como na confirmatória.

5.4.7 Controle comportamental percebido

Análise de itens

Inicialmente o constructo foi formado por cinco questões: CCP1 = Q9, CCP2 = Q14, CCP3 = Q22, CCP4 = Q 33, CCP5 = Q40 (Apêndice F). O resultado do α de Cronbach para este constructo foi bom (0,650). Observou-se algumas correlações item-total e inter-item baixas, conforme as tabelas 43 e 44 respectivamente, principalmente em relação aos itens CCP1 e CCP2. Com a exclusão destes dois itens a consistência interna ficou próxima à 0,7 (Tabela 43).

Tabela 43 – Estatísticas item-total referente ao constructo controle comportamental percebido. Campinas e Limeira, 2013.

Controle comportamental percebido ^a	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído	Correlação item-total	α de Cronbach se o item for excluído
CCP1	0,355	0,625	0,276	0,697	--	--
CCP2	0,260	0,653	--	--	--	--
CCP3	0,497	0,547	0,533	0,510	0,551	0,557
CCP4	0,536	0,524	0,580	0,472	0,637	0,431
CCP5	0,381	0,609	0,381	0,622	0,384	0,749
Alfa de Cronbach		0,650		0,653		0,697

^aOs itens referentes ao controle comportamental percebido são descritos no apêndice F.

Tabela 44 – Matriz de correlação inter-item referente ao constructo controle comportamental percebido. Campinas e Limeira, 2013.

Controle comportamental percebido ^a	CCP1	CCP2	CCP3	CCP4	CCP5
CCP1	--	0,361	0,242	0,228	0,179
CCP2	0,361	--	0,107	0,107	0,144
CCP3	0,242	0,107	--	0,598	0,284
CCP4	0,228	0,107	0,598	--	0,401
CCP5	0,179	0,144	0,284	0,401	--

^aOs itens referentes ao controle comportamental percebido são descritos no apêndice F.

Análise Fatorial Exploratória

O índice de adequação do modelo foi aceitável para todos os itens (CCP1 = 0,665, CCP2 = 0,591, CCP3 = 0,626, CCP4 = 0,607, CCP5 = 0,752), contudo foi ligeiramente inferior para o item CCP2. A análise fatorial exploratória com todos os itens resultou em dois fatores, com porcentagem de explicação de 65,0%. No entanto, foram observadas cargas fatoriais cruzadas entre os itens CCP1, CCP2, CCP3 e CCP4. Optou-se pela exclusão do item CCP2, obtendo-se resultados melhores. Os testes de Bartlett de esfericidade ($p < 0,001$) e medida de adequação de KMO (0,647) foram positivos para a construção do modelo.

A análise fatorial exploratória considerando os itens CCP1, CCP3, CCP4 e CCP5 resultou em apenas um fator. A porcentagem de explicação do fator foi igual a 50,3%. Já as cargas fatoriais foram todas elevadas, sendo ligeiramente inferior para o item CCP1 (Tabela 45).

Tabela 45 – Resultado da análise fatorial exploratória referente ao constructo controle comportamental percebido, com a exclusão do item CCP2. Campinas e Limeira, 2013.

Constructo controle comportamental percebido	
Itens^a	Carga fatorial
CCP1	0,496
CCP3	0,799
CCP4	0,841
CCP5	0,647

^aOs itens referentes ao controle comportamental percebido são descritos no apêndice F.

Modelagem de equações estruturais – SEM

Ao analisar cinco itens verificou-se que a carga fatorial do item CCP2 foi muito baixa (0,18), assim como o R^2 foi igual a 3% apenas. Além disso, os índices de ajuste do modelo e RMSEA também foram inaceitáveis. Desse modo optou-se por retirar o item CCP2. Ao excluir este item (CCP2) a carga fatorial padronizada para o item CCP1 foi baixa (0,29) indicando desvio da validade convergente do modelo. Já as medidas de ajuste do modelo foram adequadas. A unidimensionalidade foi confirmada, pois todos os resíduos padronizados de covariância foram inferiores ao módulo de 2,58. O maior resíduo foi observado entre os itens CCP1 e CCP4, e CCP4 e CCP5, sendo igual a 1,89.

Considerando os resultados obtidos no segundo modelo proposto, o item CCP1 também foi excluído. Com esta exclusão a menor carga fatorial padronizada ficou sendo a do item CCP5 (0,44), no entanto, bem mais próxima ao recomendado de 0,5, melhorando assim a validade convergente do constructo (Tabela 46).

Em relação aos índices de ajuste do modelo, observou-se que com a exclusão dos itens CCP1 e CCP2, todos os índices foram adequados (GFI = 0,99; AGFI = 0,97; NFI = 0,98; NNFI/LTI = 0,98; CFI = 0,99; RMSEA = 0,051).

Tabela 46 – Resultado da análise fatorial confirmatória referente ao constructo controle comportamental percebido, excluindo o item CCP1 e CCP2. Campinas e Limeira, 2013.

Itens^a	Carga fatorial padronizada	Valor <i>t</i>	Erro	<i>R</i>²
CCP3	0,65	--	0,58	0,42
CCP4	0,92	4,63	0,16	0,84
CCP5	0,44	4,48	0,81	0,19

^aOs itens referentes ao controle comportamental percebido são descritos no apêndice F.

Levando em conta os dados apresentados optou-se por excluir os itens CCP1 e CCP2, visto que os resultados foram melhores, principalmente na análise fatorial confirmatória e na análise da consistência interna do constructo.

5.4.8 Intenção comportamental

Análise de itens

O constructo foi composto por quatro questões: INT1 = Q10, INT2 = Q18, INT3 = Q28, INT4 = Q46 (Apêndice F). Ao analisar os quatro itens, o resultado do α de Cronbach foi excelente (0,923). Além disso, observa-se que correlações item-total e inter-item foram todas altas (Tabela 47 e 48, respectivamente).

Tabela 47 – Correlação item-total, carga fatorial e consistência interna do constructo intenção comportamental. Campinas e Limeira, 2013.

Intenção^a	Análise de itens		Carga fatorial
	Correlação item-total	Alfa se o item for excluído	Fator 1
INT1	0,776	0,914	0,872
INT2	0,841	0,893	0,913
INT3	0,853	0,889	0,920
INT4	0,818	0,901	0,899

^aOs itens referentes a intenção são descritos no apêndice F.

Tabela 48 – Matriz de correlação inter-item referente ao constructo intenção comportamental. Campinas e Limeira, 2013.

Intenção^a	INT1	INT2	INT3	INT4
INT1	--	0,722	0,740	0,691
INT2	0,722	--	0,795	0,772
INT3	0,740	0,795	--	0,777
INT4	0,691	0,772	0,777	--

^aOs itens referentes a intenção são descritos no apêndice F.

Análise Fatorial Exploratória

O teste de Bartlett de esfericidade ($p < 0,001$) e medida de adequação de KMO (0,857) foram positivos para a construção do modelo. Além disso, o índice MSA de todos os itens foi excelente (INT1 = 0,894, INT2 = 0,845, INT3 = 0,833, INT4 = 0,863). Os resultados da análise fatorial exploratória indicaram unidimensionalidade, ou seja, todos os itens compuseram apenas um fator. A porcentagem de explicação do fator foi muito boa, igual a 81,2% (Tabela 47).

Modelagem de equações estruturais – SEM

A validade convergente do constructo foi atingida, pois os valores t dos itens estimados foram significativos (superiores à 1,96) (Tabela 49). Além disso, todas as cargas fatoriais padronizadas foram superiores a 0,5, caracterizando a validade convergente dos itens.

Tabela 49 – Resultado da análise fatorial confirmatória referente ao constructo intenção comportamental. Campinas e Limeira, 2013.

Itens^a	Carga fatorial padronizada	t values	Erro	R^2
INT1	0,81	(0,000) ^b	0,34	0,66
INT2	0,89	19,06	0,21	0,79
INT3	0,90	19,46	0,19	0,81
INT4	0,86	18,29	0,26	0,74

^aOs itens referentes a intenção são descritos no apêndice F. ^bOs valores de t não são calculados para itens com carga fatorial arbitrada em 1.

A unidimensionalidade do constructo foi confirmada. Nenhum resíduo padronizado de covariância foi superior ao módulo de 2,58. O valor de RMSEA foi excelente (0,000), assim como todos os índices de ajuste do modelo foram adequados (GFI = 1,00; AGFI = 0,99; NFI = 1,00; NNFI/LTI = 1,00; CFI = 1,00). Considerando os dados apresentados nenhum item foi excluído.

5.4.9 Preditores adicionais da Teoria do Comportamento Planejado

5.4.9.1 Norma descritiva

Análise de itens

O constructo foi composto por três questões: ND1 = Q11, ND2 = Q34, ND3 = Q49 (Apêndice F). O resultado do α de Cronbach para o constructo foi bom (0,712), assim como as correlações item-total e inter-item também foram adequadas (Tabela 50 e 51, respectivamente).

Tabela 50 – Correlação item-total, carga fatorial e consistência interna do constructo norma descritiva. Campinas e Limeira, 2013.

Intenção ^a	Análise de itens		Carga fatorial
	Correlação item-total	Alfa se o item for excluído	Fator 1
ND1	0,440	0,841	0,691
ND2	0,606	0,571	0,874
ND3	0,652	0,511	0,896

^aOs itens referentes a norma descritiva são descritos no apêndice F.

Tabela 51 – Matriz de correlação inter-item referente ao constructo norma descritiva. Campinas e Limeira, 2013.

Norma descritiva ^a	ND1	ND2	ND3
ND1	--	0,380	0,435
ND2	0,380	--	0,727
ND3	0,435	0,727	--

^aOs itens referentes a norma descritiva são descritos no apêndice F.

Análise Fatorial Exploratória

O teste de Bartlett de esfericidade ($p < 0,001$) e a medida de adequação de KMO (0,620) foram positivos para a construção do modelo. Além disso, o índice MSA de adequação dos itens foi aceitável (ND1 = 0,820, ND2 = 0,591 e ND3 = 0,581). Os resultados da análise fatorial exploratória indicaram que os itens compuseram somente um fator, indicando unidimensionalidade. A porcentagem de explicação do fator foi igual a 68,2% (Tabela 50).

Modelagem de equações estruturais – SEM

A validade convergente do constructo foi atingida, pois os valores t dos itens estimados foram significativos (superiores à 1,96). Além disso, as cargas fatoriais padronizadas foram superiores ou muito próximas de 0,5, caracterizando a validade convergente dos itens (Tabela 52). Todos os índices de ajuste do modelo foram adequados, pois o modelo foi saturado, ou seja, o ajuste foi perfeito.

Tabela 52 – Resultado da análise fatorial confirmatória referente ao constructo norma descritiva. Campinas e Limeira, 2013.

Itens^a	Carga fatorial padronizada	Valor t	Erro	R^2
ND1	0,48	(0,000) ^b	0,77	0,23
ND2	0,80	8,22	0,37	0,63
ND3	0,91	7,55	0,17	0,83

^aOs itens referentes a norma descritiva são descritos no apêndice F. ^bOs valores de t não são calculados para itens com carga fatorial arbitrada em 1.

5.4.9.2 Hábito

Análise de itens

Inicialmente este item foi composto por 12 itens (Apêndice F). O constructo apresentou α de Cronbach excelente (0,936) (Tabela 53). Considerando que os itens HAB4 e HAB6 apresentaram as menores correlações item-total e algumas correlações inter-item baixas, optou-se

por excluí-los (Tabela 53 e 54, respectivamente). Com estas exclusões o constructo apresentou consistência interna ligeiramente superior (0,945).

Tabela 53 – Estatísticas item-total referente ao constructo hábito. Campinas e Limeira, 2013.

Hábito^a	Correlação item-total	Alfa se o item for excluído	Correlação item-total	Alfa se o item for excluído
HAB1	0,806	0,927	0,824	0,937
HAB2	0,864	0,924	0,866	0,935
HAB3	0,812	0,926	0,825	0,937
HAB4	0,367	0,940	--	--
HAB5	0,730	0,930	0,719	0,942
HAB6	0,462	0,938	--	--
HAB7	0,800	0,927	0,808	0,938
HAB8	0,773	0,928	0,781	0,939
HAB9	0,591	0,935	0,564	0,948
HAB10	0,735	0,930	0,747	0,941
HAB11	0,775	0,928	0,767	0,940
HAB12	0,789	0,927	0,809	0,938
Alfa de Cronbach		0,936		0,945

^aOs itens referentes ao hábito são descritos no apêndice F.

Tabela 54 – Matriz de correlação inter-item referente ao constructo hábito. Campinas e Limeira, 2013.

Hábito ^a	HAB1	HAB2	HAB3	HAB4	HAB5	HAB6	HAB7	HAB 8	HAB 9	HAB 10	HAB 11	HAB 12
HAB1	1,000	0,779	0,694	0,226	0,570	0,300	0,779	0,641	0,468	0,637	0,671	0,778
HAB2	0,779	1,000	0,811	0,315	0,696	0,407	0,691	0,728	0,491	0,701	0,695	0,696
HAB3	0,694	0,811	1,000	0,258	0,738	0,314	0,677	0,715	0,426	0,679	0,611	0,658
HAB4	0,226	0,315	0,258	1,000	0,338	0,585	0,269	0,257	0,365	0,222	0,328	0,196
HAB5	0,570	0,696	0,738	0,338	1,000	0,404	0,609	0,635	0,435	0,560	0,527	0,552
HAB6	0,300	0,407	0,314	0,585	0,404	1,000	0,344	0,331	0,429	0,296	0,422	0,297
HAB7	0,779	0,691	0,677	0,269	0,609	0,344	1,000	0,611	0,545	0,574	0,688	0,765
HAB8	0,641	0,728	0,715	0,257	0,635	0,331	0,611	1,000	0,437	0,663	0,608	0,682
HAB9	0,468	0,491	0,426	0,365	0,435	0,429	0,545	0,437	1,000	0,421	0,552	0,503
HAB10	0,637	0,701	0,679	0,222	0,560	0,296	0,574	0,663	0,421	1,000	0,641	0,627
HAB11	0,671	0,695	0,611	0,328	0,527	0,422	0,688	0,608	0,552	0,641	1,000	0,681
HAB12	0,778	0,696	0,658	0,196	0,552	0,297	0,765	0,682	0,503	0,627	0,681	1,000

^aOs itens referentes ao hábito são descritos no apêndice F.

Análise Fatorial Exploratória

Os itens HAB4 e HAB6 compuseram um segundo fator independente dos demais na extração do modelo fatorial exploratório considerando todos os itens. Desse modo, optou-se por excluí-los. Além disso, o índice de adequação MSA dos itens HAB4 e HAB6 foram bons (0,823 e 0,851), no entanto, inferiores aos demais itens.

Após exclusão dos itens HAB4 e HAB6 a adequação da amostra foi realizada. O teste de Bartlett de esfericidade ($p < 0,001$) e a medida de adequação de KMO (0,939) foram positivos para a construção do modelo. O índice de adequação MSA dos itens foi excelente, conforme apresentado na tabela 55. Ainda, os resultados da análise fatorial exploratória indicaram unidimensionalidade, ou seja, todos os itens compuseram apenas um fator. A porcentagem de explicação do fator foi igual a 67,2%.

Tabela 55 – Resultado da análise fatorial exploratória do constructo hábito. Campinas e Limeira, 2013.

Constructo hábito		
Itens^a	Carga fatorial	MAS
HAB1	0,864	0,923
HAB2	0,897	0,927
HAB3	0,863	0,930
HAB5	0,772	0,940
HAB7	0,851	0,926
HAB8	0,825	0,958
HAB9	0,627	0,951
HAB10	0,797	0,962
HAB11	0,816	0,952
HAB12	0,853	0,940

^aOs itens referentes ao hábito são descritos no apêndice F.

Modelagem de equações estruturais – SEM

O modelo inicial com os 12 itens resultou em cargas fatoriais padronizadas inferiores a 0,5 para os itens HAB4 e HAB6 (0,34 e 0,43, respectivamente). Desse modo, um segundo modelo excluindo estes itens foi realizado. A validade convergente do constructo foi atingida, pois os valores t dos itens estimados foram significativos (superiores a 1,96). Além disso, todas as cargas

fatoriais padronizadas foram superiores a 0,5 caracterizando a validade convergente dos itens. Entretanto, vários resíduos padronizados foram muito altos, o valor de RMSEA também foi alto (0,144) e a razão χ^2/gl foi superior ao desejado (7,71).

Devido aos valores obtidos, realizou-se a inserção de correlações de erros entre os itens obtendo-se resultados melhores (Tabela 56). As correlações inseridas foram entre o item HAB12 e os itens HAB1, HAB2, HAB3, HAB5 e HAB7, item HAB7 com os itens HAB1, HAB2, HAB8, HAB9 e HAB10, item HAB3 com os itens HAB2, HAB5 e HAB11, item HAB11 com os itens HAB5 e HAB9 e itens HAB1 e HAB2.

A validade convergente do constructo foi atingida, pois os valores *t* dos itens estimados foram significativos (superiores a 1,96) e todas as cargas fatoriais padronizadas foram superiores a 0,5. O valor de RMSEA foi igual a 0,048, indicando que apenas 4,8% da variância dos dados não foi explicada. A razão χ^2/gl foi igual a 1,74, estando dentro da razão aceitável. Todos os índices de bondade de ajuste do modelo foram adequados (GFI = 0,98; AGFI = 0,94; NFI = 0,99; NNFI/LTI = 0,99; CFI = 1,00).

Tabela 56 – Resultado da análise fatorial confirmatória do constructo hábito, com a exclusão dos itens HAB4 e HAB6 e realização da inserção de correlações de erros entre os itens. Campinas e Limeira, 2013.

Itens^a	Carga fatorial padronizada	Valor <i>t</i>	Erro	<i>R</i>²
HAB1	0,81	(0,000) ^b	0,35	0,65
HAB2	0,90	22,75	0,19	0,81
HAB3	0,86	18,33	0,26	0,74
HAB5	0,76	15,45	0,43	0,57
HAB7	0,82	21,10	0,32	0,68
HAB8	0,82	17,46	0,33	0,67
HAB9	0,56	10,57	0,69	0,31
HAB10	0,78	16,36	0,39	0,61
HAB11	0,79	16,69	0,37	0,63
HAB12	0,83	21,10	0,31	0,69

^aOs itens referentes ao hábito são descritos no apêndice F. ^bOs valores de *t* não são calculados para itens com carga fatorial arbitrada em 1.

5.5 Estabilidade dos constructos do modelo da Teoria do Comportamento Planejado e preditores adicionais

Participaram do teste-reteste 29 estudantes, com idade média de 15,03 anos. Dentre os participantes 51,7% eram do sexo masculino. Os alunos cursavam o primeiro ano do ensino médio e diferentes cursos técnicos: qualidade, edificações, enfermagem, mecânica, informática e geodésia e cartografia.

A tabela 57 apresenta as médias, desvios padrão e resultados do coeficiente de correlação intraclasse para cada um dos constructos analisados. O coeficiente de correlação intraclasse foi alto e adequado para todos os constructos, indicando estabilidade temporal. O menor ICC observado foi 0,74 para o constructo crenças de controle ($c \times p$), mas mesmo assim um coeficiente adequado.

Tabela 57 – Médias no teste e reteste e análise da estabilidade temporal dos constructos. Campinas e Limeira, 2013.

Constructo ^a	Teste	Reteste	ICC	p-valor
	Média (Desvio Padrão)	Média (Desvio Padrão)		
Atitude ^{b,d}	3,0 (0,9)	3,0 (1,0)	0,763	0,665
Crenças Comportamentais ($b \times e$) ^{c,e}	18,7 (4,7)	17,9 (4,4)	0,824	0,209
Crenças Comportamentais (b) ^{b,e}	4,0 (0,9)	3,9 (0,7)	0,865	0,314
Crenças Normativas ($n \times m$) ^{c,e}	10,9 (4,6)	10,7 (5,4)	0,917	0,720
Crenças Normativas (n) ^{b,e}	3,3 (0,9)	3,3 (1,0)	0,912	0,760
Crenças de Controle ($c \times p$) ^{c,e}	9,8 (4,2)	9,5 (3,7)	0,742	0,693
Crenças de Controle (p) ^{b,e}	3,4 (1,0)	3,4 (0,9)	0,819	0,877
Norma Subjetiva ^{b,e}	3,6 (1,0)	3,6 (1,1)	0,893	0,821
Controle Comportamental Percebido ^{b,e}	4,0 (0,8)	3,8 (0,9)	0,803	0,195
Norma Descritiva ^{b,e}	2,1 (0,8)	2,3 (0,9)	0,818	0,291
Hábito ^{b,e}	2,1 (1,2)	2,1 (1,2)	0,978	0,955
Intenção ^{b,e}	2,4 (1,3)	2,6 (1,4)	0,901	0,247

ICC: coeficiente de correlação intraclasse (*Intraclass correlation coefficient*). ^aOs constructos foram avaliados por meio de uma escala tipo *likert* de cinco pontos. ^bO escore de resposta varia entre 1,0 e 5,0. ^cItem avaliado pelo método multiplicativo, o escore varia entre 1,0 e 25,0. ^dTeste *t* de Student. ^eTeste não paramétrico de *Wilcoxon signed rank*.

5.6 Análise descritiva dos constructos do modelo da Teoria do Comportamento Planejado e preditores adicionais

A seguir, apresenta-se a análise descritiva por constructo e itens que foram selecionados após as avaliações apresentadas anteriormente.

5.6.1 Crenças comportamentais

5.6.1.1 Crenças comportamentais ($b \times e$)

Para esta medida de crenças comportamentais, foi utilizado o método multiplicativo entre a crença (b) e a avaliação subjetiva da crença (e), portanto o escore de resposta pode variar entre 1,0 a 25,0. Uma crença comportamental forte para a intenção de consumir salada crua em restaurante tipo *fast food* no almoço, vai estar diretamente associada a um escore próximo a 25,0. Quanto mais distante este valor, mais fraca será a crença da população estudada. Conforme descrito na tabela 58, observa-se uma atitude indireta moderadamente favorável ao consumo de salada crua quando se vai a um restaurante tipo *fast food* no almoço (16,44). Os itens CCOMP1 e CCOMP4 obtiveram as maiores médias, indicando uma atitude favorável a realização do comportamento. A percepção referente aos benefícios à saúde foi a crença mais favorável sobre o comportamento.

Tabela 58 – Análise descritiva das crenças comportamentais (*b x e*). Campinas e Limeira, 2013.

Item	Descrição do item	Média (desvio padrão) ^a	1º Quartil	Mediana	3º Quartil
Crenças comportamentais (<i>b x e</i>)		16,44 (4,40)	13,33	16,67	20,0
CCOMP1	(<i>b</i>)Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço fará bem a minha saúde. (<i>e</i>)Ser saudável seria:	20,76 (5,45)	16,00	25,00	25,00
CCOMP3	(<i>b</i>)Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço deixará minha refeição menos cara. (<i>e</i>)Gastar menos dinheiro com meu almoço em restaurante <i>fast food</i> seria:	11,54 (6,12)	5,00	10,00	15,00
CCOMP4	(<i>b</i>)Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço tornará minha refeição menos calórica. (<i>e</i>)Consumir uma refeição menos calórica no meu almoço em restaurante <i>fast food</i> seria:	17,04 (6,66)	12,00	16,00	25,00

^aValores correspondem as médias da multiplicação entre o item crença (*b*) e a avaliação subjetiva da crença (*e*) para os itens que compõem cada fator, podendo variar entre 1,0 e 25,0.

5.6.1.2 Crenças comportamentais (*b*)

Para esta medida de crenças comportamentais, foi considerado somente os itens da crença (*b*) referente a cada fator, conforme recomendação de Godin (2012). Desse modo, o escore de resposta pode variar entre 1,0 a 5,0. Neste caso, uma crença comportamental forte associa-se a um escore próximo a 5,0 para o comportamento estudado. Quanto mais distante este valor mais fraca será a crença da população estudada. Na tabela 59, observa-se que o constructo crenças comportamentais (*b*) apresentou atitude indireta moderadamente favorável à realização comportamental. Os itens CCOMP1 e CCOMP4 obtiveram as maiores médias, indicando uma atitude indireta favorável ao comportamento.

Tabela 59 – Análise descritiva das crenças comportamentais (b). Campinas e Limeira, 2013.

Item	Descrição do item	Média (desvio padrão) ^a	1º Quartil	Mediana	3º Quartil
Crenças comportamentais (b)		3,55 (0,84)	3,00	3,67	4,00
CCOMP1	Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço fará bem a minha saúde.	4,23 (1,05)	4,00	5,00	5,00
CCOMP3	Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço deixará minha refeição menos cara.	2,53 (1,18)	1,50	3,00	3,00
CCOMP4	Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço tornará minha refeição menos calórica.	3,90 (1,23)	3,00	4,00	5,00

^aValores correspondem às médias do item crença (b), podendo variar entre 1,0 e 5,0.

5.6.2 Atitude

Na tabela 60 são apresentados os dados relacionados à análise descritiva dos itens do constructo atitude. Os itens ATD6 e ATD4 apresentaram médias superiores a 3,0 indicando atitude ligeiramente positiva ao comportamento estudado. Ao considerarmos o constructo atitude verifica-se média de 2,95, indicando atitude pouco favorável à realização comportamental.

Tabela 60 – Análise descritiva da atitude. Campinas e Limeira, 2013.

Item	Descrição do item	Média (desvio padrão) ^a	1º Quartil	Mediana	3º Quartil
Atitude		2,95 (0,86)	2,40	3,00	3,40
<i>Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço seria:</i>					
ATD1	Muito Inconveniente/Muito Conveniente	2,89 (1,06)	2,00	3,00	3,00
ATD4	Muito Desnecessário/Muito Necessário	3,08 (1,21)	2,00	3,00	4,00
ATD5	Muito Desagradável/Muito Agradável	2,91 (1,07)	2,00	3,00	4,00
ATD6	Muito Ruim/Muito Bom	3,16 (1,11)	3,00	3,00	4,00
ATD7	Muito Desestimulante/Muito Estimulante	2,69 (1,10)	2,00	3,00	3,00

^aValores correspondem as médias dos itens do constructo atitude, podendo variar entre 1,0 e 5,0.

5.6.3 Crenças normativas

5.6.3.1 Crenças normativas ($n \times m$)

Para esta medida de crenças normativas ($n \times m$), foi utilizado o método multiplicativo entre a crença (n) e a motivação para cumprir com o referencial social (m), portanto o escore de resposta pode variar entre 1,0 a 25,0. Uma crença normativa forte está relacionada à média de escore próximo 25,0 e quanto mais distante deste valor menor a crença comportamental relacionado ao comportamento. Ao avaliar a média do constructo crenças normativas ($n \times m$) (8,43), observou-se que estes referentes sociais foram referidos como pouco relevantes para o comportamento estudado (Tabela 61). Verifica-se que as médias dos itens CNORM1, CNORM2 e CNORM4 foram inferiores a 10,0, indicando que os grupos sociais pais, amigos e família têm pouca influência sobre o comportamento estudado. Contudo, a média do item CNORM3 (13,10) indica leve influência dos profissionais da área da saúde sobre o consumo de salada crua quando se vai a um restaurante tipo *fast food* no almoço.

Tabela 61 – Análise descritiva das crenças normativas (*n x m*). Campinas e Limeira, 2013.

Item	Descrição do item	Média (desvio padrão) ^a	1º Quartil	Mediana	3º Quartil
Crenças normativas (<i>n x m</i>)		8,43 (4,47)	4,88	7,75	11,25
CNORM1	(<i>n</i>)Meus pais pensam que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (<i>m</i>)Quando se refere ao consumo de salada crua, seguir a opinião dos meus pais é importante para mim.	9,00 (6,33)	4,00	8,00	12,00
CNORM2	(<i>n</i>)Meus amigos pensam que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (<i>m</i>)Quando se refere ao consumo de salada crua, seguir a opinião dos meus amigos é importante para mim.	3,50 (2,98)	1,00	2,00	4,00
CNORM3	(<i>n</i>)Profissionais da área da saúde (ex.: médicos e nutricionistas) pensam que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (<i>m</i>)Quando se refere ao consumo de salada crua, seguir a opinião dos profissionais da área da saúde (ex.: médicos e nutricionistas) é importante para mim.	13,10 (6,54)	8,00	12,00	16,00
CNORM4	(<i>n</i>)Minha família pensa que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (<i>m</i>)Quando se refere ao consumo de salada crua, seguir a opinião dos meus familiares é importante para mim.	8,12 (6,10)	3,00	6,00	12,00

^aValores correspondem às médias da multiplicação entre o item crença (*n*) e motivação para cumprir com o referencial social (*m*) para os itens que compõem cada fator, podendo variar entre 1,0 e 25,0.

5.6.3.2 Crenças normativas (*n*)

A avaliação desta medida de crença normativa (*n*) foi realizada considerando o item crença (*n*), conforme recomendação de Godin (2012). O escore da média deste constructo pode variar entre 1,0 a 5,0. Assim como verificado na medida de crenças normativas (*n x m*), que considerou a multiplicação entre a crença e a motivação para cumprir com o referente social, o grupo social profissionais da área de saúde teve maior influência sobre o comportamento estudado. Além disso, o constructo da crença normativa (*n*) também apresentou pouca influência sobre o comportamento estudado, visto que a média do mesmo foi de 2,76 (Tabela 62).

Tabela 62 – Análise descritiva das crenças normativas (*n*). Campinas e Limeira, 2013.

Item	Descrição do item	Média (desvio padrão) ^a	1º Quartil	Mediana	3º Quartil
Crenças normativas (<i>n</i>)		2,76 (0,92)	2,00	2,75	3,50
CNORM1	Meus pais pensam que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	2,85 (1,34)	2,00	3,00	4,00
CNORM2	Meus amigos pensam que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	1,70 (0,93)	1,00	1,00	2,00
CNORM3	Profissionais da área da saúde (ex.: médicos e nutricionistas) pensam que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	3,73 (1,17)	3,00	4,00	5,00
CNORM4	Minha família pensa que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	2,75 (1,29)	2,00	3,00	4,00

^aValores correspondem às médias do item crença (*n*), podendo variar entre 1,0 e 5,0.

5.6.4 Norma subjetiva

A tabela 63 apresenta os dados referentes à análise descritiva do constructo norma subjetiva. Para a análise deste constructo os escores poderiam variar entre 1,0 a 5,0. O item NS1 apresentou

média de 3,43, indicando escore ligeiramente favorável à realização do comportamento. Contudo, ao considerarmos o constructo norma subjetiva a média foi de 2,94, demonstrando que esta norma social foi levemente desfavorável ao comportamento estudado.

Tabela 63 – Análise descritiva da norma subjetiva. Campinas e Limeira, 2013.

Item	Descrição do item	Média (desvio padrão) ^a	1º Quartil	Mediana	3º Quartil
Norma subjetiva		2,94 (1,07)	2,00	3,00	3,67
NS1	Muitas pessoas que são importantes para mim aprovam que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	3,43 (1,19)	3,00	4,00	4,00
NS2	Muitas pessoas que são importantes para mim acham que eu devo consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	2,77 (1,31)	2,00	3,00	4,00
NS3	Muitas pessoas que são importantes para mim querem que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	2,63 (1,32)	1,00	3,00	4,00

^a Valores correspondem as médias dos itens do constructo norma subjetiva, podendo variar entre 1,0 e 5,0.

5.6.5 Crenças de controle

5.6.5.1 Crenças de controle (*c x p*)

Para esta medida do constructo crenças de controle, a avaliação foi realizada a partir do método multiplicativo da crença (*c*) pelo poder do fator controle em facilitar ou impedir a realização do comportamento (*p*). Desse modo o escore da média pode variar entre 1,0 a 25,0. Na tabela 64 é detalhada a análise descritiva das crenças de controle (*c x p*). Observou-se que os itens CCONT1, CCONT2 e CCONT7 apresentaram importância limitada aos fatores que dificultariam a realização do comportamento. Contudo, o item CCONT3 descreve uma percepção favorável sobre os fatores dificultadores da realização do comportamento. A partir destes resultados observa-se que a preço elevado é um dos fatores que mais pode dificultar o consumo de salada crua quando se vai a um

restaurante tipo *fast food* no almoço. A média do constructo crenças de controle (*c x p*), 10,38, indica que estas crenças foram desfavoráveis ao comportamento.

Tabela 64 – Análise descritiva das crenças de controle (*c x p*). Campinas e Limeira, 2013.

Item	Descrição do item	Média (desvio padrão) ^a	1º Quartil	Mediana	3º Quartil
Crenças de controle (<i>c x p</i>)		10,38 (4,22)	7,00	10,00	13,50
CCONT1	(<i>c</i>)As opções de salada crua são limitadas em restaurante <i>fast food</i> no almoço. (<i>p</i>)Disponer de pouca variedade de saladas é um fator dificultador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	9,00 (6,33)	4,00	8,00	12,00
CCONT2	(<i>c</i>)A salada crua servida em restaurante <i>fast food</i> no almoço apresenta contaminantes (químicos, físicos ou microbiológicos). (<i>p</i>)A presença de contaminantes (químicos, físicos ou microbiológicos) é um fator dificultador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	3,50 (2,98)	1,00	2,00	4,00
CCONT3	(<i>c</i>)Consumir salada crua em restaurante <i>fast food</i> no almoço é caro. (<i>p</i>)O preço elevado da salada é um fator dificultador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	13,10 (6,54)	8,00	12,00	16,00
CCONT7	(<i>c</i>)Há pouca variedade de temperos para saladas cruas em restaurante <i>fast food</i> no almoço. (<i>p</i>)Ter pouca variedade de temperos para salada é um fator dificultador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	8,12 (6,10)	3,00	6,00	12,00

^aValores correspondem às médias da multiplicação entre o item crença (*c*) e poder do fator controle em facilitar ou impedir a realização do comportamento (*p*), podendo variar entre 1,0 e 25,0.

5.6.5.2 Crenças de controle (*p*)

Para esta medida do constructo crenças de controle, a avaliação foi realizada considerando o poder do fator controle em facilitar ou impedir a realização do comportamento (*p*). Dessa maneira a média dos escores pode variar entre 1,0 a 5,0. Conforme descrito na tabela 65 é possível observar que a inclusão da salada crua nos “combos” (CCONT5) e a boa aparência da salada (CCONT6) são os fatores que mais facilitariam a realização do comportamento. A média do constructo crenças de controle (*p*) foi 3,28, indicando que estas crenças foram levemente favoráveis a realização do comportamento.

Tabela 65 – Análise descritiva das crenças de controle (*p*). Campinas e Limeira, 2013.

Item	Descrição do item	Média (desvio padrão) ^a	1º Quartil	Mediana	3º Quartil
Crenças de controle (<i>p</i>)		3,28 (0,93)	2,67	3,33	4,00
CCONT4	A rapidez no preparo da salada é um fator facilitador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	2,46 (1,15)	1,00	2,00	3,00
CCONT5	A inclusão da salada crua nos “combos” é um fator facilitador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	3,43 (1,35)	3,00	4,00	5,00
CCONT6	A boa aparência da salada é um fator facilitador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	3,95 (1,21)	3,00	4,00	5,00

^aValores correspondem ao poder do fator controle em facilitar ou impedir a realização do comportamento (*p*), podendo variar entre 1,0 e 5,0.

5.6.6 Controle comportamental percebido

Na tabela 66 observa-se a análise descritiva do constructo controle comportamental percebido. Todos os itens obtiveram uma média superior a 3,0, indicando um controle levemente favorável sobre a realização do comportamento. Somente o item CCP5 teve média superior a 4,0. Ao considerar o constructo controle comportamental percebido verificou-se uma autopercepção

levemente favorável sobre a capacidade de consumir salada crua quando se vai a um restaurante tipo *fast food* no almoço (média 3,59).

Tabela 66 – Análise descritiva do controle comportamental percebido. Campinas e Limeira, 2013.

Item	Descrição do item	Média (desvio padrão) ^a	1º Quartil	Mediana	3º Quartil
Controle comportamental percebido		3,59 (0,91)	3,00	3,67	4,33
CCP3	Eu estou confiante de que eu posso consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	3,32 (1,19)	2,00	3,00	4,00
CCP4	Eu tenho certeza de que eu posso consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	3,25 (1,20)	2,00	3,00	4,00
CCP5	Se eu realmente quiser, eu posso consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	4,20 (1,02)	4,00	5,00	5,00

^aOs itens do controle comportamental percebido podem variar entre 1,0 e 5,0.

5.6.7 Intenção

A partir das informações descritas na tabela 67 observa-se baixa intenção do consumo de salada crua quando se vai a um restaurante tipo *fast food* no almoço. Os escores dos itens foram inferiores a 2,15. A média do constructo foi 2,01, indicando a baixa intenção dos estudantes em relação ao comportamento estudado.

Tabela 67 – Análise descritiva da intenção. Campinas e Limeira, 2013.

Item	Descrição do item	Média (desvio padrão) ^a	1º Quartil	Mediana	3º Quartil
Intenção		2,01 (1,05)	1,00	1,75	2,75
INT1	Eu planejo consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	1,89 (1,10)	1,00	2,00	2,00
INT2	Eu tenho intenção de consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	1,98 (1,23)	1,00	1,00	3,00
INT3	Eu espero consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	2,05 (1,15)	1,00	2,00	3,00
INT4	Eu quero consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço.	2,13 (1,20)	1,00	2,00	3,00

^aValores correspondem aos itens da intenção, podendo variar entre 1,0 e 5,0.

5.6.8 Norma descritiva

A análise descritiva do constructo norma descritiva pode ser observada na tabela 68. A média do constructo foi 1,92, indicando que para os estudantes seus referentes sociais não realizam o comportamento estudado. Todos os itens do constructo obtiveram valores inferiores a 2,5.

Tabela 68 – Análise descritiva da norma descritiva. Campinas e Limeira, 2013.

Item	Descrição do item	Média (desvio padrão) ^a	1º Quartil	Mediana	3º Quartil
Norma descritiva		1,92 (0,83)	1,33	1,67	2,33
ND1	Muitas pessoas que são importantes para mim, quando vão a um restaurante <i>fast food</i> no almoço, consomem salada crua.	2,49 (1,28)	1,00	2,00	3,00
ND2	A maioria das pessoas da minha idade que eu conheço, quando vão a um restaurante <i>fast food</i> no almoço, consomem salada crua.	1,60 (0,83)	1,00	1,00	2,00
ND3	A maioria dos meus amigos, quando vão a um restaurante <i>fast food</i> no almoço, consomem salada crua.	1,66 (0,88)	1,00	1,00	2,00

^aValores correspondem aos itens da norma descritiva, podendo variar entre 1,0 e 5,0.

5.6.9 Hábito

Na tabela 69 observa-se a análise descritiva do constructo hábito. Verifica-se que todos os itens do constructo obtiveram média igual ou inferior a 2,01. Ainda, a média do constructo foi igual 1,87. Estes resultados indicam pouco hábito entre os estudantes em consumir salada crua quando se vai a um restaurante *fast food* no almoço.

Tabela 69 – Análise descritiva do hábito. Campinas e Limeira, 2013.

Item	Descrição do item	Média (desvio padrão) ^a	1º Quartil	Mediana	3º Quartil
Hábito		1,87 (1,01)	1,00	1,50	2,40
	<i>Consumir salada crua quando você vai a um restaurante fast food no almoço é algo que...</i>				
HAB1	...você faz com frequência.	2,01 (1,25)	1,00	2,00	3,00
HAB2	...você faz automaticamente.	1,89 (1,24)	1,00	1,00	3,00
HAB3	...você faz sem ter que se lembrar.	1,96 (1,29)	1,00	1,00	3,00
HAB5	...você faz sem pensar.	1,86 (1,23)	1,00	1,00	3,00
HAB7	...faz parte da sua rotina.	1,78 (1,16)	1,00	1,00	2,00
HAB8	...quando você percebe, já está fazendo.	1,76 (1,18)	1,00	1,00	2,00
HAB9	...você acharia difícil não fazer.	1,65 (1,02)	1,00	1,00	2,00
HAB10	...você não tem necessidade de pensar para fazer.	1,97 (1,31)	1,00	1,00	3,00
HAB11	...tem tudo a ver com você.	1,89 (1,17)	1,00	1,00	3,00
HAB12	...você já faz há muito tempo.	1,96 (1,30)	1,00	1,00	3,00

^aValores correspondem aos itens do constructo hábito, podendo variar entre 1,0 e 5,0.

5.7 Análise dos modelos da Teoria do Comportamento Planejado

A partir das validações dos constructos, cinco modelos estruturais integrados foram testados. Para esta análise considerou-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 - Crenças comportamentais têm influência positiva sobre a atitude.

Hipótese 2 - Crenças normativas têm influência positiva sobre a norma subjetiva.

Hipótese 3 - Crenças de controle têm influência positiva sobre o controle comportamental percebido.

Hipótese 4 - Atitude tem influência positiva sobre a intenção.

Hipótese 5 - Norma subjetiva tem influência positiva sobre a intenção.

Hipótese 6 - Controle comportamental percebido tem influência positiva sobre a intenção.

Hipótese 7 - Norma descritiva tem influência positiva sobre a intenção.

Hipótese 8 - Hábito tem influência positiva sobre a intenção.

As hipóteses testadas em cada modelo estrutural integrado estiveram de acordo com os constructos destes modelos. Os resultados dos diferentes modelos são apresentados a seguir.

5.7.1 Modelo estrutural integrado I

O modelo I avaliado foi composto pelos constructos: crenças comportamentais ($b \times e$), crenças normativas ($n \times m$), crenças de controle ($c \times p$), atitude, norma subjetiva, controle comportamental percebido, intenção, hábito e norma descritiva.

Ao verificar a análise de correlação entre os constructos observou-se coeficientes muito baixos entre algumas correlações, como por exemplo, as correlações com o controle comportamental percebido ou a correlação entre normas descritivas e crenças comportamentais. As maiores correlações observadas foram para a intenção em relação ao hábito, atitude em relação ao hábito e intenção, e crenças normativas em relação à norma subjetiva (Tabela 70).

Tabela 70 – Matriz de correlações entre os constructos de acordo com o modelo estrutural integrado I. Campinas e Limeira, 2013.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Atitude	1,000								
2. Crenças comportamentais	0,037	1,000							
3. Crenças de controle	0,003	0,000	1,000						
4. Controle comportamental percebido	0,230	0,008	0,015	1,000					
5. Crenças normativas	0,185	0,007	0,001	0,084	1,000				
6. Norma subjetiva	0,265	0,010	0,002	0,120	0,696	1,000			
7. Norma descritiva	0,362	0,013	0,002	0,164	0,132	0,190	1,000		
8. Hábito	0,577	0,021	0,004	0,262	0,210	0,302	0,413	1,000	
9. Intenção	0,711	0,026	0,005	0,323	0,260	0,373	0,509	0,811	1,000

Tendo em vista a validação dos constructos individuais, avaliou-se o modelo integrado pela modelagem em equações estruturais. Para a validação foi utilizado o método de estimação de máxima verossimilhança (ML) e a matriz de covariância entre as questões. O valor de RMSEA foi igual a 0,063, estando dentro do limite crítico recomendável de 0,08. Este índice representou que apenas 6,3% da variância dos dados não foi explicada. A razão χ^2/gl foi igual a 2,29, também ficando dentro da razão aceitável que é de, no máximo, 5. No entanto, o índice de bondade de ajuste (AGFI) foi inferior ao mínimo desejado de 0,9. Diversos índices de modificação para adicionar erros de covariância entre as questões foram sugeridos pelo modelo. Os maiores resíduos padronizados encontrados ocorreram para os seguintes itens: CNORM3 e CCOMP1, NS3 e ND1, NS2 e ND1, CNORM2 e ND3, CCOMP1 e NS1, CNORM3 e CCOMP4, CNORM3 e ATD4, CNORM1 e ND1, CCOMP1 e NS2, ND1 e NS1, CNORM4 e ND1, CCOMP1 e NS3, CCOMP1 e ATD4, CCP5 e ATD4. Após a inserção de tais correlações entre os erros, os índices de ajustamento sofreram as alterações mostradas na tabela 71. Observou-se melhora em todos os índices, no entanto, o AGFI e GFI ainda estiveram um pouco abaixo do ideal. Todos os demais índices estão dentro dos limites aceitáveis.

Tabela 71 – Índices de ajustamento do modelo estrutural integrado I. Campinas e Limeira, 2013.

χ^2	<i>p</i> -valor	gl	χ^2 /gl	GFI	AGFI	NFI	NNFI/ LTI	CFI	RMSEA
1427,52	<0,001	681	2,10	0,814	0,787	0,938	0,964	0,967	0,058

χ^2 = qui-quadrado, Gl = grau de liberdade, GFI = índice de qualidade de ajuste, AGFI = índice ajustado de qualidade de ajuste, NFI = índice de ajuste normado, NNFI/LTI = índice de ajuste não normalizado/índice de Tucker Lewis, CFI = índice de ajuste comparativo, RMSEA = raiz de erro quadrático médio de aproximação.

Das hipóteses avaliadas no modelo proposto nota-se que a atitude (0,71), norma descritiva (0,51) e hábito (0,81) apresentaram altas cargas padronizadas indicando que estes constructos influenciaram significativamente a intenção. Já o controle comportamental percebido e norma subjetiva apresentaram influência um pouco inferior na intenção se comparada aos demais constructos, ainda assim com resultados significativos. Além disso, pode-se observar que as crenças comportamentais (CCOMP) não influenciaram a atitude (0,04), assim como as crenças de controle (CCONT) não influenciaram o controle comportamental percebido (CCP) (0,02), o que seria esperado conforme a TCP (Tabela 72).

Tabela 72 – Resultados do modelo estrutural integrado I. Campinas e Limeira, 2013.

Hipóteses (H)	Carga Fatorial padronizada	Valor <i>t</i>	Resultado do teste	<i>R</i> ²
H1: CCOMP → ATD	0,04	0,46	Não Suportada	0,001
H2: CNORM → NS	0,70	8,20	Suportada	0,067
H3: CCONT → CCP	0,02	0,18	Não Suportada	0,000
H4: ATD → Intenção	0,71	10,32	Suportada	0,506
H5: NS → Intenção	0,37	5,70	Suportada	0,139
H6: CCP → Intenção	0,32	4,76	Suportada	0,104
H7: ND → Intenção	0,51	6,76	Suportada	0,259
H8: Hábito → Intenção	0,81	16,86	Suportada	0,658

ATD=atitude, CCP=controle comportamental percebido, NS=norma subjetiva, ND=norma descritiva, CCOMP=crenças comportamentais, CCONT=crenças de controle, CNORM=crenças normativas.

A validade convergente foi demonstrada inicialmente pelas cargas fatoriais do modelo. Recomenda-se que as cargas sejam superiores a 0,5, o que não ocorreu para os constructos controle comportamental percebido e norma subjetiva. Outra medida de validade convergente pode ser obtida pela variância extraída. Contudo, as variâncias extraídas não foram todas maiores que 0,5 violando a validade convergente do modelo I (Tabela 73).

A validade discriminante pode ser comprovada comparando os percentuais de variância extraída para dois constructos com o quadrado da estimativa de correlação entre tais constructos. As estimativas de variância devem ser maiores do que a estimativa quadrática da correlação. Todas as variâncias extraídas foram maiores que o quadrado da estimativa de correlação entre os fatores, indicando validade discriminante do modelo I. A tabela 73 ilustra os resultados.

Tabela 73 – Quadrado da estimativa de correlação entre os fatores (*Shared Variance*) e variância extraída do modelo estrutural integrado I. Campinas e Limeira, 2013.

Constructos	ATD	CCOMP	CCONT	CCP	CNORM	NS	ND	HAB
ATD	0,520							
CCOMP	0,001	0,256						
CCONT	0,000	0,000	0,231					
CCP	0,053	0,000	0,000	0,467				
CNORM	0,034	0,000	0,000	0,007	0,522			
NS	0,070	0,000	0,000	0,014	0,484	0,555		
ND	0,131	0,000	0,000	0,027	0,017	0,036	0,556	
HAB	0,333	0,000	0,000	0,069	0,044	0,091	0,171	0,653

ATD=atitude, CCOMP=crenças comportamentais, CCONT=crenças de controle, CCP=controle comportamental percebido, CNORM=crenças normativas, NS=norma subjetiva, ND=norma descritiva, HAB=hábito.

*Valores em negrito correspondem a variância extraída.

5.7.2 Modelo estrutural integrado II

O modelo estrutural integrado II testado foi composto pelos constructos: crenças comportamentais (*b*), crenças normativas (*n*), crenças de controle (*p*), atitude, norma subjetiva, controle comportamental percebido, intenção, hábito e norma descritiva. Observe que neste modelo teórico as crenças comportamentais, as crenças normativas e as crenças de controle foram formadas somente pelos itens *b*, *n* e *p*, respectivamente, conforme recomendação de Godin (2012).

O valor de RMSEA foi igual a 0,063, estando dentro do limite crítico recomendável de 0,08. Este índice indicou que apenas 6,3% da variância dos dados não foi explicada. A razão χ^2 /gl foi igual a 2,26, um valor adequado. No entanto, o índice de bondade de ajuste (AGFI) foi inferior ao mínimo desejado de 0,9, mesmo com a inserção dos maiores resíduos padronizados entre os itens (Tabela 74).

Tabela 74 – Índices de ajustamento do modelo estrutural integrado II. Campinas e Limeira, 2013.

χ^2	<i>p</i> -valor	gl	χ^2 /gl	GFI	AGFI	NFI	NNFI/ LTI	CFI	RMSEA
1488,12	<0,001	658	2,26	0,803	0,779	0,938	0,963	0,965	0,063

χ^2 = qui-quadrado, Gl = grau de liberdade, GFI = índice de qualidade de ajuste, AGFI = índice ajustado de qualidade de ajuste, NFI = índice de ajuste normado, NNFI/LTI = índice de ajuste não normalizado/ índice de Tucker Lewis, CFI = índice de ajuste comparativo, RMSEA = raiz de erro quadrático médio de aproximação.

Dentre as hipóteses avaliadas no modelo proposto, nota-se que a atitude (0,71), norma descritiva (0,50) e hábito (0,81) apresentaram altas cargas padronizadas indicando que estes constructos influenciam significativamente a intenção. Já o controle comportamental percebido e norma subjetiva apresentaram uma influência um pouco inferior na intenção se comparada aos demais constructos, ainda assim com resultados significativos. Além disso, pode-se observar que as crenças comportamentais (CCOMP) não influenciaram a atitude (-0,41), o que seria esperado conforme a TCP (Tabela 75).

A validade convergente do modelo é demonstrada inicialmente pelas cargas fatoriais do modelo. Recomenda-se que as cargas sejam superiores a 0,5, o que não aconteceu para controle comportamental percebido e norma subjetiva em relação à intenção, crença comportamental em relação à atitude, e crenças de controle em relação ao controle comportamental percebido (Tabela 75). Outra medida de validade convergente pode ser obtida pela variância extraída. As variâncias extraídas não foram todas maiores que 0,5 violando a validade convergente do modelo II (Tabela 76).

Tabela 75 – Resultados do modelo estrutural integrado II. Campinas e Limeira, 2013.

Hipóteses (H)	Carga Fatorial padronizada	Valor <i>t</i>	Resultado do teste	<i>R</i> ²
H1: CCOMP → ATD	-0,03	-0,41	Não Suportada	0,501
H2: CNORM → NS	0,90	10,52	Suportada	0,148
H3: CCONT → CCP	0,37	4,14	Suportada	0,007
H4: ATD → Intenção	0,71	10,34	Suportada	0,551
H5: NS → Intenção	0,44	6,49	Suportada	0,187
H6: CCP → Intenção	0,38	5,76	Suportada	0,138
H7: ND → Intenção	0,50	6,63	Suportada	0,250
H8: Hábito → Intenção	0,81	16,86	Suportada	0,657

ATD=atitude, CCP=controle comportamental percebido, NS=norma subjetiva, ND=norma descritiva, CCOMP=crenças comportamentais, CCONT=crenças de controle, CNORM=crenças normativas.

Em relação à validade discriminante observa-se que o quadrado da correlação entre a norma subjetiva e o controle comportamental percebido foi maior que a variância extraída da norma subjetiva, violando a validade discriminante do modelo II (Tabela 76).

Tabela 76 – Quadrado da estimativa de correlação entre os fatores (*Shared Variance*) e variância extraída do modelo estrutural integrado II. Campinas e Limeira, 2013.

Constructos	ATD	CCOMP	CCONT	CNORM	NS	CCP	ND	HAB
ATD	0,530							
CCOMP	0,908	0,313						
CCONT	0,004	0,004	0,354					
CNORM	0,076	0,069	0,053	0,532				
NS	0,081	0,074	0,001	0,020	0,590			
CCP	0,103	0,094	0,001	0,026	0,789	0,460		
ND	0,138	0,125	0,002	0,035	0,037	0,047	0,571	
HAB	0,362	0,329	0,005	0,091	0,097	0,123	0,164	0,653

ATD=atitude, CCOMP=crenças comportamentais, CCONT=crenças de controle, CNORM=crenças normativas, NS=norma subjetiva, CCP=controle comportamental percebido, ND=norma descritiva, HAB=hábito.

*Valores em negrito correspondem a variância extraída.

5.7.3 Modelo estrutural integrado III

Considerando os resultados obtidos do modelo estrutural integrado II, onde se observou que a hipótese de que as crenças comportamentais influenciam positivamente a atitude não foi suportada optou-se por testar outro modelo composto pelos constructos: crenças normativas (*n*), crenças de controle (*p*), atitude, norma subjetiva, controle comportamental percebido, intenção, hábito e norma descritiva.

Para a avaliação do modelo estrutural inicialmente utilizou-se o método de estimação de máxima verossimilhança (ML) e a matriz de covariância entre as questões. O valor de RMSEA foi igual a 0,058, indicando que apenas 5,8% da variância dos dados não foi explicada. A razão χ^2/gl foi 2,07, estando dentro da razão aceitável que é de, no máximo, 5. No entanto, o índice de bondade de ajuste (AGFI) foi inferior ao mínimo desejado de 0,9 mesmo com a inserção dos maiores resíduos padronizados entre os itens (Tabela 77).

Tabela 77 – Índices de ajustamento do modelo estrutural integrado III. Campinas e Limeira, 2013.

χ^2	<i>p</i> -valor	Gl	χ^2 /gl	GFI	AGFI	NFI	NNFI/ LTI	CFI	RMSEA
1422,34	<0,001	686	2,07	0,814	0,789	0,941	0,967	0,969	0,058

χ^2 = qui-quadrado, Gl = grau de liberdade, GFI = índice de qualidade de ajuste, AGFI = índice ajustado de qualidade de ajuste, NFI = índice de ajuste normado, NNFI/LTI = índice de ajuste não normalizado/índice de Tucker Lewis, CFI = índice de ajuste comparativo, RMSEA = raiz de erro quadrático médio de aproximação.

Observou-se que todas as hipóteses foram suportadas ao nível de significância de 5% (valores de *t* maiores que 1,96 em módulo). Das hipóteses avaliadas no modelo proposto, nota-se que a atitude (0,71), norma descritiva (0,50) e hábito (0,81) apresentaram altas cargas padronizadas indicando que estes constructos influenciam significativamente na intenção. Já o controle comportamental percebido (0,38) e norma subjetiva (0,43) apresentaram influência um pouco inferior na intenção se comparada aos demais constructos, mas ainda assim com resultados significativos (Tabela 78).

Tabela 78 – Resultados do modelo estrutural integrado III. Campinas e Limeira, 2013.

Hipóteses (H)	Carga Fatorial padronizada	Valor <i>t</i>	Resultado do teste	<i>R</i> ²
H2: CNORM → NS	0,89	10,24	Suportada	0,148
H3: CCONT → CCP	-0,26	-3,20	Suportada	0,010
H4: ATD → Intenção	0,71	10,26	Suportada	0,498
H5: NS → Intenção	0,43	6,38	Suportada	0,186
H6: CCP → Intenção	0,38	6,60	Suportada	0,146
H7: ND → Intenção	0,50	6,48	Suportada	0,250
H8: Hábito → Intenção	0,81	16,77	Suportada	0,655

ATD=atitude, CCP=controle comportamental percebido, NS=norma subjetiva, ND=norma descritiva, CCONT=crenças de controle, CNORM=crenças normativas.

Em relação a validade convergente, observou-se que cargas fatoriais do controle comportamental percebido e norma subjetiva em relação à intenção e crenças de controle em relação à controle comportamental percebido não foram superiores à 0,5 (Tabela 78), violando desta forma a validade convergente. Outra medida de validade convergente pode ser obtida pela variância extraída. As variâncias extraídas não foram todas maiores que 0,5 violando também a validade convergente do modelo III (Tabela 79). A validade discriminante do modelo III foi

confirmada, visto que todas as variâncias foram superiores aos respectivos quadrados da correlação (Tabela 79).

Tabela 79 – Quadrado da estimativa de correlação entre os fatores (*Shared Variance*) e variância extraída do modelo estrutural integrado III. Campinas e Limeira, 2013.

Constructos	ATD	CCONT	CNORM	NS	CCP	ND	HAB
ATD	0,525						
CCONT	0,000	0,243					
CNORM	0,008	0,000	0,523				
NS	0,010	0,000	0,336	0,570			
CCP	0,000	0,001	0,000	0,000	0,454		
ND	0,003	0,000	0,017	0,029	0,000	0,554	
HAB	0,084	0,000	0,005	0,005	0,000	0,036	0,652

ATD=atitude, CCONT=crenças de controle, CNORM=crenças normativas, NS=norma subjetiva, CCP=controle comportamental percebido, ND=norma descritiva, HAB=hábito.

*Valores em negrito correspondem a variância extraída.

5.7.4 Modelo estrutural integrado IV

O modelo estrutural integrado IV foi composto pelos seguintes constructos: atitude, controle comportamental percebido, norma subjetiva, intenção, hábito e norma descritiva.

O valor de RMSEA foi igual a 0,056, estando dentro do limite crítico recomendável de 0,08. Este índice indicou que apenas 5,6% da variância dos dados não foi explicada. A razão χ^2 /gl foi igual a 2,01, ficando dentro da razão aceitável que é de, no máximo, 5. O índice de bondade de ajuste (AGFI) foi ligeiramente inferior ao mínimo desejado de 0,9 mesmo após a inserção dos maiores resíduos padronizados entre os itens. Os índices NFI, NNFI/LTI e CFI foram superiores a 0,9 (Tabela 80).

Tabela 80 – Índices de ajustamento do modelo estrutural integrado IV. Campinas e Limeira, 2013.

χ^2	p-valor	Gl	χ^2 /gl	GFI	AGFI	NFI	NNFI/ LTI	CFI	RMSEA
667,72	<0,001	332	2,01	0,870	0,841	0,965	0,980	0,983	0,056

χ^2 = qui-quadrado, Gl = grau de liberdade, GFI = Índice de qualidade de ajuste, AGFI = Índice ajustado de qualidade de ajuste, NFI = Índice de ajuste normado, NNFI/LTI = índice de ajuste não normalizado/ índice de Tucker Lewis, CFI = Índice de ajuste comparativo, RMSEA = Raiz de erro quadrático médio de aproximação.

Todas as hipóteses foram suportadas ao nível de significância de 5% (valores de *t* maiores que 1,96 em módulo). Dentre as hipóteses avaliadas no modelo proposto, os constructos hábito (0,82), atitude (0,72) e norma descritiva (0,50) apresentaram altas cargas padronizadas indicando que estes constructos influenciam significativamente na intenção. Já o controle comportamental percebido (0,34) e norma subjetiva (0,31) apresentaram influência um pouco inferior na intenção se comparada aos demais constructos, mas ainda assim com resultados significativos (Tabela 81).

Tabela 81 – Resultados do modelo estrutural integrado IV. Campinas e Limeira, 2013.

Hipóteses (H)	Carga Fatorial padronizada	Valor <i>t</i>	Resultado do teste	<i>R</i> ²
H4: ATD → Intenção	0,72	10,91	Suportada	0,515
H5: NS → Intenção	0,31	4,88	Suportada	0,093
H6: CCP → Intenção	0,34	6,58	Suportada	0,117
H7: ND → Intenção	0,50	6,39	Suportada	0,253
H8: Hábito → Intenção	0,82	17,40	Suportada	0,678

ATD=atitude, CCP=controle comportamental percebido, NS=norma subjetiva, ND=norma descritiva.

A validade convergente é demonstrada inicialmente pelas cargas fatoriais do modelo. Recomenda-se que as cargas sejam superiores a 0,5, o que não ocorreu para o constructo controle comportamental percebido e norma subjetiva em relação à intenção. Outra medida de validade convergente pode ser obtida pela variância extraída. As variâncias extraídas foram todas maiores que 0,5, com exceção do controle comportamental percebido que ficou muito próximo de 0,5, portanto, a validade convergente por este critério pôde ser aceita.

Em relação à validade discriminante é possível observar que todas as variâncias foram superiores aos respectivos quadrados da correlação, atingindo a validade discriminante do modelo IV (Tabela 82). A figura 5 representa o modelo estrutural integrado IV.

Tabela 82 – Quadrado da estimativa de correlação entre os fatores (*Shared Variance*) e variância extraída modelo estrutural integrado IV. Campinas e Limeira, 2013.

Constructos	ATD	NS	CCP	ND	HAB
ATD	0,537				
NS	0,048	0,577			
CCP	0,061	0,011	0,497		
ND	0,130	0,023	0,030	0,553	
HAB	0,349	0,063	0,080	0,171	0,659

ATD=atitude, NS=norma subjetiva, CCP=controle comportamental percebido, ND=norma descritiva, HAB=hábito.

*Valores em negrito correspondem a variância extraída.

5.7.5 Modelo estrutural integrado V

Este modelo foi composto apenas pelas medidas diretas da Teoria do Comportamento Planejado: atitude, norma subjetiva, controle comportamental percebido e intenção.

Considerando os índices de ajustes do modelo estrutural integrado V, observou-se que o valor de RMSEA foi igual a 0,058, estando dentro do limite crítico recomendável de 0,08. Este índice indicou que apenas 5,8% da variância dos dados não foi explicada. A razão χ^2/gf foi igual a 2,08, também ficando dentro da razão aceitável que é de, no máximo, 5. Todos os índices de bondade de ajuste foram superiores a 0,9, indicando adequação (Tabela 83).

Tabela 83 – Índices de ajustamento do modelo estrutural integrado V. Campinas e Limeira, 2013.

χ^2	<i>p</i> -valor	GI	χ^2/gf	GFI	AGFI	NFI	NNFI/LTI	CFI	RMSEA
183,12	<0,001	88	2,08	0,929	0,903	0,958	0,974	0,978	0,058

χ^2 = qui-quadrado, GI = grau de liberdade, GFI = índice de qualidade de ajuste, AGFI = índice ajustado de qualidade de ajuste, NFI = índice de ajuste normado, NNFI/LTI = índice de ajuste não normalizado/índice de Tucker Lewis, CFI = índice de ajuste comparativo, RMSEA = raiz de erro quadrático médio de aproximação.

Todas as hipóteses testadas neste modelo foram suportadas ao nível de significância de 5% (valores de *t* maiores que 1,96 em módulo). Dentre as hipóteses avaliadas no modelo proposto, nota-se que a atitude (0,70) apresentou alta carga padronizada indicando que este constructo influenciou significativamente na intenção. Já o controle comportamental percebido (0,33) e a norma subjetiva (0,41) apresentaram influência um pouco inferior na intenção, mas ainda assim com resultados significativos (Tabela 84).

Tabela 84 – Resultados do modelo estrutural integrado V. Campinas e Limeira, 2013.

Hipóteses	Carga fatorial padronizada	Valor <i>t</i>	Resultado do teste	<i>R</i> ²
H4: ATD → Intenção	0,70	10,23	Suportada	0,497
H5: NS → Intenção	0,41	6,05	Suportada	0,172
H6: CCP → Intenção	0,33	4,81	Suportada	0,106

ATD=atitude, CCP=controle comportamental percebido, NS=norma subjetiva.

Em relação à validade convergente, observa-se que as cargas fatoriais na relação entre o controle comportamental percebido e a norma subjetiva em relação à intenção não foram superiores a 0,5, violando a validade (Tabela 84). Contudo, outra medida de validade convergente pode ser obtida pela variância extraída. As variâncias extraídas foram todas maiores que 0,5, com exceção do controle comportamental percebido que ficou muito próximo de 0,5, portanto, a validade convergente por este critério pode ser aceita (Tabela 85). Considerando a validade discriminante, observa-se que todas as variâncias foram superiores aos respectivos quadrados da correlação, atingindo a validade discriminante do modelo V (Tabela 85).

Tabela 85 – Quadrado da estimativa de correlação entre os fatores (*Shared Variance*) e variância extraída modelo estrutural integrado V. Campinas e Limeira, 2013.

Constructos	ATD	NS	CCP
ATD	0,529		
NS	0,085	0,593	
CCP	0,052	0,018	0,470

ATD=atitude, NS=norma subjetiva, CCP=controle comportamental percebido.

*Valores em negrito correspondem a variância extraída.

5.8 Análise da intenção comportamental

5.8.1 Descrição das variáveis psicossociais relacionadas à intenção

A partir dos resultados dos modelos estruturais integrados avaliados optou-se por utilizar o modelo integrado IV. Este modelo estrutural apresentou melhor confiabilidade e validade convergente e discriminante quando comparado com os outros modelos investigados. Este modelo é composto pelos constructos: atitude, norma subjetiva, controle comportamental percebido, norma

descritiva, hábito e intenção. Ressalta-se que todas as hipóteses foram suportadas neste modelo (Figura 5).

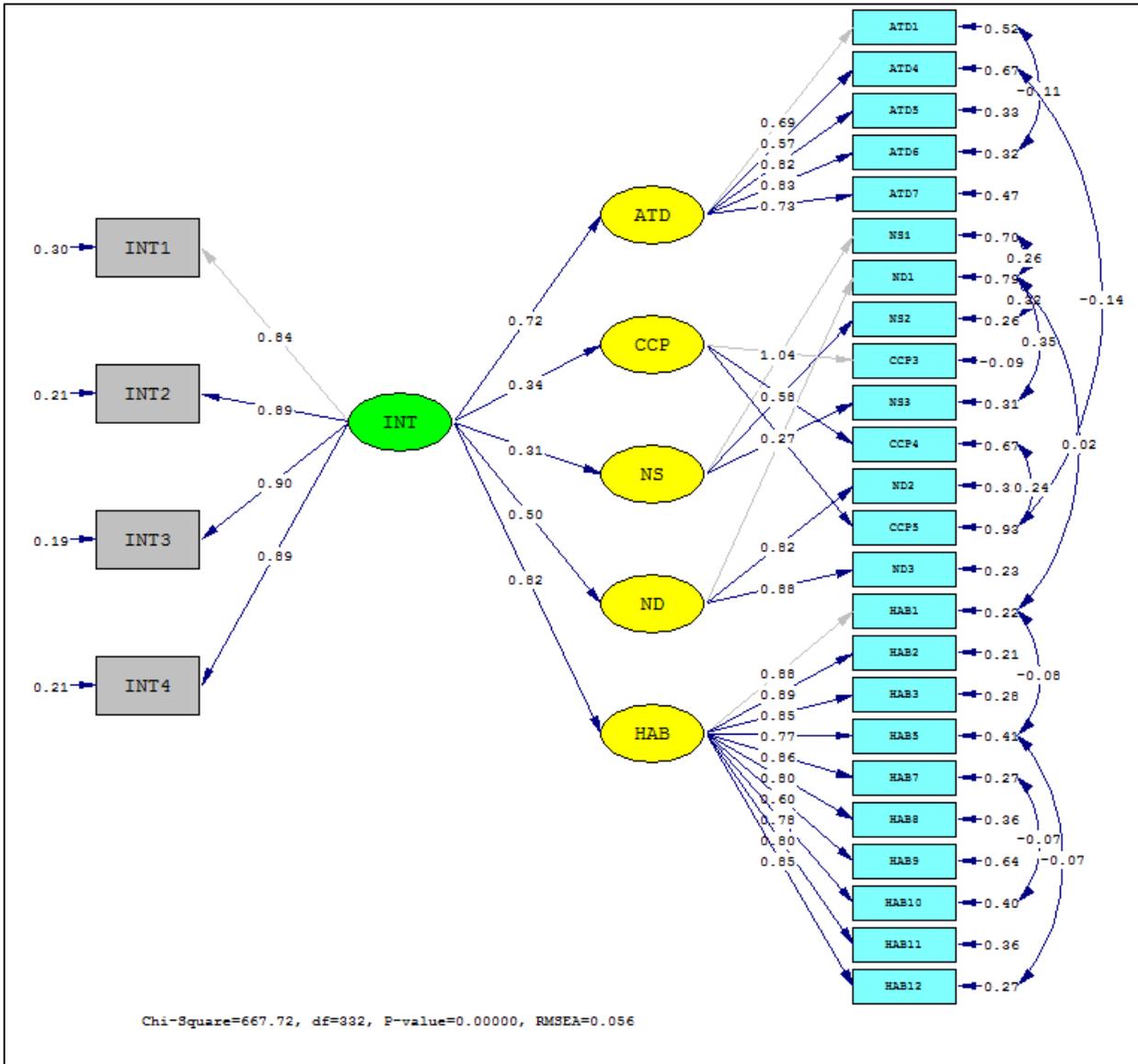
De acordo com a tabela 86, observa-se que os sujeitos apresentaram uma baixa intenção para o consumo de salada crua quando se almoça em restaurante tipo *fast food* (média de 2,01). Os escores das variáveis hábito e norma descritiva também foram baixos, inferiores a 2,0. Já as médias das variáveis atitude, norma subjetiva e controle comportamental percebido foram superiores, com escores entre 2,94 a 3,59. O constructo atitude indicou atitude pouco favorável à realização comportamental (média=2,95). A norma subjetiva demonstrou que esta norma social foi levemente desfavorável ao comportamento estudado (média=2,94). Já o constructo controle comportamental percebido apontou que os estudantes possuíam autopercepção levemente favorável sobre a capacidade de consumir salada crua em restaurante tipo *fast food* no almoço (média=3,59).

As variáveis hábito e atitude foram variáveis preditoras da intenção de consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food*, com cargas fatoriais padronizadas de 0,82 e 0,72, respectivamente (Figura 5). Estes resultados indicam que o baixo hábito de consumir salada crua nestes estabelecimentos no almoço (média 1,87) e a atitude um pouco desfavorável (média 2,95), contribuíram para a baixa intenção de realizar este comportamento (Tabela 86). Em relação às normas sociais estudadas, observou-se que a norma descritiva foi uma variável preditora mais forte da intenção comportamental (carga fatorial padronizada de 0,50) do que a norma subjetiva, indicando a influência da observação do que outras pessoas fazem na intenção de consumir salada crua quando se vai a um restaurante tipo *fast food* no almoço (Figura 5).

Na figura 5, observa-se a influência de cada questão, conforme o constructo. Em relação à atitude as questões ATD6 (*Muito Ruim/Muito Bom*), ATD5 (*Muito Desagradável/Muito Agradável*) e ATD7 (*Muito Desestimulante/Muito Estimulante*), foram as que mais influenciaram o constructo. Em relação à norma subjetiva o item NS2 foi o que mais influenciou o constructo “*Muitas pessoas que são importantes para mim acham que eu devo consumir salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço*”. Já o controle comportamental percebido foi mais influenciado pelo item CCP3 “*Eu estou confiante de que eu posso consumir salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço*”, enquanto que a norma descritiva foi mais influenciada pelos itens ND3 “*A maioria dos meus amigos, quando vão a um restaurante fast food no almoço, consomem salada crua*” e ND2 “*A maioria das pessoas da minha idade que eu conheço, quando vão a um restaurante fast food no almoço, consomem salada crua*”. O hábito foi influenciado principalmente

pelos itens HAB2 “...você faz automaticamente”, HAB1 “...você faz com frequência” e HAB 7 “...faz parte da sua rotina”. Por fim a intenção foi fortemente influenciada pelos itens INT3 “Eu espero consumir salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço”, INT2 “Eu tenho intenção de consumir salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço” e INT4 “Eu quero consumir salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço”.

Figura 5 – Representação ilustrativa do modelo estrutural integrado IV. Campinas e Limeira, 2013.



Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Nota: algumas cargas fatoriais padronizadas ficaram sobrepostas, desse modo esclarece que: a carga fatorial padronizada do item CCP3 em relação ao CCP é 1,04; a carga fatorial padronizada do item CCP4 em relação ao CCP é 0,58; a carga fatorial padronizada do item CCP5 em relação ao CCP é 0,27; a carga fatorial padronizada do item NS1 em relação ao NS é 0,55; a carga fatorial padronizada do item NS2 em relação ao NS é 0,86; a carga fatorial padronizada do item NS3 em relação ao NS é 0,83; a carga fatorial padronizada do item ND1 em relação ao ND é 0,46; a carga fatorial padronizada do item ND2 em relação ao ND é 0,82; e a carga fatorial padronizada do item ND3 em relação ao ND é 0,88.

Tabela 86 – Correlações entre os escores das variáveis psicossociais relacionadas ao consumo de salada crua em *fast food* por estudantes. Campinas e Limeira, 2013.

Constructos	1	2	3	4	5	6	Média (desvio padrão)	Mediana
1. Intenção	1,000						2,01 (1,05)	1,75
2. Atitude	0,718	1,000					2,95 (0,86)	3,00
3. Norma subjetiva	0,305	0,219	1,000				2,94 (1,07)	3,00
4. Controle comportamental percebido	0,343	0,246	0,105	1,000			3,59 (0,91)	3,67
5. Hábito	0,824	0,591	0,251	0,282	1,000		1,87 (1,01)	1,50
6. Norma descritiva	0,503	0,361	0,153	0,172	0,251	1,000	1,92 (0,83)	1,67

6 DISCUSSÃO

A discussão da presente pesquisa está estruturada em cinco partes. Inicialmente, aborda-se o consumo fora do domicílio e em restaurante tipo *fast food*. Posteriormente, realiza-se análise do estado nutricional dos participantes e sua relação com o consumo em *fast food*. Em sequência a validade e confiabilidade dos instrumentos de medida dos constructos são discutidas, assim como a sua análise descritiva. Por fim, é realizada comparação entre os modelos testados e são identificados os determinantes psicossociais da intenção comportamental em consumir salada crua quando se vai a um restaurante tipo *fast food* no almoço.

6.1 Consumo em restaurante tipo *fast food*

Identificou-se que 83,9% dos adolescentes faziam refeições fora de casa três vezes ou mais por semana. Esta frequência elevada pode estar relacionada ao fato da maioria dos estudantes ter aulas em período integral. Em um período do dia eles frequentavam o ensino médio, e no outro um curso técnico. Na última Pesquisa de Orçamento Familiar, observou-se que as despesas com alimentação fora do domicílio entre a população brasileira nos anos de 2008 e 2009, representaram 31,1% das despesas alimentares (IBGE, 2010b). Complementarmente Bezerra et al. (2013), a partir de um dia de registro alimentar, verificaram que 51,3% de indivíduos entre 10 e 19 anos tinham consumido alimentos fora de casa. O consumo frequente fora do domicílio (três vezes por semana) também foi observado entre adolescentes vietnamitas (LCHAT et al., 2011).

Já a frequência em restaurante tipo *fast food* entre os estudantes foi menor quando comparada a de adolescentes de outros países. No presente estudo, prevaleceu o consumo nestes estabelecimentos de uma a três vezes por mês. Nos EUA em Minnesota, 53,7% dos adolescentes que cursavam as séries da *high school* (9º ao 12º ano) tinham frequentado *fast food* pelo menos uma vez na semana anterior a pesquisa (FRENCH et al., 2001). Resultados semelhantes foram encontrados por Denney-Wilson et al. (2009) na Austrália, onde os adolescentes consumiam em restaurante tipo *fast food* pelo menos uma vez por semana. O consumo menos frequente entre os brasileiros pode estar relacionado ao fato que dentro do colégio, havia um restaurante institucional, que servia almoço e jantar aos estudantes a um custo baixo, R\$ 2,00 por refeição.

O jantar foi a refeição mais frequente realizada pelos estudantes em *fast food* (53,3%), seguida do almoço (39,0%). Resultados semelhantes encontraram Driskell, Meckna e Scales (2006). Já Larson et al. (2008), observaram que os lanches e o almoço foram as refeições mais realizadas entre jovens adultos em *fast food*. Na presente pesquisa nenhum participante relatou tomar o café da manhã nestes estabelecimentos. O café da manhã também foi a refeição menos frequentemente realizada por adultos em *fast food* nos EUA (DRISKELL; MECKNA; SCALES, 2006; LARSON et al., 2008).

Ao considerarmos o sexo dos participantes, verificou-se que as estudantes do sexo feminino frequentavam mais restaurante tipo *fast food* no jantar do que os homens. Diferentemente Driskell, Meckna e Scales (2006) encontraram diferenças significativas conforme o sexo para o consumo em *fast food* no café da manhã e no almoço. Os autores observaram um consumo maior entre universitários do sexo masculino, do que do sexo feminino.

A renda familiar dos participantes não influenciou a frequência de consumo em restaurante tipo *fast food* e a frequência de almoçar em *fast food*. French et al. (2001) verificaram diferenças entre as condições socioeconômicas e o consumo em *fast food* na semana anterior à pesquisa somente entre adolescentes do sexo feminino. Diferentemente, Akbay, Tiryaki e Gul (2007) notaram associação entre o consumo em *fast food* e a renda familiar entre adultos. Bezerra et al. (2013), no Brasil, também encontraram associação positiva entre o consumo fora de casa e a renda da população, contudo não foi considerado pelos autores o consumo específico em restaurante tipo *fast food*. Ressalta-se que no estudo realizado em Campinas e Limeira, notou-se uma associação significativa entre a renda e o tipo de refeição realizada. Estudantes com renda superior a cinco SM frequentavam *fast food* mais no jantar quando comparados aqueles com renda inferior. Já estudantes com renda de até dois SM frequentavam estes estabelecimentos com maior frequência no período do lanche da tarde.

Não foram encontradas associações entre a frequência de consumo em *fast food* com o sexo e a idade dos participantes. Este resultado pode estar relacionado ao grupo participante da pesquisa, estudantes do ensino médio, com idade média de 15,6 anos. Este grupo pode apresentar características semelhantes em relação a este comportamento, independente do sexo e da idade, como observado por French et al. (2011) e Denney-Wilson et al. (2009).

6.2 Estado nutricional

Para a avaliação do estado nutricional, considerou-se a percepção corporal dos estudantes, a partir do peso e estatura autorreferidos. Adolescentes brasileiros apresentam uma tendência em subestimar ou superestimar as medidas de peso e estatura (FARIAS JÚNIOR, 2007; BLEIL; SALAY; SILVA, 2009; ENES et al., 2009). Contudo, devido a limitações como falta de tempo e escassez de recursos (BLEIL; SALAY; SILVA, 2009) informações referidas têm sido utilizadas para avaliar a situação nutricional de populações (PEIXOTO; BENÍCIO; JARDIM, 2006; STRAUSS, 1999). Porém, sua aplicação deve ser empregada com cautela. Em estudo realizado no município de Piracicaba, Estado de São Paulo, avaliou-se as medidas aferidas e referidas de 360 estudantes com idade entre 10 e 15 anos. As medidas referidas não foram válidas para o diagnóstico do estado nutricional da população estudada (ENES et al., 2009). Já em pesquisa com estudantes da cidade de Florianópolis, Santa Catarina, as medidas referidas foram válidas para a avaliação do estado nutricional de adolescentes com idade entre 15 e 18 anos (FARIAS JÚNIOR, 2007). Destaca-se que a população investigada em Campinas e Limeira foi de estudantes com idade entre 13 e 17 anos. Diferenças da faixa etária da população estudada podem explicar as diferenças de validade entre as medidas referidas e aferidas (FARIAS JÚNIOR, 2007). Himes et al. (2005) notaram que quanto maior a faixa etária dos adolescentes, menores foram as diferenças entre as medidas referidas e aferidas.

A partir do IMC para a idade, com medidas referidas, constatou-se que a maioria dos estudantes foi classificada como eutrófico (79,3%). Também se verificou em estudantes do município de Florianópolis, Santa Catarina, a prevalência de indivíduos eutróficos. A relação entre o diagnóstico nutricional dos indivíduos com dados referidos e aferidos foi considerada satisfatória (FARIAS JÚNIOR, 2007). Resultados semelhantes, referentes ao diagnóstico nutricional, foram relatados por Bleil, Salay e Silva (2009) em Toledo, Paraná, com estudantes com idade igual ou superior a 14 anos.

Não foram encontradas associações entre o estado nutricional e a frequência de consumo em restaurantes tipo *fast food* ($p = 0,792$). Da mesma forma, French et al. (2001) não observaram associação significativa entre o diagnóstico de sobrepeso e a frequência em *fast food*. Todavia, estes mesmos autores verificaram valor de IMC inferior em meninos que consumiam em *fast food* três vezes ou mais por semana. Já outras pesquisas apontam uma associação significativa entre o

aumento do IMC e a frequência de consumo nestes estabelecimentos (BOWMAN; VINYARD, 2004; SCHRÖDER; FITO; COVAS, 2007). A diferença entre os resultados encontrados em Campinas e Limeira e os verificados na literatura pode estar relacionada à frequência em restaurantes tipo *fast food*. Como citado anteriormente, os estudantes entrevistados consumiam menos frequentemente nestes estabelecimentos quando comparados a consumidores de outros países. Outro fator que pode ter interferido nos resultados é o fato das medidas serem referidas.

6.3 Validação e confiabilidade do questionário

Para a validação e confiabilidade dos questionários para a medição dos constructos da TCP e dos preditores adicionais, inicialmente foram avaliados o coeficiente α de Cronbach, as correlações item-total e a análise fatorial exploratória. Posteriormente a análise fatorial confirmatória foi realizada. A confiabilidade também foi averiguada por meio da estabilidade temporal. De modo geral, os constructos apresentaram indicadores de validade e confiabilidade satisfatórios.

Na análise do item, a correlação de cada item com o escore da escala total foi calculado. Após a exclusão de itens com correlação baixa, todos os constructos analisados apresentaram valores superiores a 0,2. Somente para alguns itens do constructo atitude e hábito os escores foram superiores a 0,8. Di Iorio (2005) propõe que itens com valores inferiores a 0,2 e superiores a 0,8 sejam excluídos. Contudo, optou-se por deixar os itens com valores superiores a 0,8 visto que sua exclusão resultaria na diminuição do coeficiente α de Cronbach do constructo.

Os testes de esfericidade de Bartlett de todos os constructos foram significativos ($p < 0,001$), assim como a medida de adequação de KMO foram adequadas ($> 0,60$). Os constructos que apresentaram maiores medidas de adequações KMO foram: hábito (KMO = 0,939), intenção comportamental (KMO = 0,857) e atitude (KMO = 0,834). Os índices MSA para todos os itens que compuseram os constructos finais foram aceitáveis ($> 0,5$). De acordo com os critérios descritos por Hair Jr. et al. (2009), estes indicadores foram considerados satisfatórios.

Ao realizar a análise fatorial exploratória, inicialmente, alguns constructos resultaram em dois fatores: crenças comportamentais (*b*), atitude, crenças de controle (*c x p*), crenças de controle (*p*), controle comportamental percebido e hábito. Após a exclusão de alguns itens conforme os constructos, todos resultaram em apenas um fator. Em todos os constructos o fator estimado foi

responsável por pelo menos 41% da variância total, valor considerado satisfatório em pesquisas na área de ciências sociais (HAIR Jr. et al., 2009). O maior percentual de explicação do fator foi para os constructos intenção (81,2%), norma subjetiva (71%), norma descritiva (67,2%) e hábito (67,2%). Já o menor percentual foi observado para o constructo crenças de controle ($c \times p$) (42%).

A partir da técnica de modelagem de equações estruturais (SEM – *Structural Equation Modeling*), a validade dos constructos foi determinada. A validade convergente dos constructos foi atingida, pois os valores t dos itens estimados foram significativos (superiores a 1,96), indicando que os itens estavam bem correlacionados ao constructo. Contudo, espera-se que as cargas fatoriais padronizadas dos itens sejam superiores a 0,5 (HAIR Jr. et al., 2009). Verificou-se que apenas poucos itens de alguns constructos apresentaram cargas fatoriais padronizadas levemente inferiores ao recomendado: crenças comportamentais ($b \times e$) (CCOMP3 = 0,44), crenças comportamentais (b) (CCOMP1 = 0,46 e CCOMP3 = 0,48), crenças normativas ($n \times m$) (CNORM2 = 0,48), crenças normativas (n) (CNORM2 = 0,41 e CNORM3 = 0,45), crenças de controle ($c \times p$) (CCONT2 = 0,35), controle comportamental percebido (CCP5 = 0,44) e norma descritiva (ND1 = 0,48). A unidimensionalidade dos constructos foi confirmada, e os índices de ajuste foram adequados, exceto para o constructo crenças comportamentais ($b \times e$), pois o índice NFI e o índice NNFI/LTI foram inferiores a recomendação (NFI = 0,83; NNFI/LTI = 0,88). Contudo, estes valores ficaram próximos ao desejado que é superior a 0,9 (HAIR Jr. et al., 2009).

Na análise da validade dos constructos as crenças comportamentais e as crenças normativas obtiveram resultados semelhantes quando utilizado o método multiplicativo entre os itens ($b \times e$; $n \times m$) e quando considerado somente um item para cada fator da crença (b ; n). Já as crenças de controle comportaram-se de modo diferenciado. Para os constructos crenças normativas não foi necessário retirar itens. Já para os constructo crenças comportamentais, o mesmo item foi excluído em ambas as abordagens utilizadas ($b \times e$; b) (CCOMP2). Diferentemente, para o constructo crenças de controle quando utilizado o método multiplicativo ($c \times p$) os resultados foram melhores quando os itens relacionados aos fatores facilitadores da realização do comportamento foram excluídos. Já ao considerar a abordagem utilizando somente o item do poder do fator controle (p), foram obtidos melhores resultados excluindo os itens dificultadores da realização do comportamento. Esta distinção entre os constructos das crenças de controle, a partir dos itens que analisaram os fatores facilitadores e dificultadores, pode estar relacionada ao fato da necessidade

de inverter os itens do questionário que analisaram os fatores dificultadores. A inversão dos itens foi realizada antes de iniciar a análise dos dados.

A consistência interna dos constructos foi avaliada por meio do α de Cronbach, que variou entre 0,531 e 0,945, de acordo com o constructo. Para Hair Jr. et al. (2009) em pesquisas exploratórias um α de 0,60 é considerado aceitável. Dentre os constructos avaliados, três apresentaram coeficientes um pouco inferior ao recomendado: crenças comportamentais (*b x e*) ($\alpha = 0,541$), crenças de controle (*c x p*) ($\alpha = 0,531$) e crenças comportamentais (*b*) ($\alpha = 0,554$), indicando uma consistência interna apenas razoável. Estes constructos que apresentaram consistência interna um pouco abaixo dos valores recomendados estão relacionados às crenças dos indivíduos. Francis et al. (2004) recomendam que para as medidas indiretas da TCP a análise da confiabilidade seja realizada por meio da estabilidade temporal. Conforme os autores como as pessoas podem ter crenças positivas e negativas sobre o mesmo comportamento, não seria adequado avaliar a confiabilidade das medidas indiretas por meio do critério da consistência interna. Além disso, estes resultados podem estar relacionados ao número reduzido de itens nos constructos, visto que um menor número de itens pode resultar em uma consistência interna menor (HAIR Jr. et al., 2009). Os outros constructos estudados apresentam consistência interna adequada ($\alpha \geq 0,62$).

Já a confiabilidade pela estabilidade temporal foi avaliada pelo procedimento de teste-reteste. O coeficiente de correlação intraclassa (ICC) observado entre os constructos foi adequado ($ICC \geq 0,742$), indicando estabilidade temporal. Cornélio et al. (2009), ao investigarem os fatores psicossociais determinantes do consumo de sal, consideraram aceitáveis, para a indicação de estabilidade temporal, um $ICC \geq 0,44$, valor este inferior ao encontrado em nosso estudo.

6.4 Análise descritiva dos constructos

Uma análise descritiva dos dados foi realizada para todos os constructos e os seus itens finais selecionados. Na análise descritiva as crenças comportamentais obtiveram resultados semelhantes quando considerado o método multiplicativo (*b x e*) e quando utilizado somente a questão da crença (*b*). Em ambas as análises, verificou-se atitude indireta moderadamente favorável em relação ao comportamento. Os atributos que mais contribuíram para com esta atitude indireta favorável, em ambas as abordagens, foram a percepção de que consumir salada quando se vai a um

restaurante tipo *fast food* no almoço terá consequência positiva sobre a saúde e a percepção de que este ato contribuirá para com uma refeição menos calórica. Resultados semelhantes encontraram Cox et al. (1998) no Reino Unido. Os autores verificaram que a percepção de proteção à saúde obteve escore positivo alto para o aumento do consumo de frutas e hortaliças indicando que esta crença contribuiu favoravelmente para a realização do comportamento. Outro item que também esteve relacionado foi o auxílio no controle do peso corporal, contudo sua influência foi menor do que a crença relacionada à saúde.

Verbeke e Pieniak (2006) também notaram a importância da percepção dos benefícios preventivos à saúde em relação ao consumo de hortaliças. Para 57,1% dos indivíduos poloneses e belgas entrevistados o consumo de vegetais frescos esteve associado principalmente à percepção da prevenção à saúde e em razão do sabor destes alimentos, principalmente entre as mulheres. Achados semelhantes encontraram Pawlak e Malinauskas (2008) ao verificarem que para estudantes do sexo masculino consumir 2,5 xícaras de hortaliças diariamente auxiliaria na manutenção da saúde e contribuiria para sua força. Embora estes estudos não analisem o consumo de hortaliças fora de casa, estes resultados demonstram a importância da relação entre o consumo de hortaliças, como a ingestão de saladas, e os benefícios à saúde do indivíduo. Destaca-se ainda que nos últimos anos a preocupação dos consumidores com sua saúde tem aumentado, havendo maior procura por produtos que atendam suas necessidades e que contribuam para com uma alimentação saudável (FIESP; ITAL, 2010).

Em relação à crença normativa também se observou semelhança entre as duas abordagens estudadas: método multiplicativo entre a crença (n) e a motivação para cumprir com o referencial social (m), e a consideração somente da crença (n). Em ambas as análises das crenças normativas os referentes sociais foram poucos influenciadores do comportamento estudado. Em muitas pesquisas os referentes sociais relacionados a comportamentos alimentares saudáveis, frequentemente, são pais, familiares e amigos (PAWLAK; MALINAUSKAS, 2008; BACKMAN et al., 2002), como também observado no nosso estudo. Contudo, profissionais da área de saúde são citados pouco frequentemente e quase não são analisados como referentes sociais em estudos com adolescentes. Profissionais da saúde são citados mais frequentemente em investigações com a população adulta (BENTLEY et al., 2009; BLANCHARD et al., 2009b; VERBEKE; VACKIER, 2005). Ressalta-se que o grupo de referência “profissionais da área de saúde (ex.: médicos e nutricionistas)” apresentou maior média na pesquisa realizada, evidenciando estes grupos como

possíveis influenciadores do consumo de salada crua quando se vai a um restaurante tipo *fast food* no almoço.

Ao considerar as crenças de controle, verificaram-se diferenças entre as duas formas de abordagem: crenças de controle ($c \times p$) e crenças de controle (p). Na análise descritiva das crenças de controle pelo método multiplicativo ($c \times p$), observou-se que o preço elevado da salada poderia dificultar o seu consumo quando se vai a um restaurante tipo *fast food* no almoço. Este resultado pode estar relacionado ao conceito inicial da busca por um preço acessível quando se consome em restaurante tipo *fast food*. Diferentes estudos mostram que um dos fatores que contribuem para o consumo em *fast food* é o baixo preço dos alimentos e bebidas comercializados nestes locais (DENNEY-WILSON et al., 2009; DRISKELL; MECKNA; SCALES, 2006; GEREND, 2009; MEDEIROS; SALAY, 2013). Além disso, o preço pode ser visto como uma barreira por algumas pessoas para consumirem alimentos saudáveis, principalmente entre consumidores de baixa renda (POWELL; NGUYEN, 2013; WATERLANDER et al., 2010). Desse modo, estabelecer estratégias de preço para produtos mais saudáveis pode contribuir para com o aumento do consumo desses alimentos (WATERLANDER et al., 2010; LEE-KWAN et al., 2013), inclusive em restaurante tipo *fast food*.

Em relação à análise descritiva das crenças de controle (p), os fatores que mais facilitariam a realização do comportamento seria a inclusão da salada crua nos “combos” e a boa aparência da salada. Os combos são características marcantes em restaurantes tipo *fast food* e fazem parte dos cardápios de diferentes redes de estabelecimentos (YALE RUDD CENTER FOR FOOD POLICY & OBESITY, 2013). Em serviços tipo *carry-out*, Lee-Kwan et al. (2013) propuseram a inclusão no cardápio de combos com itens saudáveis, considerando que os consumidores tem preferência por combinados no momento da escolha da refeição. Adicionalmente a aparência de um alimento é um fator que pode influenciar a escolha do consumidor desde o momento da seleção do estabelecimento. Sanches e Salay (2011) notaram que para indivíduos do sexo feminino a aparência dos alimentos servidos foi percebida como fator importante para selecionar serviços de alimentação. Além disso, dentre os aspectos sensoriais que influencia a escolha alimentar das pessoas tem-se o aspecto visual, relacionado diretamente com a aparência do alimento (FURST et al., 1996).

Em referência às medidas diretas da TCP, somente dois itens do constructo atitude apresentaram atitude ligeiramente positiva ao comportamento estudado. Estes itens indicaram que

o consumo de salada crua quando se vai a um restaurante tipo *fast food* foi considerado ligeiramente bom e ligeiramente necessário. O primeiro refere-se a um atributo afetivo, enquanto o segundo representa um atributo cognitivo. Contudo, ao considerar o constructo atitude, a média entre os estudantes indicou uma atitude pouco favorável à realização do comportamento. Não foram encontrados estudos que analisaram o comportamento de consumo de salada crua fora de casa por meio da TCP. Porém, em pesquisas relacionadas ao consumo de vegetais foram encontrados resultados diferentes (BLANCHARD et al., 2009a; BOGERS et al., 2004; PAWLAK; MALINAUSKAS, 2008). Pawlak e Malinauskas (2008), nos EUA, observaram uma atitude positiva entre estudantes (idade média 14,71 anos) sobre o consumo de 2,5 porções de hortaliças. Neste mesmo país, semelhantemente, Blanchard et al. (2009a) verificaram uma atitude afetiva e uma atitude cognitiva positiva ao consumo de cinco porções de frutas e hortaliças diariamente por estudantes (idade média de 19,8 anos). Estes autores analisaram os itens afetivos e cognitivos das atitudes em constructos distintos.

O constructo norma subjetiva foi levemente desfavorável ao consumo de salada crua quando se vai a um restaurante tipo *fast food* no almoço. O escore para este constructo foi inferior a 3,0, indicando que de acordo com a percepção dos estudantes seus referentes sociais poderiam ser pouco favoráveis com a realização do comportamento. Resultados semelhantes encontraram Verbeke e Pieniak (2006), ao analisarem o consumo de hortaliças frescas por jovens e adultos na Polônia e da Bélgica. Ao analisarem a norma subjetiva os autores utilizaram uma escala de sete pontos, e obtiveram para este constructo escore médio de 3,21. Contudo, Pawlak e Malinauskas (2008) e Blanchard et al. (2009a), encontraram que esta norma social foi favorável aos comportamentos estudados.

A partir do constructo controle comportamental percebido foi observada autopercepção moderadamente favorável dos estudantes sobre sua capacidade de consumir salada crua quando se vai a um restaurante tipo *fast food* no almoço (média do escore 3,59). Outras pesquisas sobre o consumo de vegetais também encontraram resultados semelhantes (BLANCHARD et al., 2009a; BOGERS et al., 2004; PAWLAK; MALINAUSKAS, 2008; VERBEKE; PIENIAK, 2006). Esta autopercepção dos estudantes pode estar relacionada com a faixa etária desta população, visto que na adolescência os indivíduos estão buscando sua identidade (ERIKSON, 1963), inclusive em relação à alimentação (STEAD et al., 2011). De acordo com Bandura (1995), as crenças das pessoas sobre sua autoeficácia pode ser desenvolvida por meio de quatro tipos de influências: as

experiências bem sucedidas e mal sucedidas do indivíduo; experiências vicárias, relacionadas à observação do que outras pessoas fazem; persuasão social, a qual envolve a persuasão verbal e outras influências sociais que podem informar o indivíduo sobre suas capacidades; e seus estados fisiológicos e emocionais (percepção e a interpretação das reações emocionais e físicas sobre a capacidade de realizar um comportamento). Contudo, ainda são escassas as informações sobre o porquê alguns adolescentes apresentam percepção de capacidade sobre alimentação saudável maior do que os outros indivíduos da mesma idade (PEARSON; BALL; CRAWFORD, 2011).

Os estudantes apresentaram baixa intenção em consumir salada crua quando se vai a um restaurante tipo *fast food* no almoço (escore médio 2,01). Estes resultados diferem de outros estudos que analisaram o consumo de hortaliças (BLANCHARD et al., 2009a; BOGERS et al., 2004; VERBEKE; PIENIAK, 2006). A baixa intenção verificada pode estar associada ao contexto em que o comportamento é realizado “quando se vai a um restaurante tipo *fast food*”. Estes estabelecimentos são popularmente conhecidos por ofertarem refeições de baixa qualidade nutricional, de alta densidade energética, teores elevados de gorduras saturadas e de sódio (DUNFORD et al., 2010; MOORE et al., 2009; SCHRÖDER; FITO; COVAS, 2007). Dentre as opções mais populares têm-se os sanduíches, batata frita, cebola frita, pizza, refrigerantes, sorvetes, empanados, entre outros. Estes alimentos são de grande preferência por parte dos adolescentes (LOANNOU, 2009), o que pode dificultar a intenção de consumir salada crua nestes estabelecimentos. Além disso, a ideia de que não se vai a um restaurante tipo *fast food* para comer salada ou alimentos saudáveis ainda é comum entre os adolescentes. Esta afirmação foi comumente citada entre os estudantes durante o processo de coleta de dados. Outro fator que pode estar relacionado é a frequência que se vai a restaurantes tipo *fast food*. A maioria dos estudantes citou frequentar estes locais de duas a três vezes por mês, frequência relativamente baixa quando comparado com outros estudos, o que pode favorecer o consumo de alimentos menos saudáveis devido à ideia de que se vai pouco a estes locais.

O constructo norma descritiva resultou em escore médio inferior a 2,0, demonstrando que para os jovens seus referentes sociais não consomem salada crua quando vão em *fast food* no almoço. Ao considerar os itens, as questões relacionadas aos amigos e as pessoas com a mesma idade, apresentaram os escores menores, inferior a 1,70. Estes resultados podem estar relacionados diretamente a idade dos participantes da pesquisa, estudantes com idade média de 15,6 anos. Em

estudo realizado com adolescentes entre 15 e 17 anos, em Chipre, os jovens relataram que a escolha por alimentos saudáveis não estava associada à imagem de uma pessoa jovem (LOANNOU, 2009).

Já o hábito apresentou escore médio inferior a 1,9, caracterizando que o comportamento estudado não é realizado frequentemente entre os estudantes. O baixo interesse dos consumidores em optarem por alimentos mais saudáveis em *fast food* é observado em diferentes investigações (LARSON et al., 2008; LOANNOU, 2009; WELLARD; GLASSON; CHAPMAN, 2012). Em uma rede de *fast food* na Austrália, por exemplo, foram analisados os tipos de alimentos comprados pelos consumidores. Verificou-se que do total de refeições completas adquiridas, somente 1% foi considerada saudável (WELLARD; GLASSON; CHAPMAN, 2012).

6.5 Comparação dos modelos e os determinantes psicossociais da intenção comportamental

Foram testados cinco modelos estruturais integrados pela modelagem de equações estruturais para determinar o modelo que apresentasse o melhor ajuste e explicasse melhor a variância da intenção comportamental.

Os modelos testados apresentaram índices de ajustes satisfatórios para a maioria dos índices, exceto os modelos I, II, III e IV que apresentaram o índice GFI e o índice AGFI abaixo do valor mínimo desejado de 0,9. Contudo, para o modelo IV, estes valores foram próximos ao recomendado, podendo os valores de ajustes serem considerados satisfatórios ($\chi^2 = 667,72$; G1 = 332; p -valor < 0,001; $\chi^2/g1 = 2,01$; GFI = 0,870; AGFI = 0,841; NNFI/LTI = 0,965; NFI = 0,980; CFI = 0,983; RMSEA = 0,056). O modelo V também proporcionou um ajuste adequado ($\chi^2 = 183,12$; G1 = 88; p -valor < 0,001; $\chi^2/g1 = 2,08$; GFI = 0,929; AGFI = 0,903; NNFI/LTI = 0,974; NFI = 0,958; CFI = 0,978; RMSEA = 0,058). Em relação à validade convergente somente os modelos IV e V obtiveram resultados satisfatórios. Já em relação à validade discriminante os modelos I, III, IV e V obtiveram bons resultados. Dunn (2008) testou modelos teóricos a partir da TCP para investigar os determinantes do consumo de *fast food*. O autor também observou melhores resultados quando utilizou um modelo mais simplificado, sem considerar as crenças modais salientes. Já Han e Kim (2010) testaram três diferentes modelos integrados com os constructos da TCP para avaliar a intenção de revisita a hotéis sustentáveis. Os autores obtiveram melhores resultados de validade com um modelo estendido da TCP, no qual as medidas indiretas estavam inclusas. No presente estudo, os melhores resultados encontrados, a partir da modelagem de

equações estruturais, foram com os modelos em que os constructos referentes às crenças comportamentais, normativas e de controle não foram incluídos.

Para a determinação dos preditores psicossociais da intenção comportamental do consumo de salada crua quando se vai a um restaurantes tipo *fast food* no almoço, foi utilizado o modelo IV, devido aos melhores resultados observados. O hábito foi o constructo que mais influenciou a intenção comportamental dos estudantes seguido da atitude e da norma descritiva. Diferentes pesquisas sobre o comportamento alimentar têm demonstrado a importância do hábito na predição da intenção. Cornélio et al. (2009), ao avaliarem o comportamento de usar no máximo 4 gramas de sal no preparo das refeições, notaram que o hábito junto com a autoeficácia explicaram 62% da variabilidade da intenção comportamental. Já Verbeke e Aackier (2005), verificaram que a inclusão do hábito no modelo teórico da TCP aumentou a variância explicada da intenção de consumir peixe. Resultados semelhantes também encontraram Saba, Vassallo e Turrini (2000) ao investigar o consumo de alimentos que continham gorduras (ex.: queijo, carne vermelha e manteiga).

Dentre os constructos diretos da TCP a atitude foi o melhor preditor da intenção comportamental. Backman et al. (2002) utilizaram as medidas diretas e indiretas da TCP para avaliarem a intenção de consumo de uma alimentação saudável por adolescentes. Embora todos os constructos predizem a intenção comportamental, a atitude foi o melhor preditor (BACKMAN et al., 2002). Blanchard et al. (2009a) obtiveram resultados semelhantes ao verificar que a atitude afetiva, e o controle comportamental percebido foram os preditores significativos da intenção. Outras pesquisas também observaram a importância da atitude na predição da intenção (PAWLAK; MALINAUSKAS, 2008; VERBEKE; PIENIAK, 2006). Resultados diferentes encontraram Bogers et al. (2004), ao constatarem que o controle comportamental percebido foi o maior influenciador da intenção de consumo de hortaliças.

A intenção também foi influenciada de forma significativa pela norma descritiva. Esta influência pode estar relacionada à população investigada, estudantes. Os itens que mais influenciaram estes constructos e, conseqüentemente, contribuíram para o aumento da predição da intenção, foram as questões em que os referentes sociais foram os amigos e as pessoas com a mesma idade. Em revisão realizada por Ravis e Sheeran (2003) os autores verificaram que entre indivíduos jovens, a norma descritiva influenciava positivamente a intenção comportamental. Estes achados podem estar relacionados ao fato de que indivíduos mais jovens necessitam estabelecer

sua própria identidade. Portanto, tendem a ser mais suscetíveis à influência social do que indivíduos mais velhos (ERIKSON, 1963).

Por fim, a norma subjetiva foi o constructo que apresentou menor influência sobre a intenção comportamental. Estes achados estão de acordo com outros estudos de consumo alimentar, inclusive hortaliças, que também mostram a norma subjetiva como um preditor mais fraco da intenção quando comparado aos outros constructos (BACKMAN et al., 2002; BLANCHARD et al., 2009a; BOGERS et al., 2004). Diferentemente, Pawlak e Malinauskas (2008) observaram que embora a norma subjetiva não tenha sido o preditor mais forte da intenção do consumo de 2,5 xícaras de hortaliças, esta norma social foi um preditor melhor que o controle comportamental percebido. Adicionalmente Guillaumie, Godin e Vézina-Im (2010) realizaram revisão sistemática sobre os determinantes psicossociais relacionados ao consumo de frutas e hortaliças e notaram que as variáveis mais consistentes para predizer a intenção comportamental do consumo de hortaliças foram as crenças sobre as capacidades, crenças sobre as consequências e as influências sociais percebidas. Ressalta-se que os autores não consideraram exclusivamente artigos que utilizaram a TCP.

CONCLUSÕES GERAIS E RECOMENDAÇÕES

Os resultados apresentados na tese atenderam aos objetivos da pesquisa: analisar e determinar os preditores psicossociais da intenção comportamental de estudantes em consumir salada crua em restaurante tipo *fast food* no almoço, a partir de uma extensão da Teoria do Comportamento Planejado. Para tanto o objetivo específico relacionado ao desenvolvimento de um instrumento de pesquisa, com indicadores de confiabilidade e validade adequados também foi atendido, assim como os demais objetivos.

Um dos principais aspectos a serem destacados nesta pesquisa foi o desenvolvimento do instrumento de pesquisa, composto por diferentes constructos para determinar os preditores psicossociais da intenção do comportamento estudado. Este instrumento com parâmetros de confiabilidade e validade satisfatórios além de ter contribuído para o presente estudo, pode auxiliar no desenvolvimento de outras pesquisas. Ressalta-se que a utilização de instrumentos confiáveis e validados contribuem para maior exatidão dos dados em pesquisas científicas.

Outra característica importante foi a análise dos constructos crenças a partir de duas abordagens, considerando o método multiplicativo ($b \times e$; $n \times m$; $c \times p$) e considerando apenas o item da crença, para as crenças comportamentais e normativas (b ; n) e o item do poder do fator controle (p) para as crenças de controle. A partir desta análise, observou-se ser possível utilizar apenas um item para cada fator das crenças comportamentais, normativas e de controle (b ; n ; p , respectivamente), pois os indicadores de validade e confiabilidade foram adequados. A redução das questões diminuiu o tempo de coleta de dados e o cansaço entre os participantes. Embora em nosso estudo o modelo estrutural integrado selecionado para a análise da intenção (modelo IV) não incluiu os constructos referentes as crenças, em pesquisas futuras estas informações podem ser consideradas.

O modelo final proposto foi composto por seis constructos (modelo IV): atitude, norma subjetiva, controle comportamental percebido, norma descritiva, hábito e intenção comportamental. Este modelo apresentou melhores indicadores de validade e confiabilidade quando comparado aos demais modelos integrados. Neste modelo, as cinco hipóteses testadas foram confirmadas, conforme preconizado na literatura especializada:

- H4 – Atitude tem influência positiva sobre a intenção.
- H5 – Norma subjetiva tem influência positiva sobre a intenção.

- H6 – Controle comportamental percebido tem influência positiva sobre a intenção.
- H7 – Norma descritiva tem influência positiva sobre a intenção.
- H8 – Hábito tem influência positiva sobre a intenção.

Ao considerar o consumo alimentar observou-se alta frequência entre os estudantes em consumir fora de casa. O consumo em restaurantes tipo *fast food* foi realizado menos frequentemente, prevalecendo a regularidade de uma a três vezes por mês. O jantar foi a refeição mais consumida em restaurante tipo *fast food* pelos estudantes, seguida do almoço. O tipo de refeição realizada diferenciou-se conforme o sexo e a renda familiar, destacando que as mulheres e indivíduos com maior renda familiar (mais de cinco SM) frequentavam *fast food* mais no jantar. A frequência de consumo em *fast food*, não foi diferente de acordo com o sexo, a idade, a renda familiar e o estado nutricional dos participantes.

A partir destes dados, observa-se a importância do consumo fora de casa entre os estudantes. Desse modo, o setor de alimentação fora de casa, coletivo ou comercial, torna-se um campo relevante para a realização de intervenções que visam a prática de alimentação saudável. Os restaurantes tipo *fast food*, mesmo sendo frequentados com menor regularidade, podem servir como locais de intervenção alimentar e nutricional. A disponibilidade de salada crua em *fast food* já pode contribuir para práticas mais saudáveis. Contudo, como observado neste estudo, a intenção dos estudantes em optar por estes alimentos ainda é baixa. Desse modo, torna-se necessária a realização de intervenção que modifique esta intenção dos estudantes, visando uma alimentação mais saudável, mesmo quando se opta por estes estabelecimentos.

A partir do modelo selecionado (modelo IV), pode-se concluir que os fatores psicossociais que influenciam a intenção dos estudantes em consumir salada crua quando se vai a um restaurante tipo *fast food* no almoço são principalmente o hábito, seguido pela atitude e norma descritiva. Desse modo, ao se realizar intervenção educativa com estudantes sobre o consumo de salada crua em *fast food* é importante que as mesmas sejam voltadas para a modificação das variáveis hábito, atitude e norma descritiva.

Embora este estudo tenha focalizado o consumo de salada crua, acredita-se que os resultados apresentados podem ser utilizados como base na identificação de determinantes psicossociais do consumo de outros alimentos mais saudáveis servidos em restaurantes tipo *fast food*.

Nota-se ainda que embora as crenças comportamentais, normativas e de controle não tenham sido consideradas no modelo final utilizado (modelo IV), elas podem ser utilizadas na concepção de programas de marketing em estabelecimentos tipo *fast food*, incentivando o consumo de salada nestes locais. Nesse sentido, destaca-se as crenças comportamentais sobre os benefícios à saúde e a oferta de refeições menos calóricas, e as crenças de controle sobre a oferta de saladas com boa aparência e a inclusão destes alimentos nos “combos”.

A presente pesquisa apresenta algumas limitações. Primeiramente a amostra da pesquisa foi do tipo não probabilística, havendo restrições em relação à generalização dos resultados obtidos. Além disso, é necessário considerar que o estudo foi realizado somente nas cidades de Campinas e Limeira, podendo não representar a realidade de outras cidades ou regiões do país. Outra limitação apresentada é a utilização de peso e estatura referidos para a determinação do diagnóstico nutricional por meio do IMC para idade, pois os valores relatados podem estar superestimados ou subestimados. Desse modo, embora os dados possam ser utilizados como uma estimativa do estado nutricional da amostra, é necessário cuidado quanto a generalização destas informações.

Como sugestões para estudos futuros, recomenda-se a utilização do instrumento elaborado em outras populações, auxiliando na maior compreensão sobre o tema estudado. Ainda, embora o instrumento tenha sido elaborado para avaliar o consumo de salada crua em *fast food*, ele pode ser adaptado para ser utilizado na avaliação da intenção do consumo de salada em outros tipos de restaurantes. Por fim, recomenda-se a realização de estudos de intervenção que visam mudanças na motivação de estudantes em práticas alimentares saudáveis quando se realizam refeições fora de casa, independente do tipo de estabelecimento.

REFERÊNCIAS

AGUDO, A. **Measuring intake of fruit and vegetable**. Background paper for the Joint FAO/WHO Workshop on fruit and vegetable for health, 1-3 Sept. 2004, Kobe, Japan. 2005.

AJZEN, I. **Constructing a TpB Questionnaire: Conceptual and Methodological Considerations Revised**. 2006. Disponível em: <<http://www.people.umass.edu/aizen/contact.html>>. Acesso em: 27 jun. 2011.

AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 50, n. 2, p. 179-211, Dec. 1991.

AJZEN, I.; DRIVER, B.L. Prediction of leisure participation from behavioral, normative, and control beliefs: An application of the theory of planned behavior. **Leisure Sciences: An Interdisciplinary Journal**, v. 13, n. 3, p. 185-204, 1991.

AKBAY, C.; TIRYAKI, G.Y.; GUL, A. Consumer characteristics influencing fast food consumption in Turkey. **Food Control**, v. 18, n. 8, p. 904-913, Aug. 2007.

ANDRADE, R. G.; PEREIRA, R. A.; SICHIERI, R. Consumo alimentar de adolescentes com e sem sobrepeso do Município do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 5, p. 1485-1495, set.-out. 2003.

ANDRADE, S. C.; AZAVEDO BARROS, M. B.; CARANDINA, L.; GOLDBAUM, M.; CESAR, C. L. G.; FISBERG, R.M. Dietary Quality Index and associated factors among adolescents of the State of Sao Paulo, Brazil. **The Journal of Pediatrics**, v. 156, n. 3, p. 456-460, Mar. 2010.

ARAÚJO, M. F. M.; ALMEIDA, L. S.; FREITAS, R. W. JR. F.; MARINHO, N. B. P.; PEREIRA, D. C. R.; DAMASCENO, M. M. C. Hábitos alimentares de adolescentes de escolas particulares: implicações para a prática da enfermagem pediátrica. **Revista Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 417-422, jul./set. 2010.

ARAÚJO, W. M. C.; BOTELHO, R. A.; GINANI, V.; ARAUJO, H. M. C.; ZANDONADI, R. P. **Da alimentação à gastronomia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005. 102 p.

ARMITAGE, C. J.; ARDEN, M. A. Exploring discontinuity patterns in the transtheoretical model: An application of the theory of planned behavior. **British Journal of Health Psychology**, v. 7, n Pt. 1, p. 89-103, Feb. 2002.

ARMITAGE, C. J.; CONNER, M. Efficacy of the Theory of Planned Behaviour: A meta-analytic review. **British Journal of Social Psychology**, v. 40, n. pt 4, p. 471-499. Dec. 2001.

ARMITAGE, C. J.; CONNER, M. Predictive Validity of the Theory of Planned Behaviour: The Role of Questionnaire Format and Social Desirability. **Journal of Community & Applied Social Psychology**, v.9, n. 4, p. 261-272, July-Aug. 1999.

ARVOLA, A. et al. Predicting intentions to purchase organic food: The role of affective and moral attitudes in the Theory of Planned Behaviour. **Appetite**, v.50, n. 2-3, p. 443-454, Mar.-May. 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DA ALIMENTAÇÃO – ABIA. **O mercado de food service no Brasil**. São Paulo: ABIA, 1999.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DA ALIMENTAÇÃO – ABIA. **O mercado de food service no Brasil**. São Paulo: ABIA, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DA ALIMENTAÇÃO – ABIA. **O mercado de food service no Brasil**. ABIA, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BARES E RESTAURANTES – ABRASEL. **Burger King corta custos e fica mais saudável**. 2012. Disponível em: <<http://www.pe.abrasel.com.br/index.php/noticias/447-24072013-o-restaurante-dna-natural-e-o-novo-associado-da-abrasel-pe>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BARES E RESTAURANTES – ABRASEL. **Consumidor gasta mais com refeições fora de casa**. 2008. Disponível em: <<http://www.abrasel.com.br/index.php/atualidade/item/4263/>> Acesso em: 15 ago. 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BARES E RESTAURANTES – ABRASEL. **DNA Natural: Sabor em forma de saúde**. 2013. Disponível em: <<http://www.pe.abrasel.com.br/index.php/noticias/447-24072013-o-restaurante-dna-natural-e-o-novo-associado-da-abrasel-pe>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

ASSUMPÇÃO, D.; BARROS, M. B. A.; FISBERG, R. M.; CARANDINA, L.; GOLDBAUM, M.; CESAR, C. L. G. Qualidade da dieta de adolescentes: estudo de base populacional em Campinas, SP. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 15, n. 3, p. 605-616, set. 2012.

ASTROSM, A. N.; RISE, J. Young adults' intention to eat healthy food: Extending the theory of planned behaviour. **Psychology & Health**, v. 16, n. 2, p. 223-237, 2001.

ATWATER, D. M.; SUZUKI, S. Obesity, Social Responsibility, and Economic Value. **Graziadio Business Review**, v.9, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://gbr.pepperdine.edu/2010/08/obesity-social-responsibility-and-economic-value/>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

AUGUSTO, R. A.; COBAYASHI, F.; CARDOSO, M. A. Associations between low consumption of fruits and vegetables and nutritional deficiencies in Brazilian schoolchildren. **Public Health Nutrition**, v. 25, p. 1-10, Jun. 2014.

AUSTRALIAN BUREAU OF STATISTICS – ABS. **1998–1999 Household Expenditure Survey: Detailed Expenditure Items**. ABS Catalogue No. 6535.0. Canberra: ABS, 2000. Disponível em: <<http://www.abs.gov.au/AUSSTATS/abs@.nsf/Lookup/65350Main+Features1199899?OpenDocument>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

AUTY, S. Consumer choice and segmentation in the restaurant industry. **The Service Industries Journal**, v. 12, n. 3, p. 324-339, July 1992.

AYALA, G. X.; MUELLER, K.; LOPEZ-MADURGA, E.; CAMPBELL, N. R.; ELDER, J. P. Restaurant and food shopping selections among latino women in southern California. **Journal of the American Dietetic Association**, v. 105, n. 1, p. 38-45. Jan. 2005.

AZANZA, M. P. Food consumption and buying patterns of students from a Philippine university fastfood mall. **International Journal of Food Sciences and Nutrition**, v.52, n. 6, p. 515-520, Nov. 2001.

BACKMAN, D. R.; HADDAD, E. H.; LEE, J. W.; JOHNSTON, P. K.; HODGKIN, G. E. Psychosocial predictors of healthful dietary behavior in adolescents. **Journal of Nutrition Education and Behavior**, v. 34, n. 4, p. 184-92, July-Aug. 2002.

BANDURA, A. **Self-Efficacy in Changing Societies**. New York: Cambridge University Press, 1995. 334 p.

BANDURA, A. Self-efficacy: toward unifying theory of behavioral change. **Psychological Review**, v. 84, n. 2, p. 191-215., Mar. 1977.

BANDURA, A. Social cognitive theory of self-regulation. **Organization Behavior and Human Decision Processes**, v. 50, n. 2, p. 248-287, Dec. 1991.

BARCELLOS, M. D. **“Beef Lovers”**: um estudo cross-cultural sobre o comportamento de consumo de carne bovina. 2007. 328 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

BARRETO, S. A. et al. Análise da Estratégia Global para Alimentação, Atividade Física e Saúde, da Organização Mundial da Saúde. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 14, n. 1, p. 41-68, jan.-mar. 2005.

BATISTA FILHO, M.; RISSIN, A. A transição nutricional no Brasil: tendências regionais e temporais. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 1, p. S181-S191, 2003.

BAUER, K.W.; LARSON, N.I.; NELSON, M.C.; STORY, M.; NEUMARK-SZTAINER, D. Fast food intake among adolescents: secular and longitudinal trends from 1999 to 2004. **Preventive Medicine**, v. 48, n. 3, p. 284-287, Mar. 2009.

BEAULIEU, D; GODIN, G. Development of an intervention programme to encourage high school students to stay in school for lunch instead of eating at nearby fast-food restaurants. **Evaluation and Program Planning**, v. 35, n. 3, p. 382-389, Aug. 2012.

BELARMINO, G. O.; MOURA, E. R. F.; OLIVEIRA, N. C.; FREITAS, G. L. Risco nutricional entre gestantes adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.22, n. 2, p. 169-175, 2009.

BENTLEY, B.; LENNIE, T. A.; BIDDLE, M.; CHUNG, M. L.; MOSER, D. K. Demonstration of psychometric soundness of the Dietary Sodium Restriction Questionnaire in patients with heart failure. **Heart & Lung: The Journal of Acute and Critical Care**, v. 38, n. 2, p. 121-128, Mar.-Apr. 2009.

BERG, C.; JONSSON, I.; CONNER, M. Understanding choice of milk and bread for breakfast among Swedish children aged 11-15 years: an application of the Theory of Planned Behaviour. **Appetite**, v. 34, n. 1, p. 5-19, Feb. 2000.

BERGE, J. M.; WALL, M.; LARSON, N.; FORSYTH, A.; BAUER, K. W.; NEUMARK-SZTAINER, D. Youth dietary intake and weight status: Healthful neighborhood food environments enhance the protective role of supportive family home environments. **Health & Place**, v. 26, p. 69-77, Mar. 2014.

BEZERRA, I. N.; SOUZA, A. M.; PEREIRA, R. A.; SICHIERI, R. Consumo de alimentos fora do domicílio no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v.47, n.1, p. 200s-211s, fev. 2013.

BHUYAN, S. Do Consumers' Attitudes and Preferences Determine Their FAFH Behavior? An Application of the Theory of Planned Behavior. **Agribusiness**, v. 27, n. 2, p. 205-220, Spring 2011.

BIGIO, R. S.; JUNIOR, E. V.; CASTRO, M. A.; CÉSAR, C. L. G.; FISBERG, R. M.; MARCHIONI, D. M. L. Determinantes do consumo de frutas e hortaliças em adolescentes por regressão quantílica. **Revista de Saúde Pública**, v. 45, n. 3, p. 448-456, jun. 2011.

BLACKWELL, R. D.; MINIARD, P. W.; ENGEL, J. F.; **Comportamento do consumidor**. 9 ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.

BLANCHARD, C. M. et al. Do ethnicity and gender matter when using the theory of planned behavior to understand fruit and vegetable consumption? **Appetite**, v. 52, n.1, p. 15-20, Feb. 2009b.

BLANCHARD, C. M. et al. Understanding adherence to 5 servings of fruits and vegetables per day: a theory of planned behavior perspective. **Journal of Nutrition Education and Behavior**, v. 41, n. 1, p. 3-10, Jan.-Feb. 2009a.

BLEIL, R. A. T.; SALAY, E.; SILVA, M. V. Uso de medidas auto referidas para avaliação do estado nutricional de adolescentes. **Alimentos e Nutrição**, v. 20, n. 2, p. 335-341, abr.-jun. 2009.

BLEIL, S.I. O Padrão Alimentar Ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. **Cadernos de Debate**, v. 6, p. 1-25, 1998.

BLUE, C. L.; WILBUR, J.; MARSTON-SCOTT, M. V. Exercise Among Blue-Collar Workers: Application of the Theory of Planned Behavior. **Research in Nursing & Health**, v. 24, n. 6, p. 481-493, Dec. 2001.

BOGERS, R. P.; BRUG, J.; VAN ASSEMA, P.; DAGNELIE, P.C. Explaining fruit and vegetable consumption: the theory of planned behaviour and misconception of personal intake levels. **Appetite**, v. 42, n. 2, p. 157-166, Apr. 2004.

BOONE-HEINONEN, J.; GORDON-LARSEN, P.; KIEFE, C. I.; SHIKANY, J. M.; LEWIS, C. E.; POPKIN, B. M. Fast food restaurants and food stores: longitudinal associations with diet in young to middle-aged adults: the CARDIA study. **Archives of Internal Medicine**, v. 171, n. 13, p. 1162-1170, July 2011.

BOWMAN, S. A., VINYARD, B. T. Fast food consumption of U.S. adults: impact on energy and nutrient intakes and overweight status. **Journal of the American College of Nutrition**, v. 23, n. 2, p. 163-168, Apr. 2004.

BRANCO, N. S. D. C.; SALAY, E. Attitude of consumers in relation to eating out in the commercial center of Rio de Janeiro, Brazil. **Foodservice Research International**, v. 13, n. 1, p. 57-65, Oct. 2001.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução RDC nº. 196 de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: O Conselho, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. **Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 210 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição**. 2. ed. rev. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003. 48 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Orientações para a coleta e análise de dados antropométricos em serviços de saúde: Norma Técnica do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional – SISVAN**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. 76 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Coordenação de Prevenção e Vigilância. **Inquérito domiciliar sobre comportamentos de risco e morbidade referida de doenças e agravos não transmissíveis: Brasil, 15 capitais e Distrito Federal, 2002-2003**. Rio de Janeiro: INCA, 2004. 186 p.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990.

BRECKLER, S. J.; WIGGINS, E. C. Affect versus evaluation in the structure of attitudes. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 25, n. 3, p. 253-271, May 1989.

BRUG, J.; VET, E.; NOOIJER, J.; VERPLANKEN, B. Predicting fruit consumption: cognitions, intention, and habits. **Journal of Nutrition Education and Behavior**, v. 38, n. 2, p. 73-81, Mar.-Apr. 2006.

BRUIJN, G.-J. Understanding college students' fruit consumption. Integrating habit strength in the theory of planned behaviour. **Appetite**, v. 54, n. 1, p. 16-22, Feb. 2010.

BRUIJN, G.-J.; KROEZE, W.; OENEMA, A.; BRUG, J. Saturated fat consumption and the Theory of Planned Behaviour: Exploring additive and interactive effects of habit strength. **Appetite**, v. 51, n.2, p. 318-323, Sept. 2008.

BRUIJN, G.-J.; VAN DEN PUTTE, B. Adolescent soft drink consumption, television viewing and habit strength. Investigating clustering effects in the Theory of Planned Behaviour. **Appetite**, v. 53, n. 1, p. 66-75, Aug. 2009.

BRYANT, R.; DUNDES, L. Fast food perceptions: a pilot study of college students in Spain and the United States. **Appetite**, v. 51, n. 2, p. 327-330, Sept. 2008.

CAIRNS, G. **Consumer attitudes to nutrition information of food labels and packaging: perspectives from Asia**. In: 1º World Congress of Public Health Nutrition, Sept. 2006. Barcelona. Abstract of World Congress of Public Health Nutrition. Barcelona, 2006.

CARTER, P.; GRAY, L. J.; TROUGHTON, J.; KHUNTI, K.; DAVIES, M. J. Fruit and vegetable intake and incidence of type 2 diabetes mellitus: systematic review and meta-analysis. **British Medical Journal**, v. 341, p. c4229, Aug. 2010.

CARVALHO, C. M. R. G.; NOGUEIRA, A. M. Y.; TELES, J. B. M.; PAZ, S. M. R.; SOUSA, R. M. L. Consumo alimentar de adolescentes matriculados em um Colégio Particular de Teresina, Piauí, Brasil. **Revista de Nutrição**, v. 14, n. 2, p. 85-93, maio-ago. 2001.

CASTRO, I. R. R.; CARDOSO, L. O.; ENGSTROM, E. M.; LEVY, R. B.; MONTEIRO, C. A. Vigilância de fatores de risco para doenças não transmissíveis entre adolescentes: a experiência da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 10, p. 2279-2288, out. 2008.

CHAND, A.; EYLES, H.; MHURCHU, C.N. Availability and accessibility of healthier options and nutrition information at New Zealand fast food restaurants. **Appetite**, v. 58, n. 1, p. 227-233. Feb. 2012.

CHENG, S.; LAM, T.; HSU, C. H.C. Testing the sufficiency of the theory of planned behavior: a case of customer dissatisfaction responses in restaurants. **International Journal of Hospitality Management**, v. 24, n. 4, p. 475-492, Dec. 2005.

CHENG, T. O. Fast food and obesity in China. **Journal of the American College of Cardiology**, v. 42, n. 4, p. 773-773, Aug. 2003.

CIALDINI, R. B.; KALLGREN, C. A. ; RENO, R. R. A Focus Theory of Normative Conduct: Recycling the Concept of Norms to Reduce Littering in Public Places. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 58, n. 6, p. 1015-1026, Jan. 1990.

CIMADON, H. M.; GEREMIA, R.; PELLANDA, L. C. Hábitos Alimentares e Fatores de Risco para Aterosclerose em Estudantes de Bento Gonçalves (RS). **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 95, n. 2, p. 166-172, ago. 2010.

COLÉGIO TÉCNICO DE CAMPINAS – COTUCA. **Cursos técnicos**. 2011b. Disponível em: <<http://www2.cotuca.unicamp.br/>>. Acesso em: 10 de maio 2014.

COLÉGIO TÉCNICO DE CAMPINAS – COTUCA. **O Colégio**. 2011. Disponível em <<http://www2.cotuca.unicamp.br/institucional/o-colegio.html>>. Acesso em: 10 de maio 2014.

COLÉGIO TÉCNICO DE LIMEIRA – COTIL. **Nossa história**. 2012. Disponível em: <<http://www.cotil.unicamp.br/nossahistoria.php>>. Acesso em: 10 de maio 2014.

COLLAÇO, J. H. L. Um olhar antropológico sobre o hábito de comer fora. **Campos: Revista de Antropologia Social**, v. 4, n. 1, p. 171-194, 2003.

CONNER, M.; NORMAN, P. **Predicting Health Behaviour: research and practice with social cognition models**. 2nd ed. Open University Press: New York, 2005. p. 385.

CONNER, M.; NORMAN, P.; BELL, R. The Theory of Planned Behavior and Healthy Eating. **Health Psychology**, v. 21, n. 2, p. 194-201, Mar. 2002.

CONNER, M.; SPARKS, P. The theory of planned behaviour and health behaviour. In: CONNER, M.; NORMAN, P. (Eds.). **Predicting health behavior: research and practice with social cognition models**. Buckingham, England: Open University Press, 2005. p. 171-222.

CONNER, M.; WARREN, R.; CLOSE, S.; SPARKS, P. Alcohol Consumption and the Theory of Planned Behavior: An Examination of the Cognitive Mediation of Past Behavior. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 29, n. 8, p. 1676-1704, Aug. 1999.

CORNÉLIO, M. E. **Consumo de sal entre sujeitos portadores de hipertensão arterial: estudo dos determinantes individuais do comportamento**. 2008. 207f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

CORNÉLIO, M. E.; GALLANI, M. C. B. J.; GODIN, G.; RODRIGUES, R. C. M.; MENDES, R. D. R.; JUNIOR, W. N. Development and reliability of an instrument to measure psychosocial determinants of salt consumption among hypertensive patients. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 17, n. 5, p. 701-707, Sept.-Oct. 2009.

CORNÉLIO, M. E.; GALLANI, M.C. B. J.; GODIN, G.; RODRIGUES, R. C. M.; NADRUZ, W. JR; MENDEZ, R. D. R. Behavioural determinants of salt consumption among hypertensive individuals. **Public Health Nutrition and Epidemiology**, v. 25, n. 4, p. 334-44, Aug. 2012.

COX, D. N.; ANDERSON, A. S.; LEAN, M. E. J.; MELA, D. J. UK consumer attitudes, beliefs and barriers to increasing fruit and vegetable consumption. **Public Health Nutrition**, v. 1, n. 1, p. 61-68, Mar. 1998.

CREEL, J. S.; SHARKEY, J. R.; MCINTOSH, A.; ANDING, J.; HUBER JR, J. C. Availability of healthier options in traditional and nontraditional rural fast-food outlets. **BMC Public Health**, v. 8, p. 395, 2008.

DALLA COSTA, M. C.; CORDONI JÚNIOR, L.; MATSUO, T. Hábito alimentar de escolares adolescentes de um município do oeste do Paraná. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 20, n. 5, p. 461-471, set.-out. 2007.

DANAEI, G. et al. The preventable causes of death in the United States: comparative risk assessment of dietary, lifestyle, and metabolic risk factors. **PLoS Medicine**, v. 6, n. 4, p. e1000058, Apr. 2009.

DAVIS, B.; CARPENTER, C. Proximity of Fast-Food Restaurants to Schools and Adolescent Obesity. **American Journal of Public Health**, v. 99, n. 3, p. 505-510, Mar. 2009.

DAYRELL, C.; URASAKI, R.; GOULART, R. M. M.; RIBEIRO, S. M. L. Consumo alimentar e gasto energético em adolescentes obesos e eutróficos. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 2, n. 4, p. 374-380, 2009.

DENNEY-WILSON, E.; CRAWFORD, D.; DOBBINS, T.; HARDY, L.; OKELY, A. D. Influences on consumption of soft drinks and fast foods in adolescents. **Asia Pacific Journal of Clinical Nutrition**, v. 18, n. 3, p. 447-452, 2009.

DI IORIO, C. K. **Measurement in health behavior: methods for research and education**. San Francisco: Josset Bass A wiley print. 2005. 306 p.

DIAS, S. L. F. G. **Consumo e meio ambiente: uma modelagem do comportamento para reciclagem a partir de teorias cognitivo-comportamentais**. 2009. 325f. Tese (Doutorado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2009.

DIEZ GARCIA, R.W.D. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. **Revista de Nutrição**, v. 16, n. 4, p. 483-492, out./dez. 2003.

DRISKELL, J. A.; MECKNA, B. R.; SCALES, N. E. Differences exist in the eating habits of university men and women at fast-food restaurants. **Nutrition Research**, v. 26, n. 10, p. 524-530, Oct. 2006.

DUNFORD, E.; WEBSTER, J.; BARZI, F.; NEAL, B. Nutrient content of products served by leading Australian fast food chains. **Appetite**, v. 55, n. 3, p. 484-489, Dec. 2010.

DUNN, K. I.; MOHR P. B.; WILSON, C. J.; WITTERT, G. A. Beliefs about fast food in Australia: a qualitative analysis. **Appetite**, v. 51, n. 2, p. 331-334, Sept. 2008.

DUNN, K. I.; MOHR, P.; WILSON, C. J.; WITTERT, G. A. Determinants of fast-food consumption. An application of the Theory of Planned Behaviour. **Appetite**, v. 57, n. 2, p. 349-357, Oct. 2011.

DUUN, K. **Fast-Food consumption: application and extension of the theory of planned behavior to incorporate affective responses and implicit associations**. 2008. 272f. Thesis (Doctor). School of Psychology and Discipline of Medicine, University of Adelaide. Adelaide, 2008.

ECONOMIC RESEARCH SERVICE-UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE – ERS-USDA. **Food table 1—Daily intake of food at home and away from home: 2003-04**. 2012. Disponível em <http://www.ers.usda.gov/data-products/food-consumption-and-nutrient-intakes.aspx#.UukAY_ITvIU>. Acesso em: 29 jan. 2014.

ELBEL, B.; GYAMFI, J.; KERSH, R. Child and adolescent fast-food choice and the influence of calorie labeling: a natural experiment. **International Journal of Obesity**, v. 35, n. 4, p. 493-500, Apr. 2011.

EL-SAYED, R.; EL-HUSSANI, S.; EL-GILANY, A.-H. Health-Related Behaviors of Female Adolescents School Students: A Comparative Study between Egypt and Saudi Arabia. **Life Science Journal**, v. 10, n. 4, p. 1233-1243, Dec. 2013.

ENES, C. C.; FERNANDEZ, P. M. F.; VOICI, S. M.; TORAL, N.; ROMERO, A.; SLATER, B. Validade e confiabilidade das medidas referidas de peso e estatura para o diagnóstico do estado nutricional de adolescentes. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 12, n. 4, p. 627-35, 2009.

ERIKSON, E. H. **Childhood and society**. 2ed. New York: Norton. 1963, 445 p.

FARIAS JÚNIOR, J. C. Validade das medidas auto-referidas de peso e estatura para o diagnóstico do estado nutricional de adolescentes. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 7, n. 2, p. 167-174, abr.-jun. 2007.

FARIAS JÚNIOR, J. C.; MENDES, J. K. F. ; BARBOSA, D. B. M. Associação entre comportamentos de risco à saúde em adolescentes. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 9, n. 3, p. 250-256, set. 2007.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO – FIESP; INSTITUTO DE TECNOLOGIA DE ALIMENTOS – ITAL. **Brasil Food Trends 2020 - relatório técnico**. São Paulo: FIESP e ITAL; 2010. Disponível em: <http://www.brasilfoodtrends.com.br/Brasil_Food_Trends/index.html>. Acessado em: 10 jan. 2014.

FERNANDES, R. A. et al. Cross-sectional association between healthy and unhealthy food habits and leisure physical activity in adolescents. **Jornal de Pediatria**, v. 87, n. 3, p. 252-256, May-June 2011.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.11ª**. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FILA, S. A.; SMITH, C. Applying the Theory of Planned Behavior to healthy eating behaviors in urban Native American youth. **International journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 3, n. 11, p. 1-10, May. 2006.

FISHBEIN, M.; AJZEN, I. **Predicting and changing behavior: the reasoned action approach**. New York: Psychology Press – Taylor & Francis Group, 2010. 518 p.

FONSECA, M.T. **Tecnologias gerenciais de restaurantes**. 4. ed. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2006. 187 p.

FORSYTH, A.; WALL, M.; LARSON, N.; STORY, M.; NEUMARK-SZTAINER, D. Do adolescents who live or go to school near fast-food restaurants eat more frequently from fast-food restaurants? **Health & Place**, v. 18, n. 6, p. 1261-1269, Nov. 2012.

FRANCHISE DIRECT. **Fast Food Franchise Industry Study**. 2011b. Disponível em: <<http://www.franchisedirect.com/foodfranchises/fastfoodfranchiseindustrystudy/14/262>>. Acesso em: 20 maio 2011.

FRANCHISE DIRECT. **Health food restaurant franchise industry**. 2011. Disponível em: <<http://www.franchisedirect.com/foodfranchises/healthfoodrestaurantfranchiseindustryreport/14/265/>>. Acesso em: 23 maio 2011.

FRANCIS, J.J. et al. **Constructing questionnaires based on the theory of planned behavior: a manual for health services researchers**. United Kingdom: Centre for Health Service Research. May, 2004. 42 p.

FRASER, L. K.; CLARKE, G. P.; CADE, J. E.; EDWARDS, K. L. Fast Food and Obesity A Spatial Analysis in a Large United Kingdom Population of Children Aged 13–15. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 42, n. 5, p. e77-e85, May 2012.

FRENCH, D. P. et al. The Importance of Affective Beliefs and Attitudes in the Theory of Planned Behavior: Predicting Intention to Increase Physical Activity. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 35, n. 9, p. 1824-1848, Sept. 2005.

FRENCH, S. A.; STORY, M.; NEUMARK-SZTAINER, D.; FULKERSON, J. A.; HANNAN, P. Fast food restaurant use among adolescents: associations with nutrient intake, food choices and behavioral and psychosocial variables. **International Journal of Obesity and Related Metabolic Disorders**, v. 25, n. 12, p. 1823-1833, Dec. 2001.

FRENCH, S.A., HARNACK, L., JEFFERY, R.W. Fast food restaurant use among women in the pound of prevention study: Dietary, behavioral and demographic correlates. **International Journal of Obesity**, v. 24, n. 10, p. 1353-1359, Oct. 2000.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS – SEADE. **Perfil Municipal**. 2013. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfilMunEstado.php>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

FURST, T.; CONNORS, M.; BISOGNI, C. A.; SOBAL, J.; FALK, L. W. Food choice: a conceptual model of the process. **Appetite**, v. 26, n. 3, p. 247-266, June 1996.

GAGNÉ, C.; GODIN, G. **Les théories sociales cognitives: guide pour la mesure des variables et le développement de questionnaire**. Dépôt légal, Bibliothèque nationale du Québec, 1999. 73 p.

GAGNÉ, C.; GODIN, G. The Theory of Planned Behavior: Some Measurement Issues Concerning Belief-Based Variables. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 30, n. 10, p. 2173-2193, Oct. 2000.

GAMBARDELLA, A. M. D.; FRUTUOSO, M. F. P.; FRANCH, C. Prática alimentar de adolescentes. **Revista de Nutrição**, v. 12, n.1, p. 5-19, jan.-abr. 1999.

GEREND, M. A. Does Calorie Information Promote Lower Calorie Fast Food Choices Among College Students? **Journal of Adolescent Health**, v. 44, n. 1, p. 84-86, Jan. 2009.

GILES, M.; MCCLENAHAN, C.; CAIRNS, E.; MALLET, J. An application of the Theory of Planned Behaviour to blood donation- the importance of self-efficacy. **Health Education Research**, v. 19, n. 4, p. 380-391, Aug. 2004.

GLANZ, et al. How Major Restaurant Chains Plan Their Menus: The Role of Profit, Demand, and Health. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 32, n. 5, p. 383-388, May 2007.

GLANZ, K.; HOELSCHER, D. Increasing fruit and vegetable intake by changing environments, policy and pricing: restaurant-based research, strategies, and recommendations. **Preventive Medicine**, v. 39, n. 2, p. S88-S93, Sept. 2004.

GODIN, G. **Les comportements dans le domaine de la santé: comprendre pour mieux intervenir**. Montréal: Les Presses de L'Université de Montréal, 2012. 328 p.

GODIN, G. **Material Didático do Curso “Teorias Comportamentais”**. Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Faculdade Enfermagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.

GODOY, F. C. et al. Índice de qualidade da dieta de adolescentes residentes no distrito do Butantã, município de São Paulo, Brasil. **Revista de Nutrição**, v. 19, n. 6, p. 663-671, nov./dez. 2006.

GUILLAUMIE, L.; GODIN, G.; VÉZINA-IM, L.-A. Psychosocial determinants of fruit and vegetable intake in adult population: a systematic review. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 7, p. 12, 2010.

HAIR JR., J.F.; BLACK, W.C.; BABIN, B.J.; ANDERSON, R.E.; TATHAM, R.L. **Análise multivariada de dados**. Tradução Adonai Shlup Dant'Anna. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. 688 p.

HAN, H.; KIM, Y. An investigation of green hotel customers' decision formation: Developing an extended model of the theory of planned behavior. **International Journal of Hospitality Management**, v. 29, n. 4, p. 659-668, Dec. 2010.

HARDIN, J.; CHENG, I.; WITTE, J. S. Impact of Consumption of Vegetable, Fruit, Grain, and High Glycemic Index Foods on Aggressive Prostate Cancer Risk. **Nutrition and Cancer**, v. 63, n. 6, p. 860-872, July 2011.

HE, F. J.; NOWSON, C. A.; MACGREGOR, G. A. Fruit and vegetable consumption and stroke: meta-analysis of cohort studies. **Lancet**, v. 367, n. 9507, p. 320-326, Jan-Fev. 2006.

HICKSON, D. A. et al. Associations of Fast Food Restaurant Availability With Dietary Intake and Weight Among African Americans in the Jackson Heart Study, 2000–2004. **American Journal of Public Health**, v. 101, n. 1, p. S301-309, Dec. 2011.

HIMES, J. H.; HANNAN, P.; WALL, M.; NEUMARK-SZTAINER, D. Factors associated with errors in self-reports of stature, weight, and body mass index in Minnesota adolescents. **Annals of Epidemiology**, v. 15, n. 4, p. 272-278, Apr. 2005.

HONKANEN, P.; OLSEN, S. O.; VERPLANKEN, B. Intention to consume seafood—the importance of habit. **Appetite**, v. 45, n. 2, p. 161-168, Oct. 2005.

INAGAMI, S.; COHEN, D. A.; BROWN, A. F.; ASCH, S. M. Body Mass Index, Neighborhood Fast Food and Restaurant Concentration, and Car Ownership. **Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine**, v. 86, n. 5, p. 683-695, Sept. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE Fiscal)**. 2010c. Disponível em: <<http://www.cnae.ibge.gov.br>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **IBGE Cidades@ - São Paulo – Campinas**. 2013a. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=350950&search=sao-paulo|campinas>> Acesso em: 25 nov. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa de orçamentos familiares 2002-2003: primeiros resultados: Brasil e grandes regiões / IBGE.** Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Anual de Serviços.** Rio de Janeiro, v. 13, 2011c, 219 p. Disponível em <ftp://ftp.ibge.gov.br/Comercio_e_Servicos/Pesquisa_Anual_de_Servicos/pas2011/pas2011.pdf> Acessado em: 24 de jan 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009: análise do consumo alimentar pessoal no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2011b. 150 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa de orçamento familiar 2008-2009: antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010a. 130 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa de orçamento familiar 2008-2009: despesas rendimento e condições de vida.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010b. 222 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **POF 2008-2009: mais de 90% da população comem poucas frutas, legumes e verduras.** 2011a. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?busca=1&id=1&idnoticia=1937&view=noticia>>. Acesso em: 04 de fev. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGEb. **IBGE Cidades@ São Paulo – Limeira.** 2013b. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=352690&idtema=16&search=sao-paulo|limeira|sintese-das-informacoes>> Acesso em: 25 nov. 2013.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO – IGC. **Produtos.** 2009. Disponível em: <<http://www.igc.sp.gov.br/centraldownloads/index.html>>. Acesso em: 05 set. 2013.

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION – IBM. **Predictive Analytics Software – PASW Statistics**. Version 18.0. São Paulo, 2010. 1 CD-ROM.

JALALIAN, M.; LATIFF, L.; HASSAN, S. T. S.; HANACHI, P.; OTHMAN, M. Development of a questionnaire for assessing factors predicting blood donation among university students: a pilot study. **The Southeast Asian Journal of Tropical Medicine and Public Health**, v. 41, n. 3, p. 660-666, May 2010.

JAWOROWSKA, A.; BLACKHAM, T.; DAVIES, I. G.; STEVENSON, L. Nutritional challenges and health implications of takeaway and fast food. **Nutrition Reviews**, v. 71, n. 5, p. 310-318, May 2013.

JEFFERY, R. W.; BAXTER, J.; MCGUIRE, M.; LINDE, J. Are fast food restaurants an environmental risk factor for obesity? **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 3, n. 2, p. 1-6, Oct. 2006.

JOSHIPURA, K. J. et al. The effect of fruit and vegetable intake on risk for coronary heart disease. **Annals of Internal Medicine**, v. 134, n. 12, p. 1106-1114, Jun. 2001.

KAC, G.; VELÁSQUEZ-MELÉNDEZ, G. A transição nutricional e a epidemiologia da obesidade na América Latina. **Caderno de Saúde Pública**, v. 19, n. 1, p. S4-S5, 2003.

KRAFT, P.; RISE, J.; SUTTON, S.; RØYSAMB, E. Perceived difficulty in the theory of planned behaviour: Perceived behavioural control or affective attitude? **British Journal of Social Psychology**, v. 44, n. 3, p. 479-496, Sept. 2005.

KREMERS, S. P. J.; VAN DER HORST, K.; BRUG, J. Adolescent screen-viewing behaviour is associated with consumption of sugar-sweetened beverages: The role of habit strength and perceived parental norms. **Appetite**, v. 48, n. 3, p. 345-350, May 2007.

KUTHER, T. L. Rational decision perspectives on alcohol consumption by youth Revising the theory of planned behavior. **Addictive Behaviors**, v. 27, n. 1, p. 35-47, Jan.-Feb. 2002.

LACHAT, C. et al. Factors associated with eating out of home in Vietnamese adolescents. **Appetite**, v. 57, n. 3, p. 649-655, Aug. 2011.

LAMBERT, J. L.; BATALHA, M. O.; SPROESSER, R. L.; SILVA, A. L.; LUCCHESI, T. As principais evoluções dos comportamentos alimentares: o caso da França. **Revista de Nutrição**, v. 18, n. 5, p. 577-591, set.-out. 2005.

LARSON, N. I.; NEUMARK-SZTAINER, D. R.; STORY, M. T.; WALL, M. M.; HARNACK, L. J.; EISENBERG, M. E. Fast Food Intake: Longitudinal Trends during the Transition to Young Adulthood and Correlates of Intake. **Journal of Adolescent Health**, v. 43, n. 1, p. 79-86, July 2008.

LARSON, N.; NEUMARK-SZTAINER, D.; LASKA, M. N.; STORY, M. Young Adults and Eating Away from Home: Associations with Dietary Intake Patterns and Weight Status Differ by Choice of Restaurant. **Journal of the American Dietetic Association**, v. 111, n. 11, p. 1696-1703, Nov. 2011.

LAUTENSCHLAGER, L.; SMITH, C. Understanding gardening and dietary habits among youth garden program participants using the Theory of Planned Behavior. **Appetite**, v. 49, n. 1, p. 122-130, July 2007.

LEAL, G. V. S.; PHILIPPI, S. T.; MATSUDO, S. M. M.; TOASSA, E. C. Consumo alimentar e padrão de refeições de adolescentes, São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 13, n. 3, p. 457-467, set. 2010.

LEE-KWAN, S. H. et al. Development and implementation of the Baltimore healthy carry-outs feasibility trial: process evaluation results. **BMC Public Health**, v.13, n. 13, p. 1-9, July 2013.

LEVY, R. B. et al. Consumo e comportamento alimentar entre adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. S2, p. 3085-3097, Oct. 2010.

LEWIS, L. B. et al. African Americans' Access to Healthy Food Options in South Los Angeles Restaurants. **American Journal of Public Health**, v. 95, n. 4, p. 668-673, Apr. 2005.

LIN, B-H.; GUTHRIE, J.; FRAZAO, E. Quality of children's diets at and away from home: 1994-96. **Food Review**, v. 22, n. 1, p. 2-10. Jan.-Apr. 1999.

LINDSTROM-FORNERI, W.; TUOKKO, H.; RHODES, R. E. Getting Around Town": A Preliminary Investigation of the Theory of Planned Behavior and Intent to Change Driving

Behaviors Among Older Adults. **Journal of Applied Gerontology**, v. 26, n. 4, p. 385-398, Aug. 2007.

LIU, H.; KENNEDY, M.; LIU, H.; HONG, F.; HA, T.; NING, Z. Mediation effect of perceived behavioural control on intended condom use: applicability of the theory of planned behaviour to money boys in China. **Sexual Health**, v. 10, n. 6, p. 487-494, Dec. 2013.

LOANNOU, S. 'Eating beans... that is a "no-no" for our times': Young Cypriots' consumer meanings of 'healthy' and 'fast' food. **Health Education Journal**, v. 68, n. 3, p. 186-195, Sept. 2009.

MAESTRO, V.; SALAY, E. Informações nutricionais e de saúde disponibilizadas aos consumidores por restaurantes comerciais, tipo *fast food e full service*. **Ciência e Tecnologia de Alimentos**, v. 28, n. 0, p. 208-216, dez. 2008.

MAHON, D.; COWAN, C.; MCCARTHY, M. The role of attitudes, subjective norm, perceived control and habit in the consumption of ready meals and takeaways in Great Britain. **Food Quality and Preference**, v. 17, n. 6, p. 474-481, Sept. 2006.

MASSER, B. M.; WHITE, K. M.; HYDE, M. K.; TERRY, D. J.; ROBINSON, N. G. Predicting blood donation intentions and behavior among Australian blood donors: testing an extended theory of planned behavior model. **Transfusion**, v. 49, n. 2, p. 320-329, Feb. 2009.

MEDEIROS, C. O.; SALAY, E. A Review of Food Service Selection Factors Important to the Consumer. **Food and Public Health**, v. 3, n. 4, p. 176-190, 2013.

MENDES, K. L.; CATÃO, L. P. Avaliação do consumo de frutas, legumes e verduras por adolescentes de formiga – MG e sua relação com fatores socioeconômicos. **Alimentos e Nutrição**, v. 21, n. 2, p. 291-296, abr.-jun. 2010.

MENDEZ, R. D. R.; RODRIGUES, R. C. M.; CORNÉLIO, M. E.; GALLANI, M. C. B. J.; GODIN, G. Desenvolvimento de instrumento para medida dos fatores psicossociais determinantes do comportamento de atividade física em coronariopatas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 3, p. 584-596, set. 2010.

MINISTER OF INDUSTRY. **Food Expenditure in Canada**. Ottawa, 2003. Disponível em: <<http://www.statcan.gc.ca/pub/62-554-x/62-554-x2001001-eng.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2011.

MONGE-ROJAS, R.; SMITH-CASTRO, V.; COLÓN-RAMOS, U.; ARAGÓN, M. C.; HERRERA-RAVEN, F. Psychosocial factors influencing the frequency of fast-food consumption among urban and rural Costa Rican adolescents. **Nutrition**, v. 29, n. 7-8, p. 1007-1012, July-Aug. 2013.

MOORE, L.V.; DIEZ ROUX, A. V.; NETTLETON, J. A.; JACOBS, D. R., FRANCO, M. Fast-Food Consumption, Diet Quality, and Neighborhood Exposure to Fast Food The Multi-Ethnic Study of Atherosclerosis. **American Journal of Epidemiology**, v. 170, n. 1, p. 29-36, July 2009.

MORAES, A. C. F. et al. Nutrition-related habits and associated factors of Brazilian adolescents. **International Journal of Public Health**, v. 55, n. 6, p. 661-667, Dec. 2010.

MUNIZ, L. C.; ZANINI, R. V.; SCHNEIDER, B. C.; TASSITANO, R. M.; FEITOSA, W. M. N.; GONZÁLEZ-CHICA, D. A. Prevalência e fatores associados ao consumo de frutas, legumes e verduras entre adolescentes de escolas públicas de Caruaru, PE. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 2, p. 393-404, fev. 2013.

NAHAS, M. V. et al. Physical activity and eating habits in public high schools from different regions in Brazil: the *Saude na Boa* project. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 12, n. 2, p. 270-277, jun. 2009.

NARINE, T.; BADRIE, N. Influential Factors Affecting Food Choices of Consumers When Eating Outside the Household in Trinidad, West Indies. **Journal of Food Products Marketing**, v. 13, n. 1, p. 19-29, 2007.

NATIONAL RESTAURANT ASSOCIATION. **2014 Restaurant Industry Pocket Factbook**. Washington, 2014. Disponível em: <www.restaurant.org>. Acesso em: 20 jan. 2014.

NATIONAL RESTAURANT ASSOCIATION. **What's hot in 2014: Culinary Forecast**. 2013. Disponível em: <<http://www.restaurant.org/Downloads/PDFs/News-Research/WhatsHot/What-s-Hot-2014.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

NESS, A. R.; POWLES, J.W. Fruit and vegetables, and cardiovascular disease: a review. **International Journal of Epidemiology**, v. 26, n. 1, p. 1-13, Feb. 1997.

NEUTZLING, M. B.; ARAÚJO, C. L.; VIEIRA, M. F. A.; HALLAL, P. C.; MENEZES, A. M. B.; VICTORA, C. G. Intake of fat and fiber-rich foods according to socioeconomic status: the 11-

year follow-up of the 1993 Pelotas (Brazil) birth cohort study. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, n.10, p. 1904-1911, out. 2010a.

NEUTZLING, M. B.; ASSUNÇÃO, M. C. F.; MALCON, M. C.; HALLAL, P. C.; MENEZES, A. M. B. Hábitos alimentares de escolares adolescentes de Pelotas, Brasil. **Revista de Nutrição**, v. 23, n. 3, p. 379-388, maio-jun. 2010b.

ONIS, M.; ONYANGO, A. W.; BORGHI, E.; SIYAM, A.; NISHIDA, C.; SIEKMANN, J. Development of a WHO growth reference for school-aged children and adolescents. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 85, n. 9, p. 660-667, Sept. 2007.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD – OMS. **Estratégia global de la OMS para la inocuidad de los alimentos: alimentos más sanos una salud mejor**. Ginebra, Suiza, 2002. 28 p.

OYEWOLE, P. Fast food marketing and the african american consumers: the impact of socio-economic and demographic characteristics. **Journal of International Consumer Marketing**, v. 19, n. 4, p. 75-108, 2007.

OYEBODE, O.; GORDON-DSEAGU, V.; WALKER, A.; MINDELL, J. S. Fruit and vegetable consumption and all-cause, cancer and CVD mortality: analysis of Health Survey for England data. **Journal of Epidemiology & Community Health**, p. 1-7, Mar. 2014.

PAERATAKUL, S.; FERDINAND, D. P.; CHAMPAGNE, C. M.; RYAN, D. H.; BRAY, G. A. Fast-food consumption among US adults and children: Dietary and nutrient intake profile. **Journal of the American Dietetic Association**, v. 103, n. 10, p. 1332-1338, Oct. 2003.

PAWLAK, R.; MALINAUSKAS, B. Predictors of intention to eat 2.5 cups of vegetables among ninth-grade students attending public high schools in Eastern North Carolina. **Journal of Nutrition Education and Behavior**, v. 40, n. 6, p. 392-398, Nov.-Dec. 2008.

PEARSON, N.; BALL, K.; CRAWFORD, D. Predictors of changes in adolescents' consumption of fruits, vegetables and energy-dense snacks. **British Journal of Nutrition**, v. 105, n. 5, p. 795-803, Mar. 2011.

PEIXOTO, M. R. G.; BENÍCIO, M. H. D.; JARDIM, P. C. B. V. Validade do peso e da altura auto-referidos: o estudo de Goiânia. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, n. 6, p. 1065-1072, Dec. 2006.

PEREIRA, M. A. et al. Fast-food habits, weight gain, and insulin resistance (the CARDIA study): 15-year prospective analysis. **Lancet**, v. 365, n. 9453, p. 36-42, Jan. 2005.

PERFECT SMOOTHIE. **What is a Smoothie?** 2014. Disponível em: <<http://perfectsmoothie.com/what-is-a-smoothie>, 2014>. Acesso em: 10 July 2014.

PHILIPPI, S. T. **Nutrição e Técnica Dietética**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2006. 402 p.

PLOTNIKOFF, R. C.; LUBANS, D. R.; COSTIGAN, S. A.; MCCARGAR, L. A test of the theory of planned behavior to predict physical activity in an overweight/obese population sample of adolescents from Alberta, Canada. **Health Education & Behavior**, v. 40, n. 4, p. 415-25, Aug. 2013.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. The content validity index: are you sure you know what's being reported? Critique and recommendations. **Research in Nursing & Health**, v. 29, n. 5, p. 489-497, Oct. 2006.

POLONSKY, M. J.; RENZAHO, A. M. N.; FERDOUS, A. S.; MCQUILTEN, Z. African culturally and linguistically diverse communities' blood donation intentions in Australia: integrating knowledge into the theory of planned behavior. **Transfusion**, v. 53, n. 7, p. 1475-1486, July 2013.

POVEY, R.; CONNER, M.; SPARKS, P.; JAMES, R.; SHEPHERD, R. The theory of planned behaviour and healthy eating: Examining additive and moderating effects of social influence variables. **Psychology & Health**, v. 14, n. 6, p. 991-1006, Nov. 2000.

POWELL, L. M.; CHALOUPKA, F. J.; BAO, Y. The Availability of Fast-Food and Full-Service Restaurants in the United States Associations with Neighborhood Characteristics. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 3, n. 4, p. S240-S245, Oct. 2007.

POWELL, L. M.; NGUYEN, B. T. Fast-food and full-service restaurant consumption among children and adolescents: effect on energy, beverage, and nutrient intake. **JAMA Pediatrics**, v. 167, n. 1, p. 14-20, Jan. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. **O melhor momento para investir em Campinas**. 2011. Disponível em: <<http://www.campinas.sp.gov.br/prefeitura/>>. Acesso em: 16 mar. 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LIMEIRA. **Informação sobre o município**. 2013. Disponível em: <<http://www.limeira.sp.gov.br/municipio/>>. Acesso em: 04 set. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LIMEIRA. **Informação sobre o Município**. 2013b. Disponível em: <<http://www.limeira.sp.gov.br/municipio/09.htm>>. Acesso em: 04 set. 2013.

PROENÇA, R. P. C.; SOUSA, A. A.; VIEIROS, M. B.; HERING, B. **Qualidade Nutricional e Sensorial na Produção de Refeições**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. 221 p.

PROENÇA, R.P.C. Desafios contemporâneos com relação à alimentação humana. **Revista Nutrição em Pauta**, v. X, n. 52, p. 32-36, jan.-fev. 2002.

QUEIROZ, A. T. A.; RODRIGUES, S. R.; ALVAREZ, G. G.; KAKISAKA, L. T. Boas práticas de fabricação em restaurantes “self-service” a quilo. **Revista Higiene Alimentar**, v. 11, n. 78-79, p. 45-49, jul.-ago. 2000.

RHODES, R. E.; COURNEYA, K. S. Threshold assessment of attitude, subjective norm, and perceived behavioral control for predicting exercise intention and behavior. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 6, n. 3, p. 349-361, May 2005.

RIBEIRO, R. Q. C.; LOTUFO, P. A.; LAMOUNIER, J. A.; OLIVEIRA, R. G.; SOARES, J. F.; BOTTER, D. A. Fatores Adicionais de Risco Cardiovascular Associados ao Excesso de Peso em Crianças e Adolescentes. O Estudo do Coração de Belo Horizonte. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 86, n. 6, p. 408-418, jun. 2006.

RIVIS, A.; SHEERAN, P. Descriptive Norms as an Additional Predictor in the Theory of Planned Behaviour: A Meta-Analysis. **Current Psychology: Developmental, Learning, Personality, Social**, v. 22, n. 3, p. 218-233, 2003.

ROMANZINI, M.; REICHERT, F. F.; LOPES, A. S.; PETROSKI, É. L.; JÚNIOR, J. C. F. Prevalência de fatores de risco cardiovascular em adolescentes. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 11, p. 2573-2581, nov. 2008.

ROSEMAN, M.G. Changing Times: Consumers Choice of Ethnic Foods When Eating at Restaurants. **Journal of Hospitality & Leisure Marketing**, v. 14, n. 4, p. 5-32, July 2006.

ROSENHECK, R. Fast food consumption and increased caloric intake: a systematic review of a trajectory towards weight gain and obesity risk. **Obesity Reviews**, v. 9, n. 6, p. 535-547, Nov. 2008.

ROUHANI, M.H.; MIRSEIFINEZHAD, M.; OMRANI, N.; ESMAILLZADEH, A.; AZADBAKHT, L. Fast food consumption, quality of diet, and obesity among Isfahanian adolescent girls. **Journal of Obesity**, v. 2012, p. 1-8, 2012.

RUMORE, N.; ZHU, Z.; TANNER, J.; SCHEUERMANN, L. Effectiveness of competitive strategies in fast-food markets: an analysis of customers' preferences. **Journal of Restaurant & Foodservice Marketing**, v. 3, n. 3-4, p. 39-47, 1999.

RYDELL, S. A.; HARNACK, L. J.; OAKES, J. M.; STORY, M.; JEFFERY, R. W.; FRENCH, S. A. Why eat at fast-food restaurants: reports reasons among frequent consumers. **Journal of the American Dietetic Association**, v. 108, n. 12, p. 2066-2070, Dec. 2008.

SABA, A.; VASSALLO, M.; TURRINI, A. The role of attitudes, intentions and habit in predicting actual consumption of fat containing foods in Italy. **European Journal of Clinical Nutrition**, v. 54, n. 7, p. 540-545, July 2000.

SAELENS, B. E.; GLANZ, K.; SALLIS, J. F.; FRANK, L. D. Nutrition environment measures study in restaurants (NEMS-R). Development and evaluation. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 32, n. 4, p. 273-281, Apr. 2007.

SANCHES, M.; SALAY, E. Alimentação fora do domicílio: frequência, seleção de estabelecimentos e características socioeconômicas e demográficas de consumidores, município de Campinas, SP. **Revista de Nutrição**, v. 24, n. 2, p. 295-304, Mar.-Abr. 2011.

SANTOS, J. S.; COSTA, M. C. O.; NASCIMENTO SOBRINHO, C. L.; SILVA, M. C. M.; SOUZA, K. E. P.; MELO, B. O. Perfil antropométrico e consumo alimentar de adolescentes de Teixeira de Freitas – Bahia. **Revista de Nutrição**, v. 18, n. 5, p. 623-632, set.-out. 2005.

SCHAALMA, H. et al. Correlates of intention to use condoms among Sub-Saharan African youth: The applicability of the theory of planned behavior. **Scandinavian Journal of Public Health**, v. 37, n. 2, p. 87-91, June 2009.

SCHRÖDER, H.; FITO, M.; COVAS, M. I. Association of fast food consumption with energy intake, diet quality, body mass index and the risk of obesity in a representative Mediterranean population. **British Journal of Nutrition**, v. 98, n. 6, p. 1274-1280, July 2007.

SEBASTIAN, R. S.; WILKINSON ENNS, C.; GOLDMAN, J. D. US Adolescents and MyPyramid: Associations between Fast-Food Consumption and Lower Likelihood of Meeting Recommendations. **Journal of the American Dietetic Association**, v. 109, n. 2, p. 226-235, Feb. 2009.

SEO, H., LEE, S.-K.; NAM, S. Factors influencing fast food consumption behaviors of middle-school students in Seoul: an application of theory of planned behaviors. **Nutrition Research and Practice**, v. 5, n. 2, p. 169-178, Apr. 2011.

STEAD, M.; MCDERMOTT, L.; MACKINTOSH, A. M.; ADAMSON, A. Why healthy eating is bad for young people's health: Identity, belonging and food. **Social Science & Medicine**, v. 72, n. 7, p. 1131-1139, Apr. 2011.

SHEPHERD, J.; HARDEN, A.; REES, R.; BRUNTON, G.; GARCIA, J.; OLIVER, S.; OAKLEY, A. Young people and healthy eating: a systematic review of research on barriers and facilitators. **Health Education Research**, v. 21, n. 2, p. 239-257, 2006.

SILVA, A. R. V. Hábitos alimentares de adolescentes de escolas públicas de Fortaleza, CE, Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, n. 1, p. 18-24. Jan.-fev. 2009.

SINDICATO DO COMÉRCIO VAREJISTA DE CAMPINAS E REGIÃO – SINDIVAREJISTA. **Vendas de dezembro atingem maior crescimento da década**. 2011. Disponível em: <<http://www.sindivarejistacampinas.org.br/noticia.php?id=336>>. Acesso em: 17 mar. 2011.

SLATER, B.; ENES, C. C.; LÓPEZ, R. V. M.; DAMASCENO, N. R. T.; VOICI, S. M. Validation of a food frequency questionnaire to assess the consumption of carotenoids, fruits and vegetables among adolescents: the method of triads. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, n. 11, p. 2090-2100, Nov. 2010.

SMITH, K. J.; MCNAUGHTON, S. A.; GALL, S. L.; BLIZZARD, L.; DWYER, T.; VENN, A. J. Takeaway food consumption and its associations with diet quality and abdominal obesity: a cross-sectional study of young adults. **The International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 6, n. 29, p. 1-13, Jan. 2009.

SPIJKERMAN, R.; VAN DEN EIJNDEN, R. J. J. M.; VITALE, S.; ENGELS, R. C. M. E. Explaining adolescents' smoking and drinking behavior: The concept of smoker and drinker prototypes in relation to variables of the theory of planned behavior. **Addictive Behaviors**, v. 29, n. 8, p. 1615-1622, Nov. 2004.

STEWART, H. et al. **United States Department of Agriculture. USDA. The demand for food away from home: full-service or fast food?** 2004. Disponível em: <<http://www.ers.usda.gov>>. Acesso em: 08 mar. 2011.

STEWART, H.; BLISARD, N.; JOLLIFFE, D. **Department of Agriculture. Let's eat out : Americans weigh taste, convenience, and nutrition. Report Summary.** Economic information bulletin, n. 19, p. 16, Oct. 2006. Disponível em: <<http://www.ers.usda.gov/Publications/EIB19/>>. Acesso em: 16 Mar. 2011.

STRAUSS, R. S. Comparison of measured and self-reported weight and height in a cross-sectional sample of young adolescents. **International Journal of Obesity**, v. 23, n. 8, p. 904-908, Aug. 1999.

SVASTISALEE, C. M.; HOLSTEIN, B. E.; DUE, P. Fruit and Vegetable Intake in Adolescents: Association with Socioeconomic Status and Exposure to Supermarkets and Fast Food Outlets. **Journal of Nutrition and Metabolism**. v. 2012, Article ID 185484, 9 p., 2012.

SVENDSEN, M.; BLOMHOFF, R.; HOLME, I.; TONSTAD, S. The effect of an increased intake of vegetables and fruit on weight loss, blood pressure and antioxidant defense in subjects with sleep related breathing disorders. **European Journal of Clinical Nutrition**, v.61, n. 11, p. 1301-1311, Nov. 2007.

TAK, N. I. et al. The association between home environmental variables and soft drink consumption among adolescents. Exploration of mediation by individual cognitions and habit strength. **Appetite**, v. 56, n. 2, p. 503-510, Apr. 2011.

TORAL, N.; SLATER, B.; CINTRA, I. P.; FISBERG, M. Comportamento alimentar de adolescentes em relação ao consumo de frutas e verduras. **Revista de Nutrição**, v. 19, n. 3, p. 331-340, maio/jun. 2006.

TORAL, N.; SLATER, B.; SILVA, M. V. Consumo alimentar e excesso de peso de adolescentes de Piracicaba, São Paulo. **Revista de Nutrição**, v. 20, n. 5, p. 449-459, set./out. 2007.

U.S. CENSUS BUREAU. **1997 Economic Census: Accommodation and Foodservices United States**. 2011. Disponível em: <<http://www.census.gov/epcd/www/econ97.html>>. Acesso em: 20 Nov. 2014.

U.S. DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES. **Healthy People 2010: Understanding and Improving Health**. 2nd ed. U.S. Government Printing Office; Washington, DC: 2000.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - ECONOMIC RESEARCH SERVICE – USDA-ERS. **Food Away from Home**. 2013. Disponível em: <<http://www.ers.usda.gov/topics/food-choices-health/food-consumption-demand/food-away-from-home.aspx#.UuFRdxBTvIU>>. Acesso em: 23 Jan. 2014.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE – USDA. **Food Groups**. 2009. Disponível em: <<http://www.mypyramid.gov/pyramid/index.html>>. Acesso em: 20 Apr. 2011.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE – USDA. Food Surveys Research Group. **Eating out in America: Impact on food choices and nutrient profile**. Beltsville, MD. 1998. Disponível em: <<http://www.barc.usda.gov/bhnrc/foodsurvey/Summary>>. Acesso em: 15 Sept. 2010.

VAN DER HORST, K.; KREMERS, S.; FERREIRA, I.; SINGH, A.; OENEMA, A.; BRUG, J. Perceived parenting style and practices and the consumption of sugar-sweetened beverages by adolescents. **Health Education Research**, v. 22, n. 2, p. 295-304, Apr. 2007.

VERBEKE, W.; PIENIAK, Z. Benefit beliefs, attitudes and behaviour towards fresh vegetable consumption in poland and belgium. **Acta Alimentaria**, v. 35, n. 1, p. 5-16, Mar. 2006.

VERBEKE, W.; VACKIER, I. Individual determinants of fish consumption: application of the theory of planned behaviour. **Appetite** v. 44, n. 1, p. 67-82, Feb. 2005.

VERPLANKEN, B.; AARTS, H. Habit, Attitude, and Planned Behaviour: Is Habit an Empty Construct or an Interesting Case of Goal-directed Automaticity? **European Review of Social Psychology**, v. 10, n. 1, p. 101-134, 1999.

VERPLANKEN, B.; ORBELL, S. Reflections on Past Behavior: A Self-Report Index of Habit Strength. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 33, n. 6, p. 1313-1330, June 2003.

WATERLANDER, W. E.; MUL, A.; SCHUIT, A. J.; SEIDELL, J. C.; STEENHUIS, I. H. M. Perceptions on the use of pricing strategies to stimulate healthy eating among residents of deprived neighbourhoods: a focus group study. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 7, n. 44, p. 44, May 2010.

WELLARD, L.; GLASSON, C.; CHAPMAN, K. Fries or a fruit bag? Investigating the nutritional composition of fast food children's meals. **Appetite**, v. 58, n. 1, p. 105-110, Feb. 2012.

WORLD CANCER RESEARCH FUND AND AMERICAN INSTITUTE FOR CANCER RESEARCH. **Food, nutrition and the prevention of cancer: a global perspective**. Washington (DC): American Institute for Cancer Research, 1997.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **BMI-for-age (5-19 years)**. 2007. Disponível em: <http://www.who.int/growthref/who2007_bmi_for_age/en/index.html>. Acesso em: 01 Nov. 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Diet, Nutrition and the Prevention of Chronic Diseases**. Report of a Joint WHO/FAO Expert Consultation. WHO Technical Report Series n. 916. Geneva: World Health Organization, 2003.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Global strategy on diet, physical activity and health**. Geneva, 2004. 21 p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Preparation and use of food-based dietary guidelines**. Geneva, 1998 (Technical report, 880). 116 p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Prevalence of overweight & obesity map**. 2010. Disponível em: <<https://apps.who.int/infobase>>. Acesso em: 8 Apr. 2011.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **The world health report 2002 – Reducing risks, promoting healthy life**. Geneva, 2002. 230 p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO; FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS – FAO. **Fruit and vegetables for health: Report of a Joint FAO/WHO Workshop, 1-3 September, 2004, Kobe, Japan**. 2004. Disponível em: <<http://www.fao.org/ag/magazine/fao-who-fv.pdf>>. Acesso em: 10 Jan. 2014.

YALE RUDD CENTER FOR FOOD POLICY AND OBESITY. **Fast food FACTS. Food Advertising to Children and Teens Score**. 2013. Disponível em: <http://www.fastfoodmarketing.org/media/FastFoodFACTS_Report.pdf>. Acesso em: 26 Jan 2014.

APÉNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido – Determinação das crenças salientes – *Elicitation study*

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: “Análise da intenção de consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food* por adolescentes: uma aplicação da Teoria do Comportamento Planejado”

Seu filho(a) está sendo convidado a participar da pesquisa “Análise da intenção de consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food* por adolescentes: uma aplicação da Teoria do Comportamento Planejado”, que está sob responsabilidade das pesquisadoras Caroline Opolski Medeiros (aluna de doutorado) e Profa. Dra. Elisabete Salay (orientadora deste trabalho). Ambas pertencem à Faculdade de Engenharia de Alimentos (Departamento de Alimentos e Nutrição) da Universidade Estadual de Campinas.

É de fundamental importância que V.Sa., como responsável pelo(a) aluno(a), leia com atenção e compreenda as explicações descritas abaixo, antes que concorde com a participação do(a) aluno(a).

Justificativa da pesquisa: melhor compreensão do comportamento do consumidor referente ao consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food* quando realizada a refeição do almoço fora de casa. Os resultados serão úteis para a elaboração de um questionário que objetiva medir a intenção comportamental no consumo de salada em restaurante tipo *fast food* quando realizada fora de casa à refeição do almoço.

Objetivo da pesquisa: identificar a formação da intenção comportamental de adolescentes no consumo de salada em restaurante tipo *fast food* quando realizam a refeição do almoço fora de casa.

Riscos: não existem riscos previsíveis ao participante.

Procedimentos: serão entrevistados adolescentes, com idade maior ou igual a 12 anos e com idade menor que 18 anos, de ambos os sexos, que frequentam restaurantes tipo *fast food*. A entrevista ocorrerá durante o período matutino e vespertino, no Colégio Técnico que o aluno estuda, nos meses de Abril à Novembro de 2012.

Privacidade: os dados pessoais dos entrevistados serão mantidos em sigilo. Todos os resultados obtidos serão divulgados apenas para fins científicos.

Gratificação: os participantes não receberão gratificação financeira, uma vez que a participação na pesquisa é voluntária.

Abandono da pesquisa: os indivíduos poderão abandonar a pesquisa a qualquer momento, se assim acharem necessário.

Para maiores esclarecimentos entre em contato com Caroline Opolski Medeiros pelo telefone: (19) 3521-4065 ou e-mail copolski@fea.unicamp.br

Para eventuais denúncias pode-se entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/FCM/UNICAMP) – Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126 – Caixa postal 6111. CEP: 13083-887. Campinas-SP. Fone: (19) 3521-8936. Fax: (19) 3521-7181, e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Eu, _____, responsável pelo(a) aluno(a) _____, do colégio _____, matriculado(a) no curso técnico de _____, na _____ série, declaro que entendi e não tenho qualquer dúvida a respeito da carta contendo as informações sobre a pesquisa. Assim sendo, autorizo, por livre e espontânea vontade, o(a) aluno(a) pelo qual sou responsável a participar desta pesquisa.

_____, _____ de _____ de 2012.

Assinatura do responsável pelo aluno

RG do responsável

Data da Entrevista: (Cidade), (Mês) de (Ano).



Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Faculdade de Engenharia de Alimentos
Departamento de Alimentos e Nutrição

Caro responsável, caso o(a) senhor(a) tenha permitido a participação do(a) aluno(a) na pesquisa, gostaríamos que auxiliasse o(a) aluno(a) a responder as questões abaixo:

1. Qual a sua renda domiciliar mensal (SM - Salário mínimo)?

Para responder esta questão considere:

- A renda domiciliar mensal é a soma dos ganhos de todos os moradores da unidade domiciliar: salários, aluguéis, aposentadoria ou outras rendas.

- 1 salário mínimo (SM) = R\$ 622,00

- Até 1 SM (Até R\$ 622,00)
- Mais de 1 a 2 SM (Mais de R\$ 622,00 a R\$ 1244,00)
- Mais de 2 a 3 SM (Mais de R\$ 1244,00 a R\$ 1866,00)
- Mais de 3 a 5 SM (Mais de R\$ 1866,00 a R\$ 3110,00)
- Mais de 5 a 10 SM (Mais de R\$ 3110,00 a R\$ 6220,00)
- Mais de 10 a 20 SM (Mais de R\$ 6220,00 a R\$ 12440,00)
- Mais de 20 SM (Mais de R\$ 12440,00)
- Sem rendimento

2. Qual a escolaridade do pai do(a) aluno(a)?:

Para responder esta questão considere:

Ensino Fundamental: primário (1ª a 4ª séries) e ginásio (5ª a 8ª séries)

Ensino Médio: 1º ao 3º colegial

Ensino Superior: faculdade/universidade

- Sem instrução
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós-graduação incompleto
- Pós-graduação completo
- Não sabe

3. Qual a escolaridade da mãe do(a) aluno(a)?:

Para responder esta questão considere:

Ensino Fundamental: primário (1ª a 4ª séries) e ginásio (5ª a 8ª séries)

Ensino Médio: 1º ao 3º colegial

Ensino Superior: faculdade/universidade

- Sem instrução
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós-graduação incompleto
- Pós-graduação completo
- Não sabe

APÊNDICE B – Questionário de determinação das crenças salientes



Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Faculdade de Engenharia de Alimentos
Departamento de Alimentos e Nutrição

Pesquisa “Análise da intenção de consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food* por adolescentes: uma aplicação da Teoria do Comportamento Planejado” –

Para responder as questões, por favor, considere as seguintes definições:

Salada crua: são preparadas com verduras e legumes crus. As saladas cruas ainda podem ser classificadas em salada crua simples, quando tem apenas uma verdura ou legume, ou salada crua mista quando tem mais do que uma verdura ou legume. Exemplos: salada de alface, repolho, rúcula, tomate, cenoura crua ralada, etc¹.

Verduras e legumes: “...plantas ou partes de plantas que servem para o consumo humano, como flores, frutos, caules, sementes, tubérculos e raízes”¹.

Verduras: “...quando a parte comestíveis do vegetal são as folhas, as flores, os botões ou as hastes”. Exemplo: alface, acelga, agrião e brócolis¹.

Legumes: quando as partes comestíveis são os frutos (ex: tomate, pepino, pimentão, etc.), as sementes (ex: ervilha, vagem, etc.) ou as partes que se desenvolvem na terra (ex: beterraba, cenoura, etc)¹.

Fast food:

- São serviços de alimentação que ofertam um cardápio com um número limitado de opções de alimentos²;
- Os consumidores geralmente formam uma fila e pagam antes de consumir³;
- A comida e a bebida podem ser consumidas no local, retiradas para consumo fora das instalações do restaurante ou entregue ao cliente em local solicitado^{2,4};
- Estes restaurantes geralmente são formados por redes de estabelecimentos, tendo como principal aspecto a rapidez e a padronização no serviço³.

ATENÇÃO: Para responder as questões abaixo considere somente o consumo de uma (ou mais) porção de salada. Não considere as verduras e legumes presentes em lanches.

O QUE CONTA COMO UMA PORÇÃO⁵:

- 1 xícara de chá de vegetais folhosos crus
- ou 1/2 xícara de chá de vegetais cru picado

¹ Philippi, Sonia Tucunduva. *Nutrição e Técnica Dietética*. Barueri, SP: Manole, 2003. p 59-68.

² U.S. Census Bureau. *1997 Economic Census: Accommodation and Foodservices United States*. 2011.

³ Stewart, H. et al. *United States Department of Agriculture*. USDA. The demand for food away from home: full-service or fast food? 2004.

⁴ Franchise Direct. *US Fast Food Franchise Industry Study*. 2011.

⁵ Agudo, Antonio. *Measuring intake of fruit and vegetable*. Background paper for the Joint FAO/WHO Workshop on fruit and vegetable for health, 1-3 September 2004, Kobe, Japan. 2005.

Primeiro Nome: _____

Parte I – Levantamento de crenças

- 1) Relate quais são as vantagens para você de consumir salada crua quando você frequenta restaurantes *fast food* no almoço?

- 2) Relate quais são as desvantagens para você de consumir salada crua quando você frequenta restaurantes *fast food* no almoço?

- 3) Há alguma outra coisa, além daquelas já citadas na questão 1 e 2, que vem na sua cabeça quando você pensa em consumir salada crua quando você frequenta restaurantes *fast food* no almoço?

- 4) Por favor, liste as pessoas ou grupos de pessoas que aprovariam ou pensam que você deveria consumir salada crua quando você frequenta restaurantes *fast food* no almoço. (obs.: não há necessidade de citar o nome da pessoa)

- 5) Por favor, liste as pessoas ou grupos de pessoas que desaprovaram ou pensam que você não deveria consumir salada crua quando você frequenta restaurantes *fast food* no almoço. (obs.: não há necessidade de citar o nome da pessoa)

- 6) Há alguma outra pessoa ou grupo de pessoas que vem em sua mente quando você pensa em consumir salada crua em restaurantes *fast food* no almoço? Se sim, descreva se essa pessoa ou grupo de pessoas aprovariam ou desaprovaram este comportamento.

- 7) Às vezes, quando não temos certeza do que fazer, vemos o que as outras pessoas estão fazendo. Por favor, liste as pessoas ou grupo de pessoas, cujo comportamento você seguiria, quando se trata de consumir salada crua em restaurantes *fast food* no almoço. (obs.: não há necessidade de citar o nome da pessoa)

- 8) Pense no momento que você frequenta um restaurante *fast food* no almoço. Por favor, liste alguns fatores que facilitariam que você consumisse salada crua.

- 9) Pense no momento que você frequenta um restaurante *fast food* no almoço. Por favor, liste alguns fatores que dificultariam ou impossibilitariam que você consumisse salada crua.

- 10) Que outros fatores, além daqueles já citados na questão 8 e 9, vêm em sua mente quando você pensa em consumir salada crua quando frequenta um restaurante *fast food* no almoço?

Parte II – Caracterização do entrevistado

Código

(Preenchimento do pesquisador)

11. Gênero: Masculino Feminino

12. Idade: _____ anos

13. Escolaridade:

13.1 Curso Técnico:

- Técnico em edificações Técnico em eletrônica Técnico em enfermagem
 Técnico em informática Técnico em mecânica Técnico em mecatrônica
 Técnico em qualidade Técnico em geodésia e cartografia

13.2 Ensino médio - Período:

- 1º ano do ensino médio 2º ano do ensino médio 3º ano do ensino médio

14. Qual a frequência com que você costuma almoçar em restaurante *fast food*?

- Nunca
 Pouco frequentemente
 Moderadamente frequentemente
 Muito frequentemente
 Sempre

Obrigada por participar desse levantamento!!

Obrigada pela atenção!!!

APÊNDICE C - Roteiro para a realização da “Validação de Conteúdo”

ROTEIRO PARA VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO

Obrigada por aceitar revisar e avaliar a escala referente à Teoria do Comportamento Planejado que está sendo desenvolvida como parte de nossa pesquisa intitulada: “**Análise da intenção de consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food* por adolescentes: uma aplicação da Teoria do Comportamento Planejado**”.

1. Passos para a avaliação da escala:

1.1 Por favor, leia a descrição dos conceitos teóricos utilizados para a construção das escalas (item 2).

1.2. Avalie cada item das escalas elaboradas de acordo com seu grau de relevância para medir os seguintes constructos: crenças comportamentais, crenças normativas, crenças de controle, atitude, norma subjetiva, controle comportamental percebido, intenção comportamental e comportamento passado.

Por favor, use a escala de 4 pontos abaixo:

- (1) Não relevante
- (2) Pouco relevante
- (3) Moderadamente relevante
- (4) Muito relevante

1.3. Se necessário, faça comentários ou sugestões sobre a relevância e a clareza das sentenças (avaliando se a ideia é transmitida de forma clara, sem gerar duplas interpretações; e também se os itens seriam facilmente compreendidos por adolescentes). Além disso, pode-se sugerir mudanças na redação dos itens utilizando o espaço disponível ao final dos constructos.

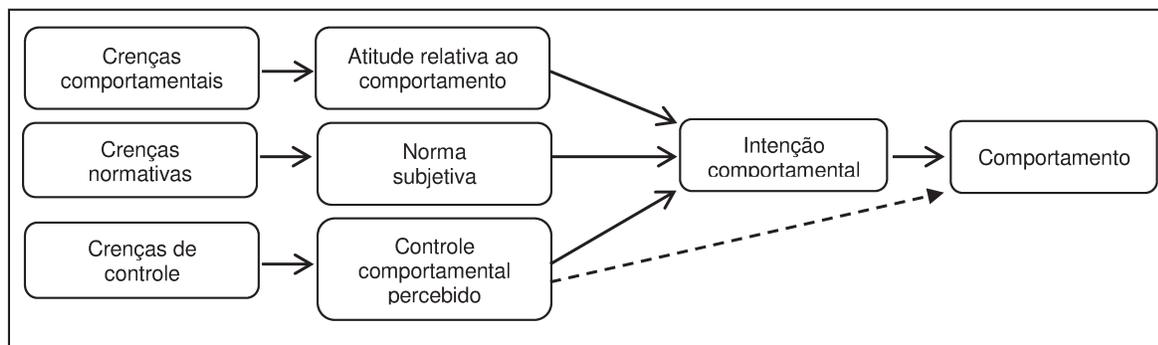
1.4. Por favor, se necessário sugira a exclusão de itens não pertinentes ao constructo e ao comportamento alvo ou a inclusão de itens que não foram abordados, utilizando o espaço deixado no final de cada constructo.

2. Descrição dos conceitos teóricos utilizados para a construção das escalas

Dentre as teorias sociais para analisar o comportamento do consumidor tem-se a Teoria do Comportamento Planejado (TCP) (*Theory of Planned Behavior - TPB*). Este modelo teórico considera que um determinante de um comportamento específico é a intenção de realizar este comportamento, ou seja, a intenção é considerada um antecedente principal do comportamento. Esta intenção comportamental é formada a partir da atitude, da norma subjetiva e do controle comportamental percebido relacionados ao comportamento. Cada um destes constructos (atitude, norma subjetiva e controle comportamental percebido) estão relacionados às crenças pessoais dos indivíduos em relação ao comportamento estudado (AJZEN, 1991). Uma figura esquemática da TCP é apresentada na figura 1.

Pode-se incluir preditores adicionais na Teoria do Comportamento Planejado(AJZEN, 1991).

Figura 1 - Representação da teoria do comportamento planejado.



Fonte: Adaptado de Ajzen, 1991

A seguir define-se os constructos que serão abordados nas escalas:

Intenção comportamental: refere-se a prontidão de uma pessoa em realizar um comportamento (FISHBEIN; AJZEN, 2010, p. 39).

Atitude: refere-se a avaliação global de uma pessoa sobre um comportamento, ou seja, refere-se a avaliação favorável ou desfavorável de um comportamento (FRANCIS et al., 2004).

Crenças comportamentais: refere-se as consequências percebidas de uma ação. São crenças relacionadas a percepção individual sobre as vantagens e desvantagens de realizar um comportamento (FRANCIS et al., 2004).

Norma subjetiva: a norma subjetiva é um constructo formado pela norma injuntiva e norma descritiva.

— *Norma injuntiva:* refere-se a percepção individual de uma pessoa, sobre a opinião dos seus referentes sociais, em relação a realização ou não de um comportamento específico (FISHBEIN; AJZEN, 2010, p. 131).

— *Norma descritiva:* refere-se a percepção individual de uma pessoa sobre o que os seus referentes sociais, de fato, fazem em relação a um comportamento (FISHBEIN; AJZEN, 2010, p. 143).

Crenças normativas: são crenças relacionadas a percepção individual acerca da opinião de um referente social específico (por exemplo, pai) ou um grupo específico de referentes (por exemplo, familiares), sobre a realização ou não de um comportamento. As crenças normativas são portanto semelhantes às normas injuntivas, exceto pelo fato de que as crenças normativas envolvem referentes individuais ou grupos específicos (por exemplo, familiares) enquanto que as normas subjetivas envolvem um agente social generalizado (por exemplo, pessoas que são importantes para mim) (FISHBEIN; AJZEN, 2010, p. 134).

Controle comportamental percebido: refere-se a percepção das pessoas sobre sua capacidade de realizar um comportamento específico (AJZEN, 2006).

Crenças de controle: são crenças, relacionadas a percepção individual, sobre os fatores que facilitam ou impedem a realização de um comportamento (AJZEN, 2006).

3. Descrição da construção das escalas

Uma escala é um instrumento de medida composto por um conjunto de itens que fornecem um escore referente a uma variável que não é prontamente observável por medidas diretas (DE VELLIS, 2003).

O instrumento foi construído tendo como base as recomendações de Fishbein e Ajzen (2010), Ajzen (2006), Francis et al. (2004) e Gagné e Godin (1999) para elaboração de questionários de medida de variáveis psicossociais oriundas da TCP.

Os constructos da TCP podem ser medidos diretamente e indiretamente:

Medidas Diretas: refere-se às medidas gerais de atitude, norma subjetiva e controle comportamental percebida (FRANCIS et al., 2004; FISHBEIN; AJZEN, 2010)

Medidas Indiretas: refere-se às medidas específicas elaboradas a partir das crenças salientes da população alvo em relação à atitude, à norma subjetiva e ao controle comportamental percebido (AJZEN, 2002; FRANCIS et al., 2004; FISHBEIN; AJZEN, 2010).

Dessa forma as escalas elaboradas referem-se as medidas diretas e indiretas da TCP.

Para a formulação e formatação dos itens das medidas diretas dos constructos da TCP foi realizada uma extensa revisão de literatura sobre estudos que utilizaram a TCP para investigação de comportamentos alimentares. Para a elaboração dos itens correspondentes às medidas indiretas dos constructos da TCP (crenças comportamentais, crenças normativas e crenças de controle) foi realizado um estudo qualitativo com uma amostra da população alvo, na cidade de Campinas-SP, Brasil. Ainda, para a formulação das questões da escala foram feitas reuniões sequenciais com experts no uso da TCP.

No total, as escalas são compostas por 52 itens. Cada item será avaliado pelos adolescentes por meio de uma escala de resposta tipo Likert de 5 pontos. Os itens relacionados ao constructo *Atitude* serão avaliados por meio de escalas de respostas bipolares que apresentam adjetivos afetivos e cognitivos¹, como por exemplo: (1) Ruim e (5) Bom (adjetivo cognitivo). Os demais itens serão avaliados por meio de escalas de respostas unipolares, por exemplo: (1) Discordo totalmente e (5) Concordo totalmente.

¹ A atitude pode ser avaliada a partir dos componentes de natureza afetiva e de natureza cognitiva (instrumental). O componente afetivo refere-se ao julgamento das emoções e sentimentos em relação a um objeto. Já o componente cognitivo refere-se a um conjunto de julgamentos, pensamentos e opiniões em relação a um objeto (BRECKLER; WIGGINS, 1989).

Referências Bibliográficas

AJZEN I. **Constructing a TpB Questionnaire: Conceptual and Methodological Considerations.** 2006. Disponível em: <<http://people.umass.edu/aizen>>. Acessado em mar. 2011.

AJZEN I. **Constructing a TpB Questionnaire: Conceptual and Methodological Considerations.** 2002. Disponível em: <<http://people.umass.edu/aizen>>. Acessado em mar. 2011.

AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v.50, n.2, p.179-211, 1991.

BRECKLER, S.J.; WIGGINS, E.C. Affect versus evaluation in the structure of attitudes. *Journal of Experimental Social Psychology*. v. 25, n. 3, pp. 253-271, 1989.

DE VELLIS, R. **Scale development. Theory and applications.** Sage Publications: London, 2003 . 2nd. ed., v. 26, p. 8 - 9.

DI IORIO, C.K. Measurement in health behavior. Methods for research and education. Jossey-Bass: San Francisco, 2005.

FRANCIS, J.J. et al. **Constructing questionnaires based on the theory of planned behavior: a manual for health services researchers.** United Kingdom: Centre for Health Service Research. May, 2004. 42p.

FISHBEIN, M.; AJZEN, I. **Predicting and Changing Behavior: The reasoned Action Approach.** Psychology Press - Taylor & Francis Group: New York, 2010.

GAGNÉ, C.; GODIN, G. **Les théories sociales cognitives: guide pour la mesure des variables et le développement de questionnaire.** Dépôt légal, Bibliothèque nationale du Québec, 1999. 73p.

APÊNDICE D – Questionário de pesquisa

Número do Questionário: _____

Local: () COTUCA
() COTIL

Data: ____/____/____



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE ENGENHARIA DE ALIMENTOS
DEPARTAMENTO DE ALIMENTOS E NUTRIÇÃO



“Intenção de consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food* por adolescentes: uma aplicação da Teoria do Comportamento Planejado”

Caro participante:

- ✓ Todo o conteúdo da entrevista será utilizado somente para fins científicos. Em todos os momentos o anonimato dos respondentes será mantido.
- ✓ Em alguns momentos, algumas questões podem parecer semelhantes ou iguais, porém é importante que você responda a todas elas.
- ✓ Não há respostas certas ou erradas, posicionamento bom ou ruim. Por favor, diga-me o que você realmente pensa sobre cada questão.
- ✓ Para responder as questões, por favor, considere as seguintes definições:

Salada crua: são preparadas com verduras e legumes crus. As saladas cruas podem ser classificadas em salada crua simples, quando tem apenas uma verdura ou legume; e em salada crua mista, quando tem mais do que uma verdura ou legume. Exemplos: salada de alface, repolho, rúcula, tomate, cenoura crua ralada etc¹.

¹ Philippi, Sonia Tucunduva. *Nutrição e Técnica Dietética*. Barueri, SP: Manole, 2003. p 59-68.

Verduras: "...quando as partes comestíveis do vegetal são as folhas, as flores, os botões ou as hastes". Exemplo: alface, acelga, agrião e brócolis¹.

Legumes: quando as partes comestíveis são os frutos (ex: tomate, pepino, pimentão etc.), as sementes (ex: ervilha, vagem etc.) ou as partes que se desenvolvem na terra (ex: beterraba, cenoura etc)¹.

Fast food:

- São serviços de alimentação que ofertam um cardápio com um número limitado de opções de alimentos²;
- Os consumidores geralmente formam uma fila e pagam antes de consumir³;
- A comida e a bebida podem ser consumidas no local, retiradas para consumo fora das instalações do restaurante ou entregue ao cliente em local solicitado^{2,4};
- Estes restaurantes geralmente são formados por redes de estabelecimentos, tendo como principal aspecto a rapidez e a padronização no serviço³.

- ✓ **ATENÇÃO:** Para responder às questões abaixo, considere somente o consumo de uma (ou mais) porção de salada. Não considere as verduras e legumes presentes em lanches.

O QUE CONTA COMO UMA PORÇÃO⁵:

- 1 xícara de chá de vegetais folhosos crus
- ou 1/2 xícara de chá de vegetais cru picado

- ✓ Por favor, leia com atenção o questionário de pesquisa.

² U.S. Census Bureau. *1997 Economic Census: Accommodation and Foodservices United States*. 2011.

³ Stewart, H. et al. *United States Department of Agriculture*. USDA. The demand for food away from home: full-service or fast food? 2004.

⁴ Franchise Direct. *US Fast Food Franchise Industry Study*. 2011.

⁵ Agudo, Antonio. *Measuring intake of fruit and vegetable*. Background paper for the Joint FAO/WHO Workshop on fruit and vegetable for health, 1-3 September 2004, Kobe, Japan. 2005.

QUESTIONÁRIO

Nome: _____ RA: _____

PARTE I – Consumo de Salada Crua em Restaurante *Fast Food*

Instruções

Por favor responda às questões marcando um número na escala que melhor descreva sua opinião em cada questão. Veja o exemplo abaixo:

Exemplo 1:

Fazer refeição fora de casa é:

Extremamente ruim: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : Extremamente bom

Extremamente chato: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : Extremamente legal

	Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço seria:
1.	Muito Inconveniente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Muito Conveniente
2.	Muito Prejudicial: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Muito Benéfico
3.	Muito Insensato: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Muito Sensato
4.	Muito Desnecessário: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Muito Necessário
5.	Muito Desagradável: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Muito Agradável
6.	Muito Ruim: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Muito Bom
7.	Muito Desestimulante: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Muito Estimulante
8.	Muitas pessoas que são importantes para mim aprovam que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
9.	Eu tenho total controle sobre a decisão de consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente

10.	Eu planejo consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
11.	Muitas pessoas que são importantes para mim, quando vão a um restaurante <i>fast food</i> no almoço, consomem salada crua. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
12.	Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço fará bem a minha saúde. Extremamente Improvável: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Extremamente Provável
13.	As opções de salada crua são limitadas em restaurante <i>fast food</i> no almoço. Extremamente Improvável: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Extremamente Provável
14.	A decisão de comer salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço depende inteiramente de mim. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
15.	Quando se refere ao consumo de salada crua, seguir a opinião dos meus pais é importante para mim. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
16.	Consumir uma refeição mais saborosa em restaurante <i>fast food</i> seria: Muito Ruim: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Muito Bom
17.	Muitas pessoas que são importantes para mim acham que eu devo consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
18.	Eu tenho intenção de consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
19.	Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço tornará minha refeição mais saborosa. Extremamente Improvável: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Extremamente Provável
20.	A salada crua servida em restaurante <i>fast food</i> no almoço apresenta contaminantes (químicos, físicos ou microbiológicos). Extremamente Improvável: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Extremamente Provável
21.	Meus amigos pensam que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente

22.	Eu estou confiante de que eu posso consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
23.	Gastar menos dinheiro com meu almoço em restaurante <i>fast food</i> seria: Muito Ruim: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Muito Bom
24.	Muitas pessoas que são importantes para mim querem que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
25.	Consumir salada crua em restaurante <i>fast food</i> no almoço é caro. Extremamente Improvável: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Extremamente Provável
26.	Ser saudável seria: Muito Ruim: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Muito Bom
27.	Dispôr de pouca variedade de saladas é um fator dificultador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
28.	Eu espero consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
29.	Quando se refere ao consumo de salada crua, seguir a opinião dos profissionais da área da saúde (ex.: médicos e nutricionistas) é importante para mim. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
30.	A presença de contaminantes (químicos, físicos ou microbiológicos) é um fator dificultador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
31.	A salada crua é preparada rapidamente em restaurante <i>fast food</i> no almoço. Extremamente Improvável: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Extremamente Provável
32.	A boa aparência da salada é um fator facilitador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
33.	Eu tenho certeza de que eu posso consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente

34.	A maioria das pessoas da minha idade que eu conheço, quando vão a um restaurante <i>fast food</i> no almoço, consomem salada crua. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
35.	Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço deixará minha refeição menos cara. Extremamente Improvável: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Extremamente Provável
36.	Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço tornará minha refeição menos calórica. Extremamente Improvável: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Extremamente Provável
37.	Quando se refere ao consumo de salada crua, seguir a opinião dos meus amigos é importante para mim. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
38.	A salada crua está ausente nos "combos" em restaurante <i>fast food</i> no almoço. Extremamente Improvável: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Extremamente Provável
39.	A salada crua tem uma boa aparência em restaurante <i>fast food</i> no almoço. Extremamente Improvável: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Extremamente Provável
40.	Se eu realmente quiser, eu posso consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
41.	Consumir uma refeição menos calórica no meu almoço em restaurante <i>fast food</i> seria: Muito Ruim: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Muito Bom
42.	Meus pais pensam que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
43.	O preço elevado da salada é um fator dificultador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
44.	Há pouca variedade de temperos para saladas cruas em restaurante <i>fast food</i> no almoço. Extremamente Improvável: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Extremamente Provável
45.	A rapidez no preparo da salada é um fator facilitador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente

46.	Eu quero consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
47.	Quando se refere ao consumo de salada crua, seguir a opinião dos meus familiares é importante para mim. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
48.	Profissionais da área da saúde (ex.: médicos e nutricionistas) pensam que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
49.	A maioria dos meus amigos, quando vão a um restaurante <i>fast food</i> no almoço, consomem salada crua. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
50.	Ter pouca variedade de temperos para salada é um fator dificultador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
51.	A inclusão da salada crua nos "combos" é um fator facilitador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
52.	Minha família pensa que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente

Para responder às questões de 54 a 65, assinale a concordância para cada afirmação.

	Consumir salada crua quando você vai a um restaurante <i>fast food</i> no almoço é algo que...
53.	...você faz com frequência. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
54.	...você faz automaticamente. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
55.	...você faz sem ter que se lembrar. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
56.	...se você não fizer, se sente mal. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente

Consumir salada crua quando você vai a um restaurante <i>fast food</i> no almoço é algo que...	
57.	...você faz sem pensar. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
58.	...fica incomodado(a), se não fizer. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
59.	...faz parte da sua rotina. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
60.	...quando você percebe, já está fazendo. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
61.	...você acharia difícil não fazer. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
62.	...você não tem necessidade de pensar para fazer. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
63.	...tem tudo a ver com você. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente
64.	...você já faz há muito tempo. Discordo totalmente: <u> 1 </u> : <u> 2 </u> : <u> 3 </u> : <u> 4 </u> : <u> 5 </u> : Concordo totalmente

PARTE II – Consumo fora de casa

Instruções

Para responder às questões de 66 a 69, assinale somente uma alternativa, por questão. Veja o exemplo abaixo:

Exemplo 2:

Com que frequência você faz atividade física?

Nunca Diariamente 1 a 2 por semana 3 vezes ou mais por semana

65. Com que frequência você faz refeições fora de casa (ex.: em restaurantes, restaurantes coletivos como “bandeirão”, restaurantes fast food, lanchonetes, padarias, etc)?
- Nunca
 Diariamente
 1 a 2 por semana
 3 vezes ou mais por semana
 1 a 3 por mês
 Menos de 1 vez por mês
66. Com que frequência você faz refeições em restaurante tipo fast food?
- Nunca
 Diariamente
 1 a 2 por semana
 3 vezes ou mais por semana
 1 a 3 por mês
 Menos de 1 vez por mês
67. Qual a refeição que você realiza mais frequentemente em restaurante tipo fast food?
- Café da manhã
 Lanche da manhã
 Almoço
 Lanche da tarde
 Jantar
 Ceia (lanche algumas horas após o jantar)
68. Com que frequência você almoça em restaurante tipo fast food?
- Nunca
 Diariamente
 1 a 2 por semana
 3 vezes ou mais por semana
 1 a 3 por mês
 Menos de 1 vez por mês

PARTE III – Caracterização do entrevistado

69. **Gênero:** () Masculino () Feminino

70. **Idade:** _____ anos

Escolaridade:

71. **Curso Técnico:**

- () Técnico em edificações
- () Técnico em eletrônica
- () Técnico em enfermagem
- () Técnico em informática
- () Técnico em mecânica
- () Técnico em mecatrônica
- () Técnico em qualidade
- () Técnico em geodésia e cartografia

72. **Ensino médio - Período:**

- () 1º ano do ensino médio
- () 2º ano do ensino médio
- () 3º ano do ensino médio

Percepção corporal

73. Quanto você acha que está pesando hoje? _____ kg

74. Quanto você acha que tem de altura hoje? _____ m

*Obrigada por participar deste levantamento!!
Obrigada pela atenção!!!*

APÊNDICE E – Termo de consentimento livre e esclarecido – Etapa final

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: “Análise da intenção de consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food* por adolescentes: uma aplicação da Teoria do Comportamento Planejado”

Seu filho(a) está sendo convidado a participar da pesquisa “Análise da intenção de consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food* por adolescentes: uma aplicação da Teoria do Comportamento Planejado”, que está sob responsabilidade das pesquisadoras Caroline Opolski Medeiros (aluna de doutorado) e Profa. Dra. Elisabete Salay (orientadora deste trabalho). Ambas pertencem à Faculdade de Engenharia de Alimentos (Departamento de Alimentos e Nutrição) da Universidade Estadual de Campinas.

É de fundamental importância que V.Sa., como responsável pelo(a) aluno(a), leia com atenção e compreenda as explicações descritas abaixo, antes que concorde com a participação do(a) aluno(a).

Justificativa da pesquisa: melhor compreensão da intenção comportamental do consumidor referente ao consumo de salada crua em restaurante tipo *fast food* quando realizada a refeição do almoço fora de casa. Os resultados serão úteis para a determinação dos preditores psicossociais que predizem a intenção comportamental de consumir salada crua em restaurante tipo *fast food* quando realizada fora de casa à refeição do almoço.

Objetivo da pesquisa: identificar os preditores psicossociais da intenção comportamental do consumo de salada crua, por adolescentes, quando vão a um restaurante tipo *fast food* no almoço.

Riscos: não existem riscos previsíveis ao participante.

Procedimentos: serão entrevistados adolescentes, com idade maior ou igual a 12 anos e com idade menor que 18 anos, de ambos os sexos, que frequentam restaurantes tipo *fast food*. A entrevista ocorrerá durante o período matutino e vespertino, no Colégio Técnico que o aluno estuda, nos meses de Agosto à Novembro de 2013.

Privacidade: os dados pessoais dos entrevistados serão mantidos em sigilo. Todos os resultados obtidos serão divulgados apenas para fins científicos.

Gratificação: os participantes não receberão gratificação financeira, uma vez que a participação na pesquisa é voluntária.

Abandono da pesquisa: os indivíduos poderão abandonar a pesquisa a qualquer momento, se assim acharem necessário.

Para maiores esclarecimentos entre em contato com Caroline Opolski Medeiros pelo telefone: (19) 3521-4065 ou e-mail copolski@fea.unicamp.br

Para eventuais denúncias pode-se entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/FCM/UNICAMP) – Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126 – Caixa postal 6111. CEP: 13083-887. Campinas-SP. Fone: (19) 3521-8936. Fax: (19) 3521-7181, e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Eu, _____, responsável pelo(a) aluno(a) _____, do colégio _____, matriculado(a) no curso técnico de _____, na _____ série, com o registro acadêmico (RA) nº _____, declaro que entendi e não tenho qualquer dúvida a respeito da carta contendo as informações sobre a pesquisa. Assim sendo, autorizo, por livre e espontânea vontade, o(a) aluno(a) pelo qual sou responsável a participar desta pesquisa.

_____, _____ de _____ de 2013.

Assinatura do responsável pelo aluno

RG do responsável

Data da Entrevista: (Cidade), (Mês) de (Ano).



Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Faculdade de Engenharia de Alimentos
Departamento de Alimentos e Nutrição

Caro responsável, caso o(a) senhor(a) tenha permitido a participação do(a) aluno(a) na pesquisa, gostaríamos que auxiliasse o(a) aluno(a) a responder as questões abaixo:

1. Qual a sua renda domiciliar mensal (SM - Salário mínimo)?

Para responder esta questão considere:

- A renda domiciliar mensal é a soma dos ganhos de todos os moradores da unidade domiciliar: salários, aluguéis, aposentadoria ou outras rendas.

- 1 salário mínimo (SM) = R\$ 678,00

- Até 1 SM (Até R\$ 678,00)
- Mais de 1 a 2 SM (Mais de R\$ 678,00 a R\$ 1356,00)
- Mais de 2 a 3 SM (Mais de R\$ 1356,00 a R\$ 2034,00)
- Mais de 3 a 5 SM (Mais de R\$ 2034,00 a R\$ 3390,00)
- Mais de 5 a 10 SM (Mais de R\$ 3390,00 a R\$ 6780,00)
- Mais de 10 a 20 SM (Mais de R\$ 6780,00 a R\$ 13560,00)
- Mais de 20 SM (Mais de R\$ 13560,00)
- Sem rendimento

2. Qual a escolaridade do pai do(a) aluno(a)?

Para responder esta questão considere:

Ensino Fundamental: primário (1ª a 4ª séries) e ginásio (5ª a 8ª séries)

Ensino Médio: 1º ao 3º colegial

Ensino Superior: faculdade/universidade

- Sem instrução
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós-graduação incompleto
- Pós-graduação completo

3. Qual a escolaridade da mãe do(a) aluno(a)?

Para responder esta questão considere:

Ensino Fundamental: primário (1ª a 4ª séries) e ginásio (5ª a 8ª séries)

Ensino Médio: 1º ao 3º colegial

Ensino Superior: faculdade/universidade

- Sem instrução
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós-graduação incompleto
- Pós-graduação completo
- Não sabe

APÊNDICE F – Descrição dos itens do questionário de pesquisa conforme os constructos.

Descrição dos itens do questionário de pesquisa conforme os constructos estudados

Item conforme o constructo	Número no questionário de pesquisa	Questão
<i>Crenças comportamentais</i>		
CCOMP1	Q12	(b) Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço fará bem a minha saúde. (1) Extremamente Improvável: (5) Extremamente Provável
	Q26	(e) Ser saudável seria: (1) Muito Ruim: (5) Muito Bom
CCOMP2	Q19	(b) Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço tornará minha refeição mais saborosa. (1) Extremamente Improvável: (5) Extremamente Provável
	Q16	(e) Consumir uma refeição mais saborosa em restaurante <i>fast food</i> seria: (1) Muito Ruim: (5) Muito Bom
CCOMP3	Q35	(b) Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço deixará minha refeição menos cara. (1) Extremamente Improvável: (5) Extremamente Provável
	Q23	(e) Gastar menos dinheiro com meu almoço em restaurante <i>fast food</i> seria: (1) Muito Ruim: (5) Muito Bom
CCOMP4	Q36	(b) Consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço tornará minha refeição menos calórica. (1) Extremamente Improvável: (5) Extremamente Provável
	Q41	(e) Consumir uma refeição menos calórica no meu almoço em restaurante <i>fast food</i> seria: (1) Muito Ruim: (5) Muito Bom
<i>Atitude</i>		
ATD1	Q1	Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço seria: (1) Muito Inconveniente: (5) Muito Conveniente
ATD2	Q2	Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço seria: (1) Muito Prejudicial: (5) Muito Benéfico
ATD3	Q3	Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço seria: (1) Muito Insensato: (5) Muito Sensato

Item conforme o constructo	Número no questionário de pesquisa	Questão
ATD4	Q4	Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço seria: Muito Desnecessário: (5) Muito Necessário
ATD5	Q5	Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço seria: (1) Muito Desagradável: (5) Muito Agradável
ATD6	Q6	Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço seria: (1) Muito Ruim: (5) Muito Bom
ATD7	Q7	Para mim, comer salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço seria: (1) Muito Desestimulante: (5) Muito Estimulante
<i>Crenças Normativas</i>		
CNORM1	Q42	(n) Meus pais pensam que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
	Q15	(m) Quando se refere ao consumo de salada crua, seguir a opinião dos meus pais é importante para mim. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
CNORM2	Q21	(n) Meus amigos pensam que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
	Q37	(m) Quando se refere ao consumo de salada crua, seguir a opinião dos meus amigos é importante para mim. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
CNORM3	Q48	(n) Profissionais da área da saúde (ex.: médicos e nutricionistas) pensam que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
	Q29	(m) Quando se refere ao consumo de salada crua, seguir a opinião dos profissionais da área da saúde (ex.: médicos e nutricionistas) é importante para mim. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
CNORM4	Q52	(n) Minha família pensa que eu deveria consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
	Q47	(m) Quando se refere ao consumo de salada crua, seguir a opinião dos meus familiares é importante para mim. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente

Item conforme o constructo	Número no questionário de pesquisa	Questão
<i>Norma Subjetiva</i>		
NS1	Q8	Muitas pessoas que são importantes para mim aprovam que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
NS2	Q17	Muitas pessoas que são importantes para mim acham que eu devo consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
NS3	Q24	Muitas pessoas que são importantes para mim querem que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
<i>Crenças de Controle</i>		
CCONT1	Q13	(c) As opções de salada crua são limitadas em restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1) Extremamente Improvável: (5) Extremamente Provável
	Q27	(p) Disponer de pouca variedade de saladas é um fator dificultador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
CCONT2	Q20	(c) A salada crua servida em restaurante <i>fast food</i> no almoço apresenta contaminantes (químicos, físicos ou microbiológicos). (1) Extremamente Improvável: (5) Extremamente Provável
	Q30	(p) A presença de contaminantes (químicos, físicos ou microbiológicos) é um fator dificultador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
CCONT3	Q25	(c) Consumir salada crua em restaurante <i>fast food</i> no almoço é caro. (1) Extremamente Improvável: (5) Extremamente Provável
	Q43	(p) O preço elevado da salada é um fator dificultador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente

Item conforme o constructo	Número no questionário de pesquisa	Questão
CCONT4	Q31	(c) A salada crua é preparada rapidamente em restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1) Extremamente Improvável: (5) Extremamente Provável
	Q45	(p) A rapidez no preparo da salada é um fator facilitador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
CCONT5	Q38	(c) A salada crua está ausente nos “combos” em restaurante fast food no almoço. (1) Extremamente Improvável: (5) Extremamente Provável
	Q51	(p) A inclusão da salada crua nos “combos” é um fator facilitador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
CCONT6	Q39	(c) A salada crua tem uma boa aparência em restaurante fast food no almoço. (1) Extremamente Improvável: (5) Extremamente Provável
	Q32	(p) A boa aparência da salada é um fator facilitador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
CCONT7	Q44	(c) Há pouca variedade de temperos para saladas cruas em restaurante fast food no almoço. (1) Extremamente Improvável: (5) Extremamente Provável
	Q50	(p) Ter pouca variedade de temperos para salada é um fator dificultador para que eu consuma salada crua quando eu vou a um restaurante fast food no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
<i>Controle Comportamental Percebido</i>		
CCP1	Q9	Eu tenho total controle sobre a decisão de consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
CCP2	Q14	A decisão de comer salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço depende inteiramente de mim. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
CCP3	Q22	Eu estou confiante de que eu posso consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente

Item conforme o constructo	Número no questionário de pesquisa	Questão
CCP4	Q33	Eu tenho certeza de que eu posso consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
CCP5	Q40	Se eu realmente quiser, eu posso consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1)Discordo totalmente: (5)Concordo totalmente
<i>Intenção</i>		
INT1	Q10	Eu planejo consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
INT2	Q18	Eu tenho intenção de consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
INT3	Q28	Eu espero consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
INT4	Q46	Eu quero consumir salada crua quando eu vou a um restaurante <i>fast food</i> no almoço (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
<i>Norma Descritiva</i>		
ND1	Q11	Muitas pessoas que são importantes para mim, quando vão a um restaurante <i>fast food</i> no almoço, consomem salada crua. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
ND2	Q34	A maioria das pessoas da minha idade que eu conheço, quando vão a um restaurante <i>fast food</i> no almoço, consomem salada crua. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
ND3	Q49	A maioria dos meus amigos, quando vão a um restaurante <i>fast food</i> no almoço, consomem salada crua. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
<i>Hábito</i>		
HAB1	Q53	Consumir salada crua quando você vai a um restaurante <i>fast food</i> no almoço é algo que... ...você faz com frequência. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
HAB2	Q54	Consumir salada crua quando você vai a um restaurante <i>fast food</i> no almoço é algo que... ...você faz automaticamente. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
HAB3	Q55	Consumir salada crua quando você vai a um restaurante <i>fast food</i> no almoço é algo que... ...você faz sem ter que se lembrar. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
HAB4	Q56	Consumir salada crua quando você vai a um restaurante <i>fast food</i> no almoço é algo que... ...se você não fizer, se sente mal. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente

Item conforme o constructo	Número no questionário de pesquisa	Questão
HAB5	Q57	Consumir salada crua quando você vai a um restaurante <i>fast food</i> no almoço é algo que... ...você faz sem pensar. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
HAB6	Q58	Consumir salada crua quando você vai a um restaurante <i>fast food</i> no almoço é algo que... ...fica incomodado(a), se não fizer. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
HAB7	Q59	Consumir salada crua quando você vai a um restaurante <i>fast food</i> no almoço é algo que... ...faz parte da sua rotina. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
HAB8	Q60	Consumir salada crua quando você vai a um restaurante <i>fast food</i> no almoço é algo que... ...quando você percebe, já está fazendo. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
HAB9	Q61	Consumir salada crua quando você vai a um restaurante <i>fast food</i> no almoço é algo que... ...você acharia difícil não fazer. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
HAB10	Q62	Consumir salada crua quando você vai a um restaurante <i>fast food</i> no almoço é algo que... ...você não tem necessidade de pensar para fazer. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
HAB11	Q63	Consumir salada crua quando você vai a um restaurante <i>fast food</i> no almoço é algo que... ...tem tudo a ver com você. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente
HAB12	Q64	Consumir salada crua quando você vai a um restaurante <i>fast food</i> no almoço é algo que... ...você já faz há muito tempo. (1) Discordo totalmente: (5) Concordo totalmente

ANEXO

ANEXO A – Parecer do comitê de ética em pesquisa



CEP, 23/08/11
(Grupo III)

PARECER CEP: Nº 776/2011 (Este nº deve ser citado nas correspondências referente a este projeto).
CAAE: 0694.0.146.000-11

I - IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: “SELEÇÃO DE RESTAURANTE TIPO *FAST FOOD* COM APELAÇÃO DE SAUDÁVEL POR CONSUMIDORES”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Caroline Opolski Medeiros

INSTITUIÇÃO: Faculdade de Engenharia de Alimentos/UNICAMP

APRESENTAÇÃO AO CEP: 04/08/2011

APRESENTAR RELATÓRIO EM: 23/08/12 (O formulário encontra-se no *site* acima).

II – OBJETIVOS.

Identificar a formação da intenção comportamental de estudantes de graduação e adultos na seleção de restaurante tipo *fast food* com apelação de saudável para a realização de uma refeição fora de casa, no município de Campinas (SP)

III – SUMÁRIO.

Projeto de doutorado que visa entrevistar 350 pessoas de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos e que frequentem serviços de alimentação no município de Campinas; estes serão divididos em 2 grupos: 1. Indivíduos que residam na cidade de Campinas; 2. Estudantes de graduação da UNICAMP. Anteriormente a esta entrevista, serão criados grupos focais com as mesmas especificações, constituídos por 6 a 12 pessoas cada, com o objetivo de desenvolver o questionário estruturado que será utilizado na pesquisa. Os resultados obtidos permitirão que gestores do setor de alimentação fora de casa foquem suas estratégias no oferecimento de serviços específicos e que sejam elaboradas atividades nutricionais educativas para consumidores e gestores de restaurantes comerciais.

IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES.

Projeto muito bem redigido, com objetivos bem definidos, metodologia pertinente, Folha de Rosto/CONEP adequadamente preenchida e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido claro e sucinto.

V - PARECER DO CEP.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, resolve aprovar sem



restrições o Protocolo de Pesquisa, o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, bem como todos os anexos incluídos na pesquisa supracitada.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES.

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade do regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e).

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos na Resolução CNS-MS 196/96.

VII – DATA DA REUNIÃO.

Homologado na VIII Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 23 de agosto de 2011.

Prof. Dr. Carlos Eduardo Steiner
PRESIDENTE do COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP



UNICAMP
CEP, 27/03/12.
(PARECER CEP: N° 776/2011)

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

www.fcm.unicamp.br/fcm/pesquisa

PARECER

I – IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: “SELEÇÃO DE RESTAURANTE TIPO *FAST FOOD* COM APELAÇÃO DE SAUDÁVEL POR CONSUMIDORES”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Caroline Opolski Medeiros

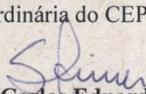
II – PARECER DO CEP.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP tomou ciência e aprovou a emenda que altera: 1. Título para “ANÁLISE DA INTENÇÃO DE CONSUMO DE SALADA CRUA EM RESTAURANTES TIPO *FAST FOOD* POR ADOLESCENTES: UMA APLICAÇÃO DE TEORIA DO COMPORTAMENTO PLANEJAMENTO”; 2. Os objetivos gerais e específicos; 3. População e amostras do estudo; o local onde será realizada a coleta de dados e o tamanho da amostra; a exclusão da etapa investigatória; o novo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, referente ao protocolo de pesquisa supracitado.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

III – DATA DA REUNIÃO.

Homologado na III Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 27 de março de 2012.


Prof. Dr. Carlos Eduardo Steiner
PRESIDENTE do COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP

Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP
Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126
Caixa Postal 6111
13083-887 Campinas – SP

FONE (019) 3521-8936
FAX (019) 3521-7187
cep@fcm.unicamp.br